

MARIA TERESA JESUS PEREIRA FIGUEIREDO

**UMA ESCOLA PARA TODOS:
PRÁTICAS, ESTRATÉGIAS E
METODOLOGIAS**

Orientadora: Isabel Sanches

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

**Lisboa
2011**

MARIA TERESA JESUS PEREIRA FIGUEIREDO

**UMA ESCOLA PARA TODOS:
PRÁTICAS, ESTRATÉGIAS E
METODOLOGIAS**

Orientadora: Isabel Sanches

Trabalho de Projeto apresentado para a
obtenção do Grau de Mestre em
Ciências da Educação – Educação
Especial: Domínio Cognitivo e Motor,
conferido pela Universidade Lusófona
de Humanidades e Tecnologias

**Lisboa
2011**

Agradecimentos

Agradeço a todos os que contribuíram para que a realização deste projeto fosse possível.

Aos meus alunos e seus familiares, agradeço todo o apoio e colaboração.

À Professora Doutora Isabel Sanches, minha orientadora deste projeto, pelo profissionalismo, apoio e incentivo que me deu em cada passo deste projeto. Sem a Professora e a sua força, seria difícil alcançar os objetivos a que me propus. Em momentos de grande insegurança, com as suas palavras e o seu sorriso, fez-me acreditar que iria conseguir.

Agradeço a todos os professores do curso, pelos conhecimentos e experiências tão enriquecedoras que me transmitiram.

À Diretora do Agrupamento de Escolas, à Diretora de Turma, e a todo o Conselho de Turma envolvido neste Projeto, pela colaboração e disponibilidade que sempre mostraram para participarem neste estudo.

Aos meus queridos Pais, incansáveis no apoio que me têm dado ao longo da vida. Obrigada pelo amor, carinho, apoio e ensinamentos. Orgulho-me muito de vocês.

Aos meus Filhos, Ana Teresa e Henrique, que são o estímulo da minha vida. Obrigada por terem percebido as ausências da mãe, que, durante esta fase, foram uma constante. Este trabalho é, também, para vocês, porque sem o vosso sorriso eu não teria conseguido.

Ao Vítor, meu companheiro da vida, pela boa disposição e bom humor que o caracteriza, à forma com que sempre encarou a minha dedicação a este projeto e à compreensão para a falta de atenção durante este percurso da minha vida.

A todos os meus Colegas de curso, de trabalho e Amigos que, de uma maneira ou de outra, me ajudaram nesta caminhada, por vezes, com uma palavra amiga de incentivo.

Dedicatória

Este trabalho projeto tem como ambição ajudar na construção de uma escola com igualdade de oportunidades para todos. Com muito trabalho, coragem, firmeza e humildade conseguiremos ambientes mais justos e inclusivos.

Dedico este trabalho a todas as crianças/jovens que frequentam as nossas escolas, para que nos lembremos que o futuro está nas suas mãos. Dedico-o, também, a nós, profissionais da educação, para que tenhamos sempre presente que estamos a formar e, por consequência, devemos dotar, com as melhores ferramentas, aqueles que vão herdar o nosso presente para construírem o seu futuro.

Resumo

A escola inclusiva continua a caminhar para a realidade que se pretende. Não obstante, há que contribuir para continuar a abrir o caminho que as escolas necessitam de percorrer, no sentido de se adaptarem e criarem as condições essenciais para a realização e felicidade de todas as crianças/jovens que a essas mesmas condições têm direito.

No Trabalho de Projeto apresentado, aborda-se a trajetória de um grupo/turma, tendo como perspetiva o abrir caminho para práticas inclusivas, nas nossas escolas. Esta investigação surge, assim, como uma forma ou tentativa de intervir na construção de uma escola e educação para todos, tendo como ponto de partida uma turma do 8º ano de escolaridade, numa escola básica, situada no concelho de Almada.

É feita a apresentação teórica da temática em questão, após ter sido realizada uma investigação documental, procedendo-se posteriormente à recolha e análise de dados, utilizando a pesquisa documental, a entrevista, a observação naturalista e a sociometria.

Segue-se a caracterização da turma, do aluno e dos contextos em que as mesmas se inserem, partimos para uma intervenção estruturada, a longo e a curto prazo, numa dinâmica de planificação/ação/reflexão, onde se aplicam práticas educativas diferenciadas e inclusivas.

Foi nosso objetivo, com este trabalho de projeto, conseguir que o grupo alvo seja inclusivo, tendo como base uma abordagem sistémica e ecológica, numa aprendizagem e ensino cooperativos, onde imperem pedagogias e ambientes fomentadores de um contexto escolar aberto à diversidade e à entrada das tecnologias de apoio na sala de aula.

A família assume, neste projeto, um papel ativo no contexto escolar, sendo dada a relevância que a mesma deve ter no processo educativo dos seus educandos, partindo do princípio que qualquer intervenção que se planeie só tem sucesso efetivo com a participação ativa das famílias, colaborando e articulando com a comunidade escolar e desenvolvendo, em contexto familiar, medidas e estratégias interventivas que se vão repercutir fortemente no sucesso educativo das crianças e dos jovens.

Neste projeto, implementaram-se estratégias que vão da caracterização inicial da situação à reflexão final que dão continuidade ao desenvolvimento de competências na área da autonomia, sociabilização e aprendizagens académicas do grupo, onde emerge o

João¹, aluno com necessidades educativas especiais decorrentes de paralisia cerebral, que se encontra ao abrigo do Decreto-Lei 3/2008, de 7 de Janeiro, acompanhado pela educação especial.

Foram alvo desta intervenção vários contextos, considerados prioritários: escolar; sala de aula; conselho de turma; apoio especializado e familiar. O desenvolvimento da intervenção, nos contextos mencionados foi norteado pelos princípios defendidos pela educação inclusiva, princípios explanados no enquadramento teórico da pesquisa realizada, no desenvolvimento deste Projeto.

Como resultados da intervenção conseguimos um grupo/turma mais autónomo, com melhor funcionalidade no contexto escolar, onde os alunos aprendem todos juntos, com a entrada de tecnologias de apoio na sala de aula e pedagogias que vão ao encontro das necessidades do grupo e de cada um. As aprendizagens tornaram-se mais acessíveis a todos, com os professores a planificarem atividades direcionadas para o desenvolvimento do trabalho cooperativo e da parceria pedagógica, práticas que contribuem para uma comunidade escolar motivada para a construção de uma escola, cada vez mais, para todos.

Palavras-chave: Investigação-ação, Escola Inclusiva, Educação Inclusiva, Paralisia cerebral, Tecnologias de Apoio.

¹ Nome fictício

ABSTRACT

A school for everyone: practices, strategies and methodologies

The inclusive school continues to walk to the reality intended. Nevertheless, we must continue to help open the way that schools need to go in order to adapt and create the conditions essential to the fulfillment and happiness of all children / young people to these same conditions are right.

Presented at Work Project, discusses the trajectory of a group / class, in an attempt to pave the way for inclusive practices in our schools. This research thus appears as a way to intervene or attempt to build a school and education for all, taking as its starting point a class of 8th grade, who attends a primary school, situated in the municipality of Almada.

Theoretical presentation is made to the topic in question, after having performed a desk research is proceeding after the data collection and analysis, using documentary research, interviews, naturalistic observation and sociometry.

The following is the characterization of the class, the student and the contexts in which they fall, we went to a structured intervention in the long and short term planning in a dynamic / action / reflection, which apply differentiated and inclusive educational practices.

It is intended, with this design work, get the target group is inclusive, based on a systemic approach and ecological problems in a cooperative learning and teaching, where arguments rage pedagogies and environments fostering a school environment open to diversity and entry of assistive technology in the classroom.

The family is, in this project, an active role in family and school context, and given the importance that it should have in the educational process of their children, assuming that any intervention that is planned to be effective only succeed with the active participation of families, collaborating and coordinating with the school community and developing in a family context, interventional measures and strategies that will reflect strongly in the educational success of children and young people.

In this project, strategies were implemented, ranging from the initial characterization of the situation to the final reflection that give continuity to the development of skills in the area of autonomy, socialization and academic learning of the group, which emerges João², a student with special educational needs in the field Motor -

²Fictitious name

cerebral palsy, which is under Decree-Law 3 / 2008 of January 7, accompanied by special education.

Were the targets of this intervention several contexts, priority: school; classroom; class council, and family support specialist. The development of the intervention, in the contexts mentioned was guided by the principles defended by inclusive education principles explained in the theoretical framework of research conducted in developing this project.

As intervention results we have achieved a more autonomous, groups with better functionality in the school context, where students learn all together, with the entry of assistive technologies in the classroom and pedagogies that meet the needs of the Group and of each one. Learning became more accessible to all, with teachers can plan activities directed to the development of cooperative work and educational partnership practices that contribute to a school community motivated towards the construction of a school, increasingly, for everyone.

Keywords: Research-action, Inclusive School, Inclusive Education, Cerebral Palsy, Assistive Technologies.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	1
DEDICATÓRIA.....	2
RESUMO.....	3
ABSTRACT	5
ÍNDICE GERAL	7
ÍNDICE DE QUADROS.....	8
ÍNDICE DE IMAGENS	9
ÍNDICE DE ANEXOS	9
ÍNDICE DE GRELHAS DE AVALIAÇÃO	10
INTRODUÇÃO.....	11
1.ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PESQUISA	15
1.1. A ESCOLA INCLUSIVA	15
1.2. O CONTEXTO LEGISLATIVO.....	20
1.3. A PARALISIA CEREBRAL	26
1.3.1. <i>Intervenção em paralisia cerebral</i>	29
1.3.1.1. Tecnologias de apoio.....	31
1.3.1.2. Desporto adaptado – <i>Boccia</i>	33
2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	36
2.1. CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO.....	36
2.2. PROBLEMÁTICA E QUESTÃO DE PARTIDA	37
2.3. OBJETIVOS GERAIS DO TRABALHO DE PROJETO	40
2.4. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA DE DADOS.....	42
2.5.1. <i>Procedimento para recolha e análise de dados</i>	42
2.5.1.1. A entrevista	42
2.5.1.2. A Observação Naturalista.....	43
2.5.1.3. A sociometria e o teste sociométrico.....	44
3. CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO INICIAL.....	46
3.1. O CONTEXTO ESCOLAR: O AGRUPAMENTO DE ESCOLAS E	46
3.1.1. <i>Espaço físico e logístico</i>	46
3.1.2. <i>Recursos humanos</i>	47
3.1.3. <i>Dinâmica educativa</i>	47
3.2. O GRUPO/TURMA	48
3.2.1. <i>Caracterização estrutural</i>	48
3.2.2. <i>Caracterização da dinâmica da turma</i>	53
3.2.3. <i>Caso desencadeador do trabalho de projeto</i>	58
4. PLANO DE AÇÃO	63
4.1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	63
4.2. PLANIFICAÇÃO, REALIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO	65
4.2.1. – <i>Planificação Global da Intervenção</i>	66
4.2.2. <i>Planificação, intervenção, avaliação e reflexão quinzenal</i>	71
4.2.2.1. 1ª Quinzena - 01/02 a 12/02/2010.....	71
4.2.2.2. 2ª Quinzena - 22/02 a 05/03/2010.....	83
4.2.2.3. 3ª Quinzena - 08/03 a 19/03/2010.....	90
4.2.2.4. 4ª Quinzena - 22/03 a 01/04/2010.....	95
4.2.2.5. 5ª Quinzena - 12/04/2010 a 23/04/2010- João parte pulso	103
4.2.2.6. 6ª Quinzena - 26/04/2010 a 07/05/2010	108
4.2.2.7. 7ª Quinzena - 10/05 a 21/05/2010- João volta para a escola	109

4.2.2.8. 8ª Quinzena - 24/05/2010 a 04/06/2010	112
4.2.2.9. 9ª Quinzena de 07/06 a 18/06/2010.....	115
4.2.2.10. 10ª Quinzena - 21/06 a 30/06/2010	118
4.3. AVALIAÇÃO GLOBAL	120
4.3.1. A nível do grupo e do/s aluno/s “caso”	120
4.3.2. A nível do contexto escolar	126
4.3.3. A nível da família	128
4.3.4. A nível do processo	130
REFLEXÕES CONCLUSIVAS.....	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	137
ANEXOS.....	132

Índice de Quadros

QUADRO 1 – INTEGRAÇÃO/INCLUSÃO.....	17
QUADRO 2 - OS DOCENTES.....	47
QUADRO 3 - OS TÉCNICOS OPERACIONAIS E ADMINISTRATIVOS	47
QUADRO 4 - HORÁRIO DA TURMA.....	49
QUADRO 5-BREVE CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS.....	49
QUADRO 6 – CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS – 3º PERÍODO	51
QUADRO 7 – CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS – 3º PERÍODO	52
QUADRO 8 - ALUNOS SUBSIDIADOS PELO ASE	53
QUADRO 9 – DIFICULDADES DETETADAS E ESTRATÉGIAS DE REMEDIAÇÃO A APLICAR NAS DISCIPLINAS	55
QUADRO 10 – REGRAS A ADOTAR NA SALA DE AULA	57
QUADRO 11 – COMPETÊNCIAS GERAIS DO ENSINO BÁSICO A DESENVOLVER	57
QUADRO 12 – COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS A DESENVOLVER	58
QUADRO 13 – PLANIFICAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR	66
QUADRO 14 - PLANIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO NO CONTEXTO SALA DE AULA	67
QUADRO 15 – PLANIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO NO CONTEXTO FAMILIAR.....	68
QUADRO 16 – PLANIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO DO CONSELHO DE TURMA	69
QUADRO 17 - CONTEXTO ESCOLAR - 1ªQUINZENA.....	71
QUADRO 18- SALA DE AULA – 1ª QUINZENA	72
QUADRO 19 - CONSELHO DE TURMA - REUNIÃO INTERCALAR – 1ª QUINZENA	72
QUADRO 20 - APOIO ESPECIALIZADO – 1ª QUINZENA.....	75
QUADRO 21 - CONTEXTO FAMILIAR – 1ª QUINZENA	76
QUADRO 22 - CONTEXTO ESCOLAR – 2ª QUINZENA	83
QUADRO 23 - CONTEXTO SALA DE AULA - 2ª QUINZENA	84
QUADRO 24 - APOIO ESPECIALIZADO – 2ª QUINZENA.....	85
QUADRO 25 – CONTEXTO FAMILIAR - 2ª QUINZENA	86
QUADRO 26 - CONTEXTO ESCOLAR – 3ª QUINZENA	90
QUADRO 27 - CONTEXTO SALA DE AULA - 3ª QUINZENA	90
QUADRO 28 - APOIO ESPECIALIZADO – 3ª QUINZENA.....	91
QUADRO 29 – CONTEXTO FAMILIAR - 3ª QUINZENA	92
QUADRO 30 - CONTEXTO ESCOLAR – 4ª QUINZENA	95
QUADRO 31 - CONTEXTO SALA DE AULA - 4ª QUINZENA	95
QUADRO 32 - APOIO ESPECIALIZADO – 4ª QUINZENA.....	96
QUADRO 33 – CONSELHO DE TURMA DE AVALIAÇÃO DO 2º PERÍODO – 4ª QUINZENA	97
QUADRO 34 – CONTEXTO FAMILIAR – 4ª QUINZENA.....	99
QUADRO 35 - CONTEXTO ESCOLAR – 5ª QUINZENA	103
QUADRO 36 - CONTEXTO SALA DE AULA - 5ª QUINZENA	103
QUADRO 37 - APOIO ESPECIALIZADO – 5ª QUINZENA.....	104
QUADRO 38 - CONTEXTO FAMILIAR – 5ª QUINZENA	105
QUADRO 39 - CONSELHO DE TURMA – 6ª QUINZENA	108
QUADRO 40 – CONTEXTO FAMILIAR – 6ª QUINZENA.....	108
QUADRO 41 - CONTEXTO ESCOLAR – 7ª QUINZENA	109

QUADRO 42 - CONTEXTO SALA DE AULA – 7ª QUINZENA.....	109
QUADRO 43 - APOIO INDIVIDUAL ESPECIALIZADO – 7ª QUINZENA.....	110
QUADRO 44 – CONTEXTO FAMILIAR - 7ª QUINZENA	110
QUADRO 45 - CONTEXTO ESCOLAR – 8ª QUINZENA	112
QUADRO 46 - CONTEXTO SALA DE AULA – 8ª QUINZENA.....	112
QUADRO 47 - APOIO ESPECIALIZADO – 8ª QUINZENA.....	113
QUADRO 48 – CONTEXTO SALA DE AULA – 9ª QUINZENA.....	115
QUADRO 49 - APOIO ESPECIALIZADO – 9ª QUINZENA.....	116
QUADRO 50 - CONTEXTO SALA DE AULA	125
QUADRO 51- FUNCIONALIDADE DO JOÃO, NA SALA DE AULA	126
QUADRO 52 – CONTEXTO ESCOLAR.....	128
QUADRO 53 – CONTEXTO FAMILIAR	129

Índice de imagens

IMAGEM 1 – MESA DE TRABALHO ADAPTADA (FEVEREIRO 2010).....	201
IMAGEM 2 – O JOÃO A TRABALHAR NO COMPUTADOR (OUTUBRO 2009).....	201
IMAGEM 3 – JOÃO A ESCREVER NO SEU PORTÁTIL, EM CASA – NOVEMBRO 2009.....	202
IMAGEM 4 – TÁBUA ADAPTADA: INDICADOR DA RELAÇÃO ENTRE O JOÃO E OS COLEGAS.....	202
IMAGEM 5 – TÁBUA ADAPTADA: PARTILHA DE AFETOS ENTRE COLEGAS	203
IMAGEM 6 – EQUIPAMENTO INFORMÁTICO <i>MyTobii</i> NA SALA DE AULA (MARÇO 2010)	203
IMAGEM 7 – JOÃO COM O BRAÇO PARTIDO, A USAR O <i>MyTobii</i> NA SALA DE AULA	204
IMAGEM 8 – JOÃO A FUNCIONAR COM O <i>MAGIC EYE</i> – AVALIAÇÃO (JUNHO 2010).....	204
IMAGEM 9 – <i>MAGIC EYE</i>	205

Índice de Anexos

ANEXO 1 - MATRIZ SOCIOMÉTRICA ESCOLHAS - OUTUBRO.....	133
ANEXO 2 – MATRIZ SOCIOMÉTRICA REJEIÇÕES - OUTUBRO	134
ANEXO 3 – MATRIZ SOCIOMÉTRICA DE ESCOLHAS - JUNHO	135
ANEXO 4 – MATRIZ SOCIOMÉTRICA REJEIÇÕES - JUNHO	136
ANEXO 5 – QUESTIONÁRIO APLICADO À TURMA.....	137
ANEXO 6 - ENTREVISTA AO JOÃO – FEVEREIRO 2010.....	138
ANEXO 7 – ENTREVISTA AO JOÃO - JUNHO 2010.....	143
ANEXO 8 - ENTREVISTA À DIRETORA DE TURMA – OUTUBRO 2009.....	150
ANEXO 9 - ENTREVISTA À DIRETORA DE TURMA – JUNHO 2010.....	157
ANEXO 10 - ENTREVISTA AO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA – JUNHO 2010	165
ANEXO 11 - ENTREVISTA À ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO DO JOÃO – JUNHO 2010	172
ANEXO 12 - PROTOCOLO DE UMA OBSERVAÇÃO NATURALISTA – FEVEREIRO 2010	179
ANEXO 13- PROTOCOLO DE UMA OBSERVAÇÃO NATURALISTA – FEVEREIRO 2010.....	181
ANEXO 14 – PROTOCOLO DE UMA OBSERVAÇÃO NATURALISTA – JUNHO 2010.....	183
ANEXO 15 - ROTEIRO DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	186
ANEXO 16 – EXEMPLO DE FICHAS DE TRABALHO INFORMATIZADAS ENVIADAS PARA O JOÃO E TRABALHADAS NA SALA DE AULA .	195
ANEXO 17 – RELATÓRIO DE TERAPIA DA FALA – 2º PERÍODO	206
ANEXO 18 – RELATÓRIO TERAPIA DA FALA – 3º PERÍODO.....	207
ANEXO 19 – RELATÓRIO DE PSICOMOTRICIDADE – 2º PERÍODO	208
ANEXO 20 – RELATÓRIO DE PSICOMOTRICIDADE – 3º PERÍODO	210
ANEXO 21 – RELATÓRIOS MÉDICOS E OUTROS DOCUMENTOS	213
ANEXO 22 – AUTORIZAÇÃO DA ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO.....	214
ANEXO 23 – AUTORIZAÇÃO DA DIRETORA DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS	215
ANEXO 24 – RELATÓRIO DA AVALIAÇÃO DO JOÃO PELA EQUIPA DO CANTIC.....	216
ANEXO 25 – RELATÓRIO DA AVALIAÇÃO DA UTAAC.....	219

ANEXO 26 – RELATÓRIO DA AVALIAÇÃO DO TÉCNICO DE REABILITAÇÃO.....	222
ANEXO 27 – UM DOS PEDIDOS DE AJUDA PARA A AQUISIÇÃO DO EQUIPAMENTO	223
ANEXO 28 – CARTA DO JOÃO (ALUNO9)	226

Índice de Grelhas de avaliação

GRELHA 1- CONTEXTO ESCOLAR – 1ª QUINZENA	76
GRELHA 2- SALA DE AULA – 1ª QUINZENA.....	77
GRELHA 3 – CONSELHO DE TURMA - 1ª QUINZENA	77
GRELHA 4 - APOIO INDIVIDUALIZADO ESPECIALIZADO - 1ª QUINZENA	77
GRELHA 5- CONTEXTO FAMILIAR - 1ª QUINZENA	78
GRELHA 6 – CONTEXTO ESCOLAR - 2ª QUINZENA.....	86
GRELHA 7 – CONTEXTO SALA DE AULA - 2ª QUINZENA	86
GRELHA 8 – APOIO ESPECIALIZADO – 2ª QUINZENA	87
GRELHA 9 – CONTEXTO FAMILIAR - 2ª QUINZENA	87
GRELHA 10– CONTEXTO ESCOLAR - 3ª QUINZENA	92
GRELHA 11- CONTEXTO SALA DE AULA - 3ª QUINZENA	92
GRELHA 12 – CONTEXTO FAMILIAR - 3ª QUINZENA.....	92
GRELHA 13 – CONTEXTO ESCOLAR – 4ª QUINZENA.....	99
GRELHA 14 – CONTEXTO SALA DE AULA – 4ª QUINZENA	99
GRELHA 15 – APOIO ESPECIALIZADO – 4ª QUINZENA	100
GRELHA 16- CONSELHO DE TURMA DE AVALIAÇÃO - 2º PERÍODO - 4ª QUINZENA	100
GRELHA 17 – CONTEXTO FAMILIAR – 4ª QUINZENA	101
GRELHA 18 - CONTEXTO ESCOLAR – 5ª QUINZENA.....	106
GRELHA 19 - CONTEXTO SALA DE AULA - 5ª QUINZENA.....	106
GRELHA 20 – APOIO ESPECIALIZADO – 5ª QUINZENA	106
GRELHA 21 - CONTEXTO FAMILIAR - 5ª QUINZENA.....	107
GRELHA 22 - CONTEXTO ESCOLAR - 7ª QUINZENA	111
GRELHA 23 - CONTEXTO SALA DE AULA – 7ª QUINZENA.....	112
GRELHA 24 - CONTEXTO FAMILIAR - 7ª QUINZENA.....	112
GRELHA 25 - CONTEXTO ESCOLAR – 8ª QUINZENA.....	114
GRELHA 26 - CONTEXTO SALA DE AULA – 8ª QUINZENA.....	114
GRELHA 27 - CONTEXTO APOIO ESPECIALIZADO - 8ª QUINZENA	114
GRELHA 28 - CONTEXTO SALA DE AULA - 9ª QUINZENA.....	116
GRELHA 29 – APOIO ESPECIALIZADO – 9ª QUINZENA	117
GRELHA 30 - CONTEXTO CONSELHO DE TURMA – REUNIÃO DE AVALIAÇÃO - 10ª QUINZENA.....	118

Introdução

Este Trabalho de Projeto tem como objetivo contribuir para a construção e consolidação de ambientes mais inclusivos na comunidade escolar, sabendo que as nossas escolas vão percorrendo o seu caminho, as mudanças vão acontecendo, a legislação e as práticas que a norteiam vão sendo alteradas, dando passos curtos ou largos para a construção de uma escola para todos.

A intervenção realizada incide num grupo/turma do 8º ano de escolaridade, na qual está inserido um aluno, o João [aluno 9], com necessidades educativas especiais (NEE), decorrentes de paralisia cerebral (PC), o qual se encontra ao abrigo do decreto lei-3/2008, de 7 de Janeiro. Partimos da avaliação das medidas já implementadas na turma em estudo, verificámos a sua eficácia no contexto, seguindo-se a introdução de medidas e estratégias advindas da análise dos dados recolhidos com a entrevista semi-diretiva, a observação naturalista e a sociometria.

O João está incluído na escola e na turma, intelectualmente é muito bom e envidam-se esforços para que conclua o 3º ciclo de escolaridade, transite para uma escola secundária e para que haja o prosseguimento dos estudos no ensino superior, em engenharia informática, sendo este o desejo da família e do aluno.

Partimos, neste Trabalho de Projeto da caracterização da turma e do levantamento das medidas que caracterizam o funcionamento do grupo, assim como o levantamento dos comportamentos desenvolvidos nos contextos escolar/familiar que envolve o grupo/turma. A avaliação das medidas adotadas e implementadas no contexto escolar e familiar é realizada ao longo do trabalho, e consoante as necessidades encontradas, as estratégias vão sendo modificadas/alteradas pelos agentes educativos e familiares, tentando chegar cada vez mais às necessidades dos alunos. Sempre com a perspetiva de criar modelos inclusivos, vão sendo propostas alterações, em reuniões de conselhos de turma ou em reuniões informais com professores ou encarregados de educação, com a ambição de tornar o grupo alvo e o contexto envolvente mais inclusivo.

A par da intervenção realizada no contexto escolar foi também alvo ao longo de todo o processo de intervenção, o contexto familiar, com o objetivo de agilizar as metodologias e estratégias no seio familiar do João, para otimizar e desenvolver as competências planificadas para aquele contexto.

Com este projeto pretendemos: experimentar pistas de intervenção a serem transmitidas e articuladas, entre todos os que trabalham e acompanham o projeto escolar do grupo, tendo sempre em conta a experiência vivenciada pelos mesmos; dinamizar um ensino cooperativo e de parceria pedagógica; aplicar tecnologias de apoio adequadas às

problemáticas e contextos; desenvolver a socialização dos casos emergentes; articular de forma ativa com as famílias; otimizar estratégias e medidas no contexto familiar; conseguir a participação da família no acompanhamento e desenvolvimento das estratégias a implementar, em casa e na escola.

No primeiro capítulo desenvolve-se o enquadramento teórico, fruto de uma pesquisa de informação bibliográfica, com o objetivo de encontrar uma forma clara de esclarecer temas que consideramos pertinentes. Neste enquadramento teórico, desenvolvem-se conceitos, que consideramos relevantes para o projeto.

Começamos por fazer uma abordagem aos termos escola inclusiva e educação inclusiva, de forma a esclarecer alguns aspetos que consideramos necessário aprofundar neste estudo, uma vez que, conseguir uma escola inclusiva e uma educação inclusiva são o caminho para a construção da escola para todos, escola para a qual pretendemos abrir o caminho, com a implementação de medidas e estratégias nos vários contextos alvo da intervenção.

Segue-se um breve historial do desenvolvimento da escola inclusiva, em termos de legislativos. É necessário conhecer o desenvolvimento da educação especial para entendermos algumas condutas e ambientes ainda com contornos de segregação, que acontecem um pouco em várias áreas da sociedade onde vivemos. O contexto legislativo, na área da educação especial e a sua evolução, até à homologação do Decreto-lei 3/2008 de 7 de Janeiro, onde assentam, atualmente, os pilares inclusivos da escola portuguesa dos nossos dias, uma escola, que se quer para todos.

Continuamos este enquadramento teórico com a apresentação de dados recolhidos pela pesquisa bibliográfica do que hoje se conhece sobre a PC, dando informação sobre a problemática e as suas características principais, assim como, a apresentação de algumas intervenções possíveis, em contexto escolar, junto de crianças e jovens em situação de deficiência devido à PC, com a apresentação de duas tecnologias de apoio, o *My Tobbi* e a *Magic Eye* como dois inovadores sistemas de acesso ao computador unicamente através do olhar, uma vez que são tecnologias de apoio que vão ter protagonismo no nosso estudo, no âmbito da construção de modelos inclusivos de salas de aulas, ao permitir aos alunos com dificuldades neuro motoras graves, aproximarem-se ou acompanharem o ritmo de trabalho dos colegas da turma.

A atividade física e a prática de um desporto como uma oportunidade para melhorar a autonomia e socialização da criança/jovem com PC, o Boccia, desporto praticado pelo João e o qual apresentamos neste estudo, como uma prática que deve ser divulgada junto das famílias e crianças portadoras de PC, uma vez que vai ajudar a pessoa com paralisia cerebral em várias áreas do seu desenvolvimento.

A metodologia seguida, neste projeto de investigação-ação, orienta-se pela adoção de novas e melhores práticas educativas mediante as aprendizagens adquiridas com a aplicação de mudanças nas práticas diárias do professor na sala de aula. Neste tipo de metodologia todos participam, desenvolvendo-se em quatro fases: a planificação, a ação, a observação e finalmente a reflexão. É, portanto, um processo de aprendizagem orientado para a ação, submetida à prova, permitindo dar uma justificação a partir do trabalho, mediante uma argumentação desenvolvida, comprovada e cientificamente examinada.

A turma alvo, deste projeto, é constituída por alunos que se mantêm juntos desde o 1º ciclo de escolaridade, com exceção de dois alunos que foram transferidos para outras escolas, mas, cujos lugares foram preenchidos com a entrada de dois alunos no 7º ano de escolaridade, o 12 e o 21. Na turma há um aluno com NEE, sinalizado na problemática motora e comunicação e fala, com paralisia cerebral. É de referir, que o aluno tem um bom potencial cognitivo (Anexo 23, 24, 25).

Quanto às técnicas e instrumentos de pesquisa de dados, a natureza qualitativa da opção metodológica, que foi seguida neste estudo, uma vez que há a pretensão deste projeto ter um carácter fortemente interventivo, é a opção metodológica que melhor se adequa, pois possibilita uma análise dos resultados obtidos através dos instrumentos de recolha de dados que foram utilizados: a pesquisa documental, a entrevista, o inquérito e a observação naturalista.

Os resultados, das técnicas e instrumentos de pesquisa de dados, permitem conhecer o grupo/turma, de forma a conseguir-se intervir ao nível da inclusão de todos os alunos.

O passo seguinte é a caracterização espaço físico, logístico e da dinâmica educativa do agrupamento onde se vai intervir, com a caracterização do meio envolvente, o qual não oferece espaços culturais e recreativos, cabendo à escola contribuir para o enriquecimento da população escolar, com atividades desenvolvidas no âmbito do seu projeto educativo de agrupamento.

A dinâmica da turma, corresponde a um grupo heterogéneo e os alunos apresentam diferentes ritmos de trabalho, o nível da atenção e concentração é baixo, mas é considerada por alguns professores como a melhor turma do 8º ano de escolaridade daquela escola.

O projeto curricular de turma dá respostas às necessidades da turma com a implementação de medidas e estratégias que se adequem às situações com o fim de otimizar o sucesso educativo de todos os alunos. O caso específico da turma, o João, aluno com paralisia cerebral, é mencionado como um exemplo de uma boa inclusão escolar, quer na turma, como na escola.

Quanto ao plano de ação, tivemos como ponto de partida a avaliação inicial da turma, seguindo-se a planificação da intervenção, tendo em conta as necessidades encontradas nos diferentes contextos a intervir, no âmbito da inclusão escolar: sala de aula, conselho de turma, apoio especializado e familiar. Esta intervenção foi quinzenal, realizada nos vários contextos, foi organizada em quadros quinzenais, os quais continham as áreas, os objetivos gerais/específicos, os recursos utilizados e a metodologia para avaliar o decorrer da intervenção.

As áreas, do contexto escolar/familiar onde se realizou intervenção foram: a autonomia; a sociabilização; a comunicação; a motricidade. Foram consideradas, após a avaliação da recolha de informação inicial, as áreas emergentes e as quais precisavam de ser alvo de medidas e estratégias de intervenção, com o objetivo de tornar os contextos mais inclusivos.

No final da intervenção quinzenal, realiza-se a avaliação dos progressos alcançados com a intervenção, a avaliação é organizada por objetivos em grelhas, construídas para cada contexto onde incidiu a intervenção naquela quinzena. No final há uma reflexão quinzenal, onde se realiza uma breve descrição e reflexão sobre o que se desenvolveu em cada uma das quinzenas.

Surge, no capítulo seguinte, a avaliação global do projeto, com a avaliação de cada um dos contextos alvo da intervenção. É, assim, feita a ponte entre as situações iniciais, antes de serem encetadas as estratégias delineadas na intervenção e a situação final, após a realização da intervenção nos diferentes contextos.

Este trabalho, é assim, um projeto de investigação-ação que ambiciona otimizar na comunidade educativa atitudes e práticas promotoras da construção de uma escola inclusiva, que dê resposta às necessidades de todos os alunos.

1.Enquadramento Teórico da Pesquisa

Neste enquadramento teórico, desenvolvem-se conceitos, que consideramos pertinentes para o projeto em questão. Começamos por fazer uma abordagem ao conceito educação inclusiva, de forma a esclarecer alguns aspetos que consideramos necessário aprofundar neste estudo.

Segue-se, um breve historial do desenvolvimento da inclusão em Portugal. O contexto legislativo, na área da educação especial e a sua evolução tornam mais perceptível o processo de desenvolvimento da escola inclusiva no nosso país. Este tema assenta essencialmente sobre a apresentação das principais ações de carácter legislativo, no âmbito da Educação Especial onde assentam os pilares da escola dos nossos dias, uma escola, que se quer para todos. Damos um enfoque, especial, ao Decreto – Lei 3/2008 de 7 de janeiro, uma vez que foi o último decreto a ser publicado, no âmbito da Educação Especial.

Continuamos o enquadramento teórico com a apresentação daquilo que hoje se conhece sobre a Paralisia Cerebral, dando informação sobre a problemática e as suas características principais.

Segue-se um resumo de várias intervenções possíveis, em contextos escolares, onde se encontrem incluídas crianças/jovens com PC.

Divulgamos neste capítulo duas tecnologias de apoio usadas na pessoa com paralisia cerebral: O My Tobii (Imagem 7) e a Magic Eye (Imagem 9).

O Boccia é apresentado neste enquadramento como um desporto adaptado, cuja prática é uma mais-valia para as crianças/ jovens e adultos em situação de deficiência motora, contribuindo, para além dos benefícios físicos próprios da prática de um desporto, para o desenvolvimento da socialização dos que o praticam.

1.1. A Escola Inclusiva

A escola inclusiva tem vindo a ter um peso cada vez maior quando se fala em questões relacionadas com os direitos humanos, tendo sido objeto de reflexão e consignada em várias declarações e convenções internacionais. A escola inclusiva, enquadra-se numa perspetiva de escola para todos, constituindo um fator de inclusão de todos os alunos.

O direito de todos à educação é mencionado em vários encontros e convenções internacionais, desde meados do século XX, na Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), sendo um direito reafirmado e renovado, ao longo do tempo, no

Fórum Mundial de Educação para Todos (Jomtien, Tailândia, 1990), nas Normas sobre a Igualdade de Oportunidades para Pessoas com Deficiências (1993), na Declaração de Salamanca (Unesco, 1994), na Carta do Luxemburgo (1996), no Enquadramento da Ação de Dakar (ONU, 2000), na Declaração de Madrid (2002), na Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (ONU, 2006).

Citando Sanches (2005)

No seguimento de grandes investigações efectuadas, algumas delas sobre a responsabilidade da UNESCO, decorrem conferências e compromissos internacionais,... que preconizam a “educação para todos”, uma “educação inclusiva” promotora do sucesso de todos e de cada um, assente em princípios de direito e não de caridade, igualdade de oportunidades e não de discriminação, seja ela positiva ou negativa (p.131).

A Declaração de Salamanca resultou da Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, assinada em 1994, por representantes de 92 governos, incluindo o de Portugal e de 25 organizações internacionais, o que constitui um grande marco no caminho para a construção de uma Educação Inclusiva.

A escola atual, tem obrigatoriamente de ser "capaz de educar todas as crianças com sucesso, incluindo os mais desfavorecidos e os que apresentam deficiências graves", reforçando os princípios da Declaração de Salamanca (1994)

as escolas devem ajustar-se a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, intelectuais, linguísticas ou outras.” (p.11).

Segundo Porter (1994) a Educação Inclusiva

É um sistema de educação e ensino onde os alunos com necessidades educativas especiais, incluindo alunos com deficiência, são educados na escola de bairro, em ambientes de sala de aula regulares, apropriados para a sua idade (cronológica), com colegas que não têm deficiência e onde lhe são oferecidos ensino e apoio de acordo com as suas capacidades e necessidades individuais (p.46).

A construção de uma escola que possa eficazmente atender a todas as crianças exige, no entanto, uma profunda mudança. Costa (1996) referencia necessidade de profundas mudanças, quer a nível do professor e de outros intervenientes, no apoio aos alunos, na natureza, na estrutura do currículo e nos modelos de apoio individual aos alunos.

Uma Educação Inclusiva terá de desenvolver políticas, práticas e culturas que respeitem a diferença e a contribuição ativa de cada aluno para a construção de um conhecimento partilhado. As escolas têm de ser organismos onde não se aplique situações de discriminação, onde se tenha presente a qualidade académica e contexto sociocultural de todos os alunos, citando Sanches e Teodoro (2007)

Preconiza-se que a Educação Especial, uma educação paralela ao sistema de Educação Regular, dê lugar a práticas educativas inclusivas que, partindo da diversidade humana como uma mais-valia e usando metodologias de diferenciação inclusiva e de aprendizagem cooperativa, possam gerar o sucesso de todos através do sucesso de cada um, caminhando, assim, para o despojar de um novo paradigma de escola (p.106).

Em poucas palavras, Sanches (2011) define

Estar incluído é estar na escola, participar nas actividades e desenvolver potencialidades (p.51).

Apesar do conceito de inclusão se ter expandido rapidamente como um princípio organizador fundamental do sistema educacional de muitos países, na maioria dos países da Europa continua a existir uma contradição entre legislação e prática nas escolas ou salas de aula. Tanto a legislação como o discurso dos professores tornaram-se rapidamente “inclusivos”, mas as práticas nas escolas nem sempre são consistentes com esses discursos (Rodrigues, 2006). A educação inclusiva só existe se forem introduzidas nas salas de aula estratégias e práticas diferentes daquelas que tradicionalmente se praticam (Sanches, 2005). Para que existam salas de aula inclusivas é importante a atitude, o conhecimento, a competência e as capacidades dos professores para que consigam ir ao encontro das reais necessidades e potencialidades dos alunos com quem trabalham. Criar uma sala de aula inclusiva é um desafio (Sanches, 2005). Os professores devem criar ambientes de aprendizagem que valorizem a criatividade, o potencial individual, as interações sociais, o trabalho cooperativo, a experimentação.

Porter (1997) refere que o professor da turma deve ter a consciência que os alunos com necessidades educativas especiais pertencem à turma e deve ter confiança que esses alunos conseguem aprender na turma, como fazendo parte da educação regular. O mesmo autor faz uma comparação entre as perspetivas alternativas na prática da educação especial, que são apresentadas na seguinte grelha, onde se faz a comparação entre a abordagem considerada tradicional e a abordagem inclusiva.

Porter (1997³) refere as principais diferenças entre integração e inclusão, as quais são apresentadas no quadro que se segue:

Quadro 1 – Integração/Inclusão

Abordagem tradicional Integração escolar/Educação Especial	Abordagem inclusiva Inclusão/Educação Inclusiva
Focalização no aluno	Focalização na classe
Avaliação dos alunos por especialistas	Avaliação das condições ensino/aprendizagem
Resultados da avaliação traduzidos em diagnóstico/prescrição	Resolução cooperativa de problemas
Programa para os alunos	Estratégias para os professores
Colocação num programa apropriado	Adaptação e apoio na classe regular

³ Adaptado de Porter (1997:39)

Os princípios que norteiam uma educação inclusiva devem assentar num conjunto de comportamentos e atitudes a serem desenvolvidas no contexto escolar, no sentido de criarem a escola para todos, sonhada por todos, onde todos aprendam juntos (Sanches 2005), a diferenciação pedagógica inclusiva, o trabalho cooperativo, a parceria pedagógica, a aprendizagem com os pares, o grupo heterogéneo, o ensino efetivo, são as verdadeiras práticas a aplicar nas nossas salas de aula para as tornar em ambientes verdadeiramente inclusivos.

Segundo as palavras de Sanches (2005)

A diferenciação que inclui será a que parte da diversidade, programando e actuando em função de um grupo heterogéneo com ritmos e estilos de aprendizagem diferente. É aprender no grupo e com o grupo, em situações de verdadeira aprendizagem cooperativa, responsável e responsabilizante. É organizar o espaço e o tempo em função das actividades para as aprendizagens a realizar. É abrir a escola a uma socialização do saber entre professores e alunos (p.133).

Há que desenvolver estratégias capazes de facilitar uma aprendizagem a grupos de alunos heterogéneos, onde a diversidade está presente e é considerada por (Ainscow 1997, Rodrigues 2006, Sanches & Teodoro 2007) como um dos fatores de enriquecimento e um motor do desenvolvimento do conhecimento, levando a que todos os alunos aprendam juntos, com as suas diferenças.

É referido que a Conferência de Salamanca foi a grande impulsionadora para as mudanças das práticas e das políticas internacionais, sendo responsável pela transição do conceito de integração para o conceito de inclusão, podemos ler (Costa, 2006)

(...) a formação de professores, o financiamento das escolas e as práticas de sala de aula, passaram a nortear-se por esta mudança, reconhecendo que o progresso de todas de todas as crianças deve estar diretamente ligado à forma como a escola e o sistema educativo, no seu conjunto, respondem positivamente à diversidade e às diferentes barreiras que se podem colocar à aprendizagem (p.17).

Podemos, mesmo afirmar, segundo a mesma autora, que a educação inclusiva é considerada como um direito humano, uma vez que ultrapassa o sector educativo e atinge outras vertentes da vida social e da sociedade em geral, quando a UNESCO em 2004 refere que a educação inclusiva é todas as crianças terem direito à educação e que nada as discrimine,

Tal como a casta, etnicidade, religião, situação económica, estatuto de refugiado, língua, género, deficiência, etc. (Costa, 2006 p. 17 cita UNESCO 2004).

Muito se tem falado e discutido sobre educação inclusiva, muitos trabalhos de projetos se desenvolvem em torno desta questão, mas haverá realmente uma resposta para a pergunta: Há inclusão nas nossas escolas? Quando se fala das repercussões da

Declaração de Salamanca, dez anos depois, é quase impossível dar uma resposta concreta a esta questão.

Segundo David Rodrigues, ao ser interrogado numa conferência sobre Educação Inclusiva, sobre o facto de se já tinha visto alguma escola inclusiva, responde (Rodrigues, 2006)

Já vi muitas escolas com momentos, com decisões, com atitudes e com práticas inclusivas. Infelizmente – juntei a seguir – estas práticas não se passam sempre, com todos os professores, com todo o pessoal da escola, com todos os alunos e em todas as disciplinas (p.7).

Temos escolas onde se podem ver claramente momentos e atitudes daquilo que é defendido como a escola verdadeiramente inclusiva, mas, em contrapartida, podemos observar momentos menos felizes, onde se podem ver decisões e momentos que não vão ao encontro da tão desejada escola para todos e onde todos devem aprender juntos.

Para que as escolas se tornem mais inclusivas, segundo Ainscow (2000), citado por Sanches (2011)

É necessário que assumam e valorizem os seus conhecimentos e as suas práticas, que considerem a diferença um desafio e uma oportunidade para a criação de novas situações de aprendizagem, que sejam capazes de inventariar o que está a impedir a participação de todos, que se disponibilizem para utilizar os recursos disponíveis e para gerar outros, que utilizem uma linguagem a todos e que tenham coragem de correr riscos (p.40).

Segundo (Ainscow) 1997 e (Sanches) 2011 há práticas que podem ser cruciais para abrir o caminho para a construção de salas de aula cada vez mais inclusivas, uma dessas práticas será a elaboração de planificações de atividades para serem realizadas por todos os alunos da turma e nunca deve ser elaborada uma planificação para um aluno. Outra será a valorização dos alunos, como um recurso, utilizando as vivências e experiências de cada, no âmbito do desenvolvimento do trabalho a pares e cooperativo entre os alunos da turma, desencadeando ambientes educativos mais ricos que criarão respostas adequadas dos professores, à reação dos alunos às estratégias usadas. A terceira prática a ser desenvolvida, para a construção de salas de aula inclusivas, é chamada de capacidade de improvisação do professor, devendo ter a capacidade de alterar os planos da aula conforme a reação dos alunos.

Sanches (2011, cita César 2003), para definir a Escola Inclusiva

é uma escola onde se celebra a diversidade, encarando-a como uma riqueza e não como algo a evitar, em que as complementaridades das características de cada um permitem avançar, em vez de serem vistas como ameaçadoras, como um perigo que põe em risco a nossa própria integridade, apenas porque ela é culturalmente diversa da do outro, que temos como parceiro social (p.39).

Segundo Sanches (2011), uma Escola verdadeiramente Inclusiva e que responde às necessidades de todos, tem obrigatoriamente de desenvolver práticas de diferenciação pedagógica inclusiva, não deve existir a categorização do aluno com base na sua problemática, as necessidades educativas do aluno tem de ser encaradas como

um constructo social, resultado de toda a conjuntura educacional, não podemos ver o aluno como o único culpado pelas suas dificuldades e a escola regular tem de ser capaz de dar resposta a todas as situações.

Nos dias de hoje, diz Sanches (2011), quase todas as crianças consideradas com necessidades educativas especiais estão incluídas nas escolas regulares, devido à fraca resposta dada pelas instituições especializadas nas várias deficiências. Segundo a mesma autora, o sistema educativo nacional depara-se com a questão de conseguir dar uma resposta eficaz a todos os alunos, proporcionando o sucesso para todos:

A identificação da inclusão com as crianças em situação ou consideradas com necessidades educativas especiais não pode continuar, uma vez que a inclusão se identifica com a educação para todos, independentemente do sexo, cultura, religião ou incapacidade, a qualidade e o sucesso educativo de todos (p.57).

1.2. O contexto legislativo

Até ao início da década de setenta as crianças que apresentavam problemáticas funcionais frequentavam escolas de ensino especial, situação que foi alterada com a integração escolar, a partir desta altura, de crianças e jovens com problemas sensoriais (Sanches, 2011). Segundo a mesma autora, os professores de educação especial prestavam apoio aos alunos fora da sala de aula e ajudavam as famílias dos mesmos. Os alunos seriam assim os responsáveis pelas suas dificuldades e com o professor de educação especial tinham de encontrar maneiras de ultrapassar as suas problemáticas.

Só em 1978, com Warnock Report, surge em Inglaterra o termo necessidades educativas especiais a substituir o conceito deficiência, deslocando a problemática do aluno da perspectiva médico-psicológica para uma dimensão educacional.

Na década de oitenta, o número de alunos em situação de deficiência, nas classes regulares e apoiados pelos professores de educação especial aumenta e o número de alunos a frequentar as escolas de ensino especial diminui.

A Assembleia da República decreta a lei de bases do sistema educativo português n.º 46/86 de 14 de outubro, sendo consignados neste diploma o direito à educação e à cultura para todas as crianças, é alargada para 9 anos a escolaridade obrigatória, garante-se a formação de todos os jovens para a vida ativa, o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades, a liberdade de aprender e ensinar, a formação de jovens e adultos que abandonaram o sistema, com o ensino recorrente e a melhoria educativa de toda a população. A mesma Lei criou uma nova organização do sistema educativo, que compreende a educação pré-escolar, a educação escolar e a educação extraescolar. Esta última abrange atividades de alfabetização, de educação de base e de iniciação e aperfeiçoamento profissional.

A Lei de bases do sistema educativo português é atualizada através da Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro, mais tarde pela Lei n.º 49/2005 de 30 de agosto e a última atualização pela Lei n.º 85/2009 de 27 de agosto. São dados passos significativos para reparar problemas estruturais do sistema educativo e para ultrapassar atrasos e estrangulamentos que remontam ao século XIX.

Com o Decreto-lei 35/90 de 25 de janeiro, relativo à escolaridade obrigatória, pretendeu-se dar corpo ao ponto 5 do Artigo 3º da Declaração Mundial sobre a Educação para Todos, de 9 de Março de 1990, que determina a necessidade de se criarem medidas destinadas a assegurar a igualdade de oportunidades de acesso à educação, a todas as categorias de indivíduos deficientes.

No que diz respeito à educação especial são criadas as Equipas de Educação Especial, e em breve surge o Decreto-lei 319/91, de 23 de Agosto, no qual está implícito que a criança considerada com NEE só deve ser afastada de ambiente educacionais regulares quando a situação for muito grave (Correia, 2002). O Decreto de Lei 319/91, de 23 de agosto, apresentou bastantes aspetos inovadores, como a responsabilização da escola pelo atendimento educativo a crianças com necessidades educativas especiais; individualização da intervenção educativa; reconhecimento da necessidade de trabalhar em equipa; integração de alunos com problemas de foro intelectual, através de medidas como “Regime Educativo Especial” e “Educação Especial”; e a possibilidade de organização de Currículos Alternativos.

No contexto da Educação Especial, o decreto pretendia nortear a inclusão escolar pelos princípios de adequação das medidas a aplicar às necessidades educativas individuais, implicando um profundo conhecimento da situação sociofamiliar e escolar do aluno, uma participação dos pais em todo o processo educativo, uma diversificação das medidas a tomar em cada caso, utilização dos professores de Educação Especial como um recurso da escola e também uma maior abertura da escola ao meio. O novo decreto – lei continua, contudo, a sinalização dos alunos com base em critérios médicos de alunos com problemas sensoriais, cognitivos, emocionais, comportamentais e as dificuldades de aprendizagem. Muitos dos que não aceitavam a entrada destas crianças nas escolas, ajudaram a que esta política educativa entrasse em descrédito, aproveitando a falta de recursos, de condições e de verbas investidas na educação. Em Sanches (2011) podemos ler

O modelo de integração sofre dos mesmos males que sofre a escola na sua generalidade. Numa escola programada para o sucesso de todos e não para a selecção, este modelo teria tido, também, mais sucesso (p.65).

A Declaração de Salamanca, em 1994, contou com a presença e a assinatura de dois representantes portugueses, e é para muitos o ponto de viragem, da escola com

políticas, quase sempre, meramente integradoras, para uma escola que se quer inclusiva, quando na Declaração é dito

Que os alunos devem aprender todos juntos, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem (p.11).

O Despacho Conjunto nº105/97, de 1 de Junho veio contextualizar, em Portugal os Apoios Educativos nas escolas, de acordo com os princípios mencionados na Declaração de Salamanca. No entanto a sua conceção e aplicação suscitou muitas dúvidas. Um dos princípios aceites em Salamanca, para a construção da Escola Inclusiva seria a formação do pessoal educativo, contudo, uma grande parte dos docentes continua a não estar preparado para aplicar estratégias de ensino diferenciado na sala de aula.

No início do século XXI, Portugal reorganiza a Educação Especial, com o Decreto-lei, 3/2008 de 7 de Janeiro. Define os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo visando a criação de condições para a adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da atividade e da participação num ou vários domínios. Este decreto revoga o Decreto – Lei 319/91, de 23 de Agosto, uma vez que este havia instalado no sistema educativo alguns erros que precisavam de ser urgentemente remediados, considerando que todas as dificuldades de aprendizagem eram tratadas no mesmo quadro institucional e político (Pereira, 2008).

O decreto-lei 3/2008 de 7 de Janeiro tem como primeiro objetivo e primeira medida a clarificação dos destinatários, o público-alvo (Pereira, 2008)

Às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da atividade e participação, num ou vários domínios da vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais de carácter permanente e das quais resultam dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social (p.11)

Segundo a mesma autora, o handicap sociocultural deve ser superado por medidas tomadas pela escola, no âmbito do projeto educativo da escola, da atividade de cada docente ou equipa de docentes, como os planos de recuperação, o acompanhamento individualizado, os percursos alternativos ou os CEF, todas estas respostas estão no âmbito das vias de prosseguimento de estudos ou vias profissionalizantes. As dificuldades dos alunos eram tratadas no mesmo quadro institucional e político, criando no sistema de ensino um “subsistema” (Pereira, 2008), para onde eram enviadas as crianças com dificuldades de aprendizagem e de lá não regressavam. A entrada de tantos alunos na educação especial, sem distinção de

problemática específica, levou a que fossem deixados de fora os casos mais difíceis (Pereira, 2008).

O novo decreto reforça que a escola deve proporcionar aos alunos o desenvolvimento das suas capacidades para uma participação na vida social, política cultural e económica, devendo favorecer oportunidades aos alunos que delas carecem. O mesmo princípio deve ser tido em conta com os alunos detentores de necessidades educativas especiais de carácter permanente, sendo a única diferença o apoio específico ao longo de todo o percurso escolar que deve ser dado a estes alunos.

Os princípios inclusivos devem ser adotados na escola para todos os alunos e devem responder às necessidades de cada um.

Com a entrada em vigor do Decreto-Lei 3/2008, segundo Pereira (2008), começou a proceder-se aos ajustamentos finos que uma transição implica, de forma a assegurar um acompanhamento adequado a todos os alunos elegíveis por parte dos docentes da educação especial.

Os alunos com necessidades educativas especiais podem ser distinguidos, levando ainda mais à frente o princípio da diferenciação positiva, entre os que apresentam problemáticas de baixa - intensidade e alta frequência e os que apresentam problemáticas de alta - intensidade e baixa - frequência (p.8)

Segundo a mesma autora as primeiras problemáticas podem ter respostas de qualidade, com uma maior flexibilização curricular e diferenciação pedagógica, contemplando também medidas como os percursos alternativos e os apoios individualizados. Os que apresentam problemáticas de alta - intensidade e baixa frequência precisam de recursos humanos e logísticos mais sofisticados e especializados. O Decreto-lei 3/2008 prevê, assim, a criação de escolas de referência nas áreas da cegueira e baixa visão e da surdez, bem como a criação de unidades de apoio especializado para a educação de alunos com perturbações do espectro do autismo ou alunos com multideficiência. Contudo esta mudança tem em mente não cortar com as instituições pioneiras da educação especial, que o sistema escolar não pretende dispensar, onde existem recursos humanos altamente especializados e condições para a administração de terapias especializadas. Estas escolas de educação especial serão Centros de Recursos para a Inclusão e funcionarão com as escolas do regular, por áreas, onde devem estar as crianças com necessidades de apoios especializados, apoios que serão prestados por profissionais provenientes daquelas entidades (Pereira, 2008).

Os recursos especializados serão também enriquecidos com a criação de uma rede de escolas equipadas com Centros de Recursos TIC especializados, cabe a estes centros a avaliação dos alunos considerados com NEE no âmbito das tecnologias de apoio que os alunos necessitam, consoante a sua problemática específica.

Toda esta reorganização tem um documento de extrema importância e que cimenta toda a articulação existente entre os vários intervenientes – *A Classificação Internacional de Funcionalidade e Saúde – Crianças e Jovens (CIF-CJ)*. A CIF-CJ, ao acompanhar esta reformulação e a nova legislação na Educação Especial, mostra a vontade de criar uma linguagem comum a todos os que lidam diariamente, avaliam, trabalham e acompanham as crianças com necessidades educativas, facilitando a articulação entre os vários serviços, mas nem todos os serviços sociais e de saúde que trabalham com estas crianças adotaram este sistema de classificação. As escolas são monitorizadas, por equipas criadas para esse fim, estas equipas deslocam-se às escolas com a finalidade de verificar se as novas diretrizes estão a ser implementadas.

Segundo o mesmo decreto-lei, os alunos referenciados para a avaliação dos serviços especializados de apoio educativo, são alvo de uma avaliação mais fina e ajustada, fazendo com que os apoios disponibilizados cheguem a quem realmente é detentor de limitações significativas ao nível da atividade e participação, decorrentes de alterações funcionais e estruturais de carácter permanente, dando lugar à mobilização dos serviços especializados. Só delimitando o público-alvo, o professor de educação especial, os técnicos e toda a comunidade escolar podem dar um apoio e atenção mais eficaz ao aluno com necessidades educativas especiais, levando-o ao sucesso educativo.

Pereira (2008) refere que,

(...) colocando o acento não nas deficiências das pessoas e nos obstáculos que enfrentam, a CIF exige uma avaliação mais fina e ajustada, fazendo com que os apoios cheguem a quem deles mais necessita, e a construção de programas educativos individuais mais preciosos e rigorosos, capazes de ir mudando ao longo do processo de aquisições feitas na escola, que transforma o quadro de necessidades iniciais e impulsionadores de uma intervenção educativa emparceirada pelo que de melhor se faz na Europa (p.10)

O departamento de educação especial e o serviço técnico-pedagógico de apoio aos alunos analisam a informação disponível e decidem sobre a necessidade de uma avaliação especializada por referência à *CIF-CJ*. Caso se confirmar a necessidade de uma avaliação, o aluno vai necessitar de respostas educativas no âmbito da educação especial, sendo elaborado um Programa Educativo Individual, com base nos dados retirados do relatório Técnico-Pedagógico, resultantes da avaliação especializada realizada (Pereira, 2008).

O Decreto-Lei 3/2008 dá grande ênfase ao trabalho em equipa, nomeadamente ao reforço do papel do Diretor de Turma em todo o processo, colocando-o mesmo como o Coordenador de toda a intervenção. Considera-se que seria de extrema importância completar a informação e mesmo “formação”, que é dada pelo Professor de Educação Especial aos Professores do Ensino Regular, para que a sensibilização fosse mais presente nas nossas escolas e em toda a comunidade educativa.

Com a nova legislação, muitas alterações foram implementadas e surgiram opiniões de profissionais e técnicos da educação que põem em causa algumas medidas que constam no novo decreto que regula a educação especial, alguns exigem mesmo a sua revogação. Relativamente a estudos sobre o impacto da implementação do novo decreto na educação, ainda não existem estudos publicados, nem bibliografia disponível devido a ser recente a sua promulgação.

O Decreto-Lei nº 3/2008 acaba por ter o objetivo, de consolidar as práticas, consideradas por alguns como retrógradas (Trindade & Colôa, 2008), embora formalmente refinadas, suportadas pelo Decreto-Lei nº 319/91. Os mesmos autores referem:

A primeira ideia que subjaz neste Decreto-lei tem a ver com a indefinição dos conceitos de Educação Especial e Educação Inclusiva. O primeiro centra-se na problemática do aluno; o segundo centra-se no desenvolvimento do currículo. Ora há aqui um retorno ao “olhar”, o aluno como o centro do problema em vez de colocar o enfoque no âmbito das actividades, dos contextos, do currículo e da dinâmica da sala de aula, preconizando uma mudança na escola (p.2).

O novo decreto caracteriza-se a si mesmo como tendo objetivos de inclusão, mas destina-se exclusivamente a uma população com características muito específicas: na verdade, ao separar, nos Projetos Educativos das Escolas, o apoio educativo especializado de outras modalidades de apoio para todos os alunos (Pereira, 2008), este Decreto-Lei não está sequer a caminhar no sentido de, a prazo, promover a educação inclusiva; pelo contrário, está a criar e a consolidar dispositivos contrários à inclusão. Compreende-se a confusão que o conceito de NEE estava a produzir na prática: o aluno tinha necessidades especiais, logo precisava de apoio especializado. O atual Decreto-Lei, ao estabelecer que vamos agora finalmente conseguir distinguir os alunos com NEE, que precisam de apoio especializado, dos outros, limita-se a redefinir o que já existia nas escolas. O problema sempre foi, e, pelos vistos, continuará a ser, o de a grande maioria dos alunos com dificuldades escolares não ter acesso a uma educação de qualidade e a todos os apoios de que necessita. A única forma de garantir o apoio especializado àqueles alunos que necessitam dele, na sequência de uma avaliação correta, é a de promover uma educação de qualidade, com todos os apoios necessários, para todos os alunos. O sistema de apoio em cada escola deve ser único e deve conter os recursos adequados, incluindo os recursos especializados. É isto que este Decreto-Lei não quer fazer e, no nosso ponto de vista, neste aspeto, constitui um retrocesso relativamente ao Decreto-Lei nº 319/91. Referindo Trindade e Colôa (2008):

O facto de focalizar excessivamente a atenção nos alunos, leva à ideia de que há alunos especiais, que podem ser ensinados de forma especial, por determinados professores, condição que não é favorável ao desenvolvimento do princípio da “Escola para Todos”(p.2).

Analisando as medidas implementadas pelo novo decreto-lei, estas reduzem as medidas educativas para alunos considerados com NEE. Esta redução pode ser positiva, na medida em que pode diminuir os índices de formalização, mais ou menos burocrática e sem qualquer vantagem prática para a qualidade da educação, que estavam a ser promovidos na aplicação do Decreto-Lei nº 319/91. Especifica a obrigatoriedade de elaboração de Programas de Transição, para os alunos que frequentam um Currículo Específico Individual. Determina a constituição de Unidades Especializadas. As Unidades Especializadas já existiam antes, com o Decreto-Lei nº 319/91, só que agora também passam a ser obrigatórias. Não se pode dizer que esta inovação é uma melhoria. Na verdade, pode ser para melhor ou para pior, só com o decorrer do tempo vamos poder saber.

Clarifica melhor a participação dos pais e encarregados de educação, em linha com a legislação geral sobre a participação dos pais na vida da escola. Reduz o conceito de NEE ao conceito de Necessidades de Apoio Educativo Especializado. Sendo o conceito de NEE já inibidor, a sua redução só tem efeitos amplificadores dessa inibição e pouco propícios ao desenvolvimento de uma escola mais inclusiva.

Relativamente a estudos sobre o impacto da implementação do novo decreto na educação, não existem estudos publicados, nem bibliografia disponível devido a ser recente a sua promulgação, aguardamos, contudo, os resultados de levantamentos e estudos que estão a ser efetuados, após a aplicação do decreto.

Segundo Pereira (2011)

De acordo com as conclusões das avaliações externas à implementação do Decreto-lei nº 3/2008 (Ferreira, M, Simeonsson, R et al.,2010), este diploma legal veio permitir uma melhor qualidade das respostas educativas e do ensino, nomeadamente, uma escola mais inclusiva e um ensino de maior qualidade. Das recomendações delineadas com base no estudo e numa perspectiva de optimização da aplicação do Decreto – Lei nº3/2008, salienta-se o desenvolvimento de indicadores de qualidade para a educação especial (p. 5).

1.3. A Paralisia Cerebral

Segundo Ferreira et al, (2000) na criança com Paralisia Cerebral, é comum existirem um conjunto de sintomas a nível neuromotor, sendo a deficiência mais frequente na infância. É uma situação resultante de uma lesão cerebral, normalmente ao nível do sistema nervoso central, que afeta o cérebro nos períodos de desenvolvimento período pré-natal, neonatal e pós-natal, nos primeiros anos de vida. É uma lesão fixa, estática e não progressiva que prejudica todo o desenvolvimento neuro motor na criança. As perturbações que habitualmente predominam consistem numa perturbação da aquisição do padrão normal do movimento, numa perturbação da postura, com um padrão anormal

de mobilidade, persistência de reflexos primitivos e alterações do tônus, força, coordenação e existência de movimentos involuntários.

Segundo Samúdio (2002), a PC pode ser classificada segundo a qualidade do tônus e a distribuição topográfica do mesmo. Quanto à qualidade do tônus, a classificação engloba quatro tipos: a espasticidade, a atetose, a ataxia e a hipotonia. A espasticidade é geralmente provocada por lesão no córtex motor, que está relacionado com as sensações e todas as atividades musculares voluntárias; caracteriza-se por um aumento do tônus muscular, movimentação restrita em amplitude e feita com grande esforço. A hipertonia pode ser severa ou moderada; a atetose caracteriza-se por uma variação do tônus, por uma persistência de reflexos primitivos e por movimentos involuntários, resultante de lesões dos núcleos situados no interior dos hemisférios cerebrais (sistema extrapiramidal). É classificada segundo os quatro subtipos seguintes: a atetose com espasticidade, a atetose com espasmos tónicos intermitentes, a coreoatetose e a atetose pura; a ataxia é caracterizada por uma hipotonia muscular generalizada, por descoordenação motora, com alterações no equilíbrio e tremor nas atividades musculares voluntárias, resultantes de lesão no cerebelo ou vias cerebelosas; a hipotonia é caracterizada por uma grave decréscimo da função motora e fraqueza muscular, resultante de lesões no Sistema Nervoso Central na região pré-central e no cerebelo.

A PC na distribuição topográfica pode classificar-se em tetraplegias, que é o envolvimento global e assimétrico do corpo, estando geralmente a parte superior mais afetada que a inferior; as diplegias, ou seja, o envolvimento global do corpo com uma distribuição mais simétrica, apresentando-se os membros inferiores mais afetados; as hemiplegias, quando se verifica o envolvimento global do corpo, com uma distribuição completamente assimétrica, afetando apenas um dos lados do corpo; as monoplegias, considerada uma situação rara, assimétrica, apenas um membro afetado.

É referido que cerca de 75% dos casos de paralisia cerebral, apresentam alterações ao nível do desenvolvimento da linguagem, uma vez que as diversas formas de expressão são baseadas em movimentos coordenados como a mímica, o gesto e a formulação de palavras (Cruz, 2009 cita Puyuelo & Arriba, 2000). O “Deficit de audição, perturbações de perceção auditiva, disartria, deficiente coordenação de respiração ou disritmia, disфонia (p.5)” são algumas das perturbações linguísticas normalmente associadas à paralisia cerebral (Cruz, 2009 cita Andrade & Oliveira, 1979).

Por um lado, a linguagem compreensiva é francamente comprometida pela falta de estímulo linguístico e dificuldades auditivas. Por outro lado, de acordo com a opinião de Cruz (2009 citando González & Ruiz 1997), a linguagem expressiva é também afetada devido às convulsões dos órgãos fonadores. A fala, quando existe, é normalmente lenta, com modificações na voz e com pausas de respiração atípicas.

Segundo Cruz (2009 citando Dormans & Pellegrino, 1998), há que intervir de forma a melhorar a experiência da criança na participação das suas tarefas na comunidade (Cruz, 2009 citando WHO, 2001), tendo os terapeutas ocupacionais um papel primordial nas equipas multidisciplinares de apoio às crianças com paralisia cerebral.

Os problemas visuais são também frequentes, nomeadamente o estrabismo ou a descoordenação dos músculos do olho, que podem provocar uma dupla imagem (Cruz, 2009 cita Gonzalez & Ruiz, 1997).

Também a epilepsia é frequentemente associada a este tipo de distúrbio, manifestando-se de diferentes formas, consoante o seu tipo.

Devido às grandes limitações que apresentam, é frequente estas crianças apresentarem dificuldades nos seus esquemas perceptivos, nomeadamente: a lateralidade, o esquema corporal e a estruturação espaço-temporal.

Estas crianças apresentam ainda uma alteração ou atraso na aquisição de padrões de conduta social da comunidade de que fazem parte e ainda uma fraca independência social (Cruz, 2009 referindo Garcia et al., 1999).

Esta falta de autonomia pessoal leva a que as crianças desenvolvam sentimentos de frustração. Diversos problemas como o controlo da baba, a dificuldade em mastigar e engolir, a falta de controlo dos esfíncteres ou mesmo a incapacidade de deslocação autónoma concorrem para a criação duma baixa autoestima.

Os terapeutas ocupacionais são membros vitais no apoio e intervenção a crianças com paralisia cerebral e suas famílias (Cruz, 2009 cita Dormans & Pellegrino 1998). A sua área de intervenção incide nas disfunções funcionais do corpo e limitações nas atividades de forma a melhorar a experiência da criança na participação das suas tarefas na comunidade (Cruz, 2009 cita WHO, 2001).

A atetose caracteriza-se por um tónus variável; mobilidade anormal; deficiente coordenação dos movimentos; dificuldade em manter posturas; postura incorreta; movimentos involuntários; imprevistos e incontrolados; falta de controlo nos movimentos finos; garatujas e riscos, quando não conseguem pegar num lápis; dificuldades na execução de ordens vindas do cérebro.

Há situações em que crianças com PC apresentam um défice mental grave, moderado ou ligeiro, outras situações onde há uma capacidade cognitiva normal ou mesmo acima da média. Ferreira et al (2000) referem

Crianças com deficiências neuromotoras graves estão muitas vezes impedidas de comunicar através da fala, devido à impossibilidade de exercerem um controlo correcto sobre o seu aparelho fonador. Podem no entanto, possuir capacidades e necessidades comunicativas grandes, se as lesões cerebrais que inibem o mecanismo da fala, não as afectarem do ponto de vista cognitivo. Para estas crianças, a fala não constituirá o canal ou veículo principal do seu processo comunicativo, sendo consequentemente

necessário proporcionar-lhes, tão cedo quanto possível, um sistema Alternativo/Aumentativo de Comunicação (p.4).

Podemos ajudar uma criança/jovem em situação de deficiência, levando-a a avaliar as suas possibilidades e limitações; descobrindo adaptações que lhe permitam utilizar objetos de trabalho; respondendo a todas as questões colocadas, honestamente e sem ambiguidades ou confessando que não se sabe se for caso disso; desdramatizando os aparelhos e a deficiência, levando-a a recorrer à mímica ou ao gesto, sempre que haja dificuldade na expressão oral; estimulando-a, se ela se inibir por vergonha ou medo, a participar nalguma atividade; valorizar aquilo que ela fizer bem.

Para Ferreira et al (1999), a linguagem desempenha um papel importante

no desenvolvimento cognitivo e emocional e como regulador do comportamento, para além de suporte fundamental da interação social (p.16).

Neste sentido, é fundamental proporcionar ao indivíduo com incapacidade algum tipo de sistema aumentativo ou alternativo de comunicação, de forma a não privá-lo desta capacidade.

1.3.1. Intervenção em paralisia cerebral

Analisemos agora como funciona a intervenção em crianças com paralisia cerebral. Cada criança que é diagnosticada com paralisia cerebral apresenta necessidades individuais e únicas (Cruz, 1999 citando Case-Smith, 1996). É necessária a realização duma avaliação cuidadosa para que a intervenção vá, de facto, ao encontro das necessidades próprias da criança. Esta avaliação necessita de incluir os aspetos fortes e limitações da criança durante a sua funcionalidade nas atividades diárias que realiza nos diferentes contextos em que as exerce. Todos os indivíduos com paralisia cerebral experienciam dificuldades no controlo do movimento e postura, no entanto distúrbios linguísticos, cognitivos, visuais e auditivos são também comuns, assim como também a existência de casos de epilepsia.

De acordo com Cruz (1999, cita Bleck 1987), as dificuldades motoras destas crianças influenciam o funcionamento diário da criança. Para Cruz (1999, citando Case-Smith, 1996), há que intervir no sentido de melhorar a performance funcional da criança e melhorar a sua capacidade de interagir com o seu meio social e físico.

A lentidão dos movimentos e a falta de coordenação levam a que muitas crianças possuam um ritmo de vida diferente, recebendo conseqüentemente estímulos diferentes dos das outras crianças, (Cruz, 1999 cita Gil, González & Ruiz, 1997). O desejo de conhecimento do que as circunda é, por vezes, comprometido pelo sentimento de

insegurança transmitido pelos próprios pais, com medo que os filhos se magoem nas actividades do dia-a-dia.

De facto, ao trabalhar com crianças com paralisia cerebral, a independência funcional pode ser conseguida de diversas formas, nomeadamente, no treino de competências sociais, de tecnologias de apoio à melhoria e promoção de competências de auto ajuda, adaptações ambientais de forma a facilitar a independência.

A grande preocupação da intervenção deverá incidir na qualidade de vida das crianças, jovens e adultos, procurando que seja sempre melhorada.

Quando se avalia uma criança com paralisia cerebral, dever-se-á ter em conta uma avaliação da amplitude do movimento, da força dos músculos, das sensações, incluindo uma análise do grau de movimento voluntário. No entanto, torna-se também imperativo avaliar as capacidades funcionais do indivíduo, como por exemplo, o comer, ter cuidados de higiene, ir à casa de banho, vestir, etc. (Ferreira et al. 2000). Os distúrbios motores e sensoriais podem traduzir-se em distúrbios funcionais que podem ser colmatados com tecnologias de apoio adaptadas à problemática motora em questão, equipamentos informáticos que são “ferramentas” muito importantes. Pessoas com disfunções neuromotoras, como é o caso das provocadas pela paralisia cerebral, têm muitas dificuldades em aceder ao computador através das interfaces mais vulgares: o rato e o teclado. Em termos da acessibilidade digital, há no mercado uma vasta gama de ajudas nesta área com soluções de acesso ao computador para todas as pessoas, independentemente das suas limitações motoras ou mesmo cognitivas. Dentro dos interfaces para acesso ao computador temos: alternativas ao rato; alternativas ao teclado; manípulos; acesso pelo olhar. Seguidamente será feita uma breve apresentação de duas tecnologias de apoio que vão ser abordadas neste trabalho, o *MyTobbi* e a *Magic Eye* como dois inovadores sistemas de acesso ao computador através do olhar.

Segundo Ponte e Azevedo (2003),

Há a necessidade de alertar e dar conhecimento aos docentes que apoiam a inclusão de crianças e jovens com incapacidades neuromotoras, nomeadamente com disfunção grave a nível motor e de comunicação, da necessidade de utilizarem recursos tecnológicos na sua prática pedagógica, a fim de obterem resultados positivos no ensino/aprendizagem destes alunos (p.3).

Defendem os mesmo autores que

A capacidade de comunicar é de facto crucial para o desenvolvimento das relações humanas, para a educação em geral, para viver em comunidade, enfim, para alcançar satisfazer ou alcançar praticamente todas as necessidades do ser humano (p.3).

A atividade física e a prática de um desporto também pode melhorar a funcionalidade, autonomia e socialização da criança/jovem com PC, o *Boccia*, desporto praticado pelo João e o qual apresentamos neste estudo, como uma prática que deve ser divulgada junto das famílias e crianças portadoras de PC.

1.3.1.1. Tecnologias de apoio

1.3.1.1.1. O My Tobii

O MyTobii⁴, um inovador sistema de acesso ao computador através do olhar. O sistema MyTobii permite ao utilizador controlar o computador, possibilitando que pessoas com movimentos muito limitados consigam, comunicar de uma maneira independente, utilizando softwares de comunicação como os programas, GRID ou Speaking Dinamically. Este interface permite também o acesso fácil a “teclados no ecrã” e a outros programas do Windows, o que vai permitir ao aluno acompanhar o ritmo dos seus pares e as actividades desenvolvidas no seio do seu grupo e conseguir maior rapidez nas tarefas solicitadas, sobretudo as tarefas escritas (Imagem3).

O acesso fácil a “teclados no ecrã” permite também através desta interface específica, aceder a outros programas do Windows. Os utilizadores do MyTobii podem controlar o GRID com um movimento mínimo dos olhos, sem necessidade de interação física com o equipamento. A seleção com o movimento dos olhos substitui outros dispositivos de acesso como o rato, teclado ou manípulos, etc., permitindo aos utilizadores com mobilidade limitada ter acesso total ao computador. O MyTobii foi desenvolvido especialmente para facilitar a comunicação e a independência de pessoas com paralisia cerebral, ou outras disfunções neuromotoras graves como lesões cerebrais, esclerose lateral amiotrófica, etc. O MyTobii permite a movimentação livre da cabeça do utilizador enquanto este usa o equipamento, o que é uma enorme vantagem em relação a outros sistemas que emulam as funções do rato e não permitem esta liberdade. O sistema MyTobii é constituído por um monitor táctil de 15” com um computador e sistema de som incorporado. Utiliza o Windows XP standard. O sistema calibra-se com muita facilidade; programas flexíveis e versáteis como o GRID, permitem uma configuração e utilização muito versáteis. O programa GRID é um “Sistema de Teclados no Ecrã” com características que o tornam adequado a pessoas com necessidades especiais. Este emulador de teclado pode substituir por completo as funções dum teclado convencional ou de um rato, através da utilização de um qualquer dispositivo apontador, como por exemplo, o trackball ou o joystick, ou também, através de um processo de escolha por varrimento controlado por um manípulo.

Além do sistema de teclado no ecrã para a comunicação e acesso ao computador, o programa *GRID 2*, a versão mais recente, inclui várias novas áreas de trabalho. Um navegador de Internet, acesso direto a envio/receção de correio eletrónico e SMS, ao

⁴ Informações retiradas de www.anditec.pt/acessibilidade-digital/, consultado em 7 de Junho 2010

Skype, Media Player e DVD, são algumas das novas ferramentas para a Comunicação Aumentativa.

Com o *GRID2*, o utilizador pode trabalhar no computador sem precisar de utilizar o rato ou o teclado. Os teclados virtuais do *GRID2* podem ser acedidos através do rato ou de qualquer outro dispositivo apontador – tracker, trackball, ou outros dispositivos apontadores, ou ainda através de um ou mais manípulos por processos de varrimento totalmente controlado pelo utilizador. O programa contém ainda um sintetizador em português de elevada qualidade, que possibilita aos seus utilizadores expressarem-se através deste sistema de conversão texto-fala. Esta solução possibilita ao seu utilizador expressar-se e comunicar de forma autónoma, utilizar o computador e os programas nele contidos, e também controlar totalmente o seu ambiente físico (abertura e fecho de portas e janelas, acesso autónomo ao telefone, TV, equipamento de áudio e vídeo, etc.).

A avançada tecnologia que suporta o sistema MyTobii é totalmente inovadora. Uma câmara de alta resolução captura o reflexo da luz infra-vermelha nos olhos do utilizador. Esta tecnologia e software avançados têm as seguintes características: Seguimento (“tracking”) automático do olhar; elevada precisão na captura do movimento dos olhos; captura do olhar de quase todas as pessoas; boa tolerância a movimentos involuntários da cabeça.

As grandes dimensões e o preço do equipamento, foram algumas das desvantagens detetadas pela equipa que acompanha o João. A mesa onde está fixo tem de deslocar-se de sala em sala (Imagem 6), e tem de ser guardado todos os dias, num local protegido.

1.3.1.1.2. A Magic Eye

Perante algumas limitações detetadas no uso da tecnologia de apoio *MyTobii*, a equipa multidisciplinar que acompanha o aluno, a família do aluno e o aluno consideraram que seria útil a realização de uma avaliação com a *Magic Eye* (imagem 9).

Na 8ª Edição do Prémio de Inovações Tecnológicas ⁵, Engenheiro Jaime Filipe, em 2008, o prémio foi atribuído à conceção inovadora da aplicação *Magic Eye*, da autoria de Luís Filipe da Costa Figueiredo. O Instituto Português da Segurança Social, promove a atribuição do prémio “Engenheiro Jaime Filipe” para a melhor conceção inovadora e promotora de autonomia. A designação deste prémio é uma homenagem ao Engenheiro, fundador do CIDEF (Centro de Inovação para Deficientes), figura de grande dedicação e

⁵ Informações retiradas de <http://www.engenhariadereabilitacao.net/supera/premios.php>, consultado em 10 de Maio 2010

atuação na defesa do exercício da cidadania e integração social das pessoas em situação de dependência.

A Magic Eye⁶ é uma aplicação informática que permite que pessoas possam controlar o rato do computador apenas com os olhos, não exigindo que a cabeça esteja imóvel.

Utiliza uma câmara de alta definição para adquirir as imagens dos olhos do utilizador a uma frequência de 45 imagens por segundo. Através dessas imagens, com o programa desenvolvido de Processamento Digital da Imagem, é determinado o local do monitor para onde a pessoa está a olhar, o que permite controlar o movimento do cursor do rato.

Permite ter uma precisão do movimento do rato suficiente para fechar uma janela do Windows com uma resolução gráfica do ecrã de 1024*768 pixéis.

Depende essencialmente das capacidades e interesse da pessoa. Nestes casos extremos o mais importante é estabelecer uma forma de comunicação com os familiares, amigos ou mesmo com o pessoal médico. Para tal esta aplicação é fornecida conjuntamente com uma outra aplicação que permite estabelecer essa forma de contacto não obrigando a pessoa a ter quaisquer conhecimentos prévios de informática.

Pessoas paralisadas que tenham a capacidade de mexer os olhos. Tipicamente referem-se os seguintes grupos: pessoas com esclerose lateral amiotrófica em estados muito avançados da doença; pessoas em ambiente hospitalar vítimas de traumatismos que ficam imóveis durante um determinado período; pessoas vítimas de acidentes vasculares cerebrais que lhe afetaram as capacidades de fala e de movimentos.

É necessário um computador com uma porta USB 2.0 recomendando-se um CPU com uma velocidade mínima de 3.0 GHz.

A Magic Eye já está oficializada como Ajuda Técnica o que significa que poderá ser prescrita e financiada de acordo com as regras estabelecidas para a prescrição de ajudas técnicas⁷.

1.3.1.2. Desporto adaptado – *Boccia*

O *Boccia*⁸, atividade desportiva praticada pelo João, é uma modalidade paraolímpica específica para atletas com diagnóstico de paralisia cerebral.

⁶Informações retiradas em http://www.ipg.pt/magickey/magic_eye.asp, consultado em 15 de Maio 2010

⁷ Mais informações poderão ser encontradas em <http://www.ajudastecnicas.gov.pt/product.jsp?productID=590>, consultado em 12 de Maio de 2010

⁸ Pesquisa efetuada em <http://www.netcriativa.com/abls/index.php?page=2&id=5>, consultado em 17 de Maio de 2010

Os gregos e os romanos jogavam este jogo, com bolas em pele. O *Boccia* chegou mesmo a fazer parte dos jogos olímpicos dos gregos, como forma de divertimento, identificando-se como um jogo de "atirar bola ao ar".

Há também dados da introdução do jogo na costa florentina no séc. XVI pela aristocracia italiana mas tudo aponta no sentido de terem sido os romanos que trouxeram o jogo do sul de França na qual ainda hoje se pratica a conhecida petanca.

Assim durante séculos as pessoas juntaram-se nas ruas, nos parques, jardins para jogar *Boccia* sobre vários nomes: bochs, boulle, petanca, bowling e outros.

É um desporto coberto, com regras precisas, em que são lançadas pequenas bolas (parecidas com as bolas de bilhar) envolvidas com couro, com o objetivo de colocar o maior número de bolas da mesma cor (vermelhas ou azuis) junto da bola alvo (branca).

O *Boccia* tornou-se desporto para olímpico em 1984 nos Jogos de Nova Iorque. Participa-se individualmente, em pares ou em equipas de três; inicia-se o jogo, lançando a bola branca e os jogadores devem tentar aproximar dela o maior número de bolas da sua cor. Em cada jogo todos os desportistas lançam pelo menos uma vez a bola branca que marca o objetivo. Por isso os jogos constam de quatro a seis parciais, dependendo do número de participantes. Em consideração à vasta diversidade de incapacidades é um jogo que pode ser jogado com as mãos, os pés ou utilização de acessórios auxiliares (calhas) podendo também ser necessária a intervenção de ajudantes.

No intuito de transformar a competição mais equilibrada recorre-se ao agrupamento em classes: BC 1 BC 2 BC 3 BC 4.

Quanto à classificação desportiva, são classificados por classes: Classe BC 1- normalmente não é capaz de manipular a própria cadeira, geralmente têm dificuldades em alterar a sua posição, usam o tronco e/ou braço para executar o lançamento e apresentam dificuldades em agarrar e largar a bola; na Classe BC 2, normalmente é capaz de manipular a própria cadeira, controla o tronco com dificuldade em isolar o braço ao nível do ombro, apresentam capacidade no movimento de “pinça” mas lento, por vezes são capazes de executar marcha, mas muito instável, não necessitam de auxiliar/ajudante; na Classe BC 3, os atletas podem ter origem na PC ou não, normalmente não é capaz de manipular a própria cadeira, tem grande incapacidade funcional ao nível dos 4 membros, têm muitas dificuldades em lançar para além do “V”, normalmente usam meios auxiliares para lançar e segurar a bola, necessitam de auxiliar; na Classe BC 4, são os atletas com incapacidade severa ao nível dos 4 membros de origem não PC, as limitações ao nível da força, é compensado pelo movimento pendular do braço e possuem boa agilidade manual, Neuropatias Degenerativas Escleroses Múltiplas Lesões vértebra medulares acima de C5 e Spina Bífida com envolvimento dos braços. Os primeiros sinais de existência deste jogo remontam a alguns séculos antes de Cristo, a um túmulo de um jovem faraó egípcio onde

foram descobertas 2 bolas de pedra um pouco maiores que as bolas de ténis, próximas de uma bola mais pequena que deveria ser usada como bola alvo.

2. Enquadramento Metodológico

2.1. Caracterização do projeto

O Trabalho de Projeto apresentado decorre de uma intervenção no terreno, que teve como base metodológica a investigação-ação. Foi escolhida esta modalidade, por se ter considerado que era a que mais se adequava ao estudo a realizar.

Este projeto assenta na intervenção no seio de uma turma do 8º ano de escolaridade e tem, como pretensão, maximizar a inclusão escolar do grupo alvo. Não esquecendo que a investigação-ação é uma metodologia de investigação, que pode ser genericamente entendida, no contexto da formação de professores e da promoção do seu desenvolvimento profissional,

como uma estratégia de questionamento autorreflexivo, sistemático e científico feito pelos próprios para melhorar a prática, visando sempre a melhoria da ação (Mckernan, 1996, p.5)

A metodologia seguida orienta-se no sentido da melhoria das práticas, mediante a mudança e a aprendizagem a partir das consequências dessas mudanças. Permite ainda a participação de todos os implicados e desenvolve-se em quatro etapas: a planificação, a ação, a observação e finalmente a reflexão. É, portanto, um processo de aprendizagem orientado para a ação, submetida à prova, permitindo dar uma justificação a partir do trabalho, mediante uma argumentação desenvolvida, comprovada e cientificamente examinada. Nas palavras de Sanches (2005),

Esta maneira de agir do professor, muito próxima da investigação-ação, do professor reflexivo (Zeichner, 1993), do professor investigador, investigador da sua sala de aula (Estrela, 1986, Teodoro, 2001), vai desencadear uma atitude reflexiva e crítica sobre o ensino/aprendizagem e sobre as condições do processo de aprendizagem, não permitindo a tão criticada “educação bancária”, na expressão de Paulo Freire (p.132).

Os objetivos a alcançar assentam essencialmente na procura de pistas de intervenção para o desenvolvimento e consolidação de uma sociedade mais inclusiva, preparando os alunos, com ou sem limitações, para serem cidadãos ativos e produtivos no contexto escolar e desenvolvendo competências que lhes garantam também uma futura inclusão social.

Na prática, e no caso específico em estudo, o que se pretendeu, foi realizar o levantamento das praxis implementadas em contexto escolar e familiar, refletir sobre essas medidas, já adotadas, e verificar se proporcionam e facilitam um ambiente inclusivo e facilitador de aprendizagens para todos.

Conhecer e compreender os contextos onde a criança/jovem interage é importante para o sucesso de todo o processo, nas nossas escolas a perspetiva sistémica e ecológica, a articulação comunidade/escola/família/aluno é fundamental para que a intervenção delineada seja levada a cabo e que o sucesso seja garantido (Ferreira et al. 2000).

As características individuais da criança tem de ter sempre presente as características do meio familiar, comunitário, escolar, assim como, os recursos humanos, valores culturais, organização social, recursos económicos, condições geográficas e de carácter urbanístico a que aquela criança/jovem tem acesso.

A avaliação das mesmas medidas e quais as alterações a realizar, de forma a dar continuidade às medidas inclusivas já tomadas, ou caso necessário avançar com práticas, estratégias e recursos, a fim de abrir as portas ao prosseguimento dos estudos a todos os alunos e ao João em particular, o caso emergente do grupo, de forma a permitir o desenvolvimento da autonomia, da socialização, das atitudes e práticas educativas e a introdução de equipamentos na área das tecnologias de apoio no contexto sala de aula. Segundo Sanches (2005),

Uma metodologia centrada na Investigação-ação permite-nos operacionalizar uma diferenciação curricular e pedagógica inclusiva ao invés de uma diferenciação que retoma e reforça a uniformidade, a exclusão. (p.140)

2.2. Problemática e questão de partida

A turma alvo, deste projeto, mantém-se desde o 1º ciclo de escolaridade, com exceção de dois alunos que foram transferidos para outras escolas, mas, cujos lugares foram preenchidos com a entrada de dois alunos no 7º ano de escolaridade, os alunos 12 e 21.

É, por muitos, considerada a turma que tem melhores resultados escolares e com comportamentos mais assertivos (Anexo 8), o que segundo alguns professores, se deve, ao facto, de se manterem juntos desde o 1º ciclo e ao facto da continuidade dos professores do conselho de turma, nos vários anos de escolaridade (Anexo 8).

Após a avaliação e da reflexão das práticas adotadas, há que verificar se existem as condições para o desenvolvimento de competências relacionadas com a autonomia, competências académicas e socialização. O grupo/turma tem um aluno com necessidades educativas especiais, com paralisia cerebral, ao abrigo do decreto-lei 3/2008 de 2008, nas seguintes medidas educativas: Artigo 16º, Adequações do processo de ensino e de aprendizagem nas medidas a) Apoio Pedagógico acrescido; b) Adequações curriculares individuais; d) Adequações no processo de avaliação; f) Tecnologias de apoio.

Tem usufruído, de apoio especializado fora da sala de aula e de tutoria, e em forma de apoio educativo dentro da sala de aula, principalmente nas disciplinas de Geografia e Ciências Físico-Químicas. O apoio, por parte da Professora de Educação Especial, prestado na sala de aula, tem também como objetivo conhecer, avaliar e refletir sobre a funcionalidade da turma e do João nos diferentes contextos e atividades, para que, após a avaliação, melhor se possa intervir e alterar recursos, estratégias e procedimentos. É-lhe prestado também apoio, em contexto de sala de aula, na realização das provas de avaliação, o que lhe permite terminar ao mesmo tempo que os restantes colegas da turma, provas estas que deverão ser adaptadas. Tal como defendem Figueiredo e Sanches (2010):

As adequações no processo de avaliação contemplam uma avaliação diferenciada, a nível de tempo e dos instrumentos. Estes podem conter textos ou enunciados mais curtos ou de resposta curta, de verdadeiro/falso, respostas por associação e questões de escolha múltipla. As respostas podem ser ditadas contornando-se o problema da morosidade na realização da escrita (p.64).

Desenvolve também competências ao nível da sua autonomia que lhe têm possibilitado reforçar a sua autoestima e autoconfiança, nomeadamente ao nível da sua higiene e arranjo pessoal, nas deslocações pelo espaço escolar e idas à casa de banho e na alimentação. No relatório circunstanciado, elaborado no final de ano transato, é proposto, para o ano letivo 2009/2010, que continue a fazer o seu processo de inclusão escolar, numa turma de contingente reduzido, deve continuar a frequentar todas as disciplinas/áreas curriculares não disciplinares do seu plano de estudo inserido na sua turma e deve usufruir do apoio de um professor assistente, na sala de aula, sobretudo nas áreas das expressões – Educação Visual, Educação Tecnológica, Educação Musical e Educação Física, uma vez que estas disciplinas têm uma forte componente prática, e cujas atividades o aluno não consegue concretizar sem um apoio individualizado permanente. Nas restantes disciplinas, o apoio deverá assumir uma forma mais pontual e deve ser prestado pela professora de educação especial, outro professor ou pela assistente operacional que acompanha o aluno, de acordo com as características das disciplinas e a natureza dos trabalhos em curso (Anexo12).

O aluno, na sala de aula, tem ao seu dispor uma mesa de trabalho, com um tapete antiderrapante, onde se coloca uma tábua recortada de forma a encaixar o manípulo, com o qual o aluno acede ao teclado de um computador portátil com o programa GRID instalado, o que permite o acesso ao computador sem o recurso ao rato ou o teclado manual (Imagem1). Os teclados virtuais deste programa podem ser acedidos através do rato ou de um dispositivo apontador – *tracker*, *trackball* - ou

manípulos por processos de varrimento. O programa contém ainda um sintetizador de voz em português, um *Media Player*, um DVD, um navegador de internet com acesso direto ao correio eletrónico e ao *Skype*. Permite ainda controlar outros programas inseridos no computador.

O aluno considera o equipamento lento e diz não lhe dar a velocidade necessária para acompanhar o ritmo de trabalho da turma (Anexo 8) e sempre que pode e o deixam escreve com o nariz, o que prejudica muito a sua saúde, nomeadamente a coluna, o que já levou ao desenvolvimento de uma escoliose grave e a outros problemas de saúde graves (Anexos 8 e 12).

As pessoas com disfunções neuro motoras têm muitas vezes dificuldade em aceder ao computador através das interfaces mais vulgares: o rato e o teclado. Nestas situações é sempre dada ênfase especial à área das tecnologias de apoio, assim como aos métodos e ferramentas pedagógicas que poderão facilitar, no caso de pessoas em idade escolar, a inclusão dos alunos permitindo-lhe uma participação ativa e qualitativamente mais eficaz nas atividades escolares.

As nossas escolas, apetrechadas com equipamentos informáticos, quadros interativos, computadores, só se tornam uma realidade válida, se os docentes que estão nas mesmas escolas tiverem acesso a formação, para que possam utilizar, no dia-a-dia da sala de aula, com as suas turmas, esses recursos.

A utilização das tecnologias de informação e comunicação é encarada como um meio facilitador da concretização curricular dos alunos com necessidades educativas especiais, visando-se, com a mesma, a consecução de dois objetivos, aumentar a eficiência dos alunos no desempenho de tarefas académicas, ou do dia-a-dia e desenvolver capacidades para aceder e controlar tecnologias com determinado nível de realização.

Perante o exposto, cabe-nos formular a seguinte questão: Como dinamizar o Conselho de turma, os alunos e as famílias para promover a interação, a autonomia, a participação e as aprendizagens de todos e de cada um dos alunos da turma?

2.3. Objetivos gerais do Trabalho de Projeto

A intervenção realizada neste Trabalho de Projeto, assenta nos princípios da inclusão no contexto escolar, nas salas de aula e nos restantes espaços da escola. Referindo Sanches (2005), passamos a citar:

A Agência Europeia para o desenvolvimento da educação das pessoas com necessidades educativas especiais, depois de uma investigação, tendo por base estudos de caso realizados em quinze países e de uma visita de peritos a tantos outros, apresenta exemplos de estratégias que podem ser postas em prática para construir classes mais inclusivas: o trabalho cooperativo, a intervenção em parceria, a aprendizagem com os pares, o agrupamento heterogéneo e o ensino efetivo. Tudo isto para se fazer uma verdadeira pedagogia diferenciada (p.132).

No âmbito desta investigação, há que procurar estratégias a desenvolver com o grupo/turma alvo e que deem respostas à situação emergente: o aluno 9 [João] e o desenvolvimento da sua autonomia no contexto escolar (intervalos, refeições, higiene e sala de aula); conseguir fazer com que este aluno interaja com os outros e se desloque na escola sem medos e receios. Ganhe autoconfiança nas suas potencialidades e consiga, por exemplo, subir e descer escadas sem a supervisão de um adulto, consiga estar no recreio, o que segundo os relatórios das terapeutas que acompanham o aluno são situações importantes para o desenvolvimento saudável do João (Anexo 18, 19).

Na sala de aula, pretende-se que seja melhorada a funcionalidade do grupo, tornando-o mais autónomo no acompanhamento das aprendizagens desenvolvidas, com a entrada das tecnologias de apoio adequadas [MyTobii]. Os alunos devem realizar as suas aprendizagens, num ambiente de cooperativismo e partilha. Temos de cortar em definitivo com a segregação, citando Sanches (2005):

Todos nós fomos protagonistas ou testemunhas da construção de estratégias paralelas ao ensino regular (realizadas diga-se com grande convicção), no sentido de recuperar os considerados menos capazes. Disso são exemplo os grupos de nível, os currículos alternativos, os territórios de intervenção prioritária, o ensinam/a educação especial... Todas estas medidas, implementadas ao nível do sistema ou da sala de aula, têm servido para legislar a uniformidade do sistema no sentido de cumprir os seus objetivos que, embora diferentes de época para época, discriminam negativamente os seus públicos, de acordo com os respetivos objetivos (p.133).

Há, por isso, que criar na sala de aula um ambiente mais inclusivo, onde todos os alunos partilhem saberes e aprendizagens, contribuindo para a construção da escola inclusiva, corroborando com Sanches (2005):

A diferenciação que inclui não é, por exemplo, dar um teste diferente a um aluno porque ele não domina as questões que são postas para os outros, não é usar o livro do 2º ano quando ele está matriculado num 4º ano e os seus colegas fazem os exercícios do respetivo ano, não é fazer um desenho enquanto os seus colegas fazem uma ficha de matemática, não é o aluno trabalhar com a professora de apoio, dentro ou fora da sala de aula, em actividades que não têm nada a ver com as que estão a ser desenvolvidas pelo seu grupo turma. Não é, certamente, a professora de apoio “colar-se” ao aluno, dando origem a frases como esta: “Zé, olha, vem aí a tua professora” (p.133).

Têm, assim, de ser criadas as condições na turma para que todos os alunos aprendam juntos, num ambiente de ajuda e partilha e promotor de aprendizagens.

Contudo, o programa de intervenção deve extravasar o contexto escolar, devendo ser alargada a outros ambientes, como o familiar. Nesta perspetiva, é também objetivo desta investigação, avaliar todas as aquisições que o grupo consegue alcançar em todos os ambientes em que está inserido e não apenas na escola, de forma a construir-se o seu perfil de funcionalidade.

Desta forma, o processo de avaliação não se limita à comunidade escolar, mas deve englobar os pais, familiares próximos, técnicos, médicos e colegas. Todos eles devem contribuir na planificação da intervenção a pôr em prática, no estabelecimento das prioridades e na avaliação, de forma a fazerem-se as adequações ao programa que se revelem necessárias ao longo da intervenção.

A preocupação, nesta fase, incide na urgência do aluno ganhar uma maior autonomia e independência pessoal, tendo em vista a continuidade dos estudos no ensino secundário, uma vez que é um aluno intelectualmente muito bom (Anexo8). O desejo da família e do aluno remete para a continuação dos estudos até à entrada para o ensino superior, para um curso de Engenharia Informática (Anexos 6). Há, então, que criar as condições, para que o aluno desenvolva competências relacionadas com os níveis de autonomia, nomeadamente maior interação com os jovens da mesma idade fora da sala de aula e uma maior autonomia na sala de aula, na realização e acompanhamento das tarefas propostas pelos professores, não esquecendo a ajuda do novo equipamento informático, passando, também, pela saída gradual da assistente operacional e da professora de educação especial da sala de aula, tornando o grupo/turma mais inclusivo, a funcionar seguindo os princípios que norteiam a educação inclusiva Sanches (2005):

- As decisões a tomar são da responsabilidade dos intervenientes no processo educativo, o que os responsabiliza e mobiliza mais facilmente;
- As pessoas implicadas tornam-se mais autónomas na tomada de decisões em relação ao trabalho a desenvolver;
- Os professores tornam-se mais reflexivos, o que lhes permite um maior exercício da criatividade;
- Os alunos são parte ativa do processo, o que os dinamiza e otimiza o seu desempenho;
- A escola e os professores tornam-se mais abertos à mudança, à inovação educativa (p.139).

É importante partilhar as conclusões a que se chega num projeto de investigação/ação, onde se procuram respostas e atitudes interventivas para uma maior flexibilização curricular no contexto sala de aula com crianças/alunos em situação de deficiência, neste caso, nas problemáticas motora e de linguagem e fala. Moreira (2001,citado por Sanches, 2005) refere:

A dinâmica cíclica de ação-reflexão, própria da investigação-ação, faz com que os resultados da reflexão sejam transformados em *praxis* e esta, por sua vez, dê origem a novos objetos de reflexão que integram, não apenas a informação recolhida, mas também o sistema apreciativo do professor em formação. É neste vaivém contínuo entre ação e reflexão que reside o potencial da investigação-ação enquanto estratégia de formação reflexiva, pois o professor regula continuamente a sua ação, recolhendo e analisando informação que vai usar no processo de tomada de decisões e de intervenção pedagógica (p.129).

É, também, importante encontrar caminhos inclusivos, que levem a uma realidade escolar cada vez mais aberta e sensível à diferença, ajudar na construção de uma escola que dê oportunidades a todos os que a frequentam. Levar a que o conselho de turma se sinta sensibilizado e responsável pelas medidas a adotar e definidas nas reuniões realizadas, e que numa dinâmica de ação-reflexão se encontrem as práticas que deem as melhores respostas ao grupo com quem trabalham.

O grupo tem de sentir que é parte ativa da intervenção e que está plenamente envolvido no processo e que sem o seu envolvimento o processo não resulta. Para Sanches (2011):

Numa escola inclusiva só pode existir uma educação inclusiva, uma educação em que a heterogeneidade do grupo não é mais um problema mas um grande desafio à criatividade e ao profissionalismo dos profissionais da educação, gerando e gerindo mudanças de mentalidades, de políticas e de práticas educativas (p.41).

2.4. Técnicas e instrumentos de pesquisa de dados

A natureza qualitativa da opção metodológica, seguida neste estudo com a pretensão de ter um carácter fortemente interventivo, é a que melhor se adequa, pois possibilita uma análise dos resultados obtidos através dos instrumentos de recolha de dados que foram utilizados, a entrevista, a sociometria, a observação naturalista e a pesquisa documental.

Os resultados, da análise da informação das técnicas e instrumentos de pesquisa de dados, permitem conhecer o grupo/turma, de forma a conseguir-se de alguma forma intervir ao nível da inclusão de todos os alunos.

2.5.1. Procedimento para recolha e análise de dados

2.5.1.1. A entrevista

As entrevistas foram subordinadas a um guião de entrevista em que se pretende obter informações sobre o funcionamento da turma em ambiente sala de aula e no

contexto escolar e encontrar indicadores de inclusão da turma em geral e do João, o caso emergente, na comunidade escolar.

Foi elaborado um guião para cada entrevista a realizar (Anexos 6,7,8,9,10,11), no sentido de proceder a uma entrevista semiestruturada, flexível ou semidirecta. Como defende Fox (1981)

O guião da entrevista serve como matriz dos temas a abordar. Ainda que enumere perguntas concretas, o entrevistador não está limitado a essa lista e tem liberdade para fazer perguntas complementares, para repetir outras, fazer rodeios, que resultem numa informação útil aos propósitos da investigação (p.607).

Foram identificados, para serem entrevistados, quatro indivíduos considerados de grande importância para o desenvolvimento da investigação: o João, a Encarregada de Educação do João, a Diretora de Turma e o Professor de Língua Portuguesa. Ao longo das entrevistas procedemos como defendem Pourtois e Desmet (1988)

Ouvindo atentamente a pessoa entrevistada, o entrevistador deverá facilitar a livre expressão, deverá motivar o entrevistado para que seja um discurso autêntico e deverá guiá-lo através das vias mais susceptíveis de fornecer informações sobre os objetivos de estudo (p.12).

Tentámos que os sujeitos exprimissem a sua opinião de modo informal, como refere Dias (1993),

pelo que a entrevista foi conduzida em função do discurso (p.181).

Através do diálogo prévio, os sujeitos foram informados dos objetivos da pesquisa, bem como da sua pertinência e também do anonimato das suas declarações. Foi também pedido aos entrevistados que a entrevista fosse gravada.

Os dados foram recolhidos em áudio e posteriormente revertidos em escrita, construindo-se o protocolo da entrevista (Anexos 6,7,8,9,10,11), obtendo-se um conjunto de informações que constituirão o suporte da parte prática deste estudo.

2.5.1.2. A Observação Naturalista

Relativamente à técnica da observação naturalista, Estrela (1994, cita Fraisse) diz ser a observação do comportamento dos indivíduos nas circunstâncias da vida quotidiana. Acrescentando, a mesma autora, que se trata de observar o comportamento e as interações à medida que vão acontecendo, presenciados pelo próprio observador.

Segundo Estrela (1986),

só a observação permite caracterizar a situação educativa à qual o professor terá de fazer face a cada momento (p.135).

O que significa que, por intermédio da percepção e da interpretação subjetiva do real, efetuadas pelo observador, podem ser identificadas as variáveis presentes e as

interações, providenciando o material para uma análise objetiva da situação e para a construção de uma consciência crítica de si mesmo e dos outros, na situação em questão.

O observador tem de definir critérios de observação e objetivos a atingir para conseguir organizar e dirigir a sua observação sobre o objeto escolhido. Assim, para realizar uma observação na área das Ciências da Educação e de carácter pedagógico, o observador/investigador deve contemplar três aspetos considerados essenciais: a delimitação do campo de observação (comportamentos, situações, tarefas, tempos e espaços de ação, comunicação entre os sujeitos, interações verbais e não verbais, etc.); a definição das unidades de observação, com a indicação do fenómeno a observar (escola, turma, recreio, aluno ou professor); e estabelecimento de sequências comportamentais, ou seja, o reportório dos comportamentos (Estrela, 1994).

A metodologia usada foi inspirada no modelo de observação de classes de Estrela (1994), onde o observador deve assumir um papel não participante, para que a sua presença não provoque uma influência sobre os fenómenos em estudo, alterando, assim o contexto.

As observações foram realizadas em contexto sala de aula e no intervalo tal como defende Estrela (1994), o observador assumiu um papel não participante. Foram registados todos os comportamentos, atitudes e inferências vividas, na sala de aula e no intervalo, durante pequenos períodos de tempo, não ultrapassando os vinte minutos dando assim corpo ao protocolo da observação (Anexos 12,13,14).

2.5.1.3. A sociometria e o teste sociométrico

O teste sociométrico é uma ferramenta de grande utilidade, que é usada há muito tempo no ensino para conhecer a natureza da turma enquanto grupo e as características individuais dos alunos, no que respeita a aspetos de relacionamento, integração, sociabilidade, etc. Consiste em pedir, a todos os membros de um grupo, que designem, entre os companheiros, aqueles com quem desejariam encontrar-se numa atividade bem determinada. Pode-se pedir igualmente que designem aqueles com quem preferiam não trabalhar.

Segundo Moreno (1987)

O teste sociométrico, porém, não é somente um instrumento de diagnóstico individual; o estudo das relações interpessoais pode ser igualmente frutuoso. Quando o critério das preferências e rejeições tem uma característica mais ou menos afectiva, não é difícil determinar as preferências recíprocas (relações de afinidade: simpatia, amizade), as rejeições recíprocas

(relações conflituais: rivalidade, ódio...) e as «relações de indiferença», se nos é permitida esta expressão (p.78).

A aplicação e análise deste teste vai permitir-nos obter indicadores preciosos, para que futuramente possamos, por exemplo, formar pequenos grupos de trabalho ou efetuar a distribuição pelas mesas da sala, distribuindo-os de forma heterogénea, tendo em conta as características de cada um, de maneira a que exista, o melhor ambiente de trabalho possível, para uma boa consolidação das aprendizagens.

Foram, assim, fornecidos questionários, na sala de aula aos alunos (Anexo 5) para serem preenchidos e posteriormente trabalhados, com os resultados tratados em matrizes sociométricas (Anexo 1,2,3,4), onde aparecem as escolhas e as rejeições a que foram sujeitos os alunos pelos respetivos colegas da turma.

3.Caracterização da situação inicial

3.1. O contexto escolar: O Agrupamento de Escolas E

3.1.1. Espaço físico e logístico

O Agrupamento de Escolas E, foi constituído por despacho, a dezassete de Dezembro de 1999 e engloba a Escola Básica nº1, a Escola Básica nº2, com Jardim de Infância e a Escola Sede de Agrupamento, a Escola Básica E.

Dada a grande área geográfica de influência da escola, esta dispõe de uma rede de transporte escolar, funciona em regime de desdobramento e não são lecionadas aulas ao Sábado nem em regime noturno.

A escola tem como patrono um político e jornalista nascido na região em 1830 e falecido em Lisboa em 1891, grande impulsionador da educação.

A escola é constituída por quatro pavilhões, três dos quais interligados, um pavilhão polidesportivo com balneários anexos e um campo polidesportivo exterior.

Existem na Escola diversos centros de interesse que proporcionam a ocupação dos tempos livres dos alunos, parque infantil; campo de jogo; pavilhão polidesportivo com espaço exterior polidesportivo, sala de convívio com bar e televisão e duas mesas de ping – pong (exteriores); telheiro com mesas de xadrez e damas; Sala de Estudo; Biblioteca / Centro de Recursos; Salas de Informática; Laboratório de Ciências Naturais e de Ciências Físico- Químicas;

A escola dispõe dos seguintes serviços: Secretaria, Apoio Social Escolar, Reprografia, Biblioteca Escolar/ Centro de Recursos Educativos, Sala de Estudo, Papelaria, Bar/Bufete e Refeitório.

O Agrupamento de escolas tem também os Serviços Especializados de Apoio Educativo, do qual fazem parte quatro docentes de Educação Especial e no Serviço de Psicologia está colocado um Psicólogo.

O quadro que se segue mostra-nos o número de alunos que frequenta cada nível de ensino:

Quadro nº5 - Os alunos

Ciclos de Ensino	Ano	Turmas	Nº de alunos
Ensino Pré-escolar	Ensino Pré-escolar	3	75
1º ciclo	1º/2º/3º/4º	10	227
2º ciclo	5º	7	172
	6º	8	189
	7º	6	118
	8º	3	57
	9º	4	80
Totais	-----	42	918

3.1.2. Recursos humanos

Quanto aos recursos humanos do agrupamento, no quadro que se segue podemos observar a distribuição dos docentes pelos vários anos de escolaridade:

Quadro 2 - Os docentes

Anos de escolaridade	Professores Quadro Escola	Professores Quadro Zona Pedagógica	Professores contratados	Total
Pré-escolar	2	1	-----	3
1º ciclo	9	3	-----	12
2º ciclo	42	2	2	46
3º ciclo	32	3	1	36
Total	85	9	3	97

No que diz respeito aos técnicos operacionais e administrativos que fazem parte dos quadros do agrupamento de escolas, podemos ver no quadro que se segue como é feita a distribuição:

Quadro 3 - Os Técnicos Operacionais e Administrativos

Técnicos Operacionais	24
Administrativos	9
Guarda-noturno	1

A Associação de Pais funciona como parceiro da Escola.

3.1.3 Dinâmica educativa

A turma alvo deste estudo frequenta a Escola Básica E, situada numa freguesia do concelho de Almada. Está inserida numa zona pouco diferenciada perto do Tejo e do Atlântico, a poucos quilómetros de Lisboa, sendo os agregados familiares dos alunos provenientes das mais variadas zonas do país e dos mais diversos extratos socioculturais e económicos.

O meio envolvente não oferece espaços culturais e recreativos significativos para a ocupação dos tempos livres dos jovens; desta forma, caberá à escola, na medida das suas possibilidades desenvolver esforços que contribuam para o enriquecimento da

população escolar através de atividades enquadradas no projeto educativo, como diz o mesmo Projeto Educativo do Agrupamento Vertical de Escolas E (2007).

No Agrupamento Vertical de Escolas E, há muito que nos consciencializámos que todos os que nos rodeiam têm necessidades. Essas necessidades são genuínas, existem pela própria natureza do ser humano e como a vida em sociedade é uma das vertentes mais complexa, mas também a mais interessante e compensadora que o Homem pode ter, devemos estar muito atentos a tudo o que a determina (p.5).

É nesta área que todos temos as nossas responsabilidades, em ajudar os outros a conseguirem entender e descobrir, que para termos um rumo na vida, temos que passar por muitas experiências. Pode ler-se no Projeto Educativo do Agrupamento (PEA), que “estas têm que ser todas encaradas como experiências boas e devem ficar guardadas numa “caixa colorida”, nunca numa “caixa negra”, mesmo que nos façam sofrer, sentir menos confortáveis ou mesmo desajustados a esta ou aquela situação.”

Esses aspetos não poderão nunca ser precursores de tomadas de decisão menos apropriadas e aquilo que tentaremos sempre fazer com os nossos alunos, é dar-lhes uma visão positiva de tudo aquilo que nos acontece e daquilo que lutamos para nos acontecer, como documenta o PEA:

Percebendo que “Todos Juntos” somos muito fortes e temos muita importância no desenvolvimento de cada um, “um” que fará toda a diferença quando quiser melhorar o “Mundo na Escola” a construção do Projeto Educativo da nossa Escola, visa fundamentalmente um sucesso educativo adequado e moderno, numa sociedade em que cada vez mais se torna imprescindível perspetivar e preparar o Homem do futuro. Desta forma, “Todos Juntos somos um Mundo na Escola” será a grande linha orientadora deste projeto, no sentido em que entendemos que numa Escola bem vivida, o futuro será muito mais risonho (p.6).

3.2.O grupo/turma

3.2.1.Caracterização estrutural

A turma é constituída por vinte e um alunos.

Podemos caracterizar os elementos que constituem o grupo em estudo, neste projeto, como tendo uma média de treze anos de idade, sendo que o nível etário mais elevado é quinze anos (1 aluno) e o mais baixo treze (19 alunos).

Há doze alunos do sexo feminino e nove do sexo masculino. Foi nomeado um delegado e um subdelegado de turma.

Fazem parte da turma duas alunas de origem brasileira, a 3 e a 19.

Quanto a retenções, temos o 12, com duas retenções no seu percurso escolar, uma no 2º ano e outra no 4º ano de escolaridade.

No quadro que se segue é apresentado o horário da turma alvo deste estudo:

Quadro 4 - Horário da turma

Tempos	2ª feira		3ª feira		4ª feira		5ª feira		6ª feira	
	Disciplin a	Sala	Disciplin a	Sala	Disciplin a	Sala	Disciplin a	Sala	Disciplin a	Sala
8:15/9:00	Mat	106	CFQ C Nat	210- L 216- L	EA	208	Port	106	Port	106
9:00/9:45	Mat	106	CFQ C Nat	210- L 216- L	EA	208	Port	106	Port	106
10:05/10:50	Ing	106	CFQ C Nat	210- L 216- L	Ing	208	EV1	214	Franc	106
10:50/11:35	Ing	106	CFQ C Nat	210- L 216- L	Ing	208	EV1	214	Franc	106
11:45/12:30	F Cívica	106	Mat	218- E	Mat	215	Geograf ia	106	Ed. F.	Gin
12:30/13:15	Ed. Física	Gin			Mat	215	Geograf ia	106	Ed. F.	Gin
13:30/14:15			AP	102- TI						
14:15/15:00			AP	102- TI						
15:10/15:55					EA	110-E				
15:55/16:40					EA	110-E				
17:00/17:45										
17:45/18:30										

Após a reunião intercalar, realizada no primeiro período, fez-se uma breve caracterização dos alunos que constituem a turma, a qual é apresentada no quadro seguinte, para que se fique com uma ideia das principais características dos alunos:

Quadro 5-Breve caracterização dos alunos

Alunos	Situação
1	Aluna interessada e trabalhadora. Aproveitamento bastante satisfatório.
2	A aluna revela interesse, cumpre as tarefas propostas, realiza regularmente os trabalhos de casa, sendo assídua e pontual. Nível inferior a três à disciplina de Matemática.
3	Revelou algum interesse. Deve trabalhar mais para superar as suas dificuldades. Aproveitamento satisfatório. Nível inferior a três à disciplina de Educação Musical.
4	A aluna apreende e aplica corretamente os conteúdos, demonstrando hábitos de trabalho. É participativa e interessada, revelando algumas dificuldades na aquisição de novas aprendizagens. Aproveitamento satisfatório.
5	A aluna revela algumas dificuldades na expressão oral e muitas na expressão escrita, mostrando igualmente algumas dificuldades na aplicação dos

	conhecimentos em novas situações. Deve estar mais atenta, conversar menos nas aulas e trabalhar com mais regularidade. Aproveitamento satisfatório. Nível inferior a três à disciplina de Inglês.
6	A aluna é assídua e pontual. Revela algum interesse e cumpre as tarefas propostas. Revela ausência de alguns conhecimentos anteriores indispensáveis à compreensão dos conteúdos lecionados. Deve trabalhar mais e com mais regularidade. Aproveitamento pouco satisfatório. Níveis inferiores a três às disciplinas de Inglês, Matemática e Educação Musical.
7	A aluna apreende e aplica corretamente os conteúdos, demonstrando hábitos de trabalho. Aproveitamento e comportamento muito bom. É interessada e participativa.
8	Revelou algum interesse. Deve trabalhar mais para superar as suas dificuldades. Aproveitamento satisfatório. Nível inferior a três à disciplina de Língua Portuguesa.
9	É assíduo e pontual. É muito interessado, apesar das suas dificuldades motoras. Cumpre as tarefas propostas. O seu comportamento é satisfatório e revela muito interesse em participar nas tarefas solicitadas. É avaliado ao abrigo do Decreto-lei 3 de 2008.
10	Aproveitamento bastante satisfatório, devendo no entanto melhorar a sua concentração. Manifesta um raciocínio rápido ao mesmo tempo que contribui, com as suas intervenções, para um clima de boa disposição.
11	O aluno é interessado e participativo. Realizou um trabalho regular, embora nem sempre esteja atento. Deve trabalhar com mais frequência. Aproveitamento satisfatório.
12	O aluno revela muitas dificuldades na expressão oral e escrita, bem como na aplicação dos conhecimentos em novas situações. Aproveitamento pouco satisfatório. Níveis inferiores a três às disciplinas de Língua Portuguesa, Inglês, Francês, Geografia e Educação Física.
13	A aluna apreende e aplica corretamente os conteúdos, demonstrando hábitos de trabalho. Aproveitamento e comportamento bom. É interessada e participativa.
14	O aluno é interessado e participativo. Deve continuar a trabalhar com regularidade e estar mais concentrado nas aulas. Aproveitamento satisfatório. Níveis inferiores a três às disciplinas de Inglês e Francês.
15	O aluno apreende e aplica corretamente os conteúdos, demonstrando hábitos de trabalho. Aproveitamento e comportamento bastante satisfatórios. É interessado e participativo.
16	É assídua e pontual. É interessada, trabalhadora embora converse bastante. É responsável. Deve participar mais moderadamente na aula e ser mais oportuna nas suas intervenções para com os professores e colegas. Aproveitamento satisfatório.
17	O aluno revelou interesse e um aproveitamento satisfatório. Deve continuar a trabalhar.
18	O aluno é interessado e participativo. Deve continuar a trabalhar com regularidade. Aproveitamento satisfatório.
19	O aluno apreende e aplica corretamente os conteúdos, demonstrando hábitos de trabalho. Aproveitamento bom e comportamento bastante satisfatórios. É interessado e participativo.
20	É assíduo e pontual. Revela capacidades que não aproveita por falta de empenho e trabalho. É muito conversador, distraíndo-se com muita facilidade. O seu aproveitamento é satisfatório.
21	É assíduo e pontual. Revela um comportamento muito introvertido, o que dificulta a sua participação na sala de aula e o relacionamento com os pares.

O quadro, que se segue, apresenta a situação escolar dos alunos, com base nas informações dadas pelos professores, na reunião de avaliação do 2º período:

Quadro 6 – Caracterização dos alunos – 2º período

Alunos	Situação
1	Aluna interessada e trabalhadora. Aproveitamento bastante satisfatório.
2	A aluna revela interesse, cumpre as tarefas propostas, realiza regularmente os trabalhos de casa, sendo assídua e pontual.
3	A aluna revela algum interesse. Deve trabalhar mais para superar as suas dificuldades. Aproveitamento satisfatório. Nível inferior a três à disciplina de Matemática.
4	A aluna adquire e aplica corretamente os conteúdos, demonstrando hábitos de trabalho. É participativa e interessada, revelando algumas dificuldades na aquisição de novas aprendizagens. Aproveitamento satisfatório.
5	A aluna revela dificuldades na expressão oral e escrita, mostrando igualmente algumas dificuldades na aplicação dos conhecimentos em novas situações. Deve estar mais atenta, conversar menos nas aulas e trabalhar com mais regularidade. Aproveitamento não satisfatório. Nível inferior a três à disciplina de Francês, Geografia e Ciências Físico-Químicas.
6	A aluna revela algum interesse e cumpre as tarefas propostas. Deve trabalhar mais e com mais regularidade. Aproveitamento satisfatório. Nível inferior a três à disciplina de Inglês.
7	A aluna adquire e aplica corretamente os conteúdos, demonstrando hábitos de trabalho. Aproveitamento e comportamento muito bom. É interessada e participativa.
8	O aluno é pouco interessado. Deve trabalhar mais para superar as suas dificuldades. Aproveitamento satisfatório. Nível inferior a três à disciplina de Francês.
9	É interessado, apesar das suas dificuldades motoras. Nem sempre cumpre as tarefas propostas. O seu comportamento é satisfatório e revela muito interesse em participar nas tarefas solicitadas. É avaliado ao abrigo do Decreto-lei 3 de 2008.
10	Aproveitamento bastante satisfatório, devendo no entanto melhorar a sua concentração. Deve cumprir regularmente com as tarefas propostas. Manifesta um raciocínio rápido ao mesmo tempo que contribui, com as suas intervenções, para um clima de boa disposição.
11	O aluno é interessado e participativo. Realiza um trabalho regular, embora nem sempre esteja atento. Deve trabalhar com mais regularidade. Aproveitamento satisfatório. Nível inferior a três à disciplina de Educação Musical.
12	O aluno revela muitas dificuldades na expressão oral e escrita, bem como na aplicação dos conhecimentos em novas situações. Aproveitamento pouco satisfatório. O aluno deverá esforçar-se mais e realizar as tarefas propostas de modo a melhorar o seu aproveitamento. Níveis inferiores a três às disciplinas de Inglês, Francês e Ciências Físico-Químicas.
13	A aluna adquire e aplica corretamente os conteúdos, demonstrando hábitos de trabalho. Aproveitamento e comportamento bom. É interessada e participativa.
14	O aluno é interessado e participativo. Deve continuar a trabalhar com regularidade e estar mais concentrado nas aulas. Aproveitamento satisfatório. Níveis inferiores a três às disciplinas de Inglês e Francês.
15	O aluno apreende e aplica corretamente os conteúdos, demonstrando hábitos de trabalho. Aproveitamento e comportamento muito satisfatórios. É interessado e participativo.
16	É interessada, trabalhadora embora converse bastante. É responsável. Deve participar mais moderadamente na aula e ser mais oportuna nas suas intervenções

	para com os professores e colegas. Aproveitamento satisfatório.
17	O aluno revelou interesse e um aproveitamento satisfatório. Deve continuar a trabalhar.
18	O aluno é interessado e pouco participativo. Deve continuar a trabalhar com regularidade. Aproveitamento satisfatório.
19	O aluno adquire e aplica corretamente os conteúdos, demonstrando hábitos de trabalho. Aproveitamento bom e comportamento bastante satisfatórios. É interessado mas deverá ser mais participativo.
20	O aluno é muito conversador, distraíndo-se com muita facilidade. O seu aproveitamento é pouco satisfatório. Níveis inferiores a três às disciplinas de Inglês e História.
21	O aluno deve participar mais nas aulas. Deve continuar a trabalhar.

No quadro que se segue podemos verificar a situação escolar dos alunos, com uma breve caracterização, realizada pelos professores da turma, na reunião de avaliação do 3º período, após a intervenção realizada:

Quadro 7 – Caracterização dos alunos – 3º período

Alunos	Situação
1	Aluna interessada e trabalhadora. Aproveitamento muito bom. A aluna transitou de ano.
2	A aluna revelou algum interesse, nem sempre cumpriu todas as tarefas propostas mas realizou regularmente os trabalhos de casa, sendo assídua e pontual. Nível inferior a três a Matemática. A aluna transitou de ano.
3	A aluna revelou algum interesse. Aproveitamento satisfatório. A aluna transitou de ano.
4	A aluna adquiriu e aplicou corretamente os conteúdos, demonstrando hábitos de trabalho. Foi participativa e interessada, revelando algumas dificuldades na aquisição de novas aprendizagens. Aproveitamento satisfatório. A aluna transitou de ano.
5	A aluna revelou dificuldades na expressão oral e escrita, mostrando igualmente algumas dificuldades na aplicação dos conhecimentos em novas situações. Deve estar mais atenta, conversar menos nas aulas e trabalhar com mais regularidade. Nível inferior a três à disciplina de Francês. A aluna transitou de ano.
6	A aluna revelou algum interesse e cumpriu as tarefas propostas. Deve trabalhar mais e com mais regularidade. Aproveitamento satisfatório. Nível inferior a três à disciplina de Inglês. A aluna transitou de ano.
7	A aluna adquiriu e aplicou corretamente os conteúdos, demonstrando hábitos de trabalho. Aproveitamento e comportamento muito bons. É interessada e participativa. A aluna integra o Quadro de Excelência. A aluna transitou de ano.
8	O aluno pouco participativo. Deve trabalhar mais para superar as suas dificuldades. Aproveitamento satisfatório. O aluno transitou de ano.
9	Aluno interessado, apesar das suas dificuldades motoras. Nem sempre cumpriu as tarefas propostas. Comportamento satisfatório tendo revelado muito interesse em participar nas tarefas solicitadas. O aluno está abrangido pelo Decreto-Lei 3/2008. O aluno transitou de ano.
10	Aproveitamento bastante satisfatório, devendo, no entanto, melhorar a sua concentração. Deve cumprir regularmente as tarefas propostas. Manifestou um raciocínio rápido ao mesmo tempo que contribuiu, com as suas intervenções, para um clima de boa disposição. O aluno transitou de ano.
11	O aluno interessado e participativo. Realizou um trabalho regular, embora nem sempre estivesse atento. Deve trabalhar com mais regularidade. Aproveitamento satisfatório. Nível inferior a três à disciplina de Educação Musical. O aluno transitou

	de ano.
12	O aluno revelou muitas dificuldades na expressão oral e escrita, bem como na aplicação dos conhecimentos em novas situações. Aproveitamento pouco satisfatório. Níveis inferiores a três às disciplinas de Inglês, Francês. Melhorou o relacionamento com os pares dentro e fora da sala de aula. Transitou de ano.
13	A aluna adquiriu e aplicou corretamente os conteúdos, demonstrando hábitos de trabalho. Aproveitamento muito bom e comportamento satisfatório. Revelou interesse e foi muita participativa. A aluna transitou de ano.
14	O aluno interessado e participativo. Deve continuar a trabalhar com regularidade e estar mais concentrado nas aulas. Aproveitamento satisfatório. Nível inferior a três à disciplina de Francês. O aluno transitou de ano.
15	O aluno apreendeu e aplicou corretamente os conteúdos, demonstrando hábitos de trabalho. Aproveitamento e comportamento muito satisfatórios. É interessado e participativo. O aluno transitou de ano.
16	A aluna revelou algum interesse embora conversadora. Deve participar moderadamente na aula e ser mais oportuna nas suas intervenções para com os professores e colegas. Aproveitamento satisfatório. A aluna transitou de ano.
17	O aluno revelou interesse e um aproveitamento satisfatório. O aluno transitou de ano.
18	O aluno interessado mas pouco participativo. Aproveitamento satisfatório. O aluno transitou de ano.
19	O aluno adquiriu e aplicou corretamente os conteúdos, demonstrando hábitos de trabalho. Aproveitamento bom e comportamento bastante satisfatório. Revelou interesse mas deverá ser mais participativo. O aluno transitou de ano.
20	O aluno é muito conversador, distraindo-se com muita facilidade. O seu aproveitamento é satisfatório. O aluno transitou de ano.
21	O aluno melhorou a participação na sala de aula. Deve trabalhar mais para superar as suas dificuldades. Aproveitamento pouco satisfatório. O aluno transitou de ano.

No quadro seguinte, aparecem os alunos subsidiados pelo Apoio Social Escolar (ASE), no escalão A e B:

Quadro 8 - Alunos subsidiados pelo ASE

Escalão	N.º dos alunos	Total de alunos
A	12,16,20	3
B	18,19	2

3.2.2. Caracterização da dinâmica da turma

Segundo dados recolhidos no Projeto Curricular de Turma alvo deste estudo

No quadro do desenvolvimento da autonomia das escolas, estabelece-se que as estratégias de desenvolvimento do currículo nacional, visando adequá-lo ao contexto de cada escola, deverão ser objeto de um projeto curricular de escola, concebido, aprovado e avaliado pelos respetivos órgãos de administração e gestão, o qual deverá ser

desenvolvido, em função do contexto de cada turma, num projeto curricular de turma, concebido, aprovado e avaliado pelo professor titular de turma, ou pelo conselho de turma consoante os ciclos. Decreto-Lei 6/2001 de 18 de Janeiro (Preâmbulo).

O Projeto Curricular da Turma visa, assim,

a promoção do sucesso escolar dos alunos, apoiada em estratégias interdisciplinares de superação de dificuldades e aquisição/desenvolvimento de competências.

Ao longo do ano letivo registar-se-ão neste documento todas as estratégias delineadas para a turma, bem como se indicarão todos os intervenientes no processo ensino-aprendizagem, relativos à mesma (p.2).

No mesmo documento, denota-se uma preocupação pelo trabalho cooperativo e pela articulação de todos os professores das várias disciplinas para que seja realizado um trabalho interdisciplinar ao longo do ano letivo, ao ser solicitado a todos os docentes que trabalham com a turma a identificação de conteúdos passíveis de articulações interdisciplinares, para a área não disciplinar Área de Projeto.

É pedido também propostas para o desenvolvimento das Áreas Curriculares Não Disciplinares, sugerindo que os professores deverão entregar ao Diretor de Turma, em data a indicar pela Diretora do agrupamento, a Ficha de Recolha de Informação, de modo a que nas reuniões o Conselho de Turma possa definir estratégias comuns para a superação das dificuldades; identificar os conteúdos passíveis de serem articulados interdisciplinar mente; definir o contributo de cada disciplina para as Áreas Curriculares Não Disciplinares.

O grupo mantém-se desde o 1º ano do 1º ciclo de escolaridade, com a exceção do 12 e do 21. Estes dois alunos, integraram a turma no 5º ano de escolaridade e mostram dificuldades de relacionamento com os pares (Anexo2), não só na sala de aula, mas também nos intervalos (Anexo 13). Para além de a sociabilização estar comprometida, também podemos detetar na pesquisa documental efetuada, no Projeto curricular de turma, que são os alunos que mostram mais dificuldades na aprendizagem, sendo os que usufruem de mais apoios e medidas de remediação das dificuldades apresentadas.

Da análise dos processos dos alunos, dos contactos com alguns encarregados de educação, dos diálogos informais com os vários professores da turma e da entrevistas com aos professores da (Anexo8,9,10,11), da observação naturalista (Anexo12,13,14), dos questionários preenchidos pelos alunos e analisados com a técnica da sociometria (Anexo1,2,3,4) e da informação documental recolhida, foi possível identificar algumas dificuldades que podem refletir-se no processo de ensino-aprendizagem. Assim, a turma apresenta-se heterogénea a vários níveis e é constituída por alunos com ritmos de trabalho distintos. O nível de atenção/concentração é um pouco baixo e alguns alunos distraem-se facilmente (Anexo9), mas é considerada uma das melhores turmas da escola por muitos professores (Anexo9).

Ao nível do relacionamento entre si parecem ser jovens muito sensíveis a ambientes promotores da aceitação da diferença. Ajudam o colega João [aluno9], com paralisia cerebral e com a autonomia comprometida na sala de aula (Anexo 6,8,12).

A problemática desta investigação assenta nas situações que existem na turma e que têm de ser resolvidas. Após a análise dos dados recolhidos com as técnicas de investigação utilizadas, são considerados os seguintes pontos de partida para esta investigação: o aluno João não é rejeitado, mas também, não é escolhido por nenhum colega, quando estes revelam as suas preferências no questionário aplicado à turma, relativamente ao colega que gostariam que ficasse ao seu lado na carteira, com quem gostariam de brincar nos intervalos ou mesmo quando se pergunta com quem gostam de realizar os trabalhos de grupo fora da escola (Anexo1); o contexto escolar e a sala de aula, na tentativa que se abandonem algumas situações que podem de alguma maneira estar a inviabilizar o desenvolvimento de algumas competências e que podem suscitar alguma controvérsia, quando o tema é a inclusão escolar (Anexo2, 6), como, por exemplo, a falta de autonomia na sala de aula (Anexo8); são alunos do 8ºano de escolaridade, e até ali o que parecia quase rotineiro, como o tirar os livros ao João, escrever o sumário e os apontamentos do quadro, estão a tornar-se hábitos difíceis de manter e segundo informações dadas pela diretora de turma os colegas parecem estar um bocadinho cansados do João (Anexo8, Imagem4,5); as tecnologias de apoio ao dispor do aluno e as medidas e estratégias tomadas parecem não dar resposta às necessidades do grupo, na sala de aula (Anexo 12); o João passa os intervalos na secretária do corredor (Anexo13), com a assistente operacional, não brinca com os colegas, não os acompanha nos intervalos (Anexo10). O desenvolvimento da autonomia e independência pessoal do aluno está a ser posto em causa.

Há que criar as condições para que se desenvolva a socialização, autonomia e comunicação, com a implementação de práticas que possam proporcionar a mudança no grupo.

Nos quadros a seguir apresentados, podemos observar o mapa de dificuldades detetadas, no grupo, nas várias disciplinas e as estratégias de remediação a adotar, definidas em Conselho de Turma:

Quadro 9 – Dificuldades detetadas e estratégias de remediação a aplicar nas disciplinas

Mapa de dificuldades / estratégias

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none">1. Falta de pontualidade2. Falta de assiduidade3. Ausência de material necessário4. Falta de concentração |
|--|

5. Falta de empenhamento
6. Pouca autonomia
7. Comportamento inadequado
8. Fraca autoestima
9. Não realização do TPC
10. Falta de hábitos de estudo
11. Dificuldade na compreensão/interpretação
12. Dificuldade na aquisição de conhecimentos
13. Dificuldade na aplicação de conhecimentos
14. Dificuldade na produção escrita
15. Dificuldade na expressão oral
16. Dificuldade na utilização dos materiais da disciplina
17. Dificuldade de coordenação motora
18. Dificuldade de trabalhar em grupo
19. Dificuldade em esclarecer dúvidas
20. Dificuldade no desenvolvimento psicomotor

Estratégias (RESPONSABILIDADE DO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO)

1. Maior contacto com o Diretor de Turma
2. Verificação diária dos trabalhos de casa
3. Responder ao solicitado na caderneta do aluno
4. Maior atenção à assiduidade e pontualidade do aluno
5. Intervenção do Encarregado de Educação casa o seu educando não cumpra as regras da escola
6. Verificação diária do material escolar
7. Estabelecimento de um horário de estudo

Estratégias (ACTIVIDADES CURRICULARES E DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR)

8. Pedagogia diferenciada na sala de Aula
9. Programa de tutoria
10. Atividades de compensação
11. Aulas de recuperação (apoio fora da sala de aula)
12. Atividades de ensino da Língua Portuguesa para alunos oriundos de países estrangeiros
13. Solicitação mais frequente da participação do aluno na sala de aula
14. Realização de fichas de trabalho
15. Frequência da Biblioteca / CRE
16. Frequência da sala de estudo
17. Frequência da sala de informática
18. Estudo regular dos conteúdos lecionados
19. Realização do TPC
20. Utilização da área curricular de Estudo Acompanhado
21. Aulas de apoio dentro da sala de aula
22. Adaptações programáticas

DEFINIÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA EDUCATIVA GLOBAL

Interdisciplinaridade de atitudes

O Conselho de Turma considerou que deveria pedir o cumprimento rigoroso dos deveres que constam no Regulamento Interno, o qual é do conhecimento dos encarregados de educação. No entanto, devido à dificuldade que os alunos têm em cumpri-las, no primeiro

período, deveria dar particular importância ao cumprimento das regras apresentadas no quadro que se segue:

Quadro 10 – Regras a adotar na sala de aula

- A entrada e a saída da sala fazem-se sem boné na cabeça;
- Não se interrompem as instruções que são dadas pelos professores e ouvem-se com atenção;
- Quando se entra na sala, termina a conversa com os colegas, dirigimo-nos ao lugar e preparamos o material da aula;
- Não se mastigam pastilhas na aula;
- Não devemos levantar-nos do lugar sem autorização do professor.

Metodologias de ensino mais adequadas à turma:

Dado que os alunos, na sua maioria, apresentam dificuldades de concentração, mas demonstram gosto por trabalhar em grupo, considerou-se que seria de tentar, conforme a disciplina, uma situação de compromisso, privilegiando o trabalho de pares ou em pequenos grupos. Para além disso, continua a reforçar-se a necessidade do trabalho individual.

Aferição dos critérios de avaliação a utilizar:

Os critérios de avaliação foram definidos pela Secção de Avaliação do Conselho Pedagógico. Relativamente aos alunos abrangidos pelo Decreto-lei nº 3/2008 serão anexados os critérios entregues pelos vários professores.

No quadro que se segue podemos observar as competências gerais do ensino básico a serem desenvolvidos, no grupo/turma, no 1º, 2º e 3º período:

Quadro 11 – Competências gerais do ensino básico a desenvolver

Competências	1ºperíodo	2ºperíodo	3ºperíodo
1. Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano;	X	X	X
2. Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;	X	X	X
3. Usar corretamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio;	X	X	X
4. Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação de informação;	X	X	X
5. Adotar metodologias personalizadas de	X	X	X

trabalho e de aprendizagem adequadas a objetivos visados;			
6. Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;	X	X	X
7. Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;	X	X	X
8. Realizar atividades de forma autónoma, responsável e criativa;	X	X	X
9. Cooperar com outros em tarefas e projetos comuns;	X	X	X
10. Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspetiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.	X	X	X

No quadro 6 podemos observar as competências transversais a desenvolver no 1º, 2º e 3º período:

Quadro 12 – Competências transversais a desenvolver

Competências	1ºperíodo	2ºperíodo	3ºperíodo
1. Adquirir métodos e técnicas de trabalho e de estudo;	X	X	X
2. Proceder ao tratamento da informação;	X	X	X
3. Comunicar (expressar-se oralmente e por escrito);	X	X	X
4. Empregar estratégias cognitivas;	X	X	X
5. Cultivar o relacionamento interpessoal e de grupo.	X	X	X

3.2.3. Caso desencadeador do trabalho de projeto

O João tem 13 anos de idade, vive com os pais e uma irmã mais velha, com 21 anos, no seio de uma família estruturada. A gravidez foi vigiada e sem problemas. O parto foi de cesariana, após longa espera sem que ocorresse o parto normal. Teve asfixia neonatal e os exames médicos realizados revelaram lesões cerebrais profundas, as quais se traduziram numa paralisia cerebral com atetose com repercussões na motricidade e na coordenação (Anexo24).

Com diagnóstico de paralisia cerebral, tetraparésia com atetose, com forte descoordenação motora e grande dominância de movimentos involuntários (Anexo 25).

Ao nível da comunicação verbal, o João apresenta graves dificuldades articulatórias, só conseguindo verbalizar algumas palavras e de um modo pouco perceptível. Tem pouco controle da deglutição da saliva. Apresenta limitações significativas na atividade e participação, resultantes de problemas ao nível das funções

da voz e da fala e das funções neuromusculoesqueléticas e relacionadas com o movimento (Anexo18).

Ao nível da Comunicação e Linguagem, limitações, tais como produção de mensagens orais, interações verbais e não-verbais, na conversação e no acesso à informação.

Manifesta limitações ao nível da Autonomia Pessoal e Social – Autocuidados – como por exemplo, vestir-se, lavar-se e ainda nas Interações Interpessoais complexas.

Ao nível da Mobilidade, apresenta limitações em termos de andar e deslocação, mudanças das posições do corpo e da motricidade fina.

Ao jovem, incluído na turma alvo deste estudo, foi-lhe proporcionado muito cedo um sistema alternativo de comunicação (Anexo 23). Segundo informações retiradas do seu processo, o aluno fez terapia ocupacional e terapia da fala no Hospital que o acompanha, por sugestão da fisiatra do Hospital.

Com 3 anos de idade ingressou num colégio particular da área da sua residência, e com 5 anos, passou a frequentar o jardim-de-infância da Escola Básica E. Frequentou o 1.º Ciclo também no mesmo agrupamento de escolas não registando qualquer retenção ao longo da escolaridade. Logo que entrou para o jardim-de-infância o aluno beneficiou de medidas do Regime Educativo Especial, recebendo o apoio de educadores/professores de educação especial, bem como de uma assistente operacional.

Ao longo do 1.º ciclo, os professores e técnicos que o acompanharam, referem nos relatórios que o aluno fez bastantes progressos ao nível das aquisições escolares e na autonomia pessoal bem como ao nível da motricidade.

Aos 6 anos de idade, aluno foi avaliado pela equipa do Centro de Avaliação em Tecnologias de Informação e Comunicação (CANTIC) (Anexo24) e foi-lhe prestado apoio ao nível das técnicas informáticas com utilização de um *joystick*, entre outros equipamentos, para acesso, ao computador. Para fazer uso desse equipamento, o aluno recorria a uma postura de mão muito incorreta, que lhe poderia vir a acarretar problemas de subluxações, entre outros.

Posteriormente, com 8 anos de idade, foi reavaliado pela equipa da Unidade de Técnicas Aumentativas e Alternativas de Comunicação (UTAAC) do Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian (Anexo25), e foi proposto, a experimentação de outras formas de acesso, nomeadamente através do varrimento automático e com recurso ao teclado do programa GRID. O aluno aprendeu bem a técnica do varrimento, seleccionando as letras de uma forma eficaz e com menor esforço, com um manípulo, embora este novo programa não permita ao aluno que seja ele próprio a abri-lo, ficando, assim, menos autónomo nessa área. Contudo, apesar das tecnologias

de apoio, o aluno, acede ao teclado com o nariz, desde muito cedo, conseguindo uma maior velocidade na realização dos seus trabalhos.

A atividade e participação, assim como a sua autonomia escolar estão comprometidas, caso as medidas adotadas não sejam as mais indicadas para dar resposta à situação e problemática que apresenta, nomeadamente no que diz respeito às tecnologias de apoio adotadas. O aluno tem vindo a trabalhar, na sala de aula, com o último equipamento informático que lhe foi prescrito, pela UTAAC, o GRID, instalado no portátil do aluno, com um manípulo de acesso ao teclado.

Tem usufruído, de apoio especializado fora da sala de aula e de tutoria, e em forma de apoio educativo dentro da sala de aula. É-lhe prestado também apoio, em contexto de sala de aula, na realização das provas de avaliação, o que lhe permite terminar ao mesmo tempo que os restantes colegas da turma, provas estas que deverão ser adaptadas.

Desenvolve também competências ao nível da sua autonomia, nomeadamente ao nível da sua higiene e arranjo pessoal, nas deslocações pelo espaço escolar e idas à casa de banho e na alimentação. No relatório circunstanciado, elaborado no final de ano transato, é proposto, para o ano letivo 2009/2010, que continue a fazer o seu processo de inclusão escolar, numa turma de contingente reduzido, deve continuar a frequentar todas as disciplinas/áreas curriculares não disciplinares do seu plano de estudo inserido na sua turma. A turma deve usufruir do apoio de um professor, na sala de aula, sobretudo nas áreas das expressões – Educação Visual, Educação Tecnológica, Educação Musical e Educação Física, uma vez que estas disciplinas têm uma forte componente prática, e cujas atividades o aluno não consegue concretizar sem um apoio individualizado permanente. Nas restantes disciplinas, o apoio deverá assumir uma forma mais pontual e deve ser prestado pela professora de educação especial, outro professor ou pela assistente operacional que acompanha o aluno, de acordo com as características das disciplinas e da natureza dos trabalhos em curso.

O aluno na sala de aula, tem ao seu dispor uma mesa de trabalho, com um tapete antiderrapante, onde se coloca uma tábua recortada de forma a encaixar o manípulo, com o qual o aluno acede ao teclado de um computador portátil com o programa GRID instalado, o que permite o acesso ao computador sem o recurso ao rato ou o teclado manual (Imagem 1). Os teclados virtuais deste programa podem ser acedidos através do rato ou de um dispositivo apontador – *tracker*, *trackball* -, ou manípulos por processos de varrimento. O programa contém ainda um sintetizador de voz em português, um *Media Player*, um DVD, um navegador de internet com acesso direto ao correio eletrónico e ao *Skype*. Permite ainda controlar outros programas inseridos no computador.

O aluno considera as tecnologias de apoio, de que dispões, lentas e diz não lhe dar a velocidade necessária para acompanhar o ritmo de trabalho da turma (Anexo 8) e sempre que pode e o deixam escreve com o nariz, o que prejudica muita a sua saúde, nomeadamente a coluna, o que já levou ao desenvolvimento de uma escoliose grave e a outros problemas de saúde graves.

O aluno trabalha, na sala de aula, numa mesma com um tapete antiderrapante, com uma tábua recortada ao centro onde o manípulo fica seguro (Imagem1), uma vez, que o aluno com os seus movimentos involuntários não conseguiria controlar o manípulo sem a ajuda do encaixe da tábua, o qual prende o manípulo e não o deixa sair do lugar. O problema, mais grave, que se coloca neste momento, segundo os que acompanham o aluno, é a forma como o mesmo acede ao teclado (Imagem2,3). Este equipamento não proporciona ao aluno a velocidade desejada pelo mesmo, nem ajuda a acompanhar o ritmo de trabalho da turma. O João acede ao teclado com o nariz.

Face a esta situação, começaram a ser desencadeadas diligências, para a aquisição de um equipamento na área das tecnologias de apoio. Após avaliação, realizada no Centro de Desenvolvimento do Hospital que segue o aluno, a equipa que acompanha o aluno, incluindo técnicos, professores e familiares concluiu, que o equipamento informático, dentro das novas tecnologias de comunicação, *My Tobbi*, era o que se adequava à situação/problemática (Anexo26). O custo era elevado e os pais não dispunham dos recursos financeiros. Foram escritas cartas a várias instituições, foram sensibilizadas várias entidades, enviadas fotos com o aluno a aceder ao teclado com o nariz (Imagem2), de forma a viabilizar donativos ou verbas que ajudassem a escola, a família e o aluno na aquisição do equipamento (Anexo27). Conseguiu-se que o equipamento fosse financiado na totalidade, mas, o mesmo não ficaria pertença do aluno. Foi concedida a verba, pela Portugal Telecom, em regime de mecenato ao Hospital que acompanha o aluno, para a aquisição do equipamento à Anditec, com a condição do Hospital o disponibilizar ao João, durante todo o seu percurso escolar.

Este equipamento, encontra-se em casa do aluno, à espera que o seguro seja efetuado, através do HGO. O equipamento foi concedido ao Hospital em regime de mecenato pela Portugal Telecom e o seu valor ultrapassa os 22 mil euros (Anexo22).

No presente ano letivo, o aluno frequenta o 8º ano de escolaridade sem ter registado qualquer retenção e continua a fazer uma boa inclusão escolar, quer ao nível da turma, quer da própria escola (Anexos 1,2,8,10,11). A Escola Básica E, frequentada pelo aluno realizou um protocolo/parceria com uma entidade da área, o Centro de Recurso para a Inclusão (CRI), onde é feita a cedência/articulação de técnicos especializados, neste caso os alunos com necessidades educativas especiais têm uma Terapeuta da Fala, uma Técnica de Psicomotricidade e uma Psicóloga que prestam

apoio a alunos, com necessidades educativas especiais, sinalizados pelos Serviços Especializados de Apoio Educativo. O João usufrui de um tempo semanal de Terapia da Fala (Anexo17,18) e de um tempo semanal, na área da Psicomotricidade (Anexo 19,20). Pratica a atividade desportiva Boccia, com alguma regularidade e natação ao sábado de manhã, atividades extra escola, acompanhado pela família.

4. Plano de Ação

4.1. Pressupostos teóricos

A intervenção levada a cabo neste Trabalho de Projeto tem como objetivo implementar práticas, ou reforçar algumas já existentes, no contexto escolar/familiar, de uma turma que frequenta o 8º ano de escolaridade.

Faz-se uma abordagem a temáticas que se julgam indissociáveis da Escola Inclusiva e seguem-se as perspetivas de autores que defendem conceitos teóricos que podem levar à construção de uma educação que dê resposta a todos os alunos.

O objeto do estudo é uma turma do 8º ano de escolaridade, onde é detetado o caso emergente do grupo. Sempre que se aplicam técnicas de investigação, há sempre aspetos que podem ser considerados, como os mais urgentes, no sentido de serem objeto de uma intervenção. Neste caso, em estudo, surge o aluno 9, diagnosticado com paralisia cerebral, a despoletar a intervenção na turma.

O aluno 9 tem de aprender com a turma, na sala de aula, com as tecnologias de apoio adequadas, levando-o a ganhar cada vez mais autonomia nas tarefas realizadas na sala de aula. O apoio que usufrui tem de incidir essencialmente no desenvolvimento de competências que possam trazer-lhe uma melhor funcionalidade no contexto escolar, nomeadamente na sala de aula. Conforme cita Sanches (2011)

Quanto maior for o apoio, tanto maior será a discriminação. O apoio, o suporte à aprendizagem, só é válido se ajudar a construir a autonomia do aluno, no seu processo de aprendizagem, tornando-o um aprendiz sucessivamente mais independente (p.53).

Criar salas de educação inclusiva, onde se pratique uma aprendizagem cooperativa, com a diferenciação pedagógica inclusiva, numa aprendizagem estruturada por objetivos e atividades, tendo em conta o grupo e sempre com uma atitude de ação/reflexão/ação por parte dos docentes, são os grandes pilares da escola inclusiva, defendidos por Porter (1997), Wang (1997), Ainscow (1997), Sanches (2005), Rodrigues (2006), Sanches e Teodoro (2007), Sanches (2011).

A heterogeneidade da turma em que intervimos, aumentada com a presença do João, na sua especificidade e diferenciação, foi para nós um grande desafio, como Sanches (2011) defende:

Numa escola inclusiva só pode existir uma educação inclusiva, uma educação em que a heterogeneidade do grupo não é mais um problema mas um grande desafio à criatividade e ao profissionalismo dos profissionais da educação, gerando e gerindo mudanças de mentalidades, de políticas e de práticas educativas (p.41).

Fazer mudanças na escola significa que o professor abandone a perspectiva centrada nas dificuldades do aluno para uma perspectiva centrado no currículo, como afirma Porter (1997).

Num estudo realizado, subordinado ao tema da inclusão de crianças com PC numa turma, Samúdio (2002), refere nas conclusões do seu projeto alguns erros que se cometem no acompanhamento e delineação de medidas e estratégias para um grupo de alunos:

A maioria dos alunos a que se refere a amostra não se encontra em situação de plena inclusão educativa. Constatou-se que não estão criadas as condições necessárias para a inclusão, uma vez que não existe colaboração entre a escola, a família e os serviços comunitários, assim como não estão disponíveis os recursos necessários para a inclusão eficaz. Conclui-se ainda que, o planeamento do Plano Educativo Individual, a delineação de estratégias e metodologias de ensino, não incluem a família e todos os profissionais necessários e a não adequação da mesma leva ao não acompanhamento por parte dos alunos dos currículos definidos (p.62).

Samúdio (2002), reforça que a formação de uma equipa multidisciplinar que acompanhe o processo é indispensável. Para não cairmos nos erros apontados pela autora citada, o projeto foi delineado e realizado, tendo como parceiros diretos a família, a escola e a comunidade, num diálogo permanente, gerando e gerindo condições e recursos para atuação, formando, assim, uma equipa multidisciplinar, como também aponta Samúdio (2002):

No processo de identificação, avaliação e intervenção de crianças com Necessidades Educativas Especiais é relevante a adoção de um modelo de equipa multidisciplinar (p.2).

A metodologia utilizada assentou numa dinâmica de ação/reflexão/ação, implicando todos os intervenientes no processo educativo dos alunos, todos os contextos e os responsáveis em cada contexto como sugere (Sanches) 2005:

A implicação de todos os intervenientes no processo de tomada de decisão sobre as mudanças a realizar e a sua operacionalização, numa dinâmica de ação/reflexão/ação contínua e sistemática, poderá ser, para o professor em geral e para o professor de apoio educativo em particular, uma estratégia eficaz de resolução de alguns dos problemas com que se confronta hoje, na sua escola e na sua sala de aula (p.128).

Proporcionar ao grupo/turma, uma sala de aula inclusiva, onde imperem o trabalho cooperativo, a parceria pedagógica, a aprendizagem com os pares, num grupo heterogéneo, com um ensino eficaz e a tutoria de alunos, diz Sanches (2011) pode levar ao sucesso de todos os alunos, com a focalização na classe, avaliação das condições de ensino/aprendizagem, a resolução cooperativa de problemas, estratégias para os professores e adaptação e apoio na classe regular (Porter 1997).

Seguindo estes pressupostos teóricos, defendidos pelos autores citados, vamos planificar uma intervenção que dê respostas às necessidades emergentes, de criar

situações inclusivas nos vários contextos intervencionados, de forma a ajudar na construção da escola para todos.

4.2. Planificação, realização e avaliação da Intervenção

Foram elaboradas planificações a longo prazo e quinzenais, incidindo as mesmas nas áreas da autonomia, da socialização, da comunicação e da motricidade do caso emergente do grupo/grupo, sempre numa perspetiva de contribuir para uma maior autonomia na sala de aula, contexto escolar e no contexto familiar. Todo o estudo foi desenvolvido tendo na mira a construção de um grupo mais inclusivo.

A intervenção vai ser realizada no contexto sala de aula, onde vamos procurar desenvolver mais autonomia no João, com o apoio das novas tecnologias e ao grupo/turma vai se dada uma responsabilidade que vai para além de abrir o manual, escrever o sumário ou os apontamentos do quadro.

Os professores que constituem o conselho de turma vão ter um papel fundamental no sucesso desta intervenção, sem os recursos necessários o processo não funciona. Os professores precisam de desenvolver, na sala de aula, práticas inclusivas, como a diferenciação pedagógica, o trabalho cooperativo, a parceria pedagógica, a aprendizagem com os pares, gerir a heterogeneidade e aplicar cada vez mais a flexibilização curricular.

O contexto escolar, fora da sala de aula, também vai ser contemplado nesta intervenção. O João precisa de desenvolver competências relacionadas com a sua autonomia no contexto escolar, como deslocar-se no recinto escolar, transportar a sua mala, ir aos intervalos com os colegas, ir almoçar ao refeitório e alimentar-se e realizar a sua higiene pessoal mais autonomamente.

O contexto familiar será também alvo desta intervenção, no caso do João, há que desenvolver competências em articulação com a família, aliás numa perspetiva ecológica, a participação da família é indispensável ao sucesso de todo o processo. O João em casa vai treinar as idas ao W.C, com o uso de roupa adequada, alimentar-se com os utensílios adaptados e usar o equipamento informático corretamente.

4.2.1. – Planificação Global da Intervenção

No quadro que se segue, apresenta-se a planificação da intervenção para o contexto escolar. Depois de feita a avaliação dos dados recolhidos com as técnicas utilizadas, considerámos pertinente desenvolver no João a autonomia, a comunicação, a socialização e a motricidade com a planificação dos objetivos que se seguem.

Quadro 13 – Planificação no Contexto Escolar

Áreas	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Estratégias /Atividades	Calenda rização	Recursos	Avaliação
Autonomia	Deslocar-se com autonomia	-Deslocar-se autonomamente do portão da escola para a sala de aula e vice versa -Transportar o computador e os materiais escolares	-Apoio da Técnica de Psicomotricidade -Mala mais leve -Treinar a marcha com a mala -Apoio da técnica de psicomotricidade, técnica operacional e colegas.	fevereiro a junho	<u>Humanos:</u> -Família -Técnicas operacionais -Colegas da turma -Professores -Técnica de Psicomotricidad e -Terapeuta da Fala -Psicólogo escolar <u>Materiais:</u> -Mala com rodas -Materiais escolares	Observaçã o direta de atitudes Grelhas reflexivas Grelhas de Avaliação
Socialização	Relacionar-se com os pares	- Deslocar-se na hora do almoço com os colegas da turma para o refeitório - Acompanhar os colegas, nos intervalos	-Apoio semanal da técnica de psicomotricidade -Supervisão de professores e técnicos operacionais		<u>Humanos:</u> -Família -Técnicas operacionais -Colegas da turma -Professores -Técnica de Psicomotricidad e -Terapeuta da Fala <u>Materiais:</u> -Mala com rodas -Materiais escolares	
	Alimentar-se	- Usar no refeitório da escola, os seus utensílios adaptados	- Refeição supervisionada por técnica operacional - Encarregada de Educação traga os utensílios adaptados escola		<u>Humanos:</u> -Assistente operacional -Encarregada de Educação <u>Materiais:</u> - Utensílios adaptados para as refeições.	

Comunicação	-Melhorar a linguagem expressiva	-Comunicar através da linguagem escrita e oral	-Apoio semanal da Terapeuta da fala -Apoio individualizado com professora de educação especial -Estratégias diferenciadas na sala de aula	fevereiro a junho	<u>Humanos:</u> -Família -Técnicas operacionais -Colegas da turma -Professores -Terapeuta da Fala -Professora de Educação Especial <u>Materiais:</u>	Observação direta com registo Grelhas reflexivas Grelhas de Avaliação
Motricidade Global	-Caminhar corretamente	-Caminhar com a planta dos pés assentes no chão corretamente - Subir escadas -Descer escadas	-Apoio semanal com a técnica de psicomotricidade -Supervisão dos que acompanham o aluno		<u>Humanos:</u> Técnica de psicomotricidade	

No quadro seguinte, apresentamos, a planificação da intervenção com os objetivos para as áreas da autonomia, motricidade e comunicação, para uma inclusão mais eficaz do grupo, no contexto sala de aula.

Quadro 14 - Planificação da intervenção no Contexto Sala de Aula

Áreas	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Estratégias /Atividades	Calendarização	Recursos	Avaliação
Autonomia	Utilizar na sala de aula o equipamento <i>My Tobii</i> ;	-Realizar as atividades de sala de aula, com o apoio do equipamento -Usar os materiais e as fichas de trabalho	-Conseguir que o equipamento esteja sempre na sala de aula - Supervisionar o uso do equipamento pelo aluno -Materiais informatizados pelos professores -Testes informatizados	fevereiro a junho	<u>Humanos:</u> -Colegas da turma -Professora de Educação Especial -Professores do ensino regular <u>Materiais:</u> - <i>My Tobii</i> -Mesa adaptada -Médicos e técnicos do H.G.O -CRTIC do Seixal	Observação direta com registo Grelhas reflexivas Grelhas de Avaliação
	-Fazer a socialização das aprendizagens académicas com os pares	-Praticar estratégias promotoras de aprendizagem cooperativa	-Dinamizar o trabalho em grupo/ pares, dentro de fora da sala de aula -Rodar os colegas que estão na mesa ao lado do aluno (abrir o manual, virar a página etc.)		<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Colegas da Turma -Professores <u>Materiais:</u> - <i>My Tobii</i>	

	- Praticar o Ensino cooperativo	-Aplicar a parceria pedagógica na sala de aula	-Dinamizar a parceria pedagógica na sala de aula de Educação Física, Educação Visual, Matemática, Físico-química e Língua Portuguesa		<u>Humanos:</u> -Professores <u>Materiais:</u> -My tobii -Materiais informatizados	
Motricidade	-Melhorar a postura na sala de aula	-Sentar-se corretamente -Informatizar os materiais - Aceder ao teclado com o olhar -Usar as tecnologias de apoio	- Aluno na primeira carteira, da primeira fila -Supervisão dos professores -Informatização dos materiais a serem trabalhados pela turma	fevereiro a junho	<u>Humanos:</u> Professores <u>Materiais:</u> My tobii Materiais informatizados	Observação direta com registo Grelhas reflexivas Grelhas de Avaliação
Comunicação	Desenvolver a comunicação expressiva	-Falar devagar -Elaborar o discurso palavra a palavra	-Acompanhamento semanal em terapia da Fala	fevereiro a junho	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Terapeuta da Fala -Centro de Recursos para Tecnologias/ Informação /Comunicação do Seixal <u>Materiais:</u> -My Tobii	Observação direta com registo Grelhas reflexivas Grelhas de Avaliação

No próximo quadro, apresentamos a intervenção a realizar no contexto familiar, numa planificação onde otimizamos aspetos relacionados com a autonomia do aluno, higiene, mobilidade, vestuário, saúde e segurança. Só com uma articulação efetiva escola/família poder-se-á alcançar resultados significativos na intervenção a que nos propomos.

Quadro 15 – Planificação da intervenção no contexto familiar

Áreas	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Estratégias /Atividades	Calendarização	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Alimentar-se sozinho	Alimentar-se com a ajuda dos seus utensílios adaptados	-Uso dos utensílios adaptados	fevereiro a junho	<u>Humanos:</u> -Família <u>Materiais:</u> - Utensílios adaptados para as refeições.	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
	-Cuidar da sua higiene pessoal diária	Deslocar-se ao wc de autonomamente	-Usar calças de elástico		<u>Humanos:</u> -Família <u>Materiais:</u> -Calças com elástico na cintura	

	-Realizar trabalhos doméstico	-Realizar pequenos trabalhos domésticos, com ajuda	-Arrumar a sua roupa, com ajuda -Fazer a sua cama, com ajuda		<u>Humanos:</u> -Família <u>Materiais:</u> -Cama	
	-Realizar as tarefas escolares em casa	-Usar as tecnologias de apoio em casa	-O aluno realizar sozinho os trabalhos de casa - Exercícios escritos com o equipamento informático (software GRID e o manípulo de acesso ao teclado) -Receber via correio eletrónico os trabalhos informatizados ou digitalizados.		<u>Humanos:</u> Professores e Pais <u>Materiais:</u> Portátil, GRID 1 e manípulo de acesso	
Motricidade	-Desenvolver a motricidade global	-Ter uma postura correta -Caminhar com correcção -Praticar desporto	-Sentar-se corretamente quando trabalha no computador -Caminhar com a planta do pé assente no chão -Praticar Boccia -Praticar natação	fevereiro a junho	<u>Humanos:</u> Família	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação

No quadro 16, planificamos a intervenção a ser realizada, no conselho de turma, no âmbito das áreas da autonomia, sociabilização, comunicação e motricidade, de acordo com as necessidades detetadas no grupo, em reunião de conselho de turma, com todos os professores da turma presentes, a professora de educação especial e as terapeutas que acompanham o João.

Quadro 16 – Planificação da intervenção do Conselho de Turma

Áreas	Objetivos Gerais	Objetivos específicos	Atividades/estratégias	Calendarização	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Desenvolver a autonomia do aluno na sala de aula	-Usar o My Tobii -Desenvolver a aprendizagem cooperativa	-Uso correto do equipamento -Informatização dos materiais - Atividades fomentadoras de ambientes de aprendizagem cooperativa - Realização de trabalhos de grupo -Organização de Debates a pares - Implementação de programas de Tutoria entre	fevereiro/ junho	<u>Humanos:</u> -Professores <u>Materiais:</u> -My Tobii -Materiais informatizados ou digitalizados -Testes informatizados	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação

		-Definir as ajuda a dar, pelos colegas, ao João, na sala de aula - Praticar o Ensino cooperativo	alunos -Os colegas, retirarem os materiais necessários da mala do João -Abrir o manual na página pedida pelo professor -Ligar e desligar o computador -Fotocopiar as aulas do caderno do colegas semanalmente - Implementação da Parceria pedagógica nas disciplinas de Matemática, Físico-química, Educação Física, Educação Visual		<u>Humanos:</u> -Colegas -Professores <u>Materiais:</u> -Manuais -Fotocópias -Comput. <u>Humanos:</u> Professores <u>Materiais:</u> -My tobii -Materiais informatizados -Testes informatizados	
Sociabilização	-Relacionar-se com os pares, no contexto escolar	- Deslocar-se na hora do almoço com os colegas da turma para o refeitório - Acompanhar os colegas, nos intervalos	- Supervisão da assistente operacional - Inicialmente, acompanhamento e supervisão da assistente operacional	fevereiro/ junho	<u>Humanos:</u> Assistente operacional	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
Comunicação	- Treinar a comunicação expressiva oral e escrita	-Desenvolver a dicção	- Apoio semanal em Terapia da fala -Falar devagar -Elaborar o discurso palavra a palavra	fevereiro/ junho	<u>Humanos:</u> -Terapeuta da Fala -Professores <u>Materiais:</u> -Sala -Jogos de palavras	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
Motricidade	-Melhorar a Motricidade Global	-Usar o equipamento informático, corretamente	-Levar o My Tobii para a sala de aula -Usar o equipamento informático corretamente -Sentar-se corretamente	fevereiro/ junho	<u>Humanos:</u> -Professores -Família -Médicos <u>Materiais:</u> -My tobii -Materiais informatizados ou digitalizados -Testes informatizados	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação

4.2.2. Planificação, intervenção, avaliação e reflexão quinzenal

A intervenção realizada, nas áreas já referidas, nas planificações apresentadas, foi organizada em grelhas quinzenais. Nestas mesmas grelhas apresentamos as áreas de intervenção, com as subáreas, os objetivos gerais e dentro dos mesmos os objetivos específicos que pretendemos alcançar. As estratégias/atividades utilizadas e os recursos para desenvolvermos as mesmas também estão descritos. Cada planificação quinzenal contempla as planificações das intervenções efetuadas em cada um dos contextos onde se interveio nesse no período de tempo.

Todas as medidas que não sejam atingidas nesta quinzena vão continuar a constar das planificações futuras, contudo, algumas medidas já atingidas vão continuar a aparecer nas planificações, uma vez que queremos que se consolidem e se tornem rotinas, nos vários contextos onde se está a realizar a intervenção.

4.2.2.1. 1ª Quinzena - 01/02 a 12/02/2010

Nesta primeira quinzena de intervenção efetiva no âmbito do projeto, tínhamos como objetivo desenvolver a autonomia, a motricidade global e a comunicação do aluno 9 [João] no contexto escolar (Quadro 16), no contexto sala de aula (Quadro 17), no contexto conselho de turma (Quadro 18), no contexto do apoio individual especializado (Quadro 19) e no contexto familiar (Quadro 20), como se mostra a seguir. Após a apresentação dos quadros com as planificação, seguem-se, as grelhas de avaliação e a reflexão quinzenal, onde realizamos uma breve descrição da intervenção e se reflete de uma forma global sobre os passos dados durante a quinzena.

Quadro 17 - Contexto escolar - 1ªquinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/ Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Deslocar-se autonomamente no recinto escolar	-Deslocar-se autonomamente do portão da escola para a sala de aula e vice-versa - Subir escadas com apoio do corrimão e do braço da assistente operacional - Descer escadas com apoio do corrimão e do braço da assistente operacional	-Progressivamente deixar de acompanhar o aluno do portão à sala -Apoio semanal da Técnica Psicomotricidade -Supervisão da assistente operacional -Apoio semanal da Técnica Psicomotricidade -Supervisão da assistente operacional	<u>Humanos:</u> -Família -Assistentes Operacionais -Colegas da turma -Professores -Técnica de Psicomotricidade -Professora de Educação Especial	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação

	-Transportar o seu material escolar	-Transportar a sua mala com os materiais escolares	-Definir os materiais a colocar na mala - Sensibilizar a assistente operacional e a mãe para a necessidade do João transportar os materiais	- <u>Humanos:</u> -Assistente operacional -Mãe do João - <u>Materiais:</u> -Mala -Materiais escolares	
Motricidade global	-Caminhar corretamente	-Caminhar com a planta do pé assente no chão	-Apoio da técnica de psicomotricidade -Supervisão de professores e assistentes operacionais	- <u>Humanos:</u> -Técnica de psicomotricidade -Assistente operacional -Professores	Observação direta com registo Grelhas reflexivas Grelhas de Avaliação

Quadro 18- Sala de aula – 1ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Motricidade Global	-Melhorar a postura	-Ter uma postura correta quando trabalha na sala de aula -Trabalhar com o equipamento de que dispõe	-Sentar-se corretamente -Supervisão dos professores no uso correto do equipamento -Esforçar-se por realizar as atividades, com as tecnologias de apoio, não desistindo	<u>Humanos:</u> -Professores <u>Materiais:</u> -Computador -Grid -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril -Fichas de trabalho informatizadas	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Quadro 19 - Conselho de Turma - Reunião Intercalar – 1ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Desenvolver a autonomia do aluno na sala de aula	-Levar o My Tobii para a sala de aula -Utilizar corretamente na sala de aula o equipamento que dispõe	-Articular diligências com a família e o HGO, para a deslocação do My Tobii para a escola -Usar o manípulo para aceder ao Grid1 -Informatização dos materiais e fichas de trabalho a serem utilizadas na sala de aula -Informatizar, sempre que possível os trabalhos de casa e enviar para o aluno -Informatizar os testes de avaliação -Usar o computador e o retroprojektor, na exposição dos	<u>Humanos:</u> -Professores da turma -Professora de Educação especial - Colegas - Técnicas operacionais <u>Materiais:</u> -Computador -Grid -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril -Retroprojektor -Materiais	Observação direta com registo Grelhas reflexivas Grelhas de Avaliação

			conteúdos, na sala de aula	informatizados	
		-Aplicar a aprendizagem cooperativa	-Promover o trabalho de grupo, dentro e fora da sala de aula -Rotatividade semanal dos colegas de carteira do aluno João	<u>Humanos:</u> -Professores da turma -Professora de Educação especial – Colegas da turma <u>Materiais:</u> -Computador -Grid -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril -Retroprojektor -Materiais informatizados	
		-Definir a ajuda a dar, pelos colegas, ao João, na sala de aula	-Os colegas, retirarem os materiais necessários da mala do João -Abrir o manual na página pedida pelo professor -Ligar e desligar o computador -Fotocopiar as aulas do caderno dos colegas semanalmente	<u>Humanos:</u> -Professores da turma -Professora de Educação especial – Colegas da turma <u>Materiais:</u> -Computador -Grid -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril -Retroprojektor -Materiais informatizados	
		-Desenvolver o ensino cooperativo	-Parceria pedagógica nas aulas de Educação Física, Educação Visual, Matemática e Físico-Química -Planificação conjunta das atividades a desenvolver	<u>Humanos:</u> -Professores da turma -Professores de assessoria – Colegas da turma <u>Materiais:</u> -Computador -Grid -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril -Retroprojektor -Materiais informatizados	

	Cuidar da higiene pessoal	-Deslocar-se ao wc autonomamente	-Usar calças com elástico -Supervisão da técnica operacional, nas idas ao wc	<u>Humanos:</u> -Família -Técnica de psicomotricidade -Técnica operacional -Professora de Educação Especial <u>Materiais:</u> - Calças com elástico	
Socialização	-Relacionar-se com os pares, no contexto escolar	- Deslocar-se na hora do almoço com os colegas da turma para o refeitório - Acompanhar os colegas, nos intervalos	-Supervisão da assistente operacional -Supervisão da assistente operacional	<u>Humanos:</u> -Assistente operacional -Colegas	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
Comunicação	- Treinar a comunicação expressiva oral e escrita	-Desenvolver a dicção -Usar o equipamento informático, corretamente	-Falar devagar -Elaborar o discurso palavra a palavra -Apoio semanal em Terapia da Fala -Apoio especializado -Supervisão dos professores -Informatização dos materiais a usar em sala de aula - Usar o equipamento para escrever sumário e alguns apontamentos -Enviar, sempre que possível, as tarefas informatizadas para o aluno realizar em casa -Testes informatizados e adequados, com respostas múltiplas, verdadeiro e falso, etc	<u>Humanos:</u> -Terapeuta da Fala -Professores -Professora de Educação Especial <u>Materiais:</u> -Computador -Grid -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril -Fichas e materiais informatizados -Retroprojektor <u>Humanos:</u> -Professores -Professora de Educação Especial <u>Materiais:</u> -Computador -Grid -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril -Fichas e materiais informatizados -Retroprojektor	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
Motricidade	-Melhorar a Motricidade Global	-Adotar uma postura adequada na sala de aula	- Levar o <i>My Tobbi</i> para a sala de aula -Usar o equipamento informático corretamente -Sentar-se corretamente	<u>Humanos:</u> -Professores <u>Materiais:</u> -Computador -Grid -Manípulo	Observação direta com registo

				-Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril	
--	--	--	--	---	--

Quadro 20 - Apoio especializado – 1ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Melhorar a funcionalidade em contexto escolar -Desenvolver um trabalho de tutoria	- Utilizar o equipamento informático, com correção -Acompanhar a situação escolar do aluno	- Apoio dentro e fora da sala de aula no uso no uso adequado do My tobii -Reuniões com família, professores, terapeutas e contactos com o Hospital -Apoio na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras atividades, caso necessário	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Professores de Psicomotricidade de -Terapeuta da Fala -Família <u>Materiais:</u> -Computador -Grid -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril	Observação direta com registo Grelha reflexivas Grelhas de Avaliação
Comunicação	-Melhorar a linguagem expressiva	-Treinar a dicção	-Articular com a Terapeuta da fala -Elaborar o discurso palavra a palavra	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação especial -Terapeuta da Fala	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
Motricidade	-Treinar a motricidade global	-Adotar uma postura correta -Treinar a marcha	-Adotar, sempre, uma postura adequada, quando sentado a trabalhar -Caminhar com a planta do pé assente no chão -Subir escadas com apoio do corrimão -Descer escadas, com o apoio do corrimão e da técnica operacional	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Técnica de Psicomotricidade de <u>Materiais:</u> -Equipamento Informático <u>Humanos:</u> -Técnica de psicomotricidade de -Assistente operacional	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação

Quadro 21 - Contexto familiar – 1ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Cuidar da sua higiene pessoal diária	-Deslocar-se ao wc autonomamente	-Usar calças com elástico -Reunião em casa da família (professora de educação especial/pais e aluno):	<u>Humanos:</u> -Família <u>Materiais:</u> -Vestuário adequado	Observação direta com registo Grelha reflexiva
	-Alimentar-se sozinho	-Usar em casa os utensílios adaptados	-Uso de utensílios adaptados para a alimentação	<u>Humanos:</u> -Família <u>Materiais:</u> -Prato anti deslizante , copo com asa e talheres adaptados	Grelha de avaliação
	-Realizar trabalhos de carácter doméstico	-Cuidar do seu quarto e da sua roupa	- Fazer a cama com ajuda -Arrumar as suas roupas com ajuda	<u>Humanos:</u> -Família	
	-Usar o My Tobii, em casa	-Utilizar em casa, corretamente, o equipamento informático – My Tobii	-Supervisionar o aluno a trabalhar com o equipamento My Tobii -Apoiar o aluno no uso do equipamento	<u>Humanos:</u> -Família <u>Materiais:</u> -My tobii -Materiais informatizados	
Motricidade Global	-Desenvolver a Motricidade Global	-Caminhar corretamente	-Caminhar com planta do pé assente no chão	<u>Humanos:</u> -Família	Observação direta com registo Grelha reflexivas Grelha de Avaliação

Grelha 1- Contexto escolar – 1ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Deslocar-se do portão da para a sala de aula, dando o braço à assistente operacional	X		
Transportar a mala com materiais escolares	X		
Subir escadas com apoio do corrimão e do braço da assistente operacional	X		
Descer escadas com apoio do corrimão e do braço da assistente operacional		X	
Caminhar corretamente		X	

Grelha 2- Sala de aula – 1ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
-Sentar-se corretamente		X	
-Usar corretamente o equipamento		X	
-Esforçar-se por realizar as atividades, não desistindo		X	

Grelha 3 – Conselho de turma - 1ª quinzena

		Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Objetivos para o aluno	Usar o <i>My Tobii</i> na sala de aula			X
	Utilizar o manipulo para aceder ao teclado		X	
	Treinar a dicção		X	
Objetivos para os professores	Informatizar os materiais e fichas de trabalho para a turma		X	
	Definir as ajudas, a dar pelos colegas, ao João	X		
	Aplicar a aprendizagem cooperativa	X		
	-Desenvolver a parceria pedagógica nas aulas de Educação Física, Educação Visual, Língua Portuguesa, Matemática e Físico-Química	X		
	-Planificar conjuntamente as atividades a desenvolver para a turma	X		

Grelha 4 - Apoio Individualizado Especializado - 1ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Apoiar dentro e fora da sala de aula no uso do equipamento	X		
Reunir com família, professores, terapeutas e médicos	X		
Apoiar a turma na realização de trabalhos de grupo e outras atividades, caso necessário	X		
Articular com a Terapeuta da fala	X		
Treinar a marcha do João	X		

Grelha 5- Contexto familiar - 1ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Deslocar-se ao wc autonomamente		X	
Utilizar em casa o equipamento informático – <i>My Tobii</i>	X		
Usar em casa, nas refeições os utensílios adaptados		X	
Fazer a cama com ajuda		X	
Arrumar as suas roupas com ajuda		X	
Reflexão Quinzenal - 01/02 a 12/02/2010			
Após a análise dos dados recolhidos, com as técnicas aplicadas, considerámos pertinente, o João adquirir mais autonomia no contexto escolar, dentro e fora da sala de aula. Como forma de otimizar o desempenho dos alunos da turma, considerou-se urgente o uso na sala de aula do equipamento informático <i>My Tobii</i>. A introdução deste equipamento na sala de aula vai permitir ao João, uma maior independência pessoal. A turma está junta desde o 1º ano de escolaridade, a diretora de turma do presente ano letivo explica que o João depende muito dos colegas e estes por sua vez parecem já um pouco cansados do João (Anexo 8). O 8º ano de escolaridade exige aos alunos muito trabalho e empenho na sala de aula, os colegas têm dificuldade em cumprir as suas tarefas e ajudarem o João, caso não exista uma tecnologia de apoio eficaz, a funcionalidade do grupo pode estar comprometida. Os professores, na reunião de conselho de turma, realizada nesta quinzena, também apresentam diversas situações que dificultam a aplicação de estratégias adequadas ao grupo, como por exemplo o número elevado de alunos que constitui a turma. Uma turma com este perfil deveria ter um número de alunos reduzido, segundo a opinião de alguns professores. Após conversa telefónica com a médica do Centro do Desenvolvimento do Hospital que acompanha o João, foi dada a informação que o <i>My Tobii</i> ainda não está na escola, porque o seguro do equipamento não está feito devido ao atraso do Protocolo para a doação do equipamento ao Hospital e para este posteriormente ser “emprestado ao João”. Contactado o Centro de Desenvolvimento da Criança, do Hospital, o mesmo informou que o Protocolo está preparado para a Encarregada de Educação assinar e dar seguimento ao seguro do mesmo. A família do aluno irá ser chamada para formalizar a situação. Foi também dada a informação que o motivo do atraso do processo, deveu-se ao facto do mesmo ter ficado esquecido na “gaveta” do gabinete Jurídico do Hospital. Foi efetuado o contacto telefónico com o Centro de Recursos para as Tecnologias de			

Informação e Comunicação (CRTIC) da área, a desconvocar a reunião marcada, para a instalação da última versão do GRID, o GRID2, no Portátil do João, devido à avaria do portátil, ficou assim adiada a visita à escola das técnicas.

Continua a ser prestado apoio pela professora de Educação Especial em sala de aula, no âmbito da parceria pedagógica com o professor de Língua Portuguesa, este apoio tem, também, o objetivo de avaliar a funcionalidade e autonomia do João em contexto sala de aula, através da observação direta, avaliar o funcionamento da turma e prestar assessoria ao professor.

Foi realizada uma reunião em casa do João, com a professora de educação especial e família do aluno (mãe, pai e irmã) para a professora ter conhecimento do equipamento informático e observar o aluno a funcionar com o *My Tobii*. Foram “apresentados” os dois cães do aluno, um pastor alemão, com quem o aluno mantém um relacionamento muito próximo (brincadeiras no jardim). A mãe do João mostrou à professora os objetos adaptados para as refeições: prato, talheres e copo.

O aluno tem um escritório onde tem o equipamento informático, e um pequeno “ginásio” onde pratica alguns exercícios físicos com a ajuda de alguns auxílios caseiros adaptados pelo pai, como uma trave onde o aluno prende os pés para fazer flexões abdominais, por exemplo.

O aluno mostrou à professora como funciona com o *My Tobii* e percebeu-se que continua a usar o nariz. Ligou o *Messenger* e falou com alguns colegas. Foi pedido pela professora que abrisse uma página do Word e escrevesse algo. O João mostrou grande lentidão na execução da tarefa, o que revela pouco domínio da parte do aluno no uso correto do equipamento [com o olhar].

Nesta quinzena, realizou-se a Reunião de Conselho de Turma Intercalar do 2º período, onde se destacaram os seguintes aspetos:

O caso que mais preocupa o Conselho de Turma neste momento, é o aluno 12, por apresentar em 6 disciplinas níveis inferiores a 3, e apresentar também muitos problemas ao nível da relação com os pares, considerando os professores, que o aluno exclui-se do grupo. Muito ligado à religião, que vive intensamente em casa e na escola, o seu discurso vai sempre terminar em questões religiosas, o que leva os colegas a não terem muita paciência. Apresenta dificuldades de relacionamento com os pares, passando os intervalos na companhia do João junto à secretária da funcionária, no corredor do piso onde se situa a sala de aulas da turma.

O Conselho de Turma é unânime em considerar que o João precisa muito do equipamento *My Tobii* na escola, a sua coluna está a ser fortemente penalizada pelas posturas desadequadas que o aluno adota ao usar o nariz para escrever no teclado e

manusear livros e apontar. É urgente a vinda do mesmo para a escola. Quanto à autonomia e independência pessoal do aluno, o Conselho de Turma refere a necessidade do aluno durante os intervalos ter de acompanhar os colegas para desenvolver a sua sociabilização, deslocar-se ao wc e alimentar-se mais autonomamente, etc. A Parceria Pedagógica, com assessoria de professores nas aulas de carácter mais prático, como as disciplinas de Educação Física, Educação Visual, Português, Matemática e Físico-química. Estas disciplinas foram consideradas por todos, aquelas em que mais se necessitava de um professor assessor que apoiasse o professor da disciplina, planificando em conjunto as atividades a serem desenvolvidas em cada aula, implementando, assim, o ensino cooperativo na sala de aula.

Da Observação Naturalista, realizada em contexto sala de aula de Geografia, 01/02/2010, podemos relatar como aspetos: O João sentado na última mesa da 3ª fila a contar da secretária do professor; escreve com o nariz no teclado do portátil; aponta com o nariz no manual, ao que lhe é pedido (Anexo 12).

A Professora de Educação Especial, refere, com base nas observações realizadas na sala de aula de Língua Portuguesa e Geografia, que o João precisa de estar sentado na primeira fila, na carteira mais próxima do professor, precisa que alguém o acompanhe nas aulas, na abertura da mala, para retirar os livros, abrir o manual na página indicada pelo professor; abrir a aula e escrever o sumário, passar os apontamentos do quadro. Com as tecnologias de apoio disponíveis na sala de aula, os colegas da turma são o grande suporte do João.

O que até aqui tinha sido conseguido com relativa facilidade, com a ajuda de uma funcionária que acompanhava o aluno desde o 1º ciclo e com a ajuda dos colegas, agora torna-se mais complicado. O João tem de ganhar autonomia e independência pessoal, quer continuar os estudos e ir para a faculdade (Anexo 6). No 8º ano de escolaridade, as matérias complicam-se a dificuldade aumenta e já não veem nos colegas o empenho e a disponibilidade que revelavam outrora na prestação de ajudas ao João. Todos consideram que é preciso aligeirar a responsabilidade dos colegas face ao João.

Foi marcada uma reunião com mãe do João e reforçada a urgência da vinda do equipamento informático *My Tobii* para a escola. Mãe relatou que já havia tido reunião no Hospital, mas que discordou com o seguro que teria de ser feito, uma vez que a responsabilização do que acontecesse ao *My Tobii*, não estava claramente definida. Na forma como o seguro estava feito, a responsabilidade do equipamento seria dos pais do aluno. Mãe está a aguardar a marcação de uma nova reunião no hospital.

Na mesma reunião, foi referida, pela professora de educação especial e pela diretora

de turma a necessidade do aluno ter mais autonomia no recinto escolar, conseguir deslocar-se de forma mais autónoma. Trazer a mala mais leve para a escola, uma vez que o aluno trazia um caderno de capa grossa para cada disciplina e outros materiais não necessários, que devido ao peso excessivo, impossibilitam que o aluno consiga transportar a mala autonomamente. Após conversa com a mãe do João, esta concordou com a proposta, mas referiu que o filho vai precisar sempre de uma auxiliar, e caso não a tenha fará uma queixa à Direção Regional da Educação de Lisboa. Referiu que o João precisa de ser acompanhado nos intervalos por um adulto, pois pode cair, os colegas têm brincadeiras mais agressivas, próprias da idade e podem magoá-lo, mas concorda que o filho ganhe mais autonomia, contudo acha que o aluno deve manter o apoio da funcionária na sala de aula, como acontecia desde o 1º ciclo de escolaridade e esse apoio deve ser dado também nos intervalos. Concordou que o aluno deva fazer, em casa e na escola, o treino para ir sozinho ao WC. Ficou acordado que o aluno iria trazer roupas mais práticas, como calças de fato de treino, com elástico na cintura, para que fosse possível efetuar esse treino sem a ajuda do adulto.

Quando realizamos a avaliação das medidas implementadas, nesta primeira quinzena, verificamos, após a análise das grelhas de avaliação, que no contexto escolar o João atingiu o objetivo de deslocar-se no recinto do portão para a sala de aula, dando o braço à assistente operacional transportando a sua mala com os materiais escolares definidos em reunião com encarregada de educação. Consegue subir escadas apoiado no corrimão, mas continua a fazer o treino do descer escadas com apoio no corrimão e no braço da assistente operacional, o que parece não conseguir realizar devido ao medo, a situação de descer implica uma maior autoconfiança, pelo facto da proteção ser menor para o aluno.

Continua a ser difícil para o João treino do caminhar com a planta dos pés assente no chão. Dá-lhe uma marcha lenta, o que dificulta acompanhar os colegas. Deve continuar a treinar a marcha correta e ser sempre alertado, pelo adulto, quando o fizer incorretamente.

No contexto sala de aula, verifica-se nas grelhas de avaliação que o aluno não adquiriu os objetivos, continuando o treino de sentar-se corretamente, usar corretamente o equipamento e evitar o uso do nariz para aceder ao teclado e esforçar-se por terminar as atividades, não desistindo. É de salientar que todos os professores que compõem o conselho de turma estão sensibilizados para a necessidade de alertar o aluno sempre que detetam comportamentos incorretos e que impeçam que se atinja os objetivos planificados.

Na presente quinzena, não foi atingido o objetivo de levar o *My Tobbi* para a sala

de aula, pelos motivos já referidos, apesar de terem sido efetuadas as diligências. Continua assim em desenvolvimento as medidas para tornar possível a entrada daquela tecnologia de apoio na sala de aula. O João continua a trabalhar com o equipamento que tem na sala de aula (Imagem1) e tem de usar o manípulo para aceder ao GRID, de forma a evitar o uso do nariz. Em todas as disciplinas deve ser desenvolvido o treino da dicção do João, pedindo-lhe para participar, falando devagar, elaborando o discurso palavra a palavra. No que diz respeito aos objetivos planificados para os professores, na informatização dos materiais, foi difícil conseguir que todos os professores informatizassem as fichas de trabalho para a aula e as fichas para trabalho de casa, só os docentes de Língua Portuguesa, Físico-química e Francês conseguiram dar início à implementação desta. A informatização dos testes foi uma medida atingida por todo o conselho de turma. As ajudas a dar ao João pelos colegas, foram definidas e postas em prática: retirarem os materiais necessários da mala do João; abrir o manual na página pedida pelo professor; ligar e desligar o computador; fotocopiar as aulas do caderno de um colega semanalmente. Outra estratégia aplicada foi o desenvolvimento de uma aprendizagem cooperativa: Promover o trabalho de grupo, dentro e fora da sala de aula; rotatividade semanal dos colegas de carteira do aluno João. Desenvolver o ensino cooperativo com a implementação das seguintes estratégias educativas: parceria pedagógica nas aulas de Educação Física, Educação Visual, Língua Portuguesa, Matemática e Físico-Química; planificação conjunta das atividades a desenvolver. Foi feita uma avaliação muito positiva, quanto ao trabalho realizado na sala de aula com os alunos, com a aplicação de estratégias de cooperação entre os docentes. Conseguiu-se prestar apoio a todos alunos em geral e ao João, criando-se um ambiente promotor de aprendizagens.

Na planificação realizada no âmbito do apoio especializado, prestado pela professora de educação especial, nas medidas delineadas: apoiar dentro e fora da sala de aula no uso do equipamento, de que o aluno dispõe, rentabilizando ao máximo o desempenho do aluno e avaliando o seu nível de funcionalidade; as reuniões com família, professores, terapeutas e contactos com o Hospital; o apoio na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras atividades; articular com a Terapeuta da fala e o treino da dicção, com as estratégias definidas em conselho de turma. Todas as medidas atrás referidas foram atingidas, como se pode observar na grelha de avaliação.

No contexto familiar as medidas: deslocar-se ao W.C. autonomamente, com o uso de roupa adequada, com calças com elástico na cintura; nas refeições os utensílios adaptados (o prato adaptado, o copo com asa e os talheres adaptados); fazer a cama com ajuda; arrumar as suas roupas com ajuda, têm sido treinadas e vão continuar a ser

desenvolvidas nas próximas quinzenas. O João atingiu a medida de utilizar em casa o equipamento *My tobii* com a supervisão da família e realizou as tarefas escolares com a ajuda do equipamento, sendo esta tarefa facilitada quando os professores lhe enviam as fichas de trabalho em formato informático.

Todas as medidas que não foram atingidas nesta quinzena vão continuar a constar em planificações futuras, contudo, algumas medidas já atingidas vão continuar ser trabalhadas, uma vez que queremos que se consolidem e se tornem rotina, nos vários contextos onde se está a realizar a intervenção.

4.2.2.2. 2ª Quinzena - 22/02 a 05/03/2010

Na segunda quinzena da intervenção seguimos a mesma organização, na apresentação dos dados. A intervenção incidiu nos contextos: escolar (quadro21); sala de aula (quadro22); familiar (quadro23); apoio especializado (quadro24).

Quadro 22 - Contexto escolar – 2ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Deslocar-se autonomamente na escola	-Deslocar-se autonomamente do portão da escola para a sala de aula e vice versa; -Transportar os materiais escolares de forma autónoma - Subir escadas com apoio do corrimão -Descer escadas com o apoio do corrimão e com o apoio do braço da assistente operacional	-Progressivamente deixar de acompanhar o aluno do portão à sala -Usar mala com rodas -Apoio semanal da Técnica de Psicomotricidade -Acompanhamento da técnica operacional	<u>Humanos:</u> -Família -Técnicas operacionais -colegas da turma -professores -Técnica de Psicomotricidade; -Professora de Educação Especial <u>Materiais:</u> -Mala com rodas -Dossier para todas as disciplinas	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação
Motricidade Global	Motricidade	-Caminhar com a palma dos pés assentes no chão	-Apoio da técnica de psicomotricidade	<u>Humanos:</u> -Técnica de psicomotricidade	Observação direta com registo Grelhas reflexivas Grelhas de Avaliação

Quadro 23 - Contexto sala de aula - 2ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	- Usar o <i>My Tobii</i>	-Utilizar o equipamento do aluno na sala de aula -Ensino cooperativo -Aprendizagem cooperativa -Definir as ajudas a dar ao João, pelos colegas	-Articular diligências com a família e o HGO, para a deslocação do <i>My Tobii</i> para a escola -Trabalhar em suporte informático -Incentivar o uso do programa <i>GRID</i> e do manípulo - Dar continuidade ao trabalho de parceria pedagógica na sala de aula -Incentivar a entreajuda entre os colegas da turma -Fomentar o trabalho de grupo - Sentar o João numa mesa à frente na primeira fila -Os colegas, retirarem os materiais necessários da mala do João -Abrir o manual na página pedida pelo professor -Ligar e desligar o computador -Fotocopiar as aulas do caderno do colegas semanalmente	<u>Humanos:</u> -Professores da turma -Professora de Educação Especial -Colegas <u>Materiais:</u> -Computador -<i>Grid</i> -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril -Materiais informatizados <u>-Humanos:</u> -Professores <u>-Materiais:</u> -Computador -<i>Grid</i> -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril -Materiais informatizados <u>-Humanos:</u> -Professores <u>-Materiais:</u> -Computador -<i>Grid</i> -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril -Materiais informatizados	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Quadro 24 - Apoio especializado – 2ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Melhorar a funcionalidade em contexto escolar -Desenvolver um trabalho de tutoria	- Utilizar o equipamento informático, com correção -Acompanhar a situação escolar do aluno	- Apoio dentro e fora da sala de aula no uso do equipamento -Supervisão e acompanhamento do aluno -Reuniões com família, professores e terapeutas -Contactos com o HGO -Apoio na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras atividades, caso necessário	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Professores de Psicomotricidade -Terapeuta da Fala -Família <u>Materiais:</u> -Computador -Grid -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril	Observação direta com registo Grelha reflexivas Grelhas de Avaliação
Comunicação	-Melhorar a linguagem expressiva	-Falar devagar -Elaborar o discurso palavra a palavra	-Articulação com a Terapeuta da fala -Treino da dicção	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação especial -Terapeuta da Fala <u>Materiais:</u> -Equipamento tecnológico -Jogos	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
Motricidade	-Treinar a motricidade global	-Melhorar a postura	-Adotar, sempre, uma postura adequada, quando sentado a trabalhar	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Técnica de Psicomotricidade <u>Materiais:</u> -Computador -Grid -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
	-Desenvolver a motricidade fina	-Treinar algumas ações	-Ligar o computador -Desligar o computador -Abrir a mala	<u>Humanos:</u> -Professora de educação especial <u>Materiais:</u> -Computador -Mala	

Quadro 25 – Contexto familiar - 2ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Usar o My Tobii	-Realizar os trabalhos de casa no My Tobii	-Realizar os trabalhos de casa no My Tobii com o olhar -Utilizar o Messenger e jogos com o olhar -Fazer cópias, regularmente, no My Tobii -Receber os materiais informatizados, enviados pelos professores	<u>Humanos:</u> - Família -Professores <u>Materiais:</u> -Materiais informatizados -Equipamento do aluno	Observação direta com registo Grelha reflexiva de avaliação
	-Treinar a higiene pessoal	-Deslocar-se ao W.C.	-Usar calças com elástico na cintura - Descer as calças autonomamente - Sentar-se na sanita para efetuar as suas necessidades -Ser autónomo o mais possível na casa de banho -Lavar e secar as mãos e cara	<u>Humanos:</u> -Família <u>Materiais:</u> Roupa adequada	
Motricidade	Motricidade global	-Praticar desporto	-Praticar boccia e natação	<u>Humanos:</u> Família	Observação direta com registo Grelha reflexiva de avaliação

Grelha 6 – Contexto escolar - 2ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Deslocar-se autonomamente do portão da escola para a sala de aula e vice-versa		X	
Transportar os materiais escolares de forma autónoma		X	
Subir escadas com apoio do corrimão;		X	
Descer escadas com o apoio do corrimão e da técnica operacional	X		

Grelha 7 – Contexto sala de aula - 2ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Usar o MyTobii			X
Informatizar materiais		X	
Melhorar a participação e desempenho na sala de aula		X	

Grelha 8 – Apoio especializado – 2ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Apoiar, o João, dentro e fora da sala de aula no uso do equipamento	X		
Reunir com família, professores e terapeutas	X		
Contactar com o HGO	X		
Apoiar, o João, na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras atividades, caso necessário, usando o equipamento corretamente	X		
Articular com a Terapeuta da fala Treino da dicção	X		
Adotar, sempre, uma postura adequada, quando sentado a trabalhar		X	
Ligar o computador (o João)		X	
Desligar o computador (o João)		X	
Abrir a mala (o João)		X	
Fechar a mala (o João)		X	

Grelha 9 – Contexto familiar - 2ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Realizar os TPC no <i>My Tobii</i>		X	
Receber os materiais informatizados, enviados pelos professores		X	
-Usar calças com elástico na cintura		X	
- Sentar-se na sanita para efetuar as suas necessidades		X	
-Lavar e secar as mãos e cara	X		
-Praticar boccia e natação	X		

Reflexão Quinzenal - 22/02 a 05/03/2010

No início desta quinzena, a mãe do João reuniu com a Diretora de Turma e com a Professora de Educação Especial. O aluno federou-se no desporto que já pratica há algum tempo, o *Boccia*, e vai ter torneios na próxima semana, o que coincide com a semana mais preenchida com testes de avaliação. Com o estatuto de aluno federado realiza o teste de avaliação das disciplinas de Geografia e de Língua Portuguesa na semana seguinte. A solução acordada foi a realização dos testes, em sala à parte com a Professora de Educação Especial.

A encarregada de educação também deu a informação que o portátil do aluno foi enviado para a fábrica, devido a avaria, a mãe atribuí a causa da avaria às falhas de luz constantes na escola, o que, segundo a mesma, deve ter contribuído para a avaria do sistema informático do computador. Há a referir que, a Encarregada de Educação e

aluno, já tinham sido chamados à atenção várias vezes para a necessidade de levar bateria do portátil carregada para a escola, para não ser necessário ligar computador à eletricidade.

Mãe informa, que devido às circunstâncias recusa-se a que o filho traga para a escola o computador após a vinda da fábrica, pois com as falhas de energia, pode voltar a avariar. O aluno trabalha, atualmente, com um portátil da escola, adquirido através do Plano Tecnológico Nacional.

Referiu, também, que foi chamada ao Hospital que acompanha o aluno para entregar a documentação que estava em falta, para a realização do protocolo do seguro do equipamento informático *My Tobii*, e que segundo as informações dadas, pelos serviços do Hospital, o seguro está prestes a concretizar-se.

Deu-se a mudança de lugar do aluno na planta da sala de aula. Agora senta-se na 1ª fila, na 1ª carteira, em frente à secretária do Professor, após a decisão do Conselho de Turma, devido ao facto do aluno, anteriormente, não estar no melhor lugar na planta da sala(última carteira da 3ª fila), decisão tomada pelo Conselho de Turma na reunião intercalar do 2º período, realizada durante a 1ª quinzena da intervenção. Aquele lugar estava atribuído ao aluno devido à tomada da elétrica para ligar o computador estar situada na parede atrás da mesa, onde o aluno se sentava, segundo informações dadas pelos professores do aluno.

Foi decidido que a professora de educação especial, iniciará o apoio à turma, em parceria pedagógica com o professor da turma, na aula de Língua Portuguesa. O João ficará sentado na carteira da frente na fila em frente à secretária do Professor, ao lado do colega 14.

Há a referir, que a mudança de lugar trouxe ao João maior atenção e concentração nas tarefas proporcionando uma maior participação do aluno nas actividades realizadas.

Do contacto telefónico com Hospital – Centro de Desenvolvimento da Criança -, foi dito que estava tudo tratado, que iriam contactar a família para ir levantar toda a documentação relativa ao seguro do equipamento e que dentro em breve estaria tudo pronto para o equipamento informático ir para a escola.

Com base na avaliação das medidas adotadas nesta quinzena, apresentada nas grelhas, ao nível do contexto escolar, o João desloca-se autonomamente do portão da escola para a sala de aula e vice-versa e transporta os materiais escolares de forma autónoma. Continua o treino de subir escadas com apoio do corrimão e continua a descer as escadas com o apoio do corrimão e da assistente operacional, não conseguindo ainda atingir este objetivo.

Nesta quinzena, na sala de aula, não foi possível usar o *My Tobii*, continuando o

aluno a usar o equipamento que dispõe (Imagem1), a informatização dos materiais e fichas de trabalho a serem usados na sala de aula, começou a ser dinamizada por alguns professores, assim como o uso do retroprojektor e do quadro interativo (Anexo 16). A participação e desempenho, do João, na sala de aula, melhoraram bastante, com a mudança de lugar. O João fica mais próximo do professor, o que o ajuda a estar mais atento e, por outro lado, também se nota um maior acompanhamento por parte do professor. Podemos considerar eficaz a ajuda dada pelos colegas, nas tarefas definidas: retirarem os materiais necessários da mala do João; abrir o manual na página pedida pelo professor; ligar e desligar o computador; fotocopiar as aulas do caderno de um colega, semanalmente. Não esquecendo que fora referido, em entrevista, por um professora da turma, que os alunos pareciam um pouco cansados do João (Anexo 9), situação que se pretende alterar, com uma maior autonomia do João e uma menor “sobrecarga” dos colegas, só possível com a entrada na sala de aula da nova tecnologia de apoio.

No âmbito do apoio especializado, a turma continua a beneficiar, na modalidade de parceria pedagógica, com a professora de educação especial e o professor de Língua Portuguesa. Este apoio é prestado à turma. Fora da sala de aula, a professora de educação especial trabalha com o aluno no treino do uso do equipamento informático e no apoio na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras atividades que o aluno não consiga concluir no contexto sala de aula devido à lentidão que apresenta no acompanhamento da aula. É necessário reforçar o carácter urgente da obtenção do equipamento *MyTobii* na sala de aula, o que contribuiria, muito, para que algumas dificuldades detetadas fossem ultrapassadas, como por exemplo, o aluno conseguir realizar os testes de avaliação na sala de aula e acompanhar as atividades realizadas.

Foram efetuadas, pela professora de educação especial, reuniões periódicas com os familiares do João, professores e terapeutas, assim como com o Hospital que acompanha o aluno. Foi sempre mantida a articulação com a terapeuta da fala que acompanha o aluno para o desenvolvimento da área da dicção.

Também foi realizado, no apoio especializado, um trabalho no âmbito postural, em articulação coma técnica de psicomotricidade, contribuindo para que o aluno desenvolva uma melhor posição de trabalho, quando sentado na secretária da sala de aula. Ao nível da motricidade fina, tem sido feito um treino de ligar o computador desligar o computador, abrir a mala e fechar a mala.

Quanto ao contexto familiar, o aluno já realiza os trabalhos de casa no *My Tobii*, tornando-se mais fácil esta tarefa, quando recebe dos professores materiais informatizados, proporcionando ao aluno uma maior autonomia em casa, não

necessitando de ajuda de um familiar para abrir manuais, cadernos etc. O treino da higiene pessoal tem decorrido, com frequência no contexto familiar, mas ainda não está totalmente atingido, consegue lavar e secar a cara e as mãos, autonomamente, segundo informações dadas pela encarregada de educação, o aluno ainda pede muitas vezes para ir alguém com ele ao W.C., continuando, assim, este objetivo a ser desenvolvido na próxima quinzena.

4.2.2.3. 3ª Quinzena - 08/03 a 19/03/2010

Quadro 26 - Contexto escolar – 3ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Deslocar-se na escola	-Deslocar-se para a sala de aula -Ir aos intervalos	-Colocar todas as disciplinas no dossiê de forma a reduzir o peso excessivo da mala do aluno e permitir ser o mesmo a levar a mala nas costas; -Acompanhar nos intervalos os colegas recreio acompanhado pela técnica operacional	<u>Humanos:</u> Técnica operacional Professora de Educação especial Colegas Família <u>Materiais:</u> Dossiê Mala	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação
	-Higiene pessoal	-Ir ao W.C. sozinho	-Usar calças de elástico que permitam o jovem descê-las sozinho e sentar-se na sanita para efetuar as suas necessidades, sendo autónomo o mais possível na casa de banho e não necessitando da ajuda de uma auxiliar	<u>Humanos:</u> Assistente operacional <u>Materiais:</u> Calças com elástico na cintura	

Quadro 27 - Contexto sala de aula - 3ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	Usar o My Tobii	-Funcionar com o My Tobii, corretamente, na sala de aula	-Adaptação de uma mesa de sala de aula ao equipamento do aluno -Materiais e fichas de trabalho informatizados pelos professores	<u>Humanos:</u> -Técnico operacional -Professora de Educação Especial -Professores do Conselho de Turma; <u>Materiais:</u> -Secretária adaptada, com rodas -My Tobii	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação
Motricidade global	-Adotar postura correta	-Sentar-se corretamente	-Privilegiar, na sala de aula, o uso do retroprojeto e do quadro interativo -Materiais informatizados -Utilizar a tecnologia de apoio	<u>Humanos:</u> -Professores <u>Materiais:</u> -Fichas informatizadas -Equipamento	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de

			adequadamente	informático -Retroprojektor -Quadro interativo	avaliação
--	--	--	---------------	--	-----------

Quadro 28 - Apoio especializado – 3ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Melhorar a funcionalidade em contexto escolar	- Utilizar o equipamento informático, com correção	- Apoio dentro e fora da sala de aula no uso do equipamento -Supervisão e acompanhamento do aluno -Reuniões com família, professores e terapeutas -Contactos com o Hospital que acompanha o aluno	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Professores de Psicomotricidade -Terapeuta da Fala -Família <u>Materiais:</u> -Computador -Grid -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril	Observação direta com registo Grelhas reflexivas Grelhas de Avaliação
	-Desenvolver um trabalho de tutoria	-Acompanhar a situação escolar do aluno	-Apoio na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras atividades, caso necessário	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação especial <u>Materiais:</u> - My tobii - Materiais informatizados	
Comunicação	-Melhorar a linguagem expressiva	-Falar devagar -Elaborar o discurso palavra a palavra -Ler pequenos textos	-Articulação com a Terapeuta da fala -Treino da dicção - Leitura de pequenos textos silenciosa e em voz alta	<u>Humanos:</u> -Professores de Educação especial -Professora de Educação especial -Terapeuta da Fala <u>Materiais:</u> - Computador -Textos informatizados	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
Motricidade	-Treinar a motricidade global	-Postura correta -Caminhar corretamente -Subir escadas -Descer escadas	-Adotar, sempre, uma postura adequada, quando sentado a trabalhar no computador -Caminhar com a planta do pé assente no chão -Subir escadas com apoio do corrimão -Descer escadas com apoio do corrimão e técnica operacional	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Técnica de Psicomotricidade <u>Materiais:</u> -Equipamento Informático <u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Técnica de Psicomotricidade -Assistente operacional	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação

Quadro 29 – Contexto familiar - 3ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	- Cuidar da sua Higiene pessoal	-Ir ao W.C sozinho	-Usar calças com elástico que permitam o jovem descê-las sozinho -Sentar-se na sanita para efetuar as suas necessidades -Lavar e secar a cara e as mãos autónomo o mais possível na casa de banho sem ajuda	<u>Humanos:</u> -Família <u>Materiais:</u> -Calças com elástico na cintura	Observação direta com registo Grelha reflexiva
	-Alimentar-se autonomamente	-Usar utensílios adaptados	-Alimentar-se em casa com os utensílios adaptados	<u>Humanos:</u> -Família <u>Materiais:</u> -Prato anti deslizando - Copo com asa - Talheres adaptados	Grelha de avaliação
Motricidade	-Motricidade global	- Melhorar a postura	-Realizar os trabalhos de casa e estudar no equipamento adaptado -Caminhar com a palma dos pés assente no chão	<u>Humanos:</u> -Família <u>Materiais:</u> -Computador -GRID -Manípulo -Materiais informatizados	Observação direta com registo Grelha reflexiva
		-Praticar desporto	-Praticar boccia e natação		Grelha de avaliação

Grelha 10– Contexto escolar - 3ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Deslocar-se para a sala de aula, com a mala e os materiais escolares		X	
Ir aos intervalos	X		
Ir ao wc sozinho	X		

Grelha 11- Contexto sala de aula - 3ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Usar o My Tobii na sala de aula	X		
Adaptar uma mesa ao equipamento do aluno		X	
Informatizar os materiais		X	
Aplicar a aprendizagem cooperativa		X	
Desenvolver o ensino cooperativo	X		

Grelha 12 – Contexto familiar - 3ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Ir ao wc sozinho		X	
Melhorar a postura		X	
Usar os utensílios adaptados para se alimentar		X	
Continuar a praticar desporto	X		

Reflexão Quinzenal - 08/03 a 19/03/2010

Após várias diligências efetuadas e o seguro concretizado, a tecnologia de apoio *My Tobbi* vem para a escola, consegue-se nesta quinzena atingir este objetivo, que pensamos ter um papel decisivo, no contexto sala de aula. A planificação que estava preparada para esta quinzena tem como meta o desenvolvimento de vários objetivos, alguns já adquiridos, outros não. Os objetivos já atingidos, nós decidimos mantê-los, uma vez, que têm de ser treinados de forma a torná-los uma rotina nas práticas do grupo. Nesta situação, caso se atinja um objetivo e se descure a sua continuidade, não há a certeza que a prática se mantenha, caso não seja mantida na planificação e nas grelhas de avaliação.

O elevado custo do computador e a grande sensibilidade do equipamento requerem que sejam tomadas uma série de medidas para que não haja avarias ou outros danos a afetarem o mesmo.

Em primeiro lugar houve a necessidade de conseguir adaptar o equipamento a uma mesa com rodas para que o mesmo acompanhe o aluno quando este se desloca para as salas de aula. Esta adaptação foi realizada por um funcionário da escola, que faz pequenos arranjos e trabalhos na manutenção da escola.

O equipamento ficará guardado, após as aulas, numa arrecadação de uma sala de aula da escola e uma assistente operacional, todos os dias de manhã, terá a função de ir buscar a mesa com o equipamento e colocá-la na sala de aula do João.

No final da quinzena, a secretária adaptada ao equipamento informático entra na sala de aula.

O aluno mostra alguma dificuldade em trabalhar com o equipamento, uma vez que o ecrã é tátil ou pelo olhar, o aluno, por vezes, continua a usar o nariz para escrever, uma vez, que é muito mais rápido do que com o olhar. É quase como um movimento inato, o aluno inclina a cabeça para chegar ao ecrã com o nariz. Segundo as técnicas do CRITIC, que se deslocaram à escola para avaliar o funcionamento do aluno com o equipamento, aquele movimento não implica tanto esforço ao nível da coluna cervical, não afetando tanto a saúde do aluno, como acontecia anteriormente, quando o aluno tinha de baixar a cabeça até tocar com o nariz no teclado do portátil (imagem2). Contudo, segundo a opinião das técnicas e de todos os que acompanham a turma, o João terá de usar o equipamento adequadamente para que tire o maior partido do recurso.

Quanto aos objetivos planificados para esta quinzena, podemos referir que após a avaliação, olhando para as grelhas, no contexto escolar, foi atingido o objetivo de colocar todas as disciplinas num dossiê reduzindo o peso excessivo da mala, o que permitiu ao

aluno transportar a sua própria mala às costas. O João acompanhou os colegas no recreio, durante os intervalos, supervisionado pela assistente operacional.

No contexto sala de aula, conseguiu-se a adaptação de uma mesa de sala de aula ao equipamento do aluno e os professores produzem, com mais regularidade, materiais e fichas de trabalho informatizados. Outra estratégia a privilegiar na sala de aula é o uso do retroprojektor e do quadro interativo, só assim se poderá otimizar as funções do apoio tecnológico, com um aumento da autonomia e desenvolvimento das aprendizagens para o grupo.

O apoio especializado continuou a ser dado dentro e fora da sala de aula, no uso do equipamento tecnológico usado pelo aluno na sala de aula, antes da entrada do MyTobii. Houve apoio na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras atividades, treino da dicção, com a leitura de pequenos textos, silenciosa e em voz alta. Foi também trabalhada a questão do João adotar, sempre, uma postura adequada, quando sentado a trabalhar no computador. A professora de educação especial realizou reuniões com família, professores, terapeutas e contactos com o Hospital que acompanha o aluno, sempre na perspectiva da realização de uma intervenção multidisciplinar, com a participação de todos os intervenientes.

Ao nível da motricidade, continuamos a desenvolver o treino do João, para caminhar corretamente, com a planta do pé assente no chão, subir escadas com apoio do corrimão descer escadas com apoio do corrimão e técnica operacional.

No que se refere ao contexto familiar, continua a ser avaliado o treino no uso das calças com elástico na cintura, que permitam ao jovem descê-las sozinho, sentar-se na sanita para efetuar as suas necessidades, lavar e secar a cara e as mãos, ser autónomo o mais possível na casa de banho, socorrendo-se de ajuda só quando não consiga concluir as ações sozinho. Continua também o treino da alimentação em casa com os utensílios adaptados, realizar os trabalhos de casa e estudar no equipamento adaptado e caminhar com a palma dos pés assente no chão. A prática de desporto, o boccia e a natação, é uma medida que tem sido atingida todas as quinzenas.

4.2.2.4. 4ª Quinzena - 22/03 a 01/04/2010

Quadro 30 - Contexto escolar – 4ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Deslocar-se na escola autonomamente	-Deslocar-se para a sala de aula -Transportar a mala -Ir aos intervalos	-Progressivamente deixar de acompanhar o aluno do portão à sala -Mala leve, com dossier para todas as disciplinas -Ir ao intervalo acompanhado pela assistente operacional	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Assistente operacional -Técnica de psicomotricidade <u>Materiais:</u> -Mala -Dossier para todas as disciplinas	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação
	-Cuidar da higiene pessoal	-Desenvolver atitudes autónomas na higiene pessoal	-Usar calças de elástico -Descer as calças sozinha -Sentar-se na sanita para efetuar as suas necessidades -Ser autónomo na casa de banho, sem ajuda, sempre que possível -Lavar e secar as mãos e a cara	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial <u>Materiais:</u> -Calças com elástico na cintura	
Motricidade	-Motricidade Global	-Melhorar a postura	-Usar calçado adequado -Caminhar com as plantas dos pés assentes no chão	<u>Humanos:</u> -Assistente operacional -Técnica de psicomotricidade <u>Materiais:</u> -Calçado adequado	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Quadro 31 - Contexto sala de aula - 4ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Usar o My Tobii	-Funcionar com o My Tobii, na sala de aula -Dar continuidade à aprendizagem cooperativa	-Usar o My tobii com supervisão do professor -Fichas e materiais informatizados pelos professores -Digitalização de páginas dos manuais escolares -Retirarem e colocarem [colegas] os materiais escolares, necessários, da mala do João -Abrir o manual na página pedida pelo professor -Ligar e desligar o computador -Fotocopiar as aulas do caderno do colegas semanalmente -Trabalhos de grupo	<u>Humanos:</u> -Professores <u>Materiais:</u> -My Tobii -Fichas e materiais informatizados <u>Humanos:</u> -Professores <u>Materiais:</u> -My tobii -Manuais escolares -Fotocopiadora	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

		-Continuar a desenvolver práticas de ensino cooperativo	-Assessoria pedagógica nas aulas de Educação Física, Educação Visual, Matemática e Físico-Química -Planificação conjunta das atividades a desenvolver -Usar as tecnologias de apoio disponíveis	<u>Humanos:</u> -Professores <u>Materiais:</u> - My Tobii	
Motricidade global	-Usar o My Tobii	-Melhorar a postura na sala de aula	-Sentar-se corretamente na secretária -Usar corretamente o equipamento	<u>Humanos</u> -Professores <u>Materiais</u> -My Tobii	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Quadro 32 - Apoio especializado – 4ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Melhorar a funcionalidade em contexto escolar	- Utilizar o equipamento informático, com correção	- Apoiar dentro e fora da sala de aula no uso do equipamento -Reunir com família, professores e terapeutas -Contactar com o Hospital	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Professores de Psicomotricidade -Terapeuta da Fala -Família <u>Materiais:</u> -Computador -Grid -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril	Observação direta com registo Grelha reflexivas Grelhas de Avaliação
	-Desenvolver um trabalho de tutoria	-Acompanhar a situação escolar do aluno	-Apoiar na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras atividades, caso necessário	<u>Humanos:</u> Fichas de trabalho informatizadas <u>Materiais:</u> My Tobii	
Comunicação	-Melhorar a linguagem expressiva	-Falar devagar -Elaborar o discurso palavra a palavra	-Articular com a Terapeuta da fala -Treinar da dicção	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação especial -Terapeuta da Fala <u>Materiais:</u> My tobii Materiais informatizados	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação

Motricidade	-Treinar a motricidade global	-Desenvolver uma postura correta -Caminhar corretamente -Subir escadas -Descer escadas	-Adotar, sempre, uma postura adequada, quando sentado a trabalhar -Caminhar com a planta dos pés no chão -Subir escadas, com o apoio do corrimão -Descer escadas, com o apoio do corrimão e da técnica operacional	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Técnica de Psicomotricidade <u>Materiais:</u> -Equipamento Informático	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
	-Desenvolver a motricidade fina	-Treinar a motricidade fina	-Ligar o computador -Desligar o computador -Abrir a mala escolar -Fechar a mala escolar	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação especial <u>Materiais:</u> -My tobii -Mala	

Quadro 33 – Conselho de Turma de Avaliação do 2º período – 4ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Desenvolver a autonomia do aluno na sala de aula	-Supervisionar o uso do <i>My Tobii</i> na sala de aula -Desenvolver a informatização de materiais -Continuar a desenvolver a aprendizagem cooperativa -Reforçar o desenvolvimento do ensino cooperativo	-Utilizar corretamente na sala de aula o equipamento que dispõe -Informatizar os materiais e fichas de trabalho a serem utilizadas na sala de aula -Informatizar, sempre que possível, os trabalhos de casa e enviar para o aluno -Informatizar os testes de avaliação -Usar o computador e o retroprojektor, na exposição dos conteúdos, na sala de aula -Promover o trabalho de grupo, dentro e fora da sala de aula - Professores ter em conta o João, Mário e Miguel na construção dos grupos de trabalho -Rotatividade semanal dos colegas de carteira do João -Os colegas, retirarem os materiais necessários da mala do João -Abrir o manual na página pedida pelo professor -Ligar e desligar o computador -Fotocopiar as aulas do caderno do colegas semanalmente -Parceria pedagógica nas aulas de Educação Física, Educação Visual, Português, Matemática e Físico-Química -Planificação conjunta das atividades a desenvolver	<u>Humanos:</u> -Professores da turma -Professora de Educação especial – Colegas – Técnicas operacionais <u>Materiais:</u> -Equipamento do aluno -Computador -Retroprojektor -Materiais informatizados <u>Humanos:</u> -Professores da turma -Professora de Educação especial – Colegas da turma <u>Materiais:</u> -Equipamento do aluno -Computador -Retroprojektor -Materiais informatizados <u>Humanos:</u> -Professores da turma -Professores de assessoria – Colegas da turma <u>Materiais:</u> -Equipamento do aluno -Computador -Retroprojektor -Materiais informatizados	Observação direta com registo Grelhas reflexivas Grelhas de Avaliação

	-Cuidar da higiene pessoal	-Deslocar-se ao W.C. autonomamente	-Usar calças com elástico na cintura -Supervisão da assistente operacional, nas idas ao W.C.	<u>Humanos:</u> -Família -Técnica de psicomotricidade -Técnica operacional -Professora de Educação Especial <u>Materiais:</u> - Calças com elástico	
Socialização	-Relacionar-se com os pares, no contexto escolar	- Deslocar-se na hora do almoço com os colegas da turma para o refeitório - Acompanhar os colegas, nos intervalos	-Supervisão da assistente operacional -Supervisão da assistente operacional	<u>Humanos:</u> Assistente operacional <u>Materiais:</u> -Refeitório	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
Comunicação	- Treinar a comunicação expressiva oral e escrita	-Desenvolver a dicção -Continuar a usar o equipamento informático, corretamente	-Falar devagar -Elaborar o discurso palavra a palavra -Apoio semanal em Terapia da Fala -Apoio individual especializado -Supervisão dos professores -Informatização dos materiais a usar em sala de aula - Usar o equipamento para escrever sumário e alguns apontamentos -Informatizar os materiais -Enviar, sempre que possível, as tarefas informatizadas para o aluno realizar em casa -Testes informatizados e adequados, com respostas múltiplas, verdadeiro e falso, etc.	<u>Humanos:</u> Terapeuta da Fala Professores Professora de Educação Especial <u>Materiais:</u> Equipamento informático Fichas e materiais informatizados Retroprojektor	Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
Motricidade	-Melhorar a Motricidade Global	-Adotar uma postura adequada na sala de aula	-Usar o equipamento informático corretamente -Sentar-se corretamente	<u>Humanos:</u> -Professores <u>Materiais:</u> -My tobii -Materiais informatizados	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Quadro 34 – Contexto familiar – 4ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Cuidar da sua Higiene pessoal	-Ir ao W.C. sozinho	-Usar calça com elástico na cintura -Descer as calças sozinho -Sentar-se na sanita para efetuar as suas necessidades -Lavar as mãos e a cara -Secar as mãos e a cara	<u>Humanos:</u> -Família <u>Materiais:</u> -Calças com elástico na cintura	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação
	-Alimentar-se	-Usar utensílios adaptados	-Alimentar-se em casa com os utensílios adaptados	<u>Humanos:</u> -Família <u>Materiais:</u> -Prato anti deslizante copo com asa e talheres adaptados	
Motricidade Global	-Desenvolver a motricidade global	-Melhorar a postura -Praticar desporto	-Calçar sapatos adequados -Caminhar com a palma dos pés assente no chão -Praticar boccia e natação	<u>Humanos:</u> -Família <u>Materiais:</u> -Calçado adequado	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Grelha 13 – Contexto escolar – 4ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Deslocar-se do portão para a sala de aula e vice-versa		X	
Usar mala com dossiê para todas as disciplinas		X	
Ir aos intervalos, com os colegas com a supervisão da assistente operacional	X		
Usar calças com elástico na cintura	X		
Descer as calças sozinho	X		
Sentar-se na sanita para efetuar as suas necessidades	X		
Ser autónomo na casa de banho, sempre que possível, sem ajuda	X		
Lavar as mãos e secar	X		
Caminhar com a planta dos pés no chão		X	

Grelha 14 – Contexto sala de aula – 4ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Usar as tecnologias de apoio disponíveis, corretamente [João]		X	
Informatizar materiais e fichas de trabalho [professores]		X	
Digitalizar páginas dos manuais escolares [professores]		X	
Informatizar testes de avaliação [professores]	X		
Ligar o My tobii [João]		X	
Desligar o My tobii [João]		X	
Fotocopiar as aulas do caderno dos colegas semanalmente [colegas]	X		

Trabalhar a pares/grupo	X		
Retirar e colocar [colegas] os materiais escolares, necessários, da mala do João	X		
-Dinamizar a assessoria pedagógica nas aulas de Educação Física, Educação Visual, Português, Matemática e Físico-Química	X		
-Planificar conjuntamente as atividades a desenvolver [professores]	X		
Sentar-se corretamente na secretária [João]	X		
Usar o equipamento corretamente [grupo]	X		

Grelha 15 – Apoio especializado – 4ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Apoiar dentro e fora da sala de aula, em parceria pedagógica, no uso do equipamento	X		
Contactar com o Hospital	X		
Reunir com família, professores e terapeutas	X		
Apoiar na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras atividades, caso necessário	X		
Articular com a Terapeuta da fala Treinar da dicção	X		
Subir escadas, com o apoio do corrimão		X	
Descer escadas, com o apoio do corrimão e da técnica operacional		X	
Ligar o computador		X	
Desligar o computador		X	
Abrir a mala escolar		X	
Fechar a mala escolar		X	

Grelha 16- Conselho de turma de avaliação - 2º período - 4ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Articular diligências com a família e o Hospital, para a deslocação do <i>My Tobii</i> para a escola	X		
Usar o equipamento informático corretamente	X		
Usar o manípulo para aceder ao teclado [João]		X	
Informatizar [professores] os materiais e fichas de trabalho a serem utilizadas na sala de aula		X	
Informatizar [professores], sempre que possível os trabalhos de casa e enviar para o aluno		X	
Informatizar [professores] os testes de avaliação	X		
Usar o computador e o retroprojektor, na exposição dos conteúdos, na sala de aula		X	
Promover a aprendizagem cooperativa com o trabalho de grupo, dentro e fora da sala de aula	X		
Parceria pedagógica nas aulas de Educação Física, Educação Visual,	X		

Português, Matemática e Físico-Química			
Planificar conjuntamente das atividades a desenvolver	X		
Deslocar-se ao wc autonomamente		X	
Usar calças com elástico	X		
Deslocar-se na hora do almoço com os colegas da turma para o refeitório, com a supervisão da técnica operacional	X		
Acompanhar os colegas, nos intervalos, com a supervisão da técnica operacional	X		
Desenvolver a dicção		X	
Sentar-se corretamente	X		

Grelha 17 – Contexto familiar – 4ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Ir ao W.C. sozinho		X	
Usar calças com elástico na cintura	X		
Descer as calças sozinho	X		
Sentar-se na sanita para efetuar as suas necessidades	X		
Lavar as mãos e a cara	X		
Secar as mãos e a cara	X		
Alimentar-se em casa com os utensílios adaptados		X	
Caminhar com a palma dos pés assente no chão		X	
Praticar desporto	X		

Reflexão 4ª quinzena - 22/03 a 01/04/2010

Na quinzena em reflexão, com o equipamento *MyTobii*, em sala de aula, pode-se observar que no âmbito deste contexto a intervenção sofreu alterações visíveis. A autonomia na sala de aula, pode ser verificada na reunião de conselho de turma de avaliação realizada no 2º pedido. Podemos verificar que a turma já dispõe do *My Tobii* na sala de aula e todas as vantagens que a tecnologia de apoio traz ao grupo. A maior autonomia do João, suportada pelo uso deste equipamento reflete-se também numa menor sobrecarga (anexo11) nos colegas. Remete-se para o anexo 11, o qual mostramos a análise de uma observação naturalista realizada numa aula de Português após a entrada do *My Tobii* na sala de aula. O João está mais autónomo, os colegas não sentem tanto a responsabilidade de estarem atentos ao trabalho do João em sala de aula, verificando-se um grupo mais harmonioso e menos ansioso no seu desempenho diário (Anexo 11).

A professora de Educação Especial, reforçou em Conselho de Turma a necessidade de ser enviado para o aluno os materiais informatizados, a serem trabalhados na aula e em casa, de forma a facilitar ao aluno a autonomia na realização dos mesmos, não ficando dependente de terceiros, para abrir o caderno, escrever no caderno diário ou na ficha de trabalho. Desta forma, o aluno teria acesso a toda a matéria e tarefas

informatizadas. Alguns professores, consideraram uma tarefa quase impossível, uma vez que a turma é grande, consideram que não há da parte dos professores tempo disponível para um trabalho tão individualizado para o aluno. A forma como a escola está organizada, não ajuda a dar respostas adequadas às necessidades efetivas do João. Uma turma com um aluno com estas características teria ser mais pequena, permitindo aos professores conseguirem dar um acompanhamento ao grupo turma, com estratégias e metodologias diferenciadas.

Há a necessidade de promover o trabalho de grupo, dentro e fora da sala de aula, professores têm de ter em conta os alunos 9, 12 e 21 na construção dos grupos de trabalho, os alunos que nos inquéritos realizados à turma (anexo 2), não foram escolhidos pelos colegas para atividades a realizar dentro e fora da sala de aula.

Os professores consideram que os colegas, estão um bocadinho cansados do João, ele não diz obrigado, nem pede por favor. O João, por sua vez sente alguma injustiça, os outros conseguem fazer, e eu não consigo.

Por proposta do Professor de Língua Portuguesa, ficou decidido que dever-se-ia manter a medida de semanalmente, fotocopiar-se as lições de um colega mais organizado e que se faria uma compilação num dossiê, para que fosse usado pelo João, no acompanhamento das matérias dadas nas várias disciplinas, como ajuda ao aluno para ter acesso aos conteúdos que os professores não conseguissem informatizar ou digitalizar.

A professora de educação especial e a diretora de turma reforçaram a ideia do desenvolvimento da autonomia do aluno, ao ter acesso às matérias e fichas de trabalho informatizadas, deixando de depender tanto de terceiros, como dos colegas da turma, da professora de Educação Especial ou da assistente operacional.

Na mesma reunião foi apresentada, pela professora de Educação Física, a situação do aluno ter aquela disciplina à 2ª feira e 6ª feira e só existir assessoria de outro professor à 2ª feira, o que impossibilita que o aluno à 6ª feira participe nas atividades físicas da aula. A Diretora de turma, após várias tentativas de solucionar o problema, verificou que no seu horário, aquelas duas horas constam da sua componente não letiva. Ficou decidido que a situação seria apresentada à direção do Agrupamento, para um possível apoio à turma naquelas horas, uma vez que a colega de Educação Física não consegue acompanhar a turma e o João.

Quanto ao contexto escolar, verificou-se que, progressivamente está a retirar-se o acompanhamento do aluno do portão à sala de aula. O aluno já consegue levar a sua mala com o dossiê para todas as disciplinas. Continua o treino de ir ao intervalo acompanhado pela assistente operacional, assim como do uso das calças de elástico,

descer as calças sozinho, sentar-se na sanita para efetuar as suas necessidades ser autónomo na casa de banho, sempre que possível sem ajuda. Esta ajuda, da assistente operacional, continua a ser imprescindível sempre que o aluno defeca, havendo a necessidade de realizar a higiene que o aluno não consegue fazer, ainda. Caminhar com a planta dos pés assentes no chão, continua a ser uma competência em desenvolvimento, uma vez que o aluno, sempre que pode, caminha em ponta de pés, o que lhe traz mais velocidade, mas é negativo para a sua postura e coluna.

4.2.2.5. 5ª Quinzena - 12/04/2010 a 23/04/2010- João parte pulso

Quadro 35 - Contexto escolar – 5ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Deslocar-se na escola autonomamente	-Deslocar-se para a sala de aula -Ir aos intervalos	-Progressivamente deixar de acompanhar o aluno do portão à sala -Mala mais leve, com dossiê para todas as disciplinas -Ir ao intervalo acompanhado pela assistente operacional	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Assistente operacional -Técnica de psicomotricidade <u>Humanos:</u> -Assistente operacional	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação
	-Cuidar da higiene pessoal	-Ir ao W.C. sem ajuda	-Usar calças de elástico que permitam o jovem -Descer as calças sozinho -Sentar-se na sanita para efetuar as suas necessidades -Lavar e secar as mãos e a cara	<u>Humanos:</u> -Assistente operacional <u>Materiais:</u> - Calças com elástico na cintura	
Motricidade Global	-Motricidade Global	-Melhorar a postura	-Caminhar com a palma dos pés assente n chão	<u>Humanos:</u> Técnica de psicomotricidade	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Quadro 36 - Contexto sala de aula - 5ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Usar o My Tobii	-Funcionar com o My Tobii através do o olhar	-Informatizar os materiais a serem trabalhados na sala de aula	<u>Humanos:</u> -Professores <u>Materiais:</u> -My tobii - Fichas de trabalho informatizadas	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de

		-Aplicar a aprendizagem cooperativa -Desenvolver o ensino cooperativo	-Promover o trabalho de grupo, dentro e fora da sala de aula - Professores ter em conta os alunos 9, 12 e 21 na construção dos grupos de trabalho -Rotatividade semanal dos colegas de carteira do João -Os colegas, retirarem os materiais necessários da mala do João -Abrir o manual na página pedida pelo professor -Ligar e desligar o My Tobii -Fotocopiar as aulas do caderno do colegas semanalmente -Assessoria pedagógica nas aulas de Educação Física, Educação Visual, Matemática e Físico-Química -Planificação conjunta das atividades a desenvolver	<u>Humanos:</u> -Professores <u>Materiais:</u> -My Tobii -Manuais -Cadernos - Fichas de trabalho informatizadas <u>Humanos:</u> Professores <u>Materiais:</u> My Tobii	avaliação
Motricidade	-Desenvolver a motricidade global	-Melhorar a postura	-Escrever com o olhar -Sentar-se corretamente	<u>Humanos:</u> Professores <u>Materiais:</u> My Tobii	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Quadro 37 - Apoio especializado – 5ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Melhorar a funcionalidade em contexto escolar	- Utilizar o equipamento informático, com correção	- Apoio dentro e fora da sala de aula no uso do equipamento -Supervisão e acompanhamento do aluno -Reuniões com família, professores e terapeutas -Contactos com o Hospital	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Professores de Técnica de Psicomotricidade -Terapeuta da Fala -Família <u>Materiais:</u> -Equipamento informático	Observação direta com registo Grelha reflexivas Grelhas de Avaliação
	-Desenvolver um trabalho de tutoria	-Acompanhar a situação escolar do aluno	-Apoio na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras atividades, caso necessário	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial <u>Materiais:</u> -Equipamento informático	
Comunicação	-Melhorar a linguagem	-Treinar da dicção	-Articulação com a Terapeuta da fala	<u>Humanos:</u> -Professora de	Observação direta com

	expressiva		-Falar devagar -Elaborar o discurso palavra a palavra	Educação especial -Terapeuta da Fala	registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
Motricidade	- Treinar a motricidade global	-Melhorar a postura -Caminhar corretamente -Subir escadas -Descer escadas	-Adotar, sempre, uma postura adequada, quando sentado a trabalhar -Caminhar com a planta do pé assente no chão -Subir escadas com o apoio do corrimão -Descer escadas com apoio do corrimão e da técnica operacional	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Técnica de Psicomotricidade <u>Materiais:</u> -Equipamento Informático	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação

Quadro 38 - Contexto familiar – 5ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	Melhorar a funcionalidade do aluno com o equipamento informático	-Melhorar o nível de funcionalidade do aluno com o equipamento informático	-Avaliação do aluno pelo CRTIC do Seixal -Usar o manípulo para aceder ao Grid2 -Supervisão da família	<u>Humanos:</u> -Técnicas do CRTIC -Professora de Educação Especial -Família <u>Materiais:</u> -Computador portátil -Grid2 -Manípulo	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação
	-Alimentar-se autonomamente	-Usar utensílios adaptados	-Alimentar-se em casa com os utensílios adaptados	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial - Assistente operacional <u>Materiais:</u> -Prato adaptado -Copo com asa -Talheres adaptados	
	-Cuidar da sua Higiene pessoal	-Deslocar-se ao W.C., sem ajuda	-Usar calças de elástico que permitam o jovem descê-las sozinho e sentar-se na sanita para efetuar as suas necessidades, sendo autónomo o mais possível na casa de banho e não necessitando da ajuda da família	<u>Humanos:</u> -Família <u>Materiais:</u> Calças com elástico na cintura	
Motricidade	-Desenvolver a motricidade global	-Melhorar a postura	-Caminhar com a palma dos pés assente no chão -Sentar-se corretamente -Manter uma postura correta quando usa o computador	<u>Humanos:</u> Família	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Grelha 18 - Contexto escolar – 5ª quinzena

Objetivos	Atingiu	Em desenvolvimento	Não atingido
Deixar de acompanhar o aluno do portão à sala		X	
Usar mala mais leve, com dossiê para todas as disciplinas	X		
Ir ao intervalo acompanhado pela assistente operacional	X		
Usar calças de elástico que permitam o jovem descê-las sozinho e sentar-se na sanita para efetuar as suas necessidades	X		

Grelha 19 - Contexto sala de aula - 5ª quinzena

Objetivos	Atingiu	Em desenvolvimento	Não atingido
Usar o <i>MyTobii</i> corretamente		X	
Informatizar os materiais		X	
Informatiza os testes	X		
Fotocopiar as aulas do caderno do colegas semanalmente	X		
Dinamizar a assessoria pedagógica nas aulas de Educação Física, Educação Visual, Matemática e Físico-Química	X		
Planificar conjunta das atividades a desenvolver	X		
Promover o trabalho de grupo, dentro e fora da sala de aula	X		
Rodar semanalmente os colegas de carteira do João	X		
Retirar os materiais [colegas] necessários da mala do João	X		
Abriu o manual [colegas] na página pedida pelo professor	X		
Ligar e desligar o <i>My Tobii</i>	X		
Escrever com o olhar		X	
Sentar-se corretamente	X		

Grelha 20 – Apoio especializado – 5ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Apoiar dentro e fora da sala de aula no uso do equipamento	X		
Contactar com o Hospital	X		
Reunir com família, professores e terapeutas	X		
Apoiar na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras atividades, caso necessário	X		
Treinar a dicção	X		
Adotar, sempre, uma postura adequada, quando sentado a trabalhar	X		
Descer escadas com apoio do corrimão e da assistente operacional		X	
Subir escadas com o apoio do corrimão	X		
Caminhar com a planta do pé assente no chão		X	

Grelha 21 - Contexto familiar - 5ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Avaliar pela equipa do CRTIC a funcionalidade do aluno 9	X		
Usar um manípulo maior para aceder ao Grid2 [aluno9]		X	
Supervisionar o João nos seus desempenhos	X		
Caminhar com a palma dos pés assente no chão		X	
Sentar-se corretamente		X	
Manter uma postura correta quando usa o computador		X	
Praticar desporto	X		

Reflexão 5ª quinzena - 12/04 a 23/04/2010

Nesta 5ª quinzena, a reflexão incidiu essencialmente, na forma como o João em casa vai trabalhar, agora que o *MyTobii* veio para a escola.

Após ter sido efetuado o pedido pela escola, o aluno foi avaliado pelo Centro de Recursos Tecnológicos para a Inclusão da área. Como resposta à situação do aluno em casa ter o equipamento, que anteriormente usava na escola e o qual não usa corretamente, socorrendo-se do nariz para aceder ao teclado. As conclusões da avaliação, são a possibilidade do aluno usar o ponteiro na cabeça ou o equipamento *Magic eye*. Foi atribuído e instalado no portátil do aluno o Grid2, por ser a versão mais recente e, foi também, concedido ao aluno, um manípulo de maiores dimensões, de forma a proporcionar uma menor influência dos movimentos involuntários.

Após a avaliação desta quinzena, até dia 19/05/2011, dia em que o aluno deixa de vir à escola, por ter partido o pulso e ter sido sujeito a uma intervenção cirúrgica com anestesia geral, percebemos que nos diferentes contextos onde se deu a intervenção, os resultados foram bastante positivos, incidindo a intervenção na manutenção e reforço de práticas já conquistadas nas quinzenas anteriores. No contexto familiar, podemos verificar os objetivos atingidos, tendo em vista que o aluno deve adquirir, em casa, uma funcionalidade mais saudável com o equipamento que dispõe. O aluno tem o *MyTobii* na escola e o equipamento, com que funcionava na escola (Imagem1), em casa. As técnicas do *Crtic* avaliaram o João a trabalhar com esse equipamento, e após a mesma decidiram instalar a versão mais recente do programa *GRID*. O manípulo foi considerado pequeno, com um manípulo de acesso ao teclado maior, seria mais fácil para o aluno. Em casa o aluno tem de fazer um treino no uso deste equipamento, com a supervisão da família. Foi ponderado o uso do ponteiro, na cabeça para aceder ao teclado, o que tem sido recusado pelo aluno sempre que lhe é proposto. A família não pode deixar o aluno, em casa, aceder ao teclado com o nariz.

Após a informação que o João havia partido o pulso durante o fim-de-semana e que tinha sido sujeito a uma intervenção cirúrgica com anestesia geral, foi acordado com os professores do aluno, em reunião informal, o envio por correio eletrónico de fichas de trabalho e apontamentos para o João estudar, após o período de reabilitação. É marcada uma reunião com Diretora de Turma, a encarregada de educação e professora de educação.

Na reunião, a mãe menciona o facto do João se encontrar muito debilitado, com dores e com muito medo. Refere que o João e ela própria, só sentem segurança se ele voltar para a escola em cadeira de rodas, para que fique protegido de uma queda ou encontrão de algum colega nos corredores.

4.2.2.6. 6ª Quinzena - 26/04/2010 a 07/05/2010

Quadro 39 - conselho de turma – 6ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Académica	-Acompanhar os conteúdos em formato digital	- Instalar programas específicos de Matemática e Ciências Físico-química.	-Enviar para o aluno, em formato digital, alguns conteúdos tratados nas aulas -Enviar pequenas fichas, em formato digital, para serem realizadas	<u>Humanos:</u> Professores Professora de Educação Especial <u>Materiais:</u> Fichas de trabalho digitalizadas Programas de Matemática e Físico-Química	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Quadro 40 – Contexto familiar – 6ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Melhorar a funcionalidade do aluno com o equipamento informático	-Funcionar, corretamente, com o equipamento que está em casa	-Instalar o GRID2, no portátil do aluno -O aluno trabalhar com o GRID2 -Usar um manípulo maior para aceder ao teclado	<u>Humanos:</u> Família <u>Materiais:</u> Portátil Programa GRID2	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Reflexão 6ª quinzena - 26/04 a 07/05/2010

Foram realizadas reuniões informais com os professores do conselho de turma para encontrar estratégias que ajudem a colmatar a ausência temporária do aluno, de forma

a não atingir negativamente o seu aproveitamento escolar.

Contactou-se telefonicamente a Encarregada de Educação, para dar a conhecer as decisões da generalidade dos professores que constituem o conselho de turma: o envio por correio eletrónico de algumas fichas e apontamentos para o aluno sentir que está a acompanhar as matérias.

Mãe menciona o fato do filho se encontrar muito debilitado, com dores e com muito medo. Refere que o filho e ela própria, só sentem segurança se ele voltar para a escola em cadeira de rodas, para que fique protegido de uma queda ou encontrão de algum colega nos corredores.

4.2.2.7. 7ª Quinzena - 10/05 a 21/05/2010- João volta para a escola

Quadro 41 - Contexto escolar – 7ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Caminhar autonomamente	-Avaliar a autonomia ao nível da marcha -Desenvolver autoconfiança	-Proporcionar, ao aluno, um ambiente escolar securizante -Técnica operacional acompanhar o aluno nos percursos escolares -Deslocar-se na escola, sem cadeira de rodas -Não usar o elevador para mudar de piso	<u>Humanos:</u> -Técnica operacional -Professora de educação especial -Colegas <u>Materiais:</u> -Cadeira de rodas	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Quadro 42 - Contexto sala de aula – 7ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Desenvolver a autonomia na sala de sala	- Sentar-se na cadeira da sala de aula	-Transmitir ao aluno um ambiente securizante, com a ajuda dos colegas da turma -Um colega, sentar-se ao lado do aluno, de forma alternada -O aluno usar o seu equipamento, corretamente, na sala de aula	<u>Humanos:</u> -Professores -Colegas <u>Materiais:</u> -My Tobii -Cadeira	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação
	- Aprendizagem cooperativa	- Dinamizar estratégias promotoras do trabalho cooperativo	- Trabalho de grupo e de pares formados aleatoriamente, ou rotativos		

Quadro 43 - Apoio individual especializado – 7ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Melhorar a funcionalidade em contexto escolar	- Utilizar o equipamento informático, com correção	- Apoio dentro e fora da sala de aula no uso do equipamento -Supervisão e acompanhamento do aluno -Reuniões com família, professores e terapeutas -Contactos com o Hospital	<u>Humanos:</u> Professora de Educação Especial Professores Técnicos de Psicomotricidade Terapeuta da Fala Família <u>Materiais:</u> My Tobii Materiais de trabalho informatizados	Observação direta com registo Grelha reflexivas Grelhas de Avaliação
	-Desenvolver um trabalho de tutoria	-Acompanhar a situação escolar do aluno	-Apoio na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras atividades, caso necessário	<u>Humanos:</u> Professora de Educação Especial <u>Materiais:</u> My Tobii	
Comunicação	-Melhorar a linguagem expressiva	-Falar devagar -Elaborar o discurso palavra a palavra -Melhorar a articulação de palavras e frases	-Articulação com a Terapeuta da fala -Treino da dicção - Narrar experiências do dia-a-dia -Conversar - Reproduzir histórias, após a sua leitura -Descrever gravuras	<u>Humanos:</u> Professora de Educação especial Terapeuta da Fala <u>Materiais:</u> Materiais informatizados	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
Motricidade	-Motricidade global	-Postura correta -Deslocar-se, gradualmente, com autonomia autonomamente	-Adotar, sempre, uma postura adequada, quando sentado a trabalhar, na cadeira de rodas -Caminhar autonomamente, com a planta do pé assente no chão	<u>Humanos:</u> Professora de Educação Especial Técnica de Psicomotricidade <u>Materiais:</u> Equipamento Informático Materiais de trabalho informatizados	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
	-Desenvolver a motricidade fina	-Melhorar a coordenação manual	-Enfiar contas -Encaixar peças -Contornar formas -Fazer construções com jogos de encaixe	<u>Humanos:</u> Professora de Educação Especial Técnica de Psicomotricidade <u>Materiais:</u> Contas Jogos Peças com formas	

Quadro 44 – Contexto familiar - 7ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	- Usar o equipamento	-Melhorar a funcionalidade do	-Instalar o GRID2, no portátil do aluno	<u>Humanos:</u> Técnicas do	Observação

	que tem em casa	aluno com o equipamento informático	-O aluno trabalhar com o GRID2 -Usar um manipulo maior para aceder ao teclado	CRTIC Professora de Educação Especial Família <u>Materiais:</u> Portátil Grid2 Manipulo grande	direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação
Motricidade	- Motricidade Global	-Postura correta	-Sentar-se corretamente à secretária - Usar corretamente o equipamento, em casa	<u>Humanos:</u> Técnicas do CRTIC Professora de Educação Especial Família <u>Materiais:</u> Portátil GRID2 Manipulo grande	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Reflexão 7ª quinzena - 10/05 a 21/05/2010

Uma criança/jovem, após uma queda ou um acidente, fica certamente traumatizada e com receio que o mesmo volte a acontecer.

O João, após ter ficado em casa, volta com demasiado medo e muito condicionado em termos de movimentos.

Desloca-se em cadeira de rodas, encontra-se muito debilitado, mais apático, ansioso, com medo e com muita dificuldade na dicção. O aluno mostra pânico quando lhe é pedido para se levantar da cadeira.

Na sala de aula, a sua secretária foi colocada na último lugar da 3ª fila, (Imagem7), devido à dificuldade de circulação da cadeira de rodas na sala de aula, será uma situação temporária, enquanto usar o gesso no braço e não sentir segurança para se deslocar autonomamente. Teve acompanhamento da professora de educação especial ou da assistente operacional na sala de aula, na realização de testes de avaliação e sempre que não consegue terminar um teste de avaliação ou alguma tarefa, conclui na sala de educação especial com o acompanhamento da professora, ao abrigo da medida condições especiais de avaliação, prescrita no decreto-lei 3/2008 de 7 de Janeiro, artigo 20º, alínea d). Os professores mencionam também, que sentem mais dificuldade em entender o que o João fala.

Grelha 22 - Contexto escolar - 7ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Proporcionar, ao aluno, um ambiente escolar securizante		X	

Acompanhar o aluno nos percursos escolares [técnica operacional]	X		
Deslocar-se na escola, sem cadeira de rodas		X	
Subir e descer escadas		X	

Grelha 23 - Contexto sala de aula – 7ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Transmitir ao aluno um ambiente securizante, com a ajuda dos colegas da turma	X		
Sentar-se ao lado do aluno, de forma alternada	X		
Usar o seu equipamento, corretamente, na sala de aula		X	

Grelha 24 - Contexto familiar - 7ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
-Instalar o GRID2, no portátil do aluno	X		
-Trabalhar com o GRID2, em casa	X		
-Usar um manípulo maior para aceder ao teclado do portátil em casa	X		
-Sentar-se corretamente à secretária	X		
- Usar corretamente o equipamento, em casa	X		

4.2.2.8. 8º Quinzena - 24/05/2010 a 04/06/2010

Quadro 45 - Contexto escolar – 8ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Deslocar-se autonomamente	- Criar ambientes securizantes	-Estimular a marcha autónoma -Deslocar-se para a sala de aula acompanhado pela técnica operacional -Ir almoçar ao refeitório pela sua própria marcha, acompanhado pela técnica operacional -Não usar os elevadores	<u>Humanos:</u> -Técnica de motricidade -Professores -Professora de educação Especial -Assistentes operacionais	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Quadro 46 - Contexto sala de aula – 8ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Deslocar-se sozinho	-Deslocar-se na sala de aula sem ajuda e sem medos	-Deslocar-se na sala de aula, a pedido dos professores	<u>Humanos:</u> Professores Colegas Técnica de	Observação direta com registo

	-Desenvolver competências no uso do My tobii	-Usar o seu equipamento informático, corretamente, na sala de aula	- Trabalhar com o My tobii os materiais informatizados, enviados pelos professores	psicomotricidade de <u>Materiais:</u> My tobii	Grelha reflexiva Grelha de avaliação
Motricidade	-Melhorar a postura	-Sentar-se corretamente	-Sentar-se na cadeira da sala de aula corretamente, supervisionado pelo adulto	<u>Humanos:</u> Professores Colegas Técnica de psicomotricidade de <u>Materiais:</u> My tobii Mesa cadeira	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Quadro 47 - Apoio especializado – 8ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Melhorar a funcionalidade em contexto escolar	- Utilizar o equipamento informático, com correção	- Apoio dentro e fora da sala de aula no uso do equipamento -Supervisão e acompanhamento do aluno -Reuniões com família, professores e terapeutas -Contactos com o Hospital que acompanha o João	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Professores -Técnica de Psicomotricidade de -Terapeuta da Fala -Família <u>Materiais:</u> -Computador -GRID -Manípulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril	Observação direta com registo Grelha reflexivas Grelhas de Avaliação
	-Desenvolver um trabalho de tutoria	-Acompanhar a situação escolar do aluno	-Apoio na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras atividades, caso necessário		
Comunicação	-Melhorar a linguagem expressiva	-Falar devagar -Elaborar o discurso palavra a palavra	-Articulação com a Terapeuta da fala no treino da dicção	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação especial -Terapeuta da Fala	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
Motricidade	- Treinar a motricidade global	-Treinar a postura correta -Caminhar com correção -Subir escadas -Descer escadas	-Adotar, sempre, uma postura adequada, quando sentado a trabalhar -Caminhar com a planta dos pés assente no chão -Subir escadas com ajuda do corrimão -Descer escadas com ajuda do corrimão e da técnica operacional	<u>Humanos:</u> Professora de Educação Especial Técnica de Psicomotricidade de Assistente operacional <u>Materiais:</u> Equipamento Informático Contas Jogos Peças com formas geométricas	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação

	-Desenvolver a motricidade fina	-Melhorar os movimentos manuais	-Enfiar contas -Encaixar peças -Contornar formas -Fazer construções com jogos de encaixe	<u>Humanos:</u> Professora de Educação Especial <u>Materiais:</u> Equipamento Informático Contas Jogos Peças com formas geométricas	
--	---------------------------------	---------------------------------	---	---	--

Grelha 25 - Contexto escolar – 8ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
-Estimular a marcha autónoma	X		
-Deslocar-se para a sala de aula acompanhado pela técnica operacional	X		
-Ir almoçar ao refeitório pela sua própria marcha, acompanhado pela técnica operacional	X		
-Evitar o uso do elevador	X		

Grelha 26 - Contexto sala de aula – 8ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
-Deslocar-se na sala de aula, a pedido dos professores	X		
- Trabalhar com o <i>My tobii</i> os materiais informatizados, enviados pelos professores		X	
-Sentar-se na cadeira da sala de aula	X		

Grelha 27 - Contexto Apoio especializado - 8ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
- Apoiar dentro e fora da sala de aula no uso do equipamento	X		
-Contactar com o HGO	X		
-Supervisionar e acompanhar o processo escolar do aluno	X		
-Reunir com família, professores e terapeutas	X		
-Apoiar na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras atividades, caso necessário	X		
Treinar a dicção	X		
-Adotar, sempre, uma postura adequada, quando sentado a trabalhar	X		
-Treinar o João a caminhar com a planta dos pés assente no chão	X		
-Subir escadas com ajuda do corrimão	X		
-Descer escadas com ajuda do corrimão e da técnica operacional	X		
-Enfiar contas		X	
-Encaixar peças		X	
-Contornar formas		X	

-Fazer construções com jogos de encaixe		X	
---	--	---	--

Reflexão 8ª quinzena - 24/05 a 04/06/2010

Neste período, foi notória a necessidade por parte de todos os intervenientes de dar um forte contributo para que todo o ambiente fosse propício ao desenvolvimento da autonomia e da autoconfiança do João.

A professora de educação especial apoiou em sala de aula, na realização dos testes de avaliação, devido à grande lentidão que este apresenta na execução das tarefas no computador e à impossibilidade do professor da disciplina acompanhar todos os alunos da turma.

Foram aplicados à turma os inquéritos, após a intervenção realizada, a fim de verificar se existiram alterações geradas pelas atitudes e medidas implementadas.

4.2.2.9. 9ª Quinzena de 07/06 a 18/06/2010

Quadro 48 – Contexto sala de aula – 9ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Desenvolver no aluno competências com o equipamento My tobbi	-Usar o seu equipamento informático, corretamente, na sala de aula	- Trabalhar com o <i>My tobbi</i> os materiais informatizados, enviados pelos professores	<u>Humanos:</u> Professores Colegas Técnica de psicomotricidade de <u>Materiais:</u> <i>My tobbi</i> Materiais de trabalho informatizados	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de avaliação

Quadro 49 - Apoio especializado – 9ª quinzena

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Autonomia	-Melhorar a funcionalidade do aluno em contexto escolar	- Utilizar o equipamento informático, com correção -Desenvolver um trabalho de tutoria	- Praticar o uso do equipamento My Tobii, pelo aluno -Acompanhar a situação escolar do aluno -Reunir com família, professores, terapeutas e CRITIC -Apoiar na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras actividades, sempre que necessário	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Professores -Técnica de Psicomotricidade de -Terapeuta da Fala -Família <u>Materiais:</u> -Computador -GRID -Manipulo -Tapete antiderrapante -Tábua recortada -Leitoril	Grelha reflexivas Grelhas de Avaliação
Comunicação	-Melhorar a linguagem expressiva	-Treinar a dicção	-Falar devagar -Elaborar o discurso palavra a palavra	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação especial -Terapeuta da Fala	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
Motricidade	-Treinar motricidade global	-Melhorar a postura -Deslocar-se em escadas	-Adotar, sempre, uma postura adequada, quando sentado a trabalhar -Caminhar corretamente -Subir escadas sem ajuda -Descer escadas com ajuda do corrimão	<u>Humanos:</u> -Professora de Educação Especial -Técnica de Psicomotricidade de <u>Materiais:</u> -Equipamento Informático -Mala	Observação direta com registo Grelha reflexiva Grelha de Avaliação
	-Desenvolver a motricidade fina	-Conseguir efetuar ações, com ajuda	-Abrir a mala -Ligar o My Tobii -Desligar o My Tobii -Enfiar ficha na tomada -Retirar ficha da tomada	<u>Humanos:</u> Professora de educação especial <u>Materiais:</u> Mala My Tobii	

Grelha 28 - Contexto sala de aula - 9ª quinzena

Objetivos		Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
- Usar o My Tobii corretamente, com os materiais informatizados, enviados pelos professores	Português	X		
	Inglês		X	
	Francês	X		
	História	X		
	Ciências Naturais		X	
	Físico-química	X		
	Geografia		X	
	Formação Cívica	X		

	Área de Projeto	X		
	Estudo Acompanhado	X		

Grelha 29 – Apoio especializado – 9ª quinzena

Objetivos	Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
Praticar o uso do equipamento <i>My tobii</i> , pelo aluno	X		
Acompanhar a situação escolar do aluno	X		
Reunir com família, professores, terapeutas e CRITIC	X		
Apoiar na realização de trabalhos de casa, testes de avaliação e outras atividades, sempre que necessário	X		
Treinar a dicção do aluno	X		
Adotar, sempre, uma postura adequada, quando sentado a trabalhar	X		
Caminhar corretamente, com a planta do pé no chão	X		
Descer escadas com ajuda do corrimão		X	
Subir escadas sem ajuda		X	
Abrir a mala		X	
Ligar o <i>My Tobii</i>		X	
Desligar o <i>My Tobii</i>		X	
Enfiar ficha na tomada		X	
Retirar ficha da tomada		X	

Reflexão 9ª quinzena - 07/06 a 18/06/2010

Após contacto telefónico com o CRITIC da área para a realização de uma avaliação final de ano da situação escolar do João. Ficou agendada reunião para o dia 17/06/2010. Mãe do aluno contactada telefonicamente para estar presente na reunião de forma a expressar pessoalmente às técnicas as suas angústias e o que pensa ser as necessidades do João, no âmbito do balanço do trabalho efetuado ao longo do ano letivo por aquele Centro de Recursos.

Na reunião com técnicas do CRTIC do Seixal, às 14 horas, com a presença do aluno e encarregada de educação. O aluno entra na sala na cadeira de rodas, a Professora de Educação Especial pede ao aluno para se levantar da cadeira, uma vez que o aluno já havia tirado o gesso do braço no dia anterior e não existia motivo para continuar na cadeira de rodas, a mãe corroborou, afirmando que ele já não precisa da cadeira de rodas.

João senta-se na secretária adaptada e mostra às técnicas como trabalha com o *My Tobii*. Escreve algumas palavras, com o olhar sob o olhar atento dos presentes.

Ficou combinado que no início do próximo ano letivo seriam instalados os programas de Matemática e Físico-química no computador do aluno pelas técnicas presentes. Foi dada pelas mesmas a informação do aparecimento no mercado nacional o *My Tobii* portátil, comercializado pela Anditec, o que neste caso seria o ideal para o aluno trabalhar

na escola, uma vez que se transporta mais facilmente.

As técnicas referiram que uma vez que o *My Tobii* não é propriedade do João, mas sim emprestado ao aluno pelo HGO, no pedido de verbas efetuado ao Ministério da Educação por aquele serviço foi contemplado o *My Tobii* portátil para o João, que até é mais económico que o ecrã fixo.

4.2.2.10. 10ª Quinzena - 21/06 a 30/06/2010

Grelha 30 - Contexto Conselho de turma – Reunião de avaliação - 10º quinzena

Objetivos		Atingido	Em desenvolvimento	Não atingido
-Utilizar corretamente na sala de aula o equipamento de que dispõe		X		
Informatizar os materiais e fichas de trabalho a serem utilizadas na sala de aula	Português	X		
	Inglês		X	
	Francês	X		
	História		X	
	Matemática		X	
	Ciências Naturais		X	
	Físico-química	X		
	Formação Cívica	X		
	Área de Projeco	X		
	Estudo Acompanhado	X		
-Informatizar sempre que possível os trabalhos de casa e enviar para o aluno			X	
-Informatizar os testes de avaliação		X		
-Usar o computador e o retroprojetor, na exposição dos conteúdos, na sala de aula			X	
-Construir uma planta de sala de aula favorável à aprendizagem e participação de todos os alunos na sala de aula		X		

Reflexão 10ª quinzena - 21/06 a 30/06/2010

O ano letivo terminou e decidiu-se que a encarregada de educação levasse o equipamento para casa, para ser usado pelo aluno, durante as férias do Verão.

Realizou-se a reunião de conselho de turma de avaliação do 3º período. É feita a avaliação dos alunos e das medidas implementadas nos contextos sala de aula e escolar. Relativamente ao João, os professores consideram que devido às dificuldades que o aluno manifesta em acompanhar o grupo turma na realização das tarefas, devido à falta do domínio do equipamento que lhe foi proporcionado, deve ser proposto à

encarregada de educação que o aluno faça o 9º ano, em regime de disciplinas, ao abrigo do artigo 19º do decreto-lei 3/2008 de 7 de Janeiro, onde se diz que a matrícula por disciplinas por efetuar-se nos 2º e 3º ciclos do ensino básico e no ensino secundário, desde que assegurada a sequencialidade do regime educativo comum. Aluno tem nível quatro nas disciplinas de Língua Portuguesa, História, Geografia e Ciências da Natureza.

Professores justificam tal proposta com o facto de o aluno ter partido o pulso e a anestesia geral para a cirurgia não foi favorável, agravou e dificultou muito o desempenho do mesmo durante o 3º período. Lamentam ter coincido com a vinda do equipamento informático, *My Tobii* para a escola.

Foi considerado pela generalidade dos professores que toda a situação proporcionou uma regressão em termos dos progressos do aluno ao nível da autonomia, tendo sido referido que o ritmo de trabalho do aluno ficou muito mais lento e que há muita dificuldade do mesmo em acompanhar o ritmo da turma, alegando alguns elementos que seria “cruel” exigir-se num 9º ano de escolaridade, onde há uma maior dificuldade e exigência com a realização de exames nacionais de Língua Portuguesa e Matemática. Seria muito mais racional segundo alguns que o aluno fizesse o 9º ano por disciplinas, dividindo as áreas por dois anos de escolaridade, uma das medidas do Decreto –Lei 3/2008.

A Encarregada de Educação (mãe) reúne com Professora de Educação Especial e Diretora de turma para que seja analisado o Relatório Circunstanciado de final de ano, o qual tem de ser aprovado em Conselho Pedagógico.

A mãe não concorda com a medida proposta por alguns professores do Conselho de Turma, da realização do 9º ano em dois anos, em regime de disciplinas. Refere que o aluno tem um bom potencial cognitivo e que vai ter mais atenção ao treino em casa que o aluno deve fazer com o *My Tobii*, considerando que durante as férias o filho vai recuperar. Foi pedido pela Professora de Educação Especial, que em casa tivessem atenção à forma como o aluno usa o computador, para acompanharem mais o aluno e não o deixarem escrever com o nariz. Foi explicado que quanto mais treino, em casa, mais eficiente e rápido é o trabalho na sala de aula, o que ajuda a não existirem comportamentos indicativos de frustração e recusa em usar o equipamento.

Ficou decidido e escrito no mesmo relatório que a encarregada de educação iria esperar pelos resultados e informações do 1º período do próximo ano letivo, e caso as medidas e estratégias implementadas não tenham um feedback positivo e o aluno manifeste dificuldades em acompanhar os conteúdos do 9º ano, concorda com a medida proposta pelo conselho de turma.

No início do próximo ano letivo, nas reuniões de conselho de turma, os professores terão de tomar conhecimento das medidas previstas para a turma, há que dar as respostas necessárias, desde o início do ano. As medidas propostas, as terapias e apoios devem funcionar.

Na generalidade, o levantamento final é muito positivo, todos os alunos da turma transitaram de ano.

O principal problema detetado, como a dificuldade de relacionamento do aluno 12 e 21 com os pares e a dificuldade em conseguirem participar em atividades conjuntas dentro e fora da sala de aula, foi em grande parte ultrapassado, notando-se nos questionários realizados, à turma no final da intervenção, em Junho, que estes alunos até foram escolhidos por outros colegas, para estarem juntos no intervalo, ou para realizarem trabalhos de grupo na sala de aula, situação que não acontecia em Fevereiro, aquando do início da intervenção, quando os alunos eram rejeitados em todas as situações colocadas nos questionários. A aprendizagem cooperativa desenvolvida pelos professores da turma, em contexto sala de aula, resultou, assim, na inclusão de alguns alunos, em determinadas situações. A dinamização da parceria pedagógica e do ensino cooperativo na sala de aula trouxeram benefícios ao grupo, no geral.

4.3. Avaliação global

Nesta parte do Trabalho de Projeto fazemos a avaliação global da intervenção desenvolvida, no seio do grupo turma em que está inserido um aluno com paralisia cerebral, nas várias áreas: sala de aula, contexto escolar, apoio especializado e contexto familiar. É, assim, feita a ponte entre as situações iniciais, antes de serem encetadas as estratégias delineadas na intervenção e a situação final, após a intervenção realizada nos diferentes contextos.

4.3.1. A nível do grupo e do/s aluno/s “caso”

No ponto de partida, na avaliação inicial, realizada no grupo turma, podemos considerar a relação afetiva existente entre quase todos os alunos, como uma mais-valia, uma vez que são colegas desde o 1º ano do 1º ciclo, com exceção dos alunos 12 e 21, que integraram a turma no 7º ano de escolaridade.

Há a salientar, com base nos dados recolhidos na avaliação inicial, o caráter urgente do desenvolvimento da autonomia do João no contexto escolar, o caso emergente do grupo, bem como o desenvolvimento da autonomia do aluno, no contexto sala de aula. O João, com diagnóstico de PC, não estava a beneficiar das tecnologias de apoio mais adequadas, que lhe poderiam dar a oportunidade de usufruir de uma solução, inclusivamente mais gratificante, uma vez que a tecnologia usada na sala de aula (Imagem1) trazia algumas desvantagens à funcionalidade do grupo turma, em geral, que se refletiam na atividade e participação na sala de aula. Após a avaliação da equipa do CRTIC da área do aluno 9, os professores, os técnicos e a equipa do desenvolvimento da criança do hospital que acompanha o aluno, a tecnologia de apoio *MyTobbi*, foi considerada pela equipa multidisciplinar, como a que dava uma resposta mais adequada.

Após a aquisição do equipamento, o que exigiu da parte de todos bastantes diligências (Anexo 27,28), este não se encontrava disponível na sala de aula, local onde o aluno mais beneficiaria da mesma.

Levar o *MyTobii* para a sala de aula e conseguir que o aluno utilizasse o equipamento corretamente, abandonando o uso do nariz para aceder ao teclado e desenvolver o controlo do equipamento unicamente pelo olhar, o que lhe trataria todas as vantagens, próprias de uma nova tecnologia da comunicação era o objetivo que se pretendia: uma postura mais saudável, maior rapidez na escrita e mais autonomia na sala de aula.

Por outro lado, era fundamental que o aluno passasse a sentar-se na primeira carteira, da primeira fila, em frente à secretária do professor, com uma mesa adaptada ao uso equipamento [MyTobbi]. É importante relembrar que, de acordo com a situação inicial, o João sentava-se à mesa (imagem1), na segunda fila, na última carteira, com o portátil, ao qual acedia ao programa GRID através do manípulo. Para o efeito, recorria sempre à ajuda dos colegas da turma, da professora da turma, da professora de educação especial ou da assistente operacional, que o acompanhava desde o 1º ano de escolaridade. Sempre que se proporcionava, e o ritmo de trabalho era demasiado rápido para o aluno, este recorria a maior parte das vezes ao nariz para aceder ao teclado (Imagem2,3), situação que já acontecia há vários anos e que se tornou uma rotina, na escola e em casa.

Os colegas, por sua vez, dizem alguns professores (Anexo8), pareciam um pouco cansados do João, uma vez que o aluno se encontrava muito dependente dos mesmos (Imagem4). No 8º ano, é complicado, para muitos colegas, conseguirem fazer o seu trabalho na sala de aula e apoiarem o colega, como por exemplo, abrir-lhe sistematicamente o manual, na página pedida pelo professor, escrever-lhe o sumário,

passar-lhe as matérias que são escritas no quadro para o caderno, entre outras tarefas (Anexo8).

Foi uma importante conquista desta intervenção, passar a uma situação de maior autonomia na sala de aula, onde o João escreve com o olhar, usando o equipamento informático *My Tobbi* (Anexo7,8). Foi necessário delinear estratégias em conselho de turma, para o aluno usar corretamente o equipamento na sala de aula, tendo-se conseguido coordenar um trabalho de cooperação, proporcionando ao aluno a receção dos materiais informatizados pelos professores, por correio eletrónico (Grelha 14,16,19,28,30) para que pudesse realizar as tarefas na sala, acompanhando os colegas. Outras conquistas, realizadas no contexto familiar, foram a realização de trabalhos de casa, pelo aluno, assim como o estudar de forma autónoma, não precisando que estivesse sempre um familiar presente, para lhe abrir o caderno ou o manual, o que foi conseguido, também, graças ao envio, pelos docentes, dos materiais informatizados (Grelha21,30).

Após a intervenção, o João passou a aceder ao equipamento, sem recorrer a ajudas, conseguindo ser autónomo no estudo e na realização de trabalhos de casa; os professores usam as tecnologias de apoio e os recursos informáticos na sala de aula com o desenvolvimento de um ensino cooperativo, baseado em parcerias pedagógicas, com a presença, na sala de aula, de professores assessores que planificam a aula de acordo com as necessidades de todos os alunos e para dar resposta a todos os alunos (Grelha14,19,16,28,30).

Segundo professores do conselho de turma, estas estratégias só se tornam efetivamente concretizáveis numa turma com um número reduzido de alunos (Anexo9). Os professores relatam que só é possível implementar estratégias que deem resposta a todos os alunos, quando há disponibilidade e tempo para preparar as aulas. Podemos observar, na avaliação da intervenção realizada, que nem todos os professores conseguiram implementar as estratégias definidas em conselho de turma. A preparação de uma aula e o envio de materiais informatizados para o aluno não são exequíveis quando um professor leciona seis ou sete turmas, cada uma constituída por vinte e tal a trinta alunos, de níveis de ensino diferentes, dos quais alguns apresentam necessidades educativas especiais. Atualmente, sabe-se que a grande parte dos problemas de aprendizagem são contextuais, têm lugar no ambiente da sala de aula, onde se verifica a influência da estrutura curricular e das estratégias pedagógicas utilizadas pelo professor na capacidade de atender eficazmente aos alunos com necessidades educativas especiais (Porter,1994).

Podemos verificar que os professores das disciplinas de Português, Francês, Físico-química, Educação Visual e Educação Física conseguem implementar as

estratégias definidas nas planificações. Informatizam e digitalizam os materiais e as fichas de trabalho para serem trabalhadas na sala de aula e em casa, facilitando a inclusão de todos os alunos (Grelha30). O João consegue agora maior autonomia na sala de aula, os seus colegas sentem que o João não está dependente do auxílio deles, está criado um ambiente mais propício às aprendizagens para todos, e por isso, facilitador da inclusão.

O professor de português, a professora de físico-química e também diretora de turma, foram os que inicialmente manifestaram mais interesse e participaram mais ativamente na implementação das estratégias delineadas. No presente ano letivo constatámos, com grande satisfação, que a maior parte dos professores já aderiram ao funcionamento do equipamento e à aplicação das estratégias aplicadas, como enviar os materiais informatizados para o aluno e usar na sala os meios tecnológicos disponíveis. É o aprender fazendo, a reflexão sobre as práticas determinando uma melhoria na aplicação de estratégias e recursos de intervenção.

Na situação concreta, apresentada neste trabalho, um aluno utilizar um computador, como outro aluno utiliza um lápis, constitui um problema que alguns professores se sentem incapazes de resolver. Os professores alegam falta de formação, falta de tempo para informatizar os materiais, falta de conhecimentos em informática, para trabalharem com os programas, justificando-se com o facto de lhes serem atribuídas turmas numerosas e muito heterogéneas, falta de recursos materiais, falta de apoio de técnicos e falta de formação para aplicar estratégias diferenciadas. Quando se trata dos casos que necessitam de material específico, não estandardizado, os problemas agravam-se. As Professoras de Físico-química e Matemática solicitam programas informáticos que facilitem o desempenho e a autonomia do João, na sala de aula. Quando os programas são conseguidos, dizem, inicialmente, ser muito difícil trabalhar com os alunos, por falta de formação. Há um percurso a fazer para que professores e alunos consigam um desempenho gratificante na utilização de tecnologias de apoio mais sofisticadas.

De nada serve entrarem tecnologias de apoio na sala de aula, se não se reunir um conjunto de condições. Segundo Azevedo e Ponte (2002),

O papel fundamental das Tecnologias de Apoio, quando adequadamente integradas num contexto pedagógico, é permitir a participação activa destas crianças nas actividades escolares normais que dão acesso a qualquer currículo educativo (p.32)

A tecnologia de apoio MyTobii, ou outra, só resulta se for bem utilizada. Sem materiais informatizados pelos docentes e sem a instalação de programas adequadas

não se consegue potenciar vantagens para a turma com a presença do equipamento na sala de aula.

A análise dos inquéritos realizados à turma, em junho, na parte final da intervenção realizada mostra que há uma maior aceitação do João dentro da turma, uma vez que é escolhido pelos colegas para realizar os trabalhos de grupo dentro e fora da sala de aula. O mesmo se passa em relação aos colegas rejeitados em junho, no início da intervenção, os quais posteriormente, nos inquéritos realizados em setembro, já não aparecem como os apontados pelos colegas como aqueles com quem não querem trabalhar na sala de aula ou nos trabalhos de grupo realizados. Os colegas também não os escolhem para companheiros de carteira, ou para brincar nos intervalos. As estratégias aplicadas no grupo fomentaram, sem dúvida, a relação entre todos os elementos da turma: a aprendizagem cooperativa e a dinamização na sala de aula de grupos de trabalho levou a que se criasse uma interação positiva entre todos os alunos e no final do ano já não se verifica a rejeição dos mesmos.

Para poder dar resposta às necessidades da turma, o professor deixou de estar sozinho na sala de aula e teve de partilhá-la, com o seu parceiro pedagógico, donde resultou uma cooperação eficaz. Com a planificação conjunta das atividades foi possível gerar o sucesso no grupo. Para que as aprendizagens fossem acessíveis a todos, a sala de aula e a escola abriram-se à entrada de tecnologias de apoio, partilhadas por todos os alunos da turma. Os alunos desta turma puderam experienciar novas ou outras formas de potencializar e chegar ao sucesso. Os professores puseram em prática, para dar respostas às necessidades do aluno, novas/outras formas de funcionar com todos os alunos, utilizando as tecnologias hoje ao nosso dispor, no seu quotidiano da sala de aula, como a informatização de fichas de trabalho e, entre outros materiais, o retroprojektor e o quadro interativo.

Quanto à sociabilização, ao analisarmos os dados recolhidos, no mês de fevereiro, antes da intervenção (Anexo1,2), verificamos, após a aplicação dos inquéritos à turma, que os alunos 12, 16, 20 e 21 são os menos escolhidos pelos colegas. Podemos considerá-los os rejeitados pelos restantes elementos da turma.

Quanto aos mais escolhidos pelos colegas, temos a aluna 6, como a mais popular, seguindo-se o 15 e o 18. Estes alunos são os mais escolhidos pelos colegas, para companheiros de carteira, para conviverem nos intervalos e para realizarem os trabalhos de grupo.

O sexo feminino faz as suas escolhas dentro dos elementos do mesmo sexo, acontecendo o mesmo com os elementos do sexo masculino, verificando-se algumas exceções, como a aluna 6, a mais escolhida também pelos rapazes da turma. Há três

escolhas de rejeição mútua, o aluno 12 rejeita e é rejeitado pela aluna 16, o aluno 10 rejeita e é rejeitado pelo 11 e o 12 rejeita e é rejeitado pelo 20.

As estratégias implementadas pelo conselho de turma, como a aprendizagem cooperativa, para a inclusão destes alunos no grupo surtiram efeito, quando verificamos através dos questionários feitos à turma, em Junho, que estes alunos deixam de ser rejeitados e até são escolhidos por colegas para integrarem grupos de trabalho dentro e fora da sala de aula (Anexo 3, 4).

No quadro a seguir apresentado, construído com base na informação recolhida em entrevistas realizadas aos professores e alunos (Anexo 8,9,10,11), nas observações naturalistas efetuadas dentro e fora da sala de aula (Anexo 12,13,14), nos inquéritos colocados aos alunos (Anexo5) e nas informações documentais recolhidas, podemos comparar, em relação ao contexto sala de aula, as alterações entre a situação inicial e a situação final, ou seja, o antes e o após a intervenção realizada.

Quadro 50 - Contexto sala de aula

Situação inicial	Situação final
- Diferenciação pedagógica centrada no João - Dependência do João face aos colegas - Professores não conseguem dar resposta a todos os alunos e respeitar os estilos de aprendizagem de cada um - Alunos pouco autónomos, pouca interação gratificante	- Diferenciação pedagógica centrada na classe - Maximização das tecnologias de apoio disponíveis: materiais, fichas de trabalho e testes de avaliação informatizados - Parceria pedagógica e planificação conjunta das atividades, ajuda à aplicação da diferenciação pedagógica e a gerir a heterogeneidade - Trabalho cooperativo com interação, responsabilidade e dinamismo de todos os elementos da turma

No quadro seguinte apresentamos as principais alterações verificadas ao nível da funcionalidade do João [aluno 9], no contexto sala de aula, principalmente ao nível da autonomia e uso das tecnologias de apoio que se encontram na sala de aula (Anexo 12,14).

Quadro 51- Funcionalidade do João, na sala de aula

Situação inicial	Situação final
- O João acede ao teclado com o nariz - Postura incorreta na mesa de trabalho - O João precisa dos colegas para a abertura da mala - O João precisa dos colegas para abrir manuais, cadernos e escrever sumários e apontamentos do quadro - O João é pouco autónomo	- O João trabalha no MyTobii - Postura correta na mesa de trabalho - O João abre a mala sozinho - O João precisa dos colegas para ligar o MyTobii - O João é mais autónomo (realiza fichas informatizadas, escreve os sumários e os apontamentos do quadro no MyTobii).

4.3.2. A nível do contexto escolar

A intervenção realizada, neste contexto, incidiu no desenvolvimento de atividades e estratégias promotoras do desenvolvimento da autonomia na escola, fora do contexto da sala de aula.

Foram realizadas reuniões regulares com a encarregada de educação, técnica de psicomotricidade, terapeuta da fala e houve conversas informais com a assistente operacional que acompanha o aluno na escola. Delinearam-se estratégias em conselho de turma, com o objetivo de serem colmatados alguns aspetos considerados menos positivos nas atitudes e comportamentos ao nível do contexto escolar. Estes aspetos prendem-se com informações obtidas através da análise dos dados recolhidos, na parte inicial da intervenção, com as técnicas utilizadas: pesquisa documental, entrevista, observação naturalista e inquéritos.

Podemos, na fase inicial, considerar que o João precisava de ganhar mais autonomia nos relacionamentos sociais, desenvolver autoconfiança para se deslocar nos espaços escolares sem a companhia do adulto, tratar da sua higiene pessoal na escola, usando roupa adequada, sempre que possível sem recorrer à ajuda do adulto, alimentar-

se no refeitório da escola, com os colegas, inicialmente com a ajuda da assistente operacional e utilizando os utensílios adaptados, desenvolvendo de uma forma gradual comportamentos promotores da aquisição de competências e independência pessoal. Nos conselhos de turma realizados, sempre foi tida, como preocupante, a socialização do aluno 9, notando-se que este devia acompanhar os colegas nos intervalos e nas refeições. O aluno, nos intervalos, ficava na secretária da funcionária (Anexo 12), no piso onde tem aulas, onde lhe era dado o lanche, à boca, pela assistente operacional que o acompanha.

De igual modo, os alunos 21 e 12, os alunos “novos” da turma precisavam de desenvolver a socialização, também fora da sala de aula, uma vez que durante os intervalos, quase sempre ficavam com o João, junto à secretária da funcionária.

O aluno 9 precisava de ganhar mais autonomia na escola: deslocar-se sozinho, sem a ajuda do adulto ou colegas, subir e descer escadas autonomamente, deslocar-se do portão da escola para a sala de aula, transportar a sua mochila e o seu material escolar, acompanhar os colegas no intervalo e nas refeições. O Treino foi planificado, concretizado e traduziu-se numa grande evolução, o que pode ser verificado ao analisarmos as grelhas de avaliação quinzenais.

Surgiu algo que não estava previsto: o aluno 9 partiu o pulso. Para uma criança/jovem que sofra um acidente, é sempre traumatizante e difícil de recuperar em termos físicos e psicológicos. Um aluno com PC e com uma problemática neuromotora grave após uma situação traumática pode levar algum tempo a ultrapassar o medo, como podemos observar nesta situação.

As conquistas realizadas no âmbito da autonomia, no contexto escolar, sofreram uma regressão após o acidente sofrido pelo aluno 9. O aluno, antes do acidente, já subia escadas apoiando-se no corrimão; descia escadas com apoio do corrimão e apoiado no braço de quem o acompanhasse; deslocava a mochila com rodas, com o seu material escolar.

O medo de se magoar levou a que algumas conquistas fossem perdidas, mas com certeza que com muito trabalho e persistência as barreiras têm vindo a ser ultrapassadas e a confiança nas suas capacidades conquistada pelo aluno.

No quadro que se segue, construído de acordo com as informações recolhidas (Grelha 18,22,25), faz-se uma breve síntese das alterações conseguidas no contexto escolar. Há o objetivo de nos focarmos no caso emergente da turma, não numa perspetiva de atuarmos centrados no aluno (integração escolar), mas sim na perspetiva da inclusão. Criámos as condições funcionais ao aluno, para que ele se sinta parte do todo. O apoio às aprendizagens só é válido se ajudar a construir a autonomia do aluno

Sanches (2011). As aprendizagens neste contexto são sociais, tão importantes quanto as académicas, realizadas na sala de aula.

Quadro 52 – Contexto escolar

Situação inicial	Situação final
O João desloca-se no recinto escolar sempre acompanhado pela assistente operacional	O João desloca-se no recinto escolar raramente acompanhado pela assistente operacional
O João não transporta a sua mala e materiais escolares	O João transporta a sua mala e materiais escolares
O João não vai aos intervalos com os colegas	O João vai aos intervalos, com os colegas, acompanhado pela assistente operacional
- O João não acompanha os colegas no almoço no refeitório	- O João almoça com os colegas no refeitório
- O João come pela mão da assistente operacional	- O João faz o treino dos utensílios adaptados acompanhado pela assistente operacional
- O João caminha em bicos de pés, de forma incorreta	- O João caminha com a planta do pé assente no chão
- O João não sobe escadas autonomamente	- O João sobe escadas com apoio do corrimão
- O João não desce escadas autonomamente	- O João desce escadas com o apoio do corrimão e braço da assistente operacional
- Dependência na higiene pessoal	- Lava e seca a cara e as mãos
- Dependência nas idas ao WC	- Uso de calça com elástico na cintura, aluno desloca-se mais autonomamente

4.3.3. A nível da família

O envolvimento da família é crucial para que uma intervenção seja bem sucedida. Era, por isso, necessário alterar comportamentos no seio familiar e nas pessoas mais próximas do João, que apresentavam comportamentos de proteção excessiva, principalmente, quando pressentiam que existia uma situação de desvantagem do jovem em relação ao grupo. Foram detetados, na família, comportamentos muito protetores e que, aparentemente, acentuaram a falta de autonomia que o aluno revelava no contexto escolar. O medo de não conseguir acompanhar a aula, que acontecesse algo nos intervalos, que caísse, que se magoasse, que não conseguisse comer sozinho, que não conseguisse ir ao W.C., eram os principais fatores que podiam ter conduzido a uma baixa

autoconfiança do João nas suas capacidades e que o levavam a recorrer à ajuda constante do adulto ou dos colegas. Eram os mesmos medos que pareciam determinar a baixa autoconfiança que o aluno apresentava face às suas capacidades. Em casa, a família tinha de assumir um papel que o ajudasse no sucesso do processo, participando e conseguindo que o João desenvolvesse competências, planificadas quinzenalmente, para contexto familiar, relacionadas com a autonomia e a socialização.

No quadro seguinte, compara-se a situação inicial, no contexto familiar, com a situação final, após a intervenção (Grelha 17,21,24). São apresentadas as conquistas conseguidas pela família e pelo aluno:

Quadro 53 – Contexto familiar

Situação inicial	Situação final
- Superproteção familiar - João, em casa trabalha incorretamente com as tecnologias de apoio (uso do nariz) - Dependência da família na realização dos trabalhos de casa - Trabalha com uma postura incorreta - Não participa nas tarefas domésticas - Dependente na higiene pessoal - Prática irregular de desporto	- Família consciente da necessidade de o aluno ganhar mais autonomia - Otimizada a utilização das tecnologias de apoio disponíveis em casa - Materiais e fichas de trabalho informatizadas pelos professores - Melhora a postura - Ajuda na arrumação do seu quarto e roupas - Lava e limpa a cara e as mãos - Desloca-se ao WC com autonomia, sempre que possível, com o uso de vestuário adequado - Pratica regularmente natação e boccia

4.3.4. A nível do processo

Como primeira análise reflexiva, consideramos que no desenvolvimento de um projeto, existem sempre alguns condicionalismos pessoais, familiares ou profissionais, não previstos e que podem ser responsáveis por algumas alterações nas investigações e no desenvolvimento do projeto.

Contudo, pensamos que será benéfico existir um distanciamento temporal para esbater alguns sentimentos e emoções que o contato direto com as situações provocou e analisar, de forma refletida, objetiva e crítica, toda a informação recolhida.

Este Trabalho Projeto tem como objeto de estudo uma turma do 8º ano de escolaridade de um agrupamento, situado no concelho de Almada, como já havia sido referido anteriormente. A comunidade escolar com quem desenvolvemos esta investigação foi recetiva e viu como um desafio a investigação realizada. O tema em estudo consegue prender a atenção dos profissionais da educação. Em geral, a inclusão escolar é um tema que muitos gostam de questionar e o qual ambicionam explorar e saber mais.

Existiu sempre disponibilidade por parte de todos os intervenientes, como os professores do conselho de turma, a diretora de turma, a encarregada de educação, os alunos da turma, terapeutas, médicos e comunidade escolar em geral, para esta intervenção. Todos mostraram sempre disponibilidade para colaborar no desenvolvimento do processo (alguns até excedendo as nossas expectativas) contribuindo para o sucesso da intervenção.

Há a salientar, após a reflexão realizada, que, num futuro projeto, caso se proporcione, a recolha de informação através das técnicas usadas, será ainda mais exaustiva, pois consideramos que é através da análise da recolha de dados provenientes dos protagonistas, que poderá existir um enriquecimento dos resultados finais. Apesar de termos, neste estudo, uma parte prática bastante rica, pensamos que seria possível recolher mais informação a partir das técnicas usadas, sobre outros elementos da turma, uma vez que, nesta fase conclusiva, podemos considerar que houve uma maior focalização no aluno 9, o João, em relação aos restantes alunos da turma, uma vez que este aluno foi considerado o caso desencadeador da intervenção. É assim, uma sugestão a ter em conta em futuros projetos, como, por exemplo, numa intervenção no âmbito de uma tese de doutoramento.

Queremos também alertar para o fato de planearmos uma intervenção que, por fatores alheios, pode eventualmente ter de ser alterada e reformulada por uma situação

inesperada. Neste caso concreto, temos o João, que partiu o pulso em meados da intervenção, levando a alterações ao nível da planificação da intervenção. Tal como num processo investigação-ação, tivemos, neste trabalho projeto, o exemplo claro de que a pedagogia não é estática e o professor tem de ter uma capacidade de “improvisar”, perante situações que ocorram no dia-a-dia da sua atividade profissional.

Caminhar ao encontro das necessidades dos grupos que, no caso concreto, devido a um acidente com um aluno, obrigou a que o que estava planificado tivesse de sofrer alterações levou a que tomássemos consciência da necessidade de estarmos preparados para sermos confrontados com situações imprevistas que podem alterar, repentinamente, o rumo que norteia a nossa intervenção.

Reflexões conclusivas

Estivemos, neste Trabalho Projeto, a desenvolver práticas, estratégias e metodologias, numa turma do 8º ano de escolaridade.

Segundo o levantamento inicial, realizado com as técnicas utilizadas, já atrás mencionadas, foram detetadas práticas que não ajudavam no desenvolvimento da inclusão de todos elementos da turma. Essas falhas, se assim lhes podemos chamar, foram detetadas, de forma mais flagrante, no contexto sala de aula, escolar e familiar, onde se movimenta o aluno João, considerado em situação de deficiência, com paralisia cerebral. Daí termos considerado que a intervenção a realizar devia ser direcionada para o desenvolvimento de áreas que permitissem, ao aluno João, criar e desenvolver competências que lhe proporcionassem situações em que se sentisse como fazendo parte do grupo e que podia aprender com o grupo, o mesmo que o grupo aprende. Queremos, com esta intervenção, apresentar exemplos concretos de atitudes escolares, educacionais e familiares que possam ajudar alunos com diagnóstico de paralisia cerebral, a sentirem-se incluídos, a aprenderem incluídos num todo e a sentirem que o todo aprende também com eles. Paralelamente, é nosso objetivo mostrar como a diferença é uma riqueza e uma mais-valia para os contextos em estudo e ver como essa mesma diferença pode trazer experiências enriquecedoras para todos os que com ela convivem e tornar-nos mais ricos enquanto pessoas.

Infelizmente, alguns profissionais, nas nossas escolas, ainda continuam a acreditar que as aprendizagens têm mais êxito se forem realizadas com apoios individualizados, mais próximos do professor, em grupos homogêneos, com turmas mais

pequenas, continuando a culpar o indivíduo pelo seu fracasso e esquecendo o quanto pode ser enriquecedor uma boa interação com os pares. Sanches (2011) afirma que:

Responder às dificuldades que os alunos apresentam através de respostas coletivas de aprendizagens significativas e funcionais ainda não faz parte do quotidiano das escolas, nem das políticas educativas (p.59).

Contudo, as nossas escolas cada vez se mostram mais inclusivas, sendo que as práticas e medidas adotadas por muitos profissionais da educação caminham para as respostas mais adequadas, através da reflexão sobre as práticas e do ajuste que se faz fruto dessa reflexão. Segundo Figueiredo e Sanches (2010),

A diversidade dos públicos nas nossas escolas começa a obrigar a uma flexibilização curricular que dê resposta às múltiplas necessidades que os alunos colocam ao sistema e aos professores, num acto de repensar a escola, em termos organizativos e curriculares. A entrada ativa dos alunos considerados com necessidades educativas especiais, na escola, pela criatividade e profissionalismo a que “obriga” os intervenientes no processo, poderá ser um instrumento de mudança de paradigma da própria escola, transformando-se numa escola que se analisa, se avalia e constantemente ajusta e adequa o seu modo de funcionamento (p.387).

Após a avaliação final desta intervenção, cuja metodologia utilizada foi a investigação/ação, definimos pontos fortes e estratégias a aplicar no dia-a-dia das nossas escolas, na sala de aula e no contexto escolar, em geral. Medidas e estratégias que, após avaliadas, resultaram e foram consideradas adequadas ao grupo/turma onde está incluído um jovem com paralisia cerebral: o Ensino Cooperativo na sala de aula, a Parceria Pedagógica e as Tecnologias de Apoio.

O MyTobii, concedido ao aluno, em regime de empréstimo, pelo Hospital que acompanha o João, desencadeou um ritmo de trabalho mais rápido, produtivo e autónomo na sala de aula, levando o grupo a ganhar mais autonomia, rapidez e participação nas atividades. É necessário recorrer às tecnologias de apoio, caso a problemática o justifique. É importante salientar o grande contributo dos apoios tecnológicos ao nível da funcionalidade do grupo em sala de aula. Há a necessidade de alertar e dar conhecimento aos docentes que apoiam a inclusão de crianças e jovens com incapacidades neuro motoras, nomeadamente com disfunção grave a nível motor e de comunicação, da necessidade de utilizarem recursos tecnológicos na sua prática pedagógica, a fim de obterem sucesso e resultados positivos no ensino/aprendizagem destes alunos (Ponte & Ferreira 2000).

As turmas, algumas vezes, têm de ser reduzidas, de acordo com as características e problemáticas existentes. O conselho de turma, ou o professor titular, no caso do 1º ciclo, que trabalham com os alunos devem definir o número limite de alunos, para que se consiga implementar na sala de aula as estratégias definidas para aquele grupo. Para Rodrigues (2006), os professores devem ser incentivados a olhar para a

turma como um todo e ajudar os alunos a perceberem que um aluno com NEE pode aprender com os colegas. Para o autor supracitado, a presença de alunos com NEE na turma pode beneficiar os alunos com dificuldades de aprendizagem, mas, pelo facto de não terem uma situação de deficiência identificada, não dispõem de uma pedagogia apropriada às suas dificuldades,

A Escola Inclusiva assume que os alunos são diferentes e heterogêneos (p.86)

Os benefícios da aplicação das tecnologias da informação e comunicação são muitas, como diz Correia (2002):

Devido à heterogeneidade das populações especiais, (...) podem ser maiores e as soluções tecnológicas presentes no mercado mais apropriadas às necessidades dos alunos. Por exemplo, existe no mercado um conjunto de soluções que podem ser utilizadas (...). É, assim, necessário, num presente dominado pela realidade virtual e pela comunicação electrónica que o educador ou o professor saibam dar a devida atenção à potencialidade das Tecnologias da Informação e Comunicação, não esquecendo, no entanto, que elas por mais poderosas que sejam não os substituem (p.72).

As nossas escolas, apetrechadas com equipamentos informáticos, quadros interativos e computadores, só se tornam uma realidade válida, se os docentes que estão nas mesmas escolas tiverem acesso a formação, para que possam utilizar, com as suas turmas, no dia-a-dia da sala de aula, esses recursos.

Hoje em dia, é quase obrigatório, por parte dos professores e educadores, o desenvolvimento de competências no uso das novas tecnologias de informação e comunicação. Os professores deverão estar preparados para lidar com as novas tecnologias, uma vez que, na sua condição, a referida competência será um meio fundamental para a realização do seu projeto de vida profissional. Por outro lado, a utilização das tecnologias de informação e comunicação é encarada como um meio facilitador da concretização curricular dos alunos com necessidades educativas especiais, visando-se, com a mesma, a consecução de dois objetivos: aumentar a eficiência dos alunos no desempenho de tarefas académicas, ou do dia-a-dia, e desenvolver capacidades para aceder e controlar tecnologias com determinado nível de realização. Serrano (2005) refere-se às novas tecnologias como

instrumentos cruciais para reganhar as novas gerações para a escolaridade, desde que explorados com algumas cautelas. Assim, cada vez se torna mais necessário que num presente dominado pela realidade virtual e pela comunicação eletrónica que o educador ou o professor saibam dar a devida atenção à potencialidade das TIC (p.253).

Temos, igualmente, de salientar a importância da organização da sala de aula, como estratégia no processo-ensino aprendizagem. O lugar que o João ocupava na sala de aula, na última carteira da terceira fila a contar da carteira do professor, não era o mais indicado para que o seu desempenho fosse maximizado, tendo em conta as suas

necessidades e as da turma. O João, sentado na primeira mesa da primeira fila, torna o grupo mais autónomo e mais rápido na concretização das atividades desenvolvidas, uma vez que este lugar otimiza o desempenho e a participação de todos os alunos da turma, tornando o processo de ensino/aprendizagem mais “vivo”, ativo e harmonioso.

A entrada das tecnologias de apoio na sala de aula, como o My Tobii, leva-nos a concluir que é fundamental o desenvolvimento de uma aprendizagem cooperativa na turma, com todos juntos a aprender, beneficiando das diferenças de cada um, partilhando o que cada um tem para oferecer e ensinar, com a sua experiência. Proporciona, simultaneamente, a entre ajuda, sem o sentimento de dependência, que pode gerar cansaço para os colegas que se sentem de alguma maneira sobrecarregados com determinadas estratégias aplicadas dentro e fora da sala de aula: o que anteriormente tinha de ser feito sistematicamente com a ajuda dos colegas - abrir a mala, tirar o caderno, escrever o sumário, fotocopiar lições na reprografia, etc – é agora ultrapassado pelo uso das tecnologias de apoio.

Lidar com os medos e receios das famílias, que, por vezes, resultam numa superproteção, pode afetar o desenvolvimento harmonioso e saudável das crianças/jovens. Conseguir um trabalho efetivo e de envolvimento com as famílias, desenvolvido no contexto familiar, vai repercutir-se nos desempenhos e atitudes escolares e na sala de aula, com os alunos.

O envolvimento da família, assim como um contexto familiar que contribua para o desenvolvimento de boas práticas, em casa, é fundamental para o sucesso de todo o processo.

Uma família cooperante e interventiva, que reúna e articule com professores e técnicos, tendo sempre o objetivo de alcançar o que está delineado nas planificações elaboradas para o contexto sala de aula, escolar e familiar, contribui, assim, para a tão desejada inclusão.

É necessário ter sempre presente a perspetiva ecológica, exigindo a análise dos contextos e das relações estabelecidas entre os vários intervenientes no processo. Só assim é possível chegar a uma compreensão do funcionamento e desenvolvimento dos seres humanos. O comportamento de um aluno não pode ser interpretado à margem do contexto em que surge.

Podemos verificar que, nas nossas escolas, ainda há muitos professores e educadores que não conseguem ver a heterogeneidade como uma riqueza para o desenvolvimento das aprendizagens num grupo. Ainda há muitos a “recusarem” ver a turma como um todo e a mostrarem muitas dificuldades em planificar para esse todo. Ainda há uma longa caminhada a realizar, para que se consiga aceitar a diferença como

uma riqueza que pode ajudar todos os alunos, quando se fala em partilha de experiências e de vivências.

A reflexão sobre as práticas:

Hoje, um dos maiores obstáculos ao progresso da inclusão nas escolas são as atitudes de negação por parte de alguns. O currículo padronizado já não pode fazer parte das escolas atuais, mesmo que não existam alunos em situação de deficiência. Estudos efetuados já comprovaram que os indivíduos têm diferentes estilos de aprendizagem, o que leva à necessidade de se realizarem as adaptações curriculares, que são flexíveis para que se atenda eficazmente a todos os alunos. A formação do indivíduo como cidadão acontece na escola, por isso, dá oportunidade à criança de conviver com pessoas de diferentes raças, religiões, classes sociais, culturas e diferentes capacidades para aprender.

Segundo Porter (1997),

as boas práticas pedagógicas são apropriadas a todos os alunos, uma vez que todos os alunos têm áreas fortes e estilos de aprendizagem individuais. Isto aplica-se a alunos com necessidades educativas especiais e aos outros. Cada vez há uma maior evidência de que estes não necessitam de um número significativo de estratégias pedagógicas distintas. Podem precisar demais tempo, mais prática ou de uma abordagem com variações individualizadas, mas não há uma estratégia explicitamente diferente da que é utilizada com os outros alunos (p.45)

Assim, a fim de contemplar a necessidade na sala de aula, o professor não poderá limitar-se apenas ao cumprimento da rotina, mas deverá ser flexível e criativo, sabendo trabalhar com a imprevisibilidade e a diversidade e chegar a um contexto enriquecedor e favorável à aprendizagem de todos os alunos.

As estratégias e metodologias adotadas com a turma resultaram, tendo os alunos, na sua maioria, conseguido atingir os objetivos das diferentes disciplinas. Por isso podemos dizer que a implementação das estratégias e metodologias decorreu de forma positiva e os objetivos delineados foram atingidos [opinião saída da reunião de avaliação, do 3º período, Conselho de Turma, realizado a 23 de Junho de 2010].

Com a realização deste Trabalho Projeto, ambiciona-se dar a conhecer um conjunto de ações e boas práticas que devem acontecer numa escola e como é que as mesmas podem ajudar no caminho para a construção de uma escola cada vez mais próxima do desejado.

São, aqui, partilhadas práticas e atitudes que pensamos serem enriquecedoras. Os profissionais da educação, os alunos, os técnicos operacionais, as famílias que se movimentam ao longo desta intervenção, no contexto escolar, dentro e fora da sala de

aula, trazem uma riqueza a este estudo, não só pelos exemplos reais que nos dão, como também pela reflexão que podem proporcionar [o antes, o durante e o após] no dia-a-dia de uma escola que ambiciona ser inclusiva.

Referências bibliográficas

- Ainscow, M.(1997). Educação para Todos: torná-la uma realidade. In M. Ainscow, G. Porter e M. Wang. *Caminhos para as escolas inclusivas* (pp.13-31). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Azevedo, L., Ferreira, M. & Ponte, M. (2000). *Inovação curricular na implementação de meios alternativos de comunicação em crianças com deficiência neuromotora grave*. 2ª edição. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência. (SNRIPD).
- Azevedo, L., Ferreira, M. & Ponte, M. (2003). Comunicação Aumentativa e Tecnologias de Apoio: Manual de Cursos, não publicado.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Batista, A. (1997). O sucesso de todos na escola inclusiva. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. XXXI, 1, 2 e 3, pp.290-298
- Bustos, M. (1997). *O teste sociométrico*. Lisboa: Âncora Editora.
- Carvalho, F. (2007). *Escola para todos? A educação de crianças com deficiência na perspectiva da ecologia humana*. Lisboa: Secretariado Nacional para a reabilitação e integração das pessoas com deficiência.
- Correia, M (1999). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto: Porto Editora.
- Correia, M. (2004). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais. Um Guia para Educadores e Professores*. Porto: Porto Editora.
- Costa, A. (1989). Balanço entre o III e o IV Encontro de Educação Especial – *Comunicações*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação.
- Costa, A. (2006). A Educação Inclusiva dez anos após Salamanca: reflexões sobre o

caminho percorrido. In D. Rodrigues (ed.). *Educação Inclusiva. Estamos a Fazer Progressos?* (pp.13-29). Fóruns de Estudos de Educação Inclusiva. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana

Cruz, M. (2009). Paralisia cerebral e dificuldades de comunicação: uma proposta de actividade com recurso a tecnologias de apoio. *Revista Saber & Educar / Cadernos de Estudo*. 14, 1-16.

Dias, M. (1993). *As representações de sucesso da integração de crianças com necessidades educativas especiais*. Tese de Mestrado não publicada, Universidade Nova de Lisboa.

Figueiredo, T. & Sanches, I. (2010). A flexibilização curricular e a construção de uma escola inclusiva. Estudo de caso. Actas do IX *Colóquio sobre Questões Curriculares / V Colóquio Luso-Brasileiro* (pp.380-388). Universidade do Porto.

Fonseca, V. (1999). *O insucesso escolar – abordagem psicopedagógica das dificuldades de aprendizagem*. Lisboa: Editora Âncora.

Fox, D.J. (1981). *El Proceso de Investigacion en Education*. Pamplona: Ediciones Pamplona.

Grawitz, M. (1984). *Méthodes des Sciences Sociales*. Paris: Dalloz.

Jesus, S. N. & Martins, H. (2000). *Escola Inclusiva e Apoios Educativos*. Cadernos de Investigação e Práticas. Lisboa: ASA.

Lopes, M. (2005). *Necessidades Educativas Especiais. Emergência do conceito*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Departamento de Ciências Sociais e Humanas. Área de Ciências da Educação. Lisboa.

Martins, E. & Szymaski, H. (2004). *A abordagem ecológica de Urie Brofenbrenner em estudos com famílias. Estudos e pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro: Periódicos Electrónicos em Psicologia.

- Moreno, C. & Rau, M. J. (1987). *A criança diferente. Manual de apoio aos educadores de infância e professores do ensino básico*. Lisboa: Gabinete de estudos e Planeamento do Ministério da Educação.
- Pereira, F. (Coord.) (2008). *Educação especial. Manual de apoio à prática*. Lisboa: Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Pereira, F. (Coord.) (2011). *Educação inclusiva e educação especial*. Indicadores – chave para o desenvolvimento das escolas: um guia para diretores. Lisboa: Editora Cercica.
- Porter, G. (1997). Organização das escolas: conseguir o acesso e a equidade através da inclusão. In M. Ainscow, G. Porter e M. Wang. *Caminhos para as escolas inclusivas* (pp.35-48). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Rodrigues, D. (1984). *Educação Especial – deficiência motora*. Lisboa: Edição ISEF.
- Rodrigues, D. (2006). Dez ideias (mal) feitas sobre a Educação Inclusiva. In Rodrigues, D., *Educação Inclusiva. Estamos a Fazer Progressos?* (pp.75-87). Fórum de Estudos de Educação Inclusiva. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Samúdio, M (2002). *Factores condicionantes de inclusão de crianças com paralisia cerebral nas classes regulares*. Dissertação de mestrado apresentada na Escola Superior da Saúde do Porto, não publicada.
- Sanches, I. (2005). Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-acção à educação inclusiva. *Revista Lusófona de Educação*, 5, 127-142.
- Sanches, I. & Teodoro, A. (2006). Da Integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. *Revista Lusófona de Educação*, 8, 63-83.
- Sanches, I. & Teodoro, A. (2007). Procurando indicadores de educação inclusiva: as práticas dos professores de apoio educativo. *Revista Portuguesa de Educação*, 20 (2), 105-149.
- Sanches, I (2011). *Em busca de indicadores de educação Inclusiva. A voz dos professores de apoio sobre o que pensam, o que fazem e o que gostariam de fazer*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

- Serrano, J. (2005). *Percursos e práticas para uma escola inclusiva*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade do Minho.
- Stainback, S. & Stainback, W. (2000). *Inclusão: um manual para educadores*. Porto Alegre: Artmed.
- Tetzchner, S. & Martinsen, H. (2000). *Introdução à comunicação aumentativa e alternativa*. Porto: Porto Editora.
- Trindade, A. & Colôa J. (2008). *Decreto-lei 3/2008. Breve Reflexão sobre os Artigos 5º e 6º*. Trabalho não publicado.
- Unesco (1994). *Declaração de Salamanca e enquadramento da acção. Necessidades Educativas Especiais*. Unesco.
- Wang, M.(1997). *Atendendo alunos com necessidades especiais: Equidade e Acesso*. In M. Ainscow, G. Porter e M. Wang. *Caminhos para as escolas inclusivas* (pp.51-64) Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Warnock, H. M. (1978). *Special education needs: Report f the committee of enquire of handicapped children and young people*. London: her Magesty´s Stationery Office.

Legislação consultada

Lei n.º 46/86 de 14 de outubro
Despacho n.º 105/97, de 1 julho
Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro
Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto
Decreto-lei nº 20/2006, de 31 de janeiro
Decreto-lei 3/2008, de 7 de janeiro
Lei n.º 85/2009, de 27 de agosto

Sites consultados

www.anditec.pt/acessibilidade-digital/

www.engenhariadereabilitacao.net/supera/premios.php

www.ipg.pt/magickey/magic_eye.asp

<http://www.ajudastecnicas.gov.pt/product.jsp?productID=590>

www.netcriativa.com/abls/index.php?page=2&id=5

ANEXOS

Anexo 1 - Matriz sociométrica escolhas - outubro

		FEMININO													MASCULINO													Nº escolhas		Nº Ind. Esc olhi dos	
		1	2	3	4	5	6	7	13	16					8	9	10	11	12	14	15	17	18	19	20	21					
F E M I N I N O	1				003		332	120	210	001																			9	5	
	2			100												030		300	002					210					6	5	
	3	201	020		300		102											013											8	5	
	4																												6	3	
	5																												6	3	
	6																												6	4	
	7																												6	3	
	13																												9	4	
	16																												9	4	
M A S C U L I N O	8																												9	3	
	9					100	201																						9	6	
	10																022		030	003	111	333	222					9	3		
	11	020	003																	111			333	222				9	3		
	12																			001			303	212				9	6		
	14																						300	121				9	5		
	15																						330	223				9	4		
	17																											9	3		
	18																														
	19																														
	20																														
	21																														
	A		224	011	100	333	432	858	232	323	343					323	230	486	334	010	557	649	221	655	554						
B		8	2	1	9	9	21	3	8	10					8	5	18	10	2	17	12	5	16	14							
C		5	2	1	5	4	9	3	8	5					5	4	8	6	2	8	6	2	7	5							

Legenda: A - Totais por critério B – Totais combinados C – Nº de indivíduos por quem cada um é escolhido
 Critérios: 1º critério: aspeto afetivo 2º critério – aspeto lúdico 3º critério: aspeto da liderança

Anexo 2 – Matriz sociométrica rejeições - outubro

		FEMININO													MASCULINO													Nº escolhas	Nº Ind. Escol- hidos		
		1	2	3	4	5	6	7	13	16					8	9	10	11	12	14	15	17	18	19	20	21					
F E M I N I N O	1																		111										3	1	
	2									101									010										3	2	
	3																		111									3	1		
	4																		111									3	1		
	5																		111									3	1		
	6																		101							010		3	2		
	7																		111									3	1		
	13										100								011									3	2		
	16																		111									3	1		
	M A S C U L I N O	8																		101							010			3	2
9																										010	010		3	2	
10																			100								001		3	3	
11										010									101										3	2	
12										100												010				001			3	3	
14																			101						010				3	3	
15																			101										3	2	
17																									010				3	2	
18																													3	1	
19										100																010				3	3
20										110										001									3	3	
21										011																			3	2	
A			101								532						101	010	129 13			030	100		132	022					
B		2								10						2	1	34			3	1		6	4						
C																															

Legenda: A - Totais por critério B – Totais combinados C – Nº de indivíduos por quem cada um é escolhido
 Critérios: 1º critério: aspeto afetivo 2º critério – aspeto lúdico 3º critério: aspeto da liderança

Anexo 3 – Matriz sociométrica de escolhas - junho

		FEMININO												MASCULINO												Escolhas		Escolhidos					
		1	2	3	4	5	6	7	13	16					8	9	10	11	12	14	15	17	18	19	20	21							
FEMININO	1				003		332	120	210	001																						9	5
	2			100											030		300		002					210							6	5	
	3	201	020		300		102										013														8	5	
	4																														6	3	
	5																														6	3	
	6	003			020		331																								6	4	
	7	111					333		222								100														6	3	
	13	323					001	212																	130					9	4		
16	002			333	220	111																								9	4		

Legenda: A - Totais por critério B - Totais combinados C - Nº de indivíduos por quem cada um é escolhido
 Critérios: 1º critério: aspeto afetivo 2º critério - aspeto lúdico 3º critério: aspeto da liderança

Anexo 4 – Matriz sociométrica rejeições - junho

		FEMININO											MASCULINO											Nº escolhas	Nº Ind. Escolhid os								
		1	2	3	4	5	6	7	13	16					8	9	10	11	12	14	15	17	18	19	20	21							
F E M I N I N O	1																		111												3	1	
	2									101									010												3	2	
	3																		111												3	1	
	4																		111												3	1	
	5																		111												3	1	
	6																		101												3	2	
	7																		111												3	1	
	13																		011												3	2	
	16																		111												3	1	
	M A S C U L I N O	8																		101						010						3	2
9																									101	010					3	2	
10																			100							001					3	3	
11																			101												3	2	
12																																3	3
14																			101							001					3	3	
15																			101							010					3	2	
17																										010						3	2
18																			111													3	1
19																																3	3
20																			001													3	3
21																																3	2
A			101							532							101	010	129 13			030	100		132	022							
B			2							10							2	1	34			3	1		6	4							
C																																	

Legenda: A - Totais por critério B – Totais combinados C – Nº de indivíduos por quem cada um é escolhido
 Critérios: 1º critério: aspeto afetivo 2º critério – aspeto lúdico 3º critério: aspeto da liderança

Anexo 5 – Questionário aplicado à turma

Questionário

I – 1. Se pudesses escolher o teu colega de carteira, quem escolherias? _____

Indica outro colega _____

E ainda outro _____

E quem não escolherias? _____

II – 1. Para realizar um trabalho de grupo, quem escolherias para trabalhar contigo? _____

Indica outro colega _____

E ainda outro _____

E quem não escolherias? _____

III – 1. Quem gostarias de escolher para estar contigo nos “furos” e intervalos das aulas? _____

Indica outro colega _____

E ainda outro _____

E quem não gostarias _____

Nome: _____ N^o _____ T^a _____

Anexo 6 - Entrevista ao João – fevereiro 2010

Guião da entrevista ao João

Tema: Turma do 8º ano de escolaridade, onde se encontra integrado aluno com 13 anos de idade, com paralisia cerebral.

Objetivos:

- Conhecer o funcionamento pedagógico da turma em sala de aula;
- Identificar atitudes e práticas de uma escola para todos.

Apresenta-se, de seguida, o conteúdo transcrito da entrevista realizada, pelo Entrevistador (E) ao João (J), aluno da turma.

Entrevistado: O João, aluno da turma

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Observações
A A legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	• Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente • Explicitar os fundamentos e objetivos da entrevista • Garantir a confidencialidade	• Motivos da entrevista • Objetivos • Garantia de confidencialidade	• Entrevista semi-diretiva • Usar linguagem apelativa e conseguir a motivação do entrevistado • Garantir a confidencialidade • Pedir para gravar a entrevista
B O aluno	• Caracterizar o perfil escolar do João	• O aluno no contexto escolar • Relação com colegas professores e técnicos operacionais	

	• Conhecer as expectativas do aluno face ao futuro	• As ambições do aluno face ao futuro • Percecionar medos e expectativas	
C A Escola	• Caracterizar a comunidade escolar	• Recursos na escola • Características físicas da escola	
D Gestão da sala de aula	• Conhecer as estratégias e metodologias aplicadas na sala de aula	• Metodologias • Estratégias inclusivas • Tecnologias de Apoio	

Protocolo da entrevista João

Contextualização da situação: Turma do 8º ano de escolaridade, onde está inserido um aluno com 13 anos de idade, com paralisia cerebral.

Objetivos da entrevista:

- Conhecer o funcionamento pedagógico da turma em sala de aula;
- Identificar atitudes e práticas de uma escola para todos.

Apresenta-se, de seguida, o conteúdo transcrito da entrevista realizada, pela Entrevistadora (E) ao João (J), aluno da turma.

Entrevistado: O João, aluno da turma.

E- Sei que manténs uma boa relação com a tua escola, com os colegas, professores e funcionários. Gostaria que me falasses um pouco da tua escola.

J- Esta escola é razoável mas podia ser melhor, o que gosto mais é da informática e o que gosto menos é dos W.C.

E- Porque é que não gosta dos W.C?

J- Porque estão mal tratados. As sanitas estão estragadas.

E- Vais sozinho ao W.C?

J- Vou sozinho.

E- Gostas da tua turma, dos teus colegas?

J- A minha turma é muito boa, não é agitada, também gosto dos meus colegas porque ajudam-me muito e alguns, se for preciso dão-me comer.

E- Quem são os teus colegas de carteira?

J- Sento-me sozinho numa carteira, é impossível ficar alguém comigo, o meu material de trabalho ocupa a mesa toda.

E- Gostas de trabalhar com o teu equipamento?

J- É muito lento, mesmo que não queira vou lá com o nariz.

E- Tens muitos amigos?

J- Tenho alguns, a 6, a 5 e o 12.

E- Os teus colegas ajudam-te nas aulas?

J- Sim, os meus colegas ajudam-me. Tiram-me os livros, cadernos e estojo da mala. Abrem os meus manuais na página correta.

E- Quem te ajuda fora das aulas?

J- É a Dona Rosário. Leva-me a mala e o portátil, quando me desloco na escola, dá-me o almoço e o lanche e leva-me ao W.C.

E- Mas disseste-me que ias sozinho ao W.C.

J- A Dona Rosário leva-me até à porta e abre-me o fecho das calças, depois eu faço tudo sozinho.

E- Diz-me lá o que queres ser quando fores “grande”?

J- Eu gostava de ser Engenheiro Informático.

Categorização dos dados recolhidos em entrevista ao João

Categorias	Subcategorias	Indicadores
O perfil do aluno	Relação com professores, colegas e técnicos operacionais	• A minha turma é muito boa, não é agitada • Gosto dos meus colegas porque ajudam-me imenso e alguns se for preciso dão-me comer • Tenho alguns amigos, a Rita Fernandes, a Rita e o Fábio • A dona Rosário leva-me a mala, o portátil, dá-me almoço, lanche e leva-me ao W.C. • Leva-me à porta, baixa-me as calças e eu faço tudo sozinho
O João: ambições futuras	Ambições do João face ao futuro	• Eu gosto de estudar e gostava de concluir o 12º ano e ir para a faculdade • Eu gostava de ser Engenheiro de Informática
A Escola	A comunidade escolar	• A escola é razoável, mas podia ser melhor • O que eu gosto mais é da informática • O que menos gosto é dos W.C. • As sanitas estão estragadas
Gestão da sala de aula	Estratégias inclusivas na sala de aula	• Os meus colegas ajudam-me, tiram-me os livros, cadernos e estojo da mala • Abrem os manuais na página correta • Sento-me sozinho numa carteira É impossível ficar alguém comigo [por causa das tecnologias de apoio utilizadas]
	Tecnologias de Apoio	• O meu equipamento de trabalho ocupa a mesa toda • É muito lento, mesmo que não queira vou lá com o nariz

Anexo 7 – Entrevista ao João - Junho 2010

Guião da entrevista ao João

Tema: Turma do 8º ano de escolaridade, onde se encontra integrado aluno com 13 anos de idade, com paralisia cerebral.

Objetivos:

- Conhecer o funcionamento pedagógico da turma em sala de aula;
- Identificar atitudes e práticas de uma escola para todos.

Entrevistado: O João, aluno da turma.

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Observações
A A legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	• Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente • Explicitar os fundamentos e objetivos da entrevista • Garantir a confidencialidade	• Motivos da entrevista • Objetivos • Garantia de confidencialidade	• Entrevista semi diretiva • Usar linguagem apelativa e conseguir a motivação do entrevistado • Garantir a confidencialidade • Pedir para gravar a entrevista
B Perfil do aluno	• Caracterizar o perfil escolar do João • Conhecer as ambições futuras • Conhecer as expectativas do aluno face ao futuro	• Relação com colegas, professores e assistentes operacionais • O aluno na sala de aula • As ambições do aluno face ao futuro • Percecionar medos e expectativas	
C A Escola	• Caracterizar a comunidade escolar	• Recursos na escola • Características	

		físicas da escola	
D Gestão da sala de aula	• Conhecer as estratégias e metodologias aplicadas na sala de aula	• Metodologias • Estratégias inclusivas • Tecnologias de Apoio	

Protocolo da entrevista João

Contextualização da situação: Turma do 8º ano de escolaridade, onde está inserido um aluno com 13 anos de idade, com paralisia cerebral.

Objetivos da entrevista:

- Conhecer o funcionamento pedagógico da turma em sala de aula;
- Identificar atitudes e práticas de uma escola para todos.

Apresenta-se, de seguida, o conteúdo transcrito da entrevista realizada, pela Entrevistadora (E) ao João (J), aluno da turma.

Entrevistado: O João, aluno da turma.

E- Olá João! Estamos no final do ano letivo, que tal foram as tuas notas?

J- As minhas notas foram boas, tive nível quatro a tudo, menos.

E- Muitos parabéns! Isso significa que trabalhaste muito.

Sei que tens um novo equipamento, achas que te ajuda a atingir os teus objetivos? É bom para ti?

J- O My tobii é bom, mas é muito complicado, é muito grande e está seguro numa mesa que não pode ir para todas as salas. É complicado escrever, acompanhar a aula, é muito lento e avaria com facilidade.

E- Mas ajuda bastante ao nível da tua saúde, com ele tens uma postura mais correta e com a prática vais ver que se torna mais rápido trabalhares com ele....

J- Duvido! Experimentei um equipamento novo, a Magic Eye, esse sim, penso que é mais prático, posso levá-lo para casa e para todas as salas de aula e é muito mais fácil controlar o ecrã com o olhar...

E- Achas que essa nova tecnologia de apoio poderá ser mais útil para ti? Onde a experimentaste?

J- No Hospital. Fui lá fazer uma avaliação, com médicos, terapeutas, a minha mãe, o meu pai e a minha professora de educação especial. Todos acharam que aquele equipamento era melhor para mim, futuramente, quero continuar a estudar, preciso de um computador que me acompanhe para todo o lado.

E- Mas quais são as vantagens em relação ao My tobii?

J- O My tobii tem de ficar num sítio é muito grande, são precisas pessoas, nem sempre há técnicos operacionais disponíveis para o transportar de sala em sala e não pode ir para casa. Fica avariado facilmente e é muito difícil escrever, é lento.

E- Nas férias, sei que vais ter o My tobii em casa, vais ter de trabalhar com ele, treinar muito, o 9º ano é difícil.

J- Sim, vou trabalhar muito em casa, mas no próximo ano, espero ter a Magic Eye, é muito mais barato e todos acham que é muito melhor para mim.

E- Já vi que estás “apaixonado” pela Magic eye, mas sei My Tobii te ajudou muito no teu trabalho na sala de aula...

J- Ajuda, mas a Magic eye é melhor, mais prático, é um computador normal, um portátil, tem uma câmara, eu olho para ela e o meu olhar controla o ecrã, trabalho com o GRID também, se quiser.

E- Mas o My tobii ajuda-te a ficar mais autónomo relativamente aos teus colegas, não?

J- Sim, eu escrevo o sumário, escrevo os apontamentos, mas continuo com alguma dificuldade em fazer tudo.

Nas aulas de português, quando o professor me envia as coisas, é mais fácil eu acompanhar a aula, já tenho tudo o que vai se dado nas aulas, fichas de trabalho e isso.

E- Mas tu fazes essas fichas no computador e os teus colegas?

J- É assim, o professor digitaliza as fichas que estão no manual e no caderno de fichas e faz as fichas que vão ser trabalhadas na aula e envia-mas por email.

E- E os teus colegas, como fazem?

J- Os meus colegas têm as fichas no manual, no caderno de exercícios ou em papel. O professor quase sempre usa o retroprojektor e o quadro branco e a ficha é projetada para todos, eu não preciso de ninguém a meu lado para me abrir o manual. Não preciso de caderno, nem caneta. Faço tudo no computador.

E- Mas quem te ajuda?

J- A funcionária coloca o computador na sala de aula, liga-o e coloca a pen na porta usb. Quando toca eu entro na sala com os meus colegas e faço tudo sozinho.

E- Muito bem, afinal esse My tobii é uma grande ferramenta!

J- Mas nem sempre é possível preparar as aulas assim, a turma é muito grande, os professores têm muitas turmas e muitos alunos, é impossível prepararem sempre as fichas para mim. Aí, nessas aulas, quando não tenho as coisas informatizadas são mais difíceis...

E- É mais difícil porquê? Explica lá o que sentes.

J- É difícil, porque tenho de ter sempre muita ajuda dos meus colegas, eu escrevo o sumário e os apontamentos, mas abrir o manual, abrir os cadernos de fichas tem de ser os professores ou os meus colegas.

E- Mas tens colegas muito teus amigos, já se conhecem bem e se eles te ajudam tu também os ajudas, tenho a certeza!

J- Sim, ajudo, sempre que me pedem ajuda e eu posso, eu ajudo.

E- Conta lá algumas ajudas que dês aos teus colegas?

J- Ajudamo-nos muito, eles adoram o meu My tobii, fazemos os trabalhos de grupo, eu normalmente faço a parte mais teórica, aquela que exige mais pesquisa no computador e eles fazem a parte mais prática, cartolinas, expor o trabalho etc. Os meus colegas dizem que eu sou inteligente e que os ajudo muito naquelas coisas mais complicadas e também sou eu que resolvo tudo quando há problemas com os computadores.

E- Muito bem, espero que continuem com essa postura, é muito bonito esse espírito que me descreves. Gostas da tua turma, colegas, professores, nem preciso de perguntar...

J- Gosto...

E- Desejo de boas férias e um próximo ano cheio de sucessos.

J- Obrigado! Igualmente para si.

Categorização dos dados recolhidos em entrevista ao João

Categorias	Subcategorias	Indicadores
O aluno	A relação com professores, colegas e técnicos operacionais	- As minhas notas foram boas, tive nível quatro a tudo, menos - Ajudamo-nos muito, eles gostam de trabalhar no meu My Tobii
	O João na sala de aula	Eu escrevo o sumário Escrevo os apontamentos Continuo com alguma dificuldade em fazer tudo Nas aulas de português, quando o professor me envia as coisas, é mais fácil eu acompanhar a aula Já tenho tudo o que vai se dado nas aulas, fichas de trabalho e isso
	Ambições do João face ao futuro	- Experimentei um equipamento novo, a <i>Magic Eye</i> - Penso que é mais prático - Posso levá-lo para casa - Para todas as salas de aula - É muito mais fácil controlar o ecrã com o olhar - Todos acharam que aquele equipamento era melhor para mim - Futuramente, quero continuar a estudar - Preciso de um computador que me acompanhe para todo o lado - Magic Eye é melhor, mais prático - É um computador normal, um portátil, tem uma câmara, eu olho para ela - O meu olhar controla o ecrã - Trabalho com o GRID também, se quiser
Gestão da sala de aula	Estratégias inclusivas na sala de aula	- Nem sempre é possível preparar as aulas assim - A turma é muito grande - Os professores têm muitas turmas e muitos alunos - É impossível prepararem sempre as fichas para mim - Aí, nessas aulas, quando não tenho as coisas informatizadas é mais difícil
	Tecnologias de Apoio	- O My Tobii é bom, mas é muito complicado - É muito grande e está seguro numa mesa - Não pode ir para todas as salas - É complicado escrever, acompanhar a aula - É muito lento e avaria com facilidade - O My Tobii tem de ficar num sítio é muito grande - São precisas pessoas - Nem sempre há técnicos operacionais disponíveis para o transportar de sala em sala

		• Não pode ir para casa. • Fica avariado facilmente • É muito difícil escrever, é lento
--	--	---

Anexo 8 - Entrevista à Diretora de Turma – outubro 2009

Guião da entrevista

Tema: Turma do 8º ano de escolaridade, onde se encontra integrado aluno com 13 anos de idade, com paralisia cerebral.

Objetivos:

- Conhecer o funcionamento pedagógico da turma em sala de aula;
- Identificar atitudes e práticas de uma escola para todos.

Entrevistado: A Diretora de Turma

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Observações
A A legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	• Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente • Explicitar os fundamentos e objetivos da entrevista • Garantir a confidencialidade	• Motivos da entrevista • Objetivos	• Entrevista semi-diretiva • Usar linguagem apelativa e conseguir a motivação do entrevistado • Garantir a confidencialidade • Pedir para gravar a entrevista
B Perfil da turma	• Caracterizar o perfil da turma	• Relacionamento entre os elementos da turma • Funcionamento da turma em contexto sala de aula	
C O João	• Caracterizar o perfil escolar do João	Relação com colegas, professores e funcionários Desempenho escolar do aluno	
E Gestão da sala de aula	• Conhecer as estratégias e metodologias aplicadas na sala de aula	Medidas inclusivas tomadas no conselho de turma	
	• Encontrar pistas de intervenção para a inclusão de todos os alunos da turma	Pistas de intervenção	
F A família	• Caracterizar as famílias dos alunos da turma	• Papel das famílias na vida escolar dos alunos	

	• Percecionar expectativas dos alunos e das famílias em relação à escola	• Expectativas dos alunos e das famílias	
--	--	--	--

Protocolo da Entrevista à Diretora de Turma

Contextualização da situação:

Turma do 8º ano de escolaridade, onde se encontra integrado aluno com 13 anos de idade, com paralisia cerebral.

Objetivos Gerais:

- Conhecer o funcionamento pedagógico da turma em sala de aula
- Identificar atitudes e práticas de uma escola para todos

Apresenta-se, de seguida, o conteúdo transcrito da entrevista realizada, pelo Entrevistador (E) à Diretora de Turma (D.T).

Entrevistada: A Diretora de Turma

E- Em breves palavras, pode caracterizar a turma, ao nível do comportamento e empenho?

D.T- Distraem-se com muita facilidade e têm um ritmo de trabalho por vezes lento...

E- Consegue caracterizar a turma, principalmente, no seu relacionamento na sala de aula?

D.T- O relacionamento entre todos é bom, no geral. Temos um aluno novo na turma, o aluno Miguel, que levanta alguns problemas de relacionamento. Foi transferido de outra turma, devido ao horário da sua antiga turma chocar com o horário da Academia de Música de Almada, onde anda a aprender a tocar guitarra. Ele próprio também não mostra o mínimo esforço para que haja integração.

Nos trabalhos de grupo nunca é escolhido...

E- Na primeira reunião de conselho de turma, e de algumas situações a que assisti, reparei que o aluno Fábio também não é muito bem aceite pelos colegas...

D.T- Sim...é verdade. Ele e o aluno Miguel nunca são escolhidos. Têm de ser os professores a integrá-los nos grupos depois de estarem já compostos. A reação à integração do Miguel na turma é indiferente, no caso do Fábio, não o aceitam muito bem. O Miguel é introvertido e têm dificuldade em relacionar-se com os outros, dentro e fora da sala de aula.

E- Acha que essa recusa deve-se a quê?

D.T- O aluno Fábio tem comportamentos muito estranhos, frequenta a igreja evangélica com os avós e todas as suas conversas incidem sobre o tema religioso. Os colegas não aceitam muito bem o discurso e afastam-se dele. Ele próprio faz questão em isolar-se e aceita que tem comportamentos diferentes, diz que quer ser pastor. Tem o exemplo da igreja que frequenta e parece admirar muito a pessoa que está à frente, querendo seguir o exemplo. É claro que miúdos de 13/14 anos não aceitam muito bem este tipo de conversas, e o aluno vira-se para os adultos, principalmente os técnicos operacionais da escola.

Os pais do aluno Miguel têm a noção da dificuldade do mesmo em envolver-se nas actividades e no relacionamento com os pares.

E- O Conselho de turma já tomou algumas medidas, ou delineou estratégias para tentar contornar a situação do aluno Fábio, para que este consiga melhor o relacionamento com os colegas da turma?

D.T- Falamos muito neste aluno, quando reunimos, por considerarmos ser um caso grave ao nível da inclusão. Temos tido algumas conversas com o aluno, eu, como diretora de turma tenho tentado que ele viva outros interesses para a sua idade, necessários para o seu crescimento harmonioso e saudável e tenho conversado com os pais sobre as questões que preocupam os professores. Na sala de aula tentamos criar situações em que o aluno tenha de trabalhar em grupo, na tentativa que este desenvolva laços com os colegas.

E- Após a análise dos questionários efetuados à turma, a aluna Nádia, parece-me ser outra situação um pouco problemática, ao nível do relacionamento com os pares, principalmente.

D.T- A Nádia, tem um feitio teimoso, é sempre do contra. Está sempre em conflito com os colegas.

E- Há sentimento de entreajuda entre colegas?

D.T- Há um sentimento muito forte em relação ao João, gostam muito dele. A turma mantém-se desde o 5º ano de escolaridade, e muitos já vêm do 1º ciclo. Todos ajudam o aluno, ajudam-no a participar nas aulas. Por vezes o João diz algo que não é entendido por nós, professores, aí os colegas descodificam, entendem-no melhor do que nós e conseguem ajudar o colega, ao nível da participação oral. Às vezes também me parece que os colegas estão um bocadinho cansados do João, ele depende muito deles, o abrir cadernos, escrever sumários...E no 8º ano as matérias complicam-se e é difícil os colegas fazerem as suas tarefas na sala de aula e as tarefas do João.

E- O João consegue sempre participar oralmente e ser entendido?

D.T- Quando há muita dificuldade da minha parte e dos colegas, peço-lhe para escrever no computador e o mesmo acontece com os outros professores...

E- O Conselho de turma já pensou em delinear estratégias de intervenção para a inclusão desses dois alunos e para tornar o João mais autónomo?

D.T- Eu só fui colocada a 18 de setembro, vim substituir a diretora de turma, não presidi à primeira reunião realizada, apesar de já termos conversado informalmente, estamos à espera da próxima semana e das reuniões intercalares para delinear algumas ideias tendo em vista a resolução do problema. As medidas são as que os colegas do ano anterior nos indicaram na avaliação do PCT do ano anterior.

E- O João usa na sala de aula o equipamento adaptado para os trabalhos e apontamentos realizados na aula?

D.T- Raramente usa o seu equipamento, é muito teimoso, diz que não é rápido e prefere escrever com o nariz no teclado, o que nós sabemos que é péssimo para a sua postura e coluna. Baba-se também muito, não consegue controlar, quanto escreve com o nariz no teclado, ficando por vezes tudo molhado, o que se torna pouco higiénico.

E- Os Encarregados de Educação e pais dos alunos, participam ativamente na vida escolar dos seus filhos/educandos?

D.T- São pais muito participativos, a representante dos pais é a mãe do João, leva muito a sério o seu papel, uma vez que tem um filho com uma problemática grave. É muito atenta, e comunica muito comigo, através da caderneta, telefonicamente e mesmo na minha hora de atendimento aos pais.

E- Na reunião de pais, quais foram as preocupações e expectativas que se notaram mais?

D.T- Penso, que na generalidade todos os pais têm expectativas elevadas para os filhos, querem que terminem o 12º ano e vão para a Faculdade. São pais preocupados e interessados pelo percurso escolar dos filhos.

E- E os pais do João?

D.T- O João e os pais querem que ele continue os estudos. O aluno é considerado, por todos, um caso de sucesso no que diz respeito à inclusão escolar.

E – Obrigada pela disponibilidade e continuação de bom trabalho!

D.T. – Obrigada, eu estarei sempre disponível.

Categorização dos dados recolhidos em entrevista à Diretora de Turma

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
A turma	Relacionamento entre os elementos da turma	- No geral, o relacionamento entre todos é bom - Temos um novo aluno na turma, o Miguel, que levanta alguns problemas de integração - Nos trabalhos de grupo nunca é escolhido - Os alunos Fábio e Miguel nunca são escolhidos - Têm de ser os professores a integrá-los nos grupos - A reação à integração do Miguel é indiferente - No caso do Fábio, os colegas rejeitam-no, não o aceitam muito bem - O Fábio tem comportamentos estranhos - Frequenta a Igreja Evangélica e todas as conversas incidem no tema religioso - Os colegas não aceitam muito bem o discurso e afastam-se dele - A aluna 16 tem um feitio teimoso, é sempre do contra - Está sempre em conflito com os colegas
	Funcionamento da turma em relação ao João	- A turma mantém-se desde o 5º ano...muitos já está junto desde o 1º ciclo - Ajudam-no a participar nas aulas - Entendem-no melhor do que nós - Conseguem ajudar o colega ao nível da participação oral - Quando há muita dificuldade, peço-lhe para escrever no computador
	Relação dos colegas, professores e funcionários	- Há um sentimento muito forte em relação ao João - Todos ajudam o aluno - Às vezes também me parece que os colegas estão um bocadinho cansados do João - Ele [o João] depende muito deles [colegas], o abrir cadernos, escrever sumários... - E no 8º ano as matérias complicam-se - Difícil os colegas fazerem as suas tarefas na sala de aula e as tarefas do João
	Dificuldades inerentes ao sistema educativo	- Só fui colocada a 18 de Setembro - Vim substituir a Diretora de Turma - Não presidi à primeira reunião realizada - Apesar de já termos tido conversas informais [com outros professores]
O João	Perfil pessoal	- É muito teimoso - É péssimo para a sua postura e coluna [escrever com o nariz] - Baba-se também muito - Não consegue controlar
	Desempenho escolar do João	- Raramente usa o seu equipamento na sala de aula - Diz que não é rápido e prefere escrever com o nariz no teclado
	Medidas inclusivas tomadas	- As medidas são as que os colegas do ano anterior nos indicaram na avaliação do PCT do ano anterior - Estamos à espera da reunião intercalar para delinearmos estratégias - Temos tido algumas conversas com o aluno, eu, como diretora de turma tenho tentado que ele viva outros

		interesses para a sua idade, necessários para o seu crescimento harmonioso e saudável • Tenho conversado com os pais sobre as questões que preocupam os professores • Na sala de aula tentamos criar situações em que o aluno [João] tenha de trabalhar em grupo, na tentativa que este desenvolva laços com os colegas. • O aluno é considerado, por todos, um caso de sucesso no que diz respeito à inclusão escolar.
As famílias	Caracterização geral das famílias dos alunos da turma	• São pais participativos • A representante dos Encarregados de Educação é a mãe do João • Leva muito a sério o seu papel...é muito atenta • Comunica comigo através da caderneta, telefonicamente ou na minha hora de atendimento aos pais
	Representações e Expectativas das famílias em relação à escola	• [mãe do João] Muito preocupada com o filho • Superproteção [da família], que não ajuda ao desenvolvimento da autonomia do aluno [João] • Pais preocupados e interessados • Pais têm expectativas elevadas para os filhos na generalidade ...a faculdade • O João e os pais querem que ele continue os estudos. O aluno é considerado, por todos, um caso de sucesso no que diz respeito à inclusão escolar. • Família do João deseja que o aluno prossiga os estudos na área da Engenharia Informática • Os pais do aluno Fábio têm a noção das dificuldades do mesmo

Anexo 9 - Entrevista à Diretora de Turma – junho 2010

Guião da entrevista

Tema: Turma do 8º ano de escolaridade, onde se encontra integrado aluno com 13 anos de idade, portador de paralisia cerebral.

Objetivos:

- Avaliar o funcionamento da turma em contexto escolar, após a intervenção
- Reconhecer atitudes e práticas implementadas na construção de uma escola para todos

Entrevistada: Diretora de Turma

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Observações
A A legitimação da entrevista e motivação do entrevistado.	• Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente • Explicitar os fundamentos e objetivos da entrevista • Garantir a confidencialidade	• Motivos da entrevista • Objetivos	• Entrevista semi-diretiva • Usar linguagem apelativa e conseguir a motivação do entrevistado • Garantir a confidencialidade • Pedir para gravar a entrevista
B Perfil da Turma	• Caracterizar o perfil da turma, após a intervenção	• Relacionamento entre os elementos da turma • Inclusão dos alunos em contexto escolar	
C O João	• Avaliar a autonomia em contexto escolar, do João	• Autonomia na sala de aula • Autonomia no recinto escolar	
D Gestão da sala de	• Conhecer as estratégias e medidas decididas em conselho de	• Medidas e estratégias inclusivas aplicadas em	

aula	turma	sala de aula	
E As famílias	• Caracterizar as famílias dos alunos da turma	• Papel das famílias na vida escolar dos alunos	

Protocolo da Entrevista à Diretora de Turma

E- Após um ano de trabalho com a turma, considera que pode introduzir mais dados de caracterização, devido ao contacto com os alunos e ao melhor conhecimento da turma?

D.T- Julgo que esta turma mantém a postura inicial, são miúdos que estão juntos desde o 1º ciclo, conhecem-se muito bem e já têm também muito organizada a sua forma de trabalho e de relacionamentos.

O Miguel e o Fábio continuam a ter alguns problemas de integração e aceitação pelos restantes elementos da turma, penso que o facto de se terem juntado ao grupo no 7º ano de escolaridade não é o mais relevante, o comportamento de ambos os alunos, muito introvertidos e isolarem-se do resto da turma, principalmente nos intervalos. Na sala de aula acho que melhorou bastante, as estratégias resultaram, estes alunos já são escolhidos para realizarem trabalhos de grupo. Fora da sala de aula, nos intervalos é que acho que continua a haver alguma dificuldade, mais por falta do Fábio e do Miguel, que se isolam.

Continua a ser uma turma com um comportamento e aproveitamento considerados de nível bom.

E- E quanto ao João, agora no final do ano letivo, acha que houve algumas melhorias ao nível dos aspetos que considerámos importante melhorar, como a autonomia e a independência pessoal?

D.T- O João vai crescer e implicitamente vai exigir mais autonomia. Preocupa-me a transição para o 10º ano de escolaridade, espero que no secundário seja possível proporcionar ao aluno todas as medidas de que tem sido alvo.

Na minha opinião, e na opinião do conselho de turma o equipamento não lhe trouxe tudo aquilo que todos esperávamos, ele sempre que pode escreve com o nariz, o ecrã também é tátil, logo o impulso de ir com o nariz é muito forte, é muito difícil na sala de aula controlarmos estes impulsos. Segundo as técnicas que acompanham o aluno, ele já está muito habituado ao nariz e vai ser preciso muito treino para passar definitivamente ao olhar.

O ter partido o pulso no 3º período também não ajudou muito no processo. O João ficou em casa algum tempo e quando voltou ainda vinha muito combalido e com muito receio de se magoar novamente, penso que houve mesmo uma regressão, pois os medos que ele estava a perder, como o descer e subir escadas, voltaram. Recusava-se mesmo a deslocar-se pela escola, a família teve de alugar uma cadeira de rodas, o que foi mesmo prescrito pela médica do Hospital, considerando a mesma, que os movimentos

involuntários poderiam prejudicar o braço e fazer com que o processo de cura fosse mais demorado.

E- Achas que o *My Tobii* em termos futuros vai contribuir para ajudar o João na continuação dos seus estudos?

D.T- Tal como disse atrás pode ajudar, mas é muito limitativo, é um equipamento muito caro, pouco funcional, uma vez que se desloca numa mesa que não pode ir para toda as salas da escola, como por exemplo os laboratórios de físico-química, de ciências da natureza ou para a sala de Educação Visual e Tecnológica. É também muito sensível e frágil. Foi um ano muito conturbado para o João, com todos os percalços porque passou, o de também pode ter contribuído para que todo o conselho de turma considere que o ritmo de trabalho do João é lento e a maior parte dos docentes propõem que o aluno faça o 9º ano por disciplinas, uma medida do decreto 3/2008 de 7 de Janeiro, e que na minha opinião também deveria ser adotada para este aluno. Vamos ver o que diz a encarregada de educação.

E- Que estratégias usou para trabalhar com o João?

D.T- Houve sempre uma grande articulação entre mim e a professora de educação especial que acompanha o aluno, estudámos a forma mais eficaz para que o aluno optimizasse o seu desempenho na disciplina, optámos por enviar por correio eletrónico fichas de trabalho para o aluno realizar em casa com a ajuda família, principalmente da irmã. Elaborei pequenos resumos das matérias dadas e enviei por correio eletrónico para o aluno ir acompanhamento diariamente as matérias. Nos testes caso o aluno não conseguisse terminar na aula, como usufruía da alínea adequações no processo de avaliação, inicialmente acabava o teste na sala de apoio educativo, com a supervisão da professora de educação especial. Concluímos que não era a melhor opção e em conselho de turma optámos por elaborar testes adaptados às necessidades do aluno de modo a que este conseguisse terminar na sala de aula em contexto turma, com o seu grupo de trabalho. Com a ajuda do *My tobii* há que levar a cabo e proporcionar ao aluno medidas que não o isolem do grupo ou o retirem da sala de aula. É muito difícil pôr em prática estas medidas com o João incluído numa turma grande, para que todos os professores possam futuramente executar as estratégias de enviar materiais informatizados para o aluno e otimizar o desempenho do aluno na sala de aula, com um acompanhamento mais individualizado, é necessária uma turma pequena, segundo o meu ponto de vista, num secundário, 10 alunos no máximo, para que haja sucesso em todo este processo.

E- Ele correspondeu de forma positiva a essas estratégias? Realizou a parte dele? A família colaborou?

D.T- Podemos considerar o feedback positivo, na generalidade o João realiza os trabalhos de casa e obtinha resultados positivos nos testes. A sua participação na sala de aula e nos trabalhos de grupo também é bastante positiva, apesar de ultimamente estar mais conversador e distraído, mas penso que é também do cansaço, final do ano...

As famílias são no geral muito participativas e empenhadas, a família do João é muito participativa na vida escolar do filho, a mãe e o pai são incansáveis na busca de soluções para que o filho tenha acesso a tudo o que tem direito. Agora surgiu um novo equipamento, mais funcional, penso eu, segundo o que me foi dito, penso que o grande objetivo dos pais é a aquisição desse novo equipamento. Segundo as últimas informações houve uma avaliação do aluno a trabalhar com o mesmo e todos ficaram muito contentes porque se adapta muito mais ao perfil do João e pode deslocar-se com o aluno, como de um simples portátil se tratasse, convém mesmo que seja assim, pois um aluno que quer seguir um percurso académico universitário tem de ter equipamentos funcionais.

Existe uma grande proteção, que penso ser normal nestas situações, apesar de por vezes não ser o ideal para o desenvolvimento do João, mas no geral acho que tudo correu bem e que houve efetivamente uma forte colaboração entre a escola e a família, sendo esta colaboração meio caminho para o sucesso e para que as coisas corram bem.

E- Na última entrevista referiu que sentia da parte dos colegas da turma um certo “cansaço” dos colegas relativamente ao João, sei que este cansaço se referia às exigências do 9º ano de escolaridade e à dificuldade dos colegas em ajudar o João com as estratégias até aí implementadas, as quais se traduziam numa grande dependência do João face aos colegas. Que pode dizer sobre esta situação, que na altura considerámos ser prioritária?

D.T- Para além de todas as vantagens que o *My tobii* trouxe ao João, penso que ao nível da autonomia foi realmente onde se notou mais. Podemos considerar um processo bola de neve, O João sente-se mais autónomo, consegue escrever, acompanhar a aula, os colegas sentem que a dependência é menor, não sentem a responsabilidade de escrever o sumário do João, de abrir o manual na página tal e vêem um equipamento dentro da sala que lhes desperta a curiosidade e com o qual gostam de trabalhar. O João começou a ser escolhido para realizar os trabalhos de grupos, dentro e fora da sala de aula. Podemos considerar que o espírito de partilha esteve presente nesta troca entre os alunos, sem perceberem, eles escolhiam o João, por este ser muito bom em informática e ter um equipamento consigo que representava o expoente da tecnologia. O João sentia-se bem, por ver que os colegas o procuravam, não para o ajudarem, mas

para partilharem. Apesar de ter existido sempre um espírito de grande cooperação na turma, um trabalho cooperativo sem nunca virarem as costas ao João, penso que a entrada deste novo equipamento aliviou bastante o sentimento de responsabilidade que os colegas tinham em relação ao aluno.

E- Como professora do aluno e diretora de turma, quais as pistas de intervenção que propunha para o próximo ano letivo?

D.T- Segundo informações dadas pela professora de educação especial e pela encarregada do aluno existe um equipamento mais funcional e se calhar mais direcionado para o João, a *Magic eye*. Para além de ser um portátil que o aluno pode usar na escola e em casa, é mais económico e o seu funcionamento mais fácil para o João e para os professores. O *My Tobbi* tem de ficar na escola, devido às suas dimensões e o aluno em casa não tem nenhuma ajuda em termos de equipamento. Na minha opinião era muito importante encontrar soluções para que o aluno deixe definitivamente de trabalhar com o nariz, em casa e na escola.

É também necessário torná-lo mais autónomo, manter aquilo que conseguimos ao nível da autonomia é essencial, conseguir transportar os seus livros, deslocar-se sozinho ao W.C., ir aos intervalos com os colegas sem medo de se magoar etc., há também que recuperar o que se perdeu com o acidente e a recuperação da fratura no pulso.

Depois do acidente que teve, ficou com medos, é preciso que ele volte a desenvolver as capacidades que havia adquirido. Temos de trabalhar essa parte, proporcionar ao aluno um ambiente securizante.

Categorização dos dados recolhidos em entrevista à diretora de turma

Categorias	Subcategorias	Indicadores
Perfil da turma, após a intervenção	Relacionamento entre os elementos da turma	- Turma mantém a postura inicial - Estão juntos desde o 1º ciclo - Conhecem-se muito bem - Têm muito organizada a sua forma de trabalho e de relacionamentos - O Miguel e o Fábio continuam a ter alguns problemas de integração e aceitação pelos restantes elementos da turma - O facto de se terem juntado ao grupo no 7º ano de escolaridade não é o mais relevante - Alunos muito introvertidos e isolarem-se do resto da turma, principalmente nos intervalos
Autonomia, do João em contexto escolar	Desenvolvimento da autonomia na sala de aula	- João vai crescer e implicitamente vai exigir mais autonomia - Ter partido o pulso no 3º período também não ajudou muito no processo - Ano muito conturbado para o João - João sente-se mais autónomo - Consegue escrever, acompanhar a aula - Os colegas sentem que a dependência é menor - Não sentem a responsabilidade de escrever o sumário do João - O João começou a ser escolhido para realizar os trabalhos de grupos, dentro e fora da sala de aula - Escolhiam o João, por este ser muito bom em informática - O João sentia-se bem, por ver que os colegas o procuravam, não para o ajudarem, mas para partilharem - O equipamento não lhe trouxe tudo aquilo que todos esperávamos - É muito limitativo, é um equipamento muito caro - O aluno em casa não tem nenhuma ajuda em termos de equipamento - Pouco funcional, uma vez que se desloca numa mesa que não pode ir para toda as salas da escola - É também muito sensível e frágil - Ao nível da autonomia foi realmente onde se notou mais [My tobi]

Pistas de intervenção	Pistas para medidas a serem tomadas em contexto escola/turma	- Preocupa-me a transição para o 10º ano de escolaridade - É muito difícil pôr em prática estas medidas com o João incluído numa turma grande - Dez alunos no máximo, para que haja sucesso em todo este processo - Espero que no secundário seja possível proporcionar ao aluno todas as medidas de que tem sido alvo - Existe um equipamento mais funcional e se calhar mais direcionado para o João, a <i>Magic eye</i> - Portátil que o aluno pode usar na escola e em casa - Aluno deixe definitivamente de trabalhar com o nariz, em casa e na escola - Manter aquilo que conseguimos ao nível da autonomia é essencial
Caracterizar as famílias dos alunos da turma	Participação na vida escolar dos seus educandos	- Famílias muito participativas e empenhadas - A família é muito participativa na vida escolar do filho [João] - A mãe e o pai [João] são incansáveis na busca de soluções para que o filho tenha acesso a tudo o que tem direito

Anexo 10 - Entrevista ao Professor de Língua Portuguesa – Junho 2010

Guião da entrevista

Tema: Turma do 8º ano de escolaridade, onde se encontra incluído um aluno com 13 anos de idade, com paralisia cerebral.

Objetivos:

- Conhecer o funcionamento da turma em contexto escolar
- Identificar atitudes e práticas de uma escola para todos

Entrevistado: Professor de Língua Portuguesa

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Observações
A A legitimação da entrevista e motivação do entrevistado.	• Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente • Explicitar os fundamentos e objetivos da entrevista • Garantir a confidencialidade	• Motivos da entrevista • Objetivos	• Entrevista semi-diretiva • Usar linguagem apelativa e conseguir a motivação do entrevistado • Garantir a confidencialidade • Pedir para gravar a entrevista
B Perfil da Turma	• Construir o perfil da turma	• Relacionamento entre os alunos	
C O João	• Avaliar o desempenho do João na sala de aula	• O João na sala de aula	
	• Caracterizar os níveis de autonomia do João no recinto escolar	• Autonomia do João no recinto escolar	

D Gestão da sala de aula	• Conhecer as estratégias e metodologias aplicadas na sala de aula	• Medidas e estratégias inclusivas tomadas no conselho de turma	
	• Encontrar pistas de intervenção para a inclusão de todos os alunos da turma	• As Tecnologias de Apoio	

Protocolo da Entrevista ao Professor de Língua Portuguesa

Contextualização da situação:

Turma do 8º ano de escolaridade, onde se encontra integrado aluno com 13 anos de idade, com paralisia cerebral.

Objetivos Gerais:

- Conhecer o funcionamento da turma em contexto escolar
- Identificar atitudes e práticas de uma escola para todos

Apresenta-se, de seguida, o conteúdo transcrito da entrevista realizada, pela Entrevistadora (E) ao Professora de Língua Portuguesa da turma.

Entrevistado: Professor de Língua Portuguesa

E- Uma vez que já conhece a turma e o João há 2 anos, como descreves o relacionamento do João com os colegas da turma, na sala de aula?

P- A relação entre eles é excelente. Em primeiro lugar, é uma turma com rapazes e raparigas onde é possível rir e ensinar, onde há silêncio e momentos onde podem “ser livres”. É um ambiente excelente. Naturalmente que isso facilita as relações entre eles. Não há conflitos e, se os há, têm a ver com o que é próprio da sua idade e não com palermices, na maioria das vezes, publicitadas pela televisão. Por exemplo, os rapazes, no intervalo, vão jogar futebol... parece incrível, mas é verdade. Todos os alunos da turma falam com o João como João. É claro que o ajudam em determinadas situações, mas fazem-no da mesma forma que falam com ele ou vão lanchar. É algo natural. É só isso. E aposto que todos eles, se pudessem, fariam qualquer coisa para que o João ainda fosse mais o João. Também é observável que, com a mudança de idade e às próprias exigências advindas do nível de escolaridade, há “menos tempo” para estarem sempre com o João, embora isso seja atenuado com o facto de quer um quer outro aluno, de forma espontânea, o auxiliarem no que é necessário.

E- E fora da sala de aula?

P- Confesso que não tenho dados suficientes para fazer uma avaliação mais criteriosa, embora talvez fosse positivo que o João pudesse interagir mais com outros colegas. Compreendo a ansiedade dos pais, da escola e dos que o acompanham. Na verdade, há sempre alguns alunos com tanta sensibilidade e sentido de solidariedade que um jacaré é um autêntico brinquedo de peluche.

E - O João também joga à bola com os colegas, nos intervalos?

P - Nos intervalos, às vezes vai jogar à bola, mas sempre acompanhado e vigiado pela técnica operacional. Há um receio muito grande de que se magoe, esse receio acaba por ser transmitido ao João, que acaba por ter medo. Nota-se que é um jovem com muitos receios e medos. Mas penso que durante este ano lectivo fez grandes avanços a esse nível, o acidente não ajudou! A autonomia que tinha ganho até aquela altura, julgo que vai sendo recuperada, ele vai ultrapassar o medo da queda, é um rapaz forte.

E- É um aluno participativo, na sala de aula?

P- Sim é um aluno participativo.

E- Como?

P- Não só de forma espontânea, mas também realizando as actividades propostas. O João lê em voz alta, expõe as suas opiniões, acompanha a correção dos trabalhos de casa, enfim, tudo o que é pedido. Mais: tendo em atenção as características da pessoa em causa, o João já leu dois livros este ano. Só por isto, este rapaz é um autêntico lutador e vencedor.

E- Consegues, de forma sucinta, descrever o “aluno” João (interesse, empenho etc.)?

P- É um aluno muito atento e empenhado que detesta, e com razão, que alguém faça por ele o que faria sem qualquer problema. É perspicaz, sensível, com um bom vocabulário e com desempenhos muito satisfatórios nas seguintes áreas: compreensão, memorização, problematização, análise crítica. Uma outra característica que revela a sua inteligência é o seu sentido de humor, o saber apanhar no “intervalo da chuva” um trocadilho e a ironia (no sentido positivo).

E- E quanto às limitações que apresenta na sala de aula, acha que, com este novo equipamento, poderá melhorar o seu desempenho e autonomia na sala de aula?

P- Assim o espero e desejo. E, para mim, talvez me liberte um pouco a “raiva” de como há pessoas que, por si, só são um bonito exemplo do que deveria ser o Homem, e têm de fazer e sofrer tanto. É demasiado injusto! É uma lição de vida para mim.

E - Do que já conheces do equipamento, podemos considerar o My tobii uma mais-valia na sala de aula?

P - Sim, o João se tiver o equipamento e os materiais tratados informaticamente consegue acompanhar uma aula de forma muito autónoma e praticamente sem necessitar da ajuda dos colegas. A mesa com o equipamento tem de ser colocada na sala, o computador ligado e o João faz o resto. Curiosamente, nos trabalhos de grupo ou de pares todos disputam para ficar com o João.

E - Informatizar, sempre que possível os materiais, fichas de trabalho e testes do aluno, foi uma das medidas tomadas em conselho de turma, é fácil para ti levá-la a cabo?

P - Sou professor da turma, tenho de criar respostas para aquele grupo, a heterogeneidade do grupo está a enriquecer-me como profissional, é um desafio diário. Estou a gostar, nunca tinha trabalhado com equipamentos tão sofisticados, mas acho que estou a conseguir dar conta do recado.

E- O que achas que ainda poderia ser feito para concretizar as expectativas do aluno e da família, ao nível da continuidade dos estudos e a frequência de um curso superior?

P- Espero que possamos fazer tudo. É o mínimo que a nossa consciência dita. Fazer com que este rapaz seja sempre feliz, é sermos igualmente felizes.

E- Que medidas têm sido tomadas, quer as definidas em Conselho de Turma, quer outras, que tenham entretanto considerado importantes, tendo sempre em conta ajudar o aluno a ultrapassar as suas limitações e levá-lo a acompanhar o ritmo de trabalho da turma na sala de aula, uma vez que foram os principais problemas encontrados?

P- Todas. Quando digo todas, quer dizer, que tento que haja um equilíbrio entre o que é possível o João fazer e o que não é mesmo necessário. É muito simples. Basta imaginar como é que o João poderia fazer, quanto tempo levaria a realizar esta ou aquela actividade. Naturalmente que faço o “meu papel”, vou pedindo este ou aquele trabalho, mas o prazo para a sua realização é determinado pelo calendário pessoal do João, pelas suas actividades, pelo tempo que deve conceder a si próprio e para os seus gostos (os automóveis, os cavalos, o seu cão, o seu clube de futebol, etc). O prazo para o João fazer um trabalho é quando a vida puder. Recordo-me que a mãe do João me disse que ele «detestava ler». O ano passado não foi possível ler nenhum livro, este ano dedicou-se a descobrir as histórias divertidas do *Menino Nicolau*. O João subiu uma montanha e quantos de nós conseguiríamos fazê-lo? A minha única preocupação foi transmitir-lhe que ler pode ser algo divertido, desde que tenha a ver com os nossos gostos/sensibilidade. Os livros não são os manuais. Quando penso nisso nos momentos extremos de cansaço, lembro-me “deste nosso João” e acho que está na altura de “deixar de fazer fita” e recordar “antes quebrar que torcer”.

É um enorme orgulho trabalhar com o João. Sinto que a minha vida tem mais significado. Ajudar alguém (e dar aulas é, essencialmente, isso) torna-nos mais humanos, num mundo que cada vez mais faz apelo à desumanidade.

E- Obrigada pela colaboração.

P- Eu é que agradeço ter tido a honra de poder falar sobre o João.

Categorização dos dados recolhidos em entrevista ao Professor de Língua Portuguesa

Categorias	Subcategorias	Indicadores
A turma	Relacionamento dos alunos da turma em contexto escolar	• A relação entre eles é excelente • É uma turma com rapazes e raparigas onde é possível rir e ensinar • É um ambiente excelente • Naturalmente que isso facilita as relações entre eles • Não há conflitos e, se os há, têm a ver com o que é próprio da sua idade • Os rapazes, no intervalo, vão jogar futebol... parece incrível, mas é verdade
O João	O João na sala de aula	• Sim é um aluno participativo • Não só de forma espontânea, mas também realizando as actividades propostas • João lê em voz alta • Expõe as suas opiniões • O João já leu dois livros este ano • Este rapaz é um autêntico lutador e vencedor • É um aluno muito atento e empenhado • Detesta, e com razão, que alguém faça por ele o que faria sem qualquer problema • É perspicaz, sensível, com um bom vocabulário e com desempenhos muito satisfatórios • Outra característica que revela a sua inteligência é o seu sentido de humor • O saber apanhar no “intervalo da chuva” um trocadilho e a ironia • Todos os alunos da turma falam com o João como João • É claro que o ajudam em determinadas situações, mas fazem-no da mesma forma que falam com ele ou vão lanchar • A mudança de idade e às próprias exigências advindas do nível de escolaridade • Há “menos tempo” para estarem sempre com o João • De forma espontânea, o auxiliarem no que é necessário • Há sempre alguns alunos com tanta sensibilidade e sentido de solidariedade • João se tiver o equipamento e os materiais tratados informaticamente consegue acompanhar uma aula de forma muito autónoma • Praticamente sem necessitar da ajuda dos colegas • A mesa com o equipamento tem de ser colocada na sala, o computador ligado e o João faz o resto • Curiosamente, nos trabalhos de grupo ou de pares todos disputam para ficar

		com o João • A mãe do João disse-me que ele «detestava ler» • Este ano dedicou-se a descobrir as histórias divertidas do Menino Nicolau • A minha única preocupação foi transmitir-lhe que ler pode ser algo divertido • Tenha a ver com os nossos gostos/sensibilidade
	Autonomia do João no recinto escolar	• Talvez fosse positivo que o João pudesse interagir mais com outros • Nos intervalos, às vezes vai jogar à bola, mas sempre acompanhado e vigiado pela técnica operacional • Há um receio muito grande de que se magoe • Esse receio acaba por ser transmitido ao João, que acaba por ter medo • Nota-se que é um jovem com muitos receios e medos • A autonomia que tinha ganho até aquela altura, vai ser recuperada • Ele vai ultrapassar o medo da queda, é um rapaz forte.
	Estratégias e medidas inclusivas tomadas no conselho de turma	• Espero que possamos fazer tudo • Sou professor da turma, tenho de criar respostas para aquele grupo • A heterogeneidade do grupo está a enriquecer-me como profissional • É um desafio diário • Acho que estou a conseguir dar conta do recado. • É um enorme orgulho trabalhar com o João • Sinto que a minha vida tem mais significado • Estou a gostar, nunca tinha trabalhado com equipamentos tão sofisticados

Anexo 11 - Entrevista à Encarregada de Educação do João – Junho 2010

Guião da entrevista

Tema: Turma do 8º ano de escolaridade, onde se encontra integrado aluno com 13 anos de idade, com paralisia cerebral.

Objetivos:

- Encontrar pistas de intervenção para dar respostas adequadas ao caso emergente da turma
- Conhecer o papel da família na vida escolar do seu educando

Entrevistado: A Encarregada de Educação do João

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Observações
A A legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	• Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente • Explicitar os fundamentos e objetivos da entrevista • Garantir a confidencialidade	• Motivos da entrevista • Objetivos	• Entrevista semi-directiva • Usar linguagem apelativa e conseguir a motivação do entrevistado • Garantir a confidencialidade • Pedir para gravar a entrevista
B Perfil do João	• Conhecer o perfil do João	• Relacionamento com professores e colegas da turma • As tecnologias de apoio • Autonomia em casa	
C A família	• Caracterizar as famílias dos alunos da turma	• Papel das famílias na vida escolar dos alunos	

	• Percecionar expectativas dos alunos e das famílias em relação ao futuro	• Expectativas dos alunos e das famílias	
	• Encontrar pistas de intervenção	• Pistas de intervenção	

Protocolo da Entrevista à Encarregada de Educação do João

Contextualização da situação:

Turma do 8º ano de escolaridade, onde se encontra integrado aluno com 13 anos de idade, com paralisia cerebral.

Objetivos Gerais:

- Encontrar pistas de intervenção
- Conhecer as expectativas da família

Entrevistada: Encarregada de educação do João

Entrevista à encarregada de educação do João

E- O João está no 9º ano de escolaridade, é um ano decisivo e muito relevante no percurso escolar de qualquer jovem. Neste momento, como pode caracterizar o percurso escolar do João, até aqui?

E.E.- Na generalidade tem sido satisfatório, embora, aconteça por vezes ele encostar-se um bocadinho, como todos os miúdos da idade dele. Penso que o João deveria receber informaticamente materiais de todas as disciplinas, isso iria motivá-lo mais e ajudá-lo em casa a acompanhar melhor as matérias. Alguns professores não o fazem e o *My Tobbi* sozinho não ajuda, o equipamento só é útil ao João e funciona a cem por cento se existir um trabalho articulado entre professores e João, para que ele possa em casa realizar os trabalhos de casa e nas aulas acompanhar as matérias, por isso considero muito importantes o envio dos materiais por correio eletrónico ao João.

E- Mas nas reuniões, alguns professores dizem que enviam os trabalhos e o João não os realiza....

E.E.- Sei que ele às vezes também não cumpre, não faz os trabalhos de casa etc, mas a partir deste ano, a irmã já acabou a faculdade e pode ajudar mais e acompanhá-lo nos trabalhos de casa.

E- O Conselho de Turma propôs que o João fizesse o 9º ano em dois anos, sendo esta uma medida do Decreto 3/2008. A senhora, como encarregada de educação não aceitou esta medida, pode reflectir um pouco o porquê, desta tomada de decisão?

E.E.- O João, no ano anterior, teve algumas situações menos boas, primeiro, foi a impossibilidade do equipamento informático vir para a escolar, uma vez que o seguro

e o protocolo entre o hospital e a PT só foi concluído já no início do 3º período. O equipamento, finalmente veio para a escola e o João partiu o pulso, ficou algum tempo em casa e quando voltou estava condicionado, sentado numa cadeira de rodas, o que prejudicou muito o uso e o desenvolvimento pleno de competências com o *My Tobbi*. Não aceitei a medida do João fazer o 9º ano em dois anos, porque acredito nas capacidades do meu filho, quero dar-lhe a hipótese de mostrar durante o 1º período que está pronto para trabalhar e acompanhar a turma, durante as férias do Verão vai treinar, e trabalhar com o *My Tobbi*, com o olhar e acho que melhorou bastante, está mais rápido e mais habituado ao novo equipamento. Penso que também é muito importante para ele manter o grupo turma e transitar para o 10º ano com alguns colegas da turma.

E- Continua a achar que ele está muito bem integrado na turma, não é?

E.E.- Em casa, o João, diz que gosta muito da turma, dos colegas e dos professores. Acho que ele está muito bem integrado na turma, andam juntos desde o 1º ciclo, ajudam-no muito e conhecem-se todos muito bem.

E- Os colegas são um suporte muito grande para o João, tem toda a razão, mesmo na sala de aula, são eles que, por vezes detetam que ele está com dificuldades e imediatamente o ajudam, seja na abertura de um manual, como num atraso na escrita de um apontamento...

E.E.- Pois...Eu continuo a ser da opinião que o João em determinadas disciplinas deveria ter um professor ao lado, a ajudá-lo, ou então enviarem o material informatizado, coisa que só alguns professores fazem.

E- Nas disciplinas práticas, como Educação Física, Educação Visual e Tecnológica, o João tem um professor de apoio dentro da sala, mas ele tem que ganhar autonomia dentro e fora da sala de aula, temos de pensar no secundário...

E.E.- O João, no secundário, vai continuar a precisar de uma funcionária para, os lanches, almoço e para ir à casa de banho e deveria ter também um professor de apoio nas aulas de matemática e físico-química.

E- Ao nível do percurso académico, como mãe, o que considera melhor, para ele, conhecendo-o e sabendo os seus desejos?

E.E.- Ele quer seguir um percurso ao nível da informática, um curso de formação profissional, ou mesmo ir para a faculdade, vamos ver....

E- Como vê o novo equipamento, em termos de ajuda para o João-aluno?

E.E.- O uso do *My Tobbi*, neste momento, é o melhor para ele, mas a descoordenação motora é muito grande e o não dominar os movimentos leva à lentidão nas tarefas realizadas, mesmo com o *My Tobbi*, nada se pode fazer para ultrapassar esta situação, a não ser dar mais tempo ao João.

E- O João, tem de treinar muito, para dominar com o olhar o software GRID. É a única maneira dele dar resposta ao espírito altamente competitivo que tem. Ele conhece as suas capacidades e quer terminar rapidamente as tarefas, o que o leva por vezes a tocar com o nariz no ecrã, tal como fazia com o teclado. Esta área tem que ser muito trabalhada, em casa e na escola. Quanto maior for o domínio do aluno sobre o equipamento, maior será o seu sucesso escolar, podemos mesmo dizer que o seu percurso futuro, na escola e na transição para a vida ativa, depende da forma como ele domina os meios alternativos de comunicação.

E.E.- O João é muito competitivo, ele nunca quer perder, daí a dificuldade em controlar os movimentos e tocar com o nariz no ecrã, quer ser rápido.

A última inovação tecnológica é a *Magic eye*, o João já foi avaliado a trabalhar com o equipamento e segundo as notícias que me foram dadas pode ser uma alternativa ao My tobii.

E- Muito obrigada pela sua disponibilidade.

E.E. – Obrigada eu, por ter oportunidade de falar do meu filho.

Categorização dos dados recolhidos em entrevista à Encarregada de Educação

Categorias	Subcategorias	Indicadores
Construir o perfil do Joao	Relação com os colegas e professores	- Gosta muito da turma, dos colegas e dos professores - Ele está muito bem integrado na turma - Juntos desde o 1º ciclo - Ajudam-no muito - Conhecessem-se todos muito bem
	Perfil escolar do João	- Acontece por vezes ele encostar-se um bocadinho, como todos os miúdos da idade dele - Teve algumas situações menos boas - A impossibilidade do equipamento informático vir para a escolar - O equipamento, finalmente veio para a escola e o João partiu o pulso - Não aceitei a medida do João fazer o 9º ano em dois anos - Acredito nas capacidades do meu filho - Hipótese de mostrar durante o 1º período - Pronto para trabalhar e acompanhar a turma - Professor de apoio nas aulas de matemática e físico-química - Descoordenação motora é muito grande - Nada se pode fazer para ultrapassar esta situação, a não ser dar mais tempo ao João - O João é muito competitivo - Ele nunca quer perder - Toca com o nariz no ecrã, quer ser rápido - Alguns professores não o fazem e o <i>My Tobbi</i> sozinho não ajuda - O equipamento só é útil ao João e funciona a cem por cento se existir um trabalho articulado - Durante as férias do Verão vai treinar - Está mais rápido e mais habituado ao novo equipamento - Lentidão nas tarefas realizadas, mesmo com o <i>My tobbi</i> <i>My tobbi</i>, neste momento, é o melhor para ele <i>Magic eye</i> pode vir a ser uma alternativa

	• Autonomia em casa	• Ele às vezes também não cumpre • Não faz os trabalhos de casa etc. • A irmã já acabou a faculdade e pode ajudar mais • Faz a cama e arruma roupa, mas sempre que pode esquia-se
A família	• Expectativas das famílias	• Um curso de formação profissional, ou mesmo ir para a faculdade • Transitar para o 10º ano com alguns colegas da turma. • Vamos ver • João deveria receber informaticamente materiais • Iria motivá-lo mais e ajudá-lo em casa a acompanhar melhor as matérias • Quer seguir um percurso ao nível da informática • O João em determinadas disciplinas deveria ter um professor ao lado, a ajudá-lo • Enviarem o material informatizado, coisa que só alguns professores fazem • No secundário, vai continuar a precisar de uma funcionária para, os lanches, almoço e para ir à casa de banho

Anexo 12 - Protocolo de uma observação naturalista – fevereiro 2010

Data: 12/02/2010

Ano: 8º ano

Aula de Geografia

Duração: 32 minutos

Tema: A autonomia do João na sala de aula

Hora	Descrição de situações e comportamentos	Inferências
11:55	A professora está de pé, junto ao quadro, com a manual na mão, os alunos estão sentados a olhar atentamente para os seus manuais, o aluno 9 acompanha a aula, sentado sozinho na última mesa, da 3ª fila, da sala de aula, com o tampo da mesa coberto com uma passadeira antiderrapante e uma tábua assente nessa passadeira, onde se coloca o portátil e à frente deste o manípulo externo que lhe permite aceder ao GRID	Alunos atentos
11:56	Na mesa ao lado do aluno 9 está o aluno 12, que lhe abre a mala, tira o caderno, estojo e livros da disciplina	
11:58	Quase que mecanicamente o aluno 9 liga o portátil ao aluno 9, que lhe murmura algo, ao que o aluno 9 sorri e acena com a cabeça	
11:00	A professora pede aos alunos que abram o manual na página indicada. O aluno 12 abre o seu manual e a seguir desloca-se à secretária do aluno 9 abrindo o seu manual também	O aluno 9 olha para o aluno 21 e sorriem mutuamente, revelando alguma cumplicidade
12:01	A aluna 5, sentada na mesa à esquerda do aluno 9, levanta-se e pega no caderno da disciplina do aluno, levando-o consigo, abrindo a lição com a data e o número da lição	Alunos atentos e concentrados na tarefa
12:01	Professora pede à aluna 13 para olhar para o mapa e explica que poderá sair no próximo teste para localizarem no mapa de Portugal os relevos e pede à mesma aluna para localizar a Serra dos Candeeiros no mapa da sala	
12:02	A aluna 2, levanta-se e vai junto do mapa, pendurado ao lado do quadro e aponta corretamente a Serra	
12:03	A aluna 16, após permissão da professora, vai ao caixote do lixo afiar o lápis, e o aluno 9 põe pé debaixo da mesma e toca-lhe quando aquela passa à frente da sua mesa, a aluna murmura o nome do aluno, com ar reprovador	
12:04	Professora escreve no quadro as serras portuguesas	
12:05	O aluno 9 escreve no portátil, acedendo ao teclado com o nariz, o que a professora escreve no quadro	

12.12	Professora coloca manual à frente do aluno 9 e pede-lhe para localizar a Serra da Estrela	
12.13	O aluno aponta com o nariz e localiza a serra no manual	
12.20	Professora termina de escrever os apontamentos no quadro.	
12.27	Vai ver se o aluno 9 já escreveu os apontamentos do quadro no computador, e diz à turma, o aluno 9 já escreveu, por isso vamos avançar	

Análise do Protocolo da Observação Naturalista

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES
Perfil da Turma	Aluno 9	Sentado na última mesa, da 3ª fila da sala de aula
	Aluno 12	Abre o manual ao João, abrindo o seu também
	Aluna 13	Desloca-se ao quadro, por ordem da professora e localiza corretamente o que a Serra dos Candeeiros no mapa
	Aluno 9	O aluno 9 passa rasteira à colega 5, muito discretamente
	Aluna 16	Após permissão da professora, vai ao caixote do lixo afiar o lápis
	Aluno 9	Escreve no portátil com o nariz
	Aluno 9	João aponta com o nariz no manual a Serra da Estrela, após lhe ter sido pedido pela professora

Anexo 13- Protocolo de uma Observação Naturalista – fevereiro 2010

Turma: 8º ano
Data: 16/02/2010

Duração: 7 minutos

Tema: Intervalo

Hora	Observadores	Descrição de situações e de comportamentos	Notas complementares e inferências
09.55h	Professora de Educação Especial	Toca para a saída, todos os alunos da turma vão para o recreio	Funcionária da reprografia aparece e dá 1 beijo de bom dia ao aluno 9
09.57h		O aluno 9 dirige-se para a assistente operacional que o aguarda à porta da sala de aula	
09.59h		Aluno 9 senta-se na secretária do corredor ao lado da assistente operacional, o aluno 12 encostado à parede com o portátil do aluno 9 na mão	
10.02h		A assistente operacional vai colocando pedaços de pão e a palhinha do leite na boca do aluno 9, enquanto conversam animadamente	

Análise do Protocolo de Observação Naturalista

Categoria	Subcategoria	Indicadores da observação
Perfil da Turma	Aluno 9	Todos os alunos saem para o intervalo, fica o aluno 9, sentado na secretária da assistente operacional que se situa no corredor, ao lado da porta da sala do aluno
	Aluno 12	Fica com o aluno9 no corredor, de pé, ao lado da secretária e segura-lhe o portátil
	Aluno 9	Come o lanche da manhã com a ajuda da técnica operacional, que lhe parte o pão e coloca-o na boca, assim como a palhinha para o aluno chupar o sumo

Anexo 14 – Protocolo de uma Observação Naturalista – junho 2010

Data: 03/06/2010

Ano: 8ºano

Aula de Português

Duração: 37 minutos

Tema: O My Tobii: A autonomia do João na sala de aula

Hora	Descrição de situações e comportamentos	Inferências
08:17	Os alunos entram na sala de aula e dirigem-se aos seus lugares	Alunos atentos
08:18	O aluno 9 senta-se na mesa adaptada na primeira carteira da fila, em frente à secretária do professor	
08:19	Com o olhar aciona o My tobii, deixado ligado pela assistente operacional enquanto professor escreve lição, data e sumário no quadro	
08:21	Aluno 9 olha para o ecrã do equipamento informático e escreve o que está no quadro, acompanhando os colegas da turma	
08:22	Professor liga o retroprojektor e projeta a ficha de trabalho preparada para aquela aula (anexo 15)	
08:24	Professor pergunta aos alunos se já escreveram o sumário	
08:25	Professor pede ao aluno 9 para ir ao correio eletrónico buscar a ficha de trabalho, previamente enviada	
08:30	Professor entrega em formato de papel a ficha de trabalho a todos os alunos	
08:34	Alunos leem a ficha de trabalho	
08:37	Professor diz aos alunos que a ficha é a sistematização da matéria que deram nas últimas aulas e que vão tentar em grupos de dois alunos completar os espaços em branco	
	A aluna 5 olha para o aluno 9, este acena com a	

08:38	cabeça, como a permitir que ela seja o seu par de trabalho	
08:39	A aluna 5 pede ao professor se pode ir sentar-se com o aluno 9	
08:40	Alunos agrupados, começam a trabalhar	
08:43	Professor diz aos alunos que têm 20 minutos para trabalhar, depois far-se-á a correção oralmente, com a apresentação ficha já corrigida no retroprojektor	
08:44	Professor desloca-se pelos grupos questionando se há dúvidas	
08:45	O aluno 11 pede borracha a aluna 13, esta lança a borracha acertando no colega 14, que grita e chama o professor	
08:46	Professor pede silêncio aos alunos para trabalharem, não se apercebendo da situação da borracha	
08:47	O aluno 12 põe dedo no ar e chama professor	
08:50	Professor aproxima-se, sussurra ao professor a sua dúvida, a qual o professor esclarece	
08:51	Termina o tempo para a realização da ficha, professor diz que a correção vai ser feita	
08:52	O aluno 9 põe dedo no ar para responder	
08:53	Professor dá-lhe a palavra, para completar o primeiro exercício, dando a indicação para ser lida a frase e depois repetir a frase com a substituição	
08:54	O aluno 9 segue as instruções e diz as frases, “O professor verificou a caderneta dos alunos” e “O professor verificou-as”.	

Análise do Protocolo da Observação Naturalista

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES
Perfil da Turma	Aluno 9	Senta-se na mesa adaptada na primeira carteira da fila, em frente à secretária do professor
	Aluno 9	Com o olhar aciona o <i>My tobii</i>
	Aluno 9	Olha para o ecrã do equipamento informático e escreve o que está no quadro, acompanhando os colegas da turma
	Aluna 5	Olha para o aluno9, este acena com a cabeça, como a permitir que ela seja o seu par de trabalho
	Aluna 5	Pede ao professor se pode ir sentar-se com ao aluno 9
	Aluno 11	Pede borracha à aluna13
	Aluna 13	Lança a borracha acertando no colega 14
	Aluno 14	Grita e chama o professor
	Aluno 12	O aluno 12 põe dedo no ar e chama professor
	Aluno 12	Sussurra ao professor a sua dúvida
	Aluno 9	Põe dedo no ar para responder
	Aluno 9	Segue as instruções e diz as frases

Anexo 15 - Roteiro das principais atividades desenvolvidas

02/02/2010	-Após conversa telefónica com médica do Centro do Desenvolvimento do Hospital Garcia de Orta que acompanha o João, houve a informação que o My Tobii ainda não está na escola, porque o seguro do equipamento não está feito devido ao atraso do Protocolo para a doação do equipamento ao Hospital e posteriormente ser emprestado ao João. A mesma médica aconselhou-me a contactar a Diretora Clínica do Hospital, uma vez, que a questão tem sensibilizado muito a administração do Hospital, considerando a médica, que o contacto com a Diretora Clínica que seria uma forma de apressar o processo.
03/02/2010	-Contactei a Direção do Hospital, fui atendida pela Secretária da Diretora Clínica, que referiu que o processo está “a andar”, se a burocracia existe e o processo está demorado, não é por culpa daquele departamento do hospital. Quem tem de dar resposta pelo atraso do processo é o Centro de Desenvolvimento da Criança
04/02/2010	- Contato o Centro de Desenvolvimento da Criança, que me informa que o Protocolo chegou-lhes às mãos, para a Encarregada de Educação assinar e dar seguimento ao seguro do mesmo. A família do aluno irá ser chamada para formalizar a situação. Fui também informada que o motivo do atraso do processo, deve-se ao facto do mesmo ter ficado esquecido na “gaveta” do gabinete Jurídico do Hospital.
05/02/2010	- Contacto telefónico com o CRITIC do Seixal, a desconvocar a reunião marcada, para a instalação do GRID2 no Portátil do João, devido à avaria do portátil. Visita à escola, pelas técnicas foi adiada até que o portátil esteja a funcionar.

06/02/2010	- Apoio em sala de aula: Avaliar o desempenho do João em contexto sala de aula; funcionamento da turma e inclusão dos alunos no grupo em contexto sala de aula; assessoria ao professor; avaliar a autonomia do João em contexto sala de aula.
09/02/2010	- Reunião em casa do aluno, com a família (mãe, pai e irmã). Observar o aluno a funcionar com o <i>My Tobii</i>. A família tem dois cães, um pastor alemão, oferecido pela professora de educação especial do ano anterior, com quem o aluno mantém um relacionamento muito próximo (brincadeiras no jardim). Utensílios adaptados: prato, talheres e copo. Grande jardim com piscina. João tem um escritório onde tem o equipamento, e um pequeno “ginásio” onde pratica alguns exercícios. O João mostrou como funciona com o <i>My Tobii</i>, percebi que o aluno usa mais o nariz do que o olhar para trabalhar no equipamento, ligou o <i>messenger</i> e falou com alguns colegas. Pedi-lhe para abrir uma página do Word e escrever algo. Grande lentidão na execução da tarefa, o que em princípio revela pouco no uso correto do equipamento.
10/02/2010	- Reunião de Conselho de Turma Intercalar O caso que mais preocupa o Conselho de Turma neste momento, é o aluno Mário, nº12, por apresentar um elevado número de níveis inferiores a 3, 6 negativas e apresentar também muitos problemas ao nível da integração no grupo turma, considerando os professores, que o aluno exclui-se do grupo. Muito ligado à religião, que vive intensamente em casa e na escola, o seu discurso vai ser terminar em questões religiosas, o que leva os colegas a não terem muita paciência. O Conselho de Turma é unânime em considerar que o João precisa muito do equipamento <i>MyTobii</i>, a sua coluna está a ser fortemente penalizada pelas posturas desadequadas que o aluno adota para usar o nariz para escrever e manusear livros e apontar. É urgente a vinda do mesmo para a escola. A autonomia e independência pessoal do aluno é outra

	preocupação do Conselho de Turma, que refere a necessidade do aluno nos intervalos ter de acompanhar os colegas para desenvolver a sua sociabilização, deslocar-se ao wc, comer mais autonomamente, etc. - Observação Naturalista em contexto de sala de aula: João sentado na última mesa da 3ª fila a contar da secretária do professor; Escreve com o nariz no teclado do portátil; Aponta com o nariz no manual, ao que lhe é pedido.
11/02/2010	- Apoio em sala de aula – Não como apoio definitivo, mas mais como avaliadora das medidas a tomar para tornar o André mais autónomo; Sem equipamento, ele precisa de alguém que o acompanhe nas aulas, na abertura da mala, retirar os livros, abrir na página indicada pelo professor; abrir a aula e escrever o sumário, passar os apontamentos do quadro.
12/02/2010	O que até aqui tinha sido conseguido com relativa facilidade, com a ajuda de uma funcionária que acompanhava o aluno desde o 1º ciclo e com a ajuda dos colegas, agora torna-se mais complicado. O João tem de ganhar autonomia e independência pessoal, quer continuar os estudos e ir para a faculdade. Está na altura de fazer um treino no desenvolvimento destas áreas no contexto escolar.
19/02/2010	- Reunião com mãe do João – urgência da vinda do equipamento para a escola. Mãe relatou-me que já havia tido reunião no HGO, mas que discordou com o seguro que teria de ser feito, uma vez que a responsabilização do que acontecesse ao <i>Mytobii</i>, não estava claramente definida. Na forma como o seguro estava feito, a responsabilidade do equipamento seria dos pais do João. Mãe aguarda nova reunião no hospital. Foi referida a necessidade do aluno ter mais autonomia no recinto escolar, conseguir deslocar-se de forma mais autónoma. Trazer a mala mais leve para a escola (o aluno traz um caderno de capa grossa para cada disciplina e outros materiais não necessários, que impossibilitam que o aluno consiga transportar a mala, devido ao peso excessivo da mesma). Mãe concordou com a proposta, mas referiu que o João vai precisar sempre de

	uma auxiliar, e caso não a tenha fará uma queixa à Direção Regional de Educação de Lisboa. Referiu que o João precisa de ser acompanhado nos intervalos por um adulto, pois pode cair, colegas têm brincadeiras mais agressivas e podem magoá-lo. Mas concorda que o João ganhe mais autonomia, contudo acha que o João deve manter o apoio da funcionária na sala de aula, como acontecia desde o 1º ciclo de escolaridade e esse apoio deve ser dado também nos intervalos. Concordou que o aluno deva fazer o treino de ir sozinho ao wc.
25/02/2010	- Mãe do aluno reuniu com Diretora de Turma e Professora de Educação Especial. Aluno federou-se no desporto que já pratica há algum tempo, o Boccia, e vai ter torneios na próxima semana. Semana preenchida com testes. Realiza o teste de Geografia e de Língua Portuguesa na próxima semana, com a Professora de Educação Especial. Portátil do aluno foi enviado para a fábrica, devido a avaria, mãe atribuí a causa da avaria às falhas de luz constantes e que devem ter contribuído para a avaria do sistema informático do computador. Recusa-se a trazer para a escola o computador após a vinda da fábrica, pois com as falhas de energia, pode voltar a avariar. Disse que foi chamada ao Hospital Garcia de Orta para entregar documentação que estava em falta para a realização do protocolo do seguro do equipamento informático – <i>MyTobii</i>
05/03/2010	- Mudança de lugar do aluno na planta da sala de aula. Senta-se na 1ª fila, na 1ª carteira, junto ao Professor, após a Professora de Educação Especial ter alertado para o facto de o aluno não estar no melhor lugar na planta da sala realizada pelo Conselho de Turma no início do ano letivo. - Apoio ao aluno em sala de aula de Língua Portuguesa. Sentado na carteira da frente na fila em frente à secretária do Professor, o lado do colega Nuno. Há a referir uma maior participação do aluno nas actividades realizadas.

29/03/2010	- Contacto telefónico com HGO – Centro de Desenvolvimento da Criança – Foi-me dito que estava tudo tratado, que iriam contactar a família para ir levantar toda a documentação relativa ao seguro do equipamento e que dentro em breve estaria tudo pronto para o computador ir para a escola.
19/04/2010	- Conselho de Turma de Avaliação do 2º Período – Foi dada a informação aos professores da turma, que o aluno havia sido avaliado pelo Centro de Recursos Tecnológicos para a Inclusão e as conclusões da mesma avaliação, assim como uma futura possibilidade do aluno usar o ponteiro. Nas disciplinas de Físico-química e Inglês foi referido que o aluno não tem realizado os trabalhos de casa.
22/04/2010	A professora de Educação Especial, propôs ao Conselho de Turma que fosse enviado para o aluno o material informatizado, a ser trabalhado na aula e em casa, de forma a facilitar ao aluno a autonomia na realização dos mesmos, não ficando dependente de terceiros, para abrir o caderno, escrever no caderno diário ou na ficha de trabalho. Desta forma, o aluno teria acesso a toda a matéria e tarefas informatizadas. Professores, consideram uma tarefa demasiado trabalhosa uma vez que a turma é grande, consideram não terem disponibilidade nem horas, da forma como a escola está organizada para darem resposta às necessidades efetivas do João. Uma turma com um aluno com estas características teria ser mais pequena, de forma aos professores conseguirem dar um acompanhamento mais individualizado e eficaz ao aluno e aos restantes. Os professores consideram que os colegas, estão um bocadinho cansados do João, ele não diz obrigado, nem pede por favor. O João, por sua vez sente alguma injustiça, os outros conseguem fazer, e eu não consigo. Os professores mencionam também, que sentem mais dificuldade em entender o que o João fala. Por proposta do Professor de Língua Portuguesa, ficou decido que semanalmente, fotocopiar-se-iam as lições de um colega mais organizado

	e que se faria uma compilação num dossier, para que fosse usado pelo João, no acompanhamento das matérias dadas nas várias disciplinas. A professora reforçou a ideia do desenvolvimento da autonomia do aluno, ao ter acesso às matérias e fichas de trabalho informatizadas, deixando de depender tanto de terceiros, como os colegas, professora de Educação Especial e funcionária. Na mesma reunião foi apresentada, pela professora de Educação Física, a situação do aluno ter aquela disciplina às 2^o feira e 6^afeira e só existir assessoria de outro professor à 2^o feira, o que impossibilita que o aluno à 6^a feira participe nas actividades da aula. A Diretora de turma, após várias tentativas de solucionar o problema, verificou que no seu horário, aquelas duas horas constam da sua componente não letiva. Ficou decido a situação ser apresentada à direção do Agrupamento, para um possível ao aluno e à turma naquelas horas, uma vez que a colega de E. Física não consegue acompanhar a turma e o João de forma individualizada. My Tobbi vem para a escola Feita secretária adaptada e equipamento vai para a sala de aula; João mostra muita dificuldade em trabalhar com o equipamento, uma vez que o écran é tátil ou pelo olhar, o João continua a usar o nariz para escrever uma vez que é muito mais rápido do que com o olhar. Apoio Prova Intermédia de Matemática, em sala à parte, com o novo equipamento, medida tomada, tendo em conta as medidas possíveis para os Exames Nacionais do 9^o ano. Informação que o João havia partido o pulso no fim-de- semana (cirurgia com anestesia geral).
27/04/2010	
10/05/2010	
13/05/2010	

18/05/2010	Contacto telefónico para Encarregada de Educação.
19/05/2010	Contacto telefónico para informar Encarregado de Educação do envio por correio eletrónico de algumas fichas de trabalho e apontamentos para o João estudar para os testes que ficaram pendentes.
20/05/2010	Mãe menciona o facto do João se encontrar muito debilitado, com dores e com muito medo. Refere que o João e ela própria, só sentem segurança se ele voltar para a escola em cadeira de rodas, para que fique protegido de uma queda ou encontrão de algum colega nos corredores.
21/05/2010	João volta para a escola, em cadeira de rodas. Vem muito debilitado, mais apático, ansioso, com muito medo e com muita dificuldade na dicção. O aluno mostra pânico quando lhe é pedido para se levantar da cadeira. A sua secretária foi colocada na último lugar da 3ª fila, devido à dificuldade de circulação da cadeira na sala de aula, será uma situação temporária, enquanto usar o gesso no braço e não sentir segurança para deixar a cadeira de rodas.
27/05/2010	- Contacto telefónico para CRITIC Seixal-avaliação final de ano da situação escolar do aluno. Ficou agendada reunião para o dia 17/06/2010 - Mãe do aluno contactada telefonicamente para estar presente na reunião de forma a expressar pessoalmente às técnicas as suas angústias e necessidades do no âmbito do balanço do trabalho efetuado ao longo do ano letivo por aquele Centro de Recursos.
28/05/2010	- Reunião com técnicas do CRITIC às 14 horas, com a presença do aluno e encarregada de educação. O aluno entra na sala na cadeira de rodas. Professora de Educação Especial pede ao aluno para se levantar da cadeira, uma vez que o aluno já havia tirado o gesso do braço no dia anterior e não existia motivo para

04/06/2010	continuar na cadeira de rodas, a mãe corroborou, afirmando que ele já não precisa da cadeira de rodas. João senta-se na secretária adaptada e mostra às técnicas como trabalha com o <i>MyTobii</i>. Escreve algumas palavras, com o olhar sob o olhar atento dos presentes. Ficou combinado que no início do próximo ano letivo seriam instalados os manuais de Língua Portuguesa, Matemática e Físico-química no computador do aluno pelas técnicas presentes. Foi dada pelas mesmas a informação do aparecimento no mercado nacional o <i>MyTobii</i> portátil, comercializado pela Anditec, o que neste caso seria o ideal para o aluno trabalhar na escola, uma vez que se transporta mais facilmente. As técnicas referiram que uma vez que o <i>MyTobii</i> não é propriedade do João, mas sim emprestado ao aluno pelo HGO, no pedido de verbas efetuado ao Ministério da Educação por aquele serviço foi contemplado o <i>MyTobii</i> portátil para o João, que até é mais económico que o ecrã fixo. Encarregada de Educação leva o equipamento para casa.
12/06/2010	Reunião de Conselho de Turma: Professores consideram que devido às dificuldades que o João manifesta em acompanhar o grupo turma na realização das tarefas, devido à falta do domínio do equipamento que lhe foi proporcionado, deve ser proposto à encarregada de educação que o aluno faça o 9º ano, em regime de disciplinas, ao abrigo da alínea do decreto-lei 3/2008. Aluno tem nível 4 nas disciplinas de L. Portuguesa, História, Geografia e Ciências da Natureza.
17/06/2010	Professores consideram que a situação do aluno ter partido o pulso e a anestesia geral para a cirurgia não foi favorável ao aluno e dificultou muito o desempenho do mesmo durante o 3º período. Lamentaram ter coincido com a vinda do equipamento para a escola.
18/06/2010	Foi considerado pela generalidade dos professores que toda a situação proporcionou uma regressão em termos do

20/06/2010	desenvolvimento da autonomia do aluno. Mãe reúne com Professora de Educação Especial para que seja analisado e aprovado pela mesma o Relatório Circunstanciado elaborado. A mãe não concorda com a medida proposta em Conselho de Turma, da realização do 9º ano em 2 anos. Refere que o aluno tem um bom potencial cognitivo e que vai ter mais atenção ao treino em casa que o aluno deve fazer com o <i>My Tobii</i>. Foi pedido pela Professora de Educação Especial, que em casa tivessem atenção à forma como o aluno usa o computador, não deixando que escreva com o nariz. Foi explicado, mais uma vez, que quanto mais treino, mais rapidez e experiência o aluno adquire, no uso do equipamento. Ficou decidido e escrito no mesmo relatório que a encarregada de educação iria esperar pelos resultados e informações do 1º período, no próximo ano letivo e caso não esteja a correr muito bem, acede e concorda com a medida proposta.
--------------------------	---

Anexo 16 – Exemplo de fichas de trabalho informatizadas enviadas para o João e trabalhadas na sala de aula

PRONOMINALIZAÇÃO

1- Substitui as palavras sublinhadas pela forma pronominal adequada e reescreve as frases.

1. O professor verificou a caderneta dos alunos.

O professor verificou-as.

2. Todos os alunos conhecem regulamento interno da Escola.

Todos os alunos conhecem-no.

3. Os pais deram aos filhos muitos presentes.

Os pais deram-lhos.

4. Compraste todos os livros?

Compraste-os.

5. Encontrarás os teus amigos no café?

Encontrá-los-ás no café.

6. Vós recebeis os abonos de família no prazo marcado.

Vós recebê-los-eis no prazo marcado.

7. Visitámos o museu no passeio de finalistas.

Visitámo-lo no passeio de finalistas.

8. Vamos dividir o prémio com os nossos amigos.

Vamos dividi-lo com os nossos amigos

9. Se fosses comigo, verias o espetáculo da cidade.

Se fosses comigo, vê-lo-ias.

10. O operário quer o seu ordenado.

O operário quere-o.

11. Ouvimos uma história divertida.

Ouvimo-la.

12. O delegado disse ao réu que se levantasse.

O delegado disse-lhe que se levantasse.

13. Não podemos perder este comboio.

Não podemos perdê-lo.

14. O pediatra deu ao doente vários remédios.

O pediatra deu-lhos.

15. Daremos um prémio aos melhores alunos.

Dar-lho-emos.

16. Consegues acompanhar o teu colega.

Consegues acompanhá-lo.

17. Hoje fiz todos os meus deveres de casa.

Hoje fi-los todos.

18. Escreves a carta à tua amiga.

Escreves-lha.

19. Encontrámos o nosso amigo no cinema.

Encontrámo-lo.

20 Escreveste as palavras do professor?

Escreveste-as?

2. Sublinha os pronomes que encontrares nas frases.

2.1. Classifica esses pronomes, preenchendo o quadro.

Frases	Pronomes				
	Possessivos	Demonstrativos	Pessoais	Indefinidos	Interrogativos
Vê esses discos; qual preferes?					x
Elas disseram-me que tu tinhas um casaco igual ao meu.	X		X		
Hoje, todos estiveram cá.				x	
Ele deu-te o chocolate.			X		
Uns alunos vão ao teatro, outros não.				x	
Compra um livro e empresta-mo.			X		
Nós recomendámos-lhe que viesse tarde.			X		
A minha casa e a tua são parecidas.	X				
Pega a tua luva; que fizeste à outra?		X			
Esta sala e aquela têm muita luz.		X			
Que estás a fazer?					x

2.a) Completa as frases que se seguem com os pronomes que achares convenientes.

1. Foram muitos os cães a concorrer, mas só alguns ganharam.
2. Geralmente, os programas são bons, mas alguns não prestam.
3. A minha máquina e a tua são semelhantes.
4. Tenho alguns vestidos; visto mais uns do que outros.
5. Vê estas chávenas; qual queres?
6. O meu exercício está acabado; e o teu?

3.a) Escreve de novo as frases seguintes, substituindo as expressões destacadas por pronomes pessoais.

1. A mulher-a-dias partiu o espelho sem querer.
1. A mulher-a-dias partiu-o sem querer.

2. Ela prometeu à mãe que não fazia nada.

2. Ela prometeu-**lhe** que não fazia nada.

3. A Joana emprestou o livro à amiga.

3. A Joana emprestou-**o** à amiga.

4. O António e o João saíram.

4. **Eles** saíram.

5. Dá esse recado à Maria.

5. Dá-**lhe** esse recado.

6. É agradável oferecer flores à mãe.

6. É agradável oferecer-**lhas**.

7. As meninas compraram maçãs.

7. As meninas compraram-**nas**.

8: Vós fizestes o exercício.

8: Vós fizeste-**lo**.

9. Podes regar a relva.

9. Podes regá-**la**.

10. O Inácio contou tudo ao enfermeiro e a mim.

10. O Inácio contou-**lhe** tudo.

11. Vou mandar consertar as persianas.

11. Vou mandar consertá-**las**.

12. Se pudesse, compraria esta máquina.

12. Se pudesse, comprá-**la**-ia.

13. Amanhã, os alunos visitarão o museu.

13. Amanhã, os alunos visitá-**lo**-ão.

14. Traz o candeeiro para a sala.

14. Trá-lo para a sala.

15. Se pudesse compraria um livro à Joana.

15. Se pudesse comprá-lo-ia à Joana.

16. Nos teus anos farei um bolo a ti e ao teu irmão.

16. Nos teus anos far-vos-ei um bolo.

17. Nunca encontramos a Maria.

17. Nunca a encontramos.

Em síntese:

1. Quando a forma verbal termina em **-r**, **-s** ou **-z**, o pronome pessoal (o, os, a, as) passa a **lo, la, los, las**.

2. Quando a forma verbal termina em **-m** ou **-ão** o pronome pessoal (o, os, a, as) passa a **no, na, nos, nas**.

3. No **futuro** e no **condicional**, o pronome pessoal coloca-se entre o **radical** e a **terminação** verbal. Ex: **contá-lo-ia; di-la-ia**.

4. **Nas frases negativas**, o pronome pessoal emprega-se atrás do nome.

4. Completa as frases seguintes com o pronome indefinido que achares conveniente.

a. Tu tens muitos livros; infelizmente, eu não tenho **nenhuns**.

b. Sabes de **alguém** que possa auxiliar-nos neste trabalho?

c. Tocava violino com tanta mestria que **todos** ficaram encantados.

d. Tens tantos vestidos! Veste um **qualquer**.

5. a. Sublinha os pronomes que encontrares nas frases seguintes:

1. Gostei muito do menino **que** encontrei no jardim.
2. Comprei o disco para **o qual** andava a juntar dinheiro há muito tempo.
3. Ouvi tudo **quanto** disseste.
4. Vai ver **quem** bateu à porta.

Todos estes pronomes são relativos.

6. Através de um pronome, evita a repetição de elementos comuns, nas seguintes frases de acordo com o modelo.

1. O aluno é trabalhador.

Eu conheço o aluno.

O aluno que eu conheço é trabalhador.

2. Tu compraste duas borrachas.

As duas borrachas são azuis.

As duas borrachas que compraste são azuis.

3. Gosto de passear no jardim.

Jardim é perto de minha casa.

Gosto de passear perto do jardim que é perto da minha casa.

4. O livro era novo.

Tu rasgaste as folhas do livro.

Tu rasgaste as folhas do livro que era novo que, cujo, quanto, quem, qual.

7. Complete as frases seguintes com pronomes relativos:

a. Não tenho quem me ajude.

b. O livro que me deste é interessante.

c. Recebemos informações, segundo as quais o avião vai chegar atrasado.

d. Não imaginas quanto alfaiate está a pedir por um fato.

e. Afinal foste tu quem resolveu a questão.

Imagem 1 – Mesa de trabalho adaptada (fevereiro 2010)



Imagem 2 – O João a trabalhar no computador (outubro 2009)

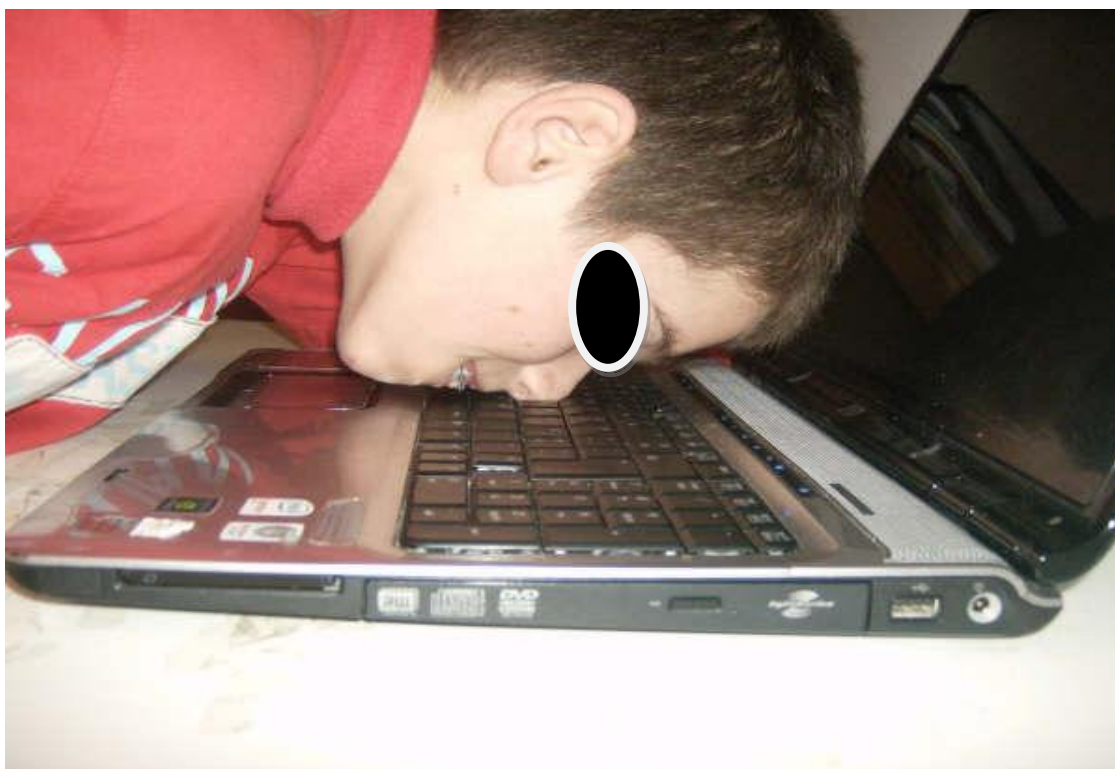


Imagem 3 – João a escrever no seu portátil, em casa – novembro 2009



Imagem 4 – Tábua adaptada: Indicador da relação entre o João e os colegas



Imagem 5 – Tábua adaptada: Partilha de afetos entre colegas



Imagem 6 – Equipamento informático *MyTobii* na sala de aula (Março 2010)

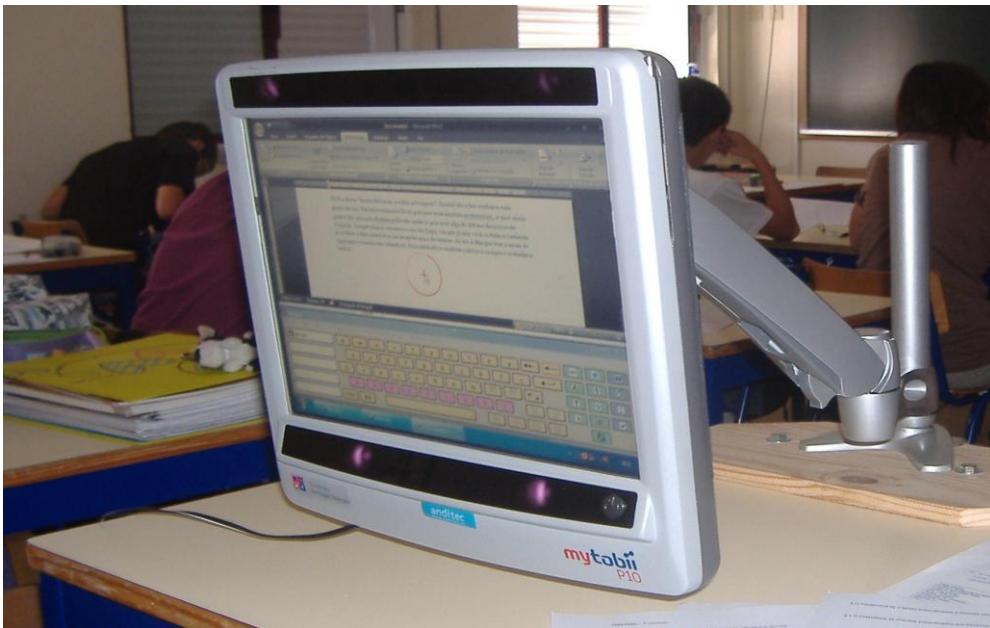


Imagem 7 – João com o braço partido, a usar o MyTobbi na sala de aula



Imagem 8 – João a funcionar com o Magic Eye – Avaliação (Junho 2010)

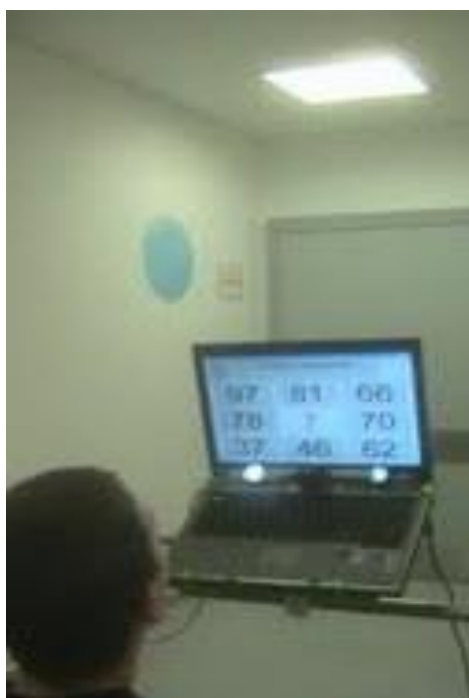


Imagem 9 – Magic Eye



Anexo 17 – Relatório de Terapia da Fala – 2º Período

Relatório de Terapia da Fala

Ano lectivo 2009/10
2º Período

O João é um aluno assíduo e pontual.

Durante o 2º período revelou algumas melhorias ao nível do discurso oral, tornando-se este mais perceptível para os seus interlocutores.

No entanto no final do 2º período o João evidenciou algum cansaço e falta de motivação nas sessões que coincidiu com a época dos testes de avaliação, estando por isso relacionado.

O aluno deve continuar a trabalhar e a empenhar-se de modo a melhorar a sua produção oral.

Sobreda, 29 de Março de 2010

A Terapeuta

Anexo 18 – Relatório Terapia da Fala – 3º Período

Relatório Terapia da Fala

Ano lectivo 2009/10

3º Período

O João foi assíduo e pontual no 3º período.

Neste último período as sessões terapêuticas funcionaram como apoio às actividades académicas (na realização de testes e trabalhos académicos), e acesso ao computador. Foi visível uma regressão ao nível da expressão oral no João, que deverá estar relacionada com o facto de o aluno ter partido o braço e ter sido sujeito a uma intervenção cirúrgica.

O João é um aluno esforçado e empenhado, mas por vezes recusa-se a realizar as tarefas propostas pelo adulto.

O aluno deve continuar a trabalhar e a empenhar-se de modo a melhorar a sua produção oral.

21 de Junho de 2010

A Terapeuta

Anexo 19 – Relatório de Psicomotricidade – 2º Período

Relatório de Intervenção Psicomotora Individual

Avaliação Intermédia

I – Identificação

Nome:

Data de Nascimento: 22/02/1996

Escola: EBI

Ano de Escolaridade/Turma: 8ºB

Docente de turma:

Docente de Educação Especial: T

II - Intervenção

Até ao final do 2º período lectivo foram realizadas, no total, 21 sessões.

III - Avaliação Intermédia

	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Participação		X		
Assiduidade	X			
Empenhamento		X		
Progressão		X		

Observações: No presente período, o João esteve sempre motivado e empenhado na realização das actividades. Apesar de o jovem se esforçar e empenhar na realização de certas actividades, mesmo aquelas em que apresenta maiores dificuldades, noutras o jovem não faz o que lhe é pedido (e.g. realizar a actividade colocando a totalidade dos pés no chão), uma vez que isto implica a realização da actividade de forma mais lenta, e o João realiza todas as actividades de forma rápida. Desta forma, o facto de o jovem querer realizar as tarefas/actividades rapidamente, não cumpre o pedido de realizar a marcha colocando a totalidade do pé no chão, o que é muito importante para o desenvolvimento da postura e equilíbrio do jovem.

Em relação à autonomia do João, segue em baixo algumas estratégias de promoção da autonomia, que considero que devem ser seguidas, quer por parte do jovem, dos encarregados de educação, docentes e funcionários/auxiliares que interagem com o mesmo:

- Colocar todas as disciplinas no mesmo caderno, de forma a reduzir o peso excessivo da mala do João e permitir ser o mesmo a levar a mala nas costas;

- Usar calças de elástico que permitam o jovem descê-las sozinho e sentar-se na sanita para efectuar as suas necessidades, sendo autónomo o mais possível na casa de banho e não necessitando da ajuda de uma auxiliar;
- Tentar que o momento de alimentação na escola seja feito de forma mais autónoma possível, usando colher e prato adaptado (se não houver recursos na escola, levar esse material de casa, se possível).

Resumindo, trabalhar para que o dia-a-dia do João seja o mais autónomo possível, tanto em casa como na escola, permitindo o jovem realizar as tarefas sozinhas, de forma adaptada.

Data: 27 de Março de 2010

RELATÓRIO ELABORADO POR:

A Técnica de Psicomotricidade:

Anexo 20 – Relatório de Psicomotricidade – 3º Período

**Relatório de Intervenção Psicomotora Individual
Avaliação Final – Evolução dos Objectivos de Intervenção**

I – Identificação

Nome:

Data de Nascimento: 22/02/1996

Escola: EBI **Ano de Escolaridade/ Turma:** 8ºB

Docente de turma: A B

Docente de Educação Especial: T F

II - Intervenção

Até ao final do 3º período lectivo foram realizadas, no total, 24 sessões.

III - Avaliação Final

A. Procedimento de avaliação final

Na avaliação final, apenas se procedeu à aplicação de itens em que o jovem revelou dificuldades na avaliação inicial e que por este motivo foram objecto de intervenção. Devido ao facto de o jovem ter partido o braço e ter estado com gesso, não foi possível avaliar a maioria dos objectivos de intervenção estabelecidos para o, João, sendo, portanto, registados como NA – Objectivo Não Avaliado (ver tabela abaixo).

IV - Evolução dos Objectivos de Intervenção

Para uma melhor visualização da evolução dos objectivos de intervenção que foram propostos para o João após a Avaliação Inicial, nas tabelas seguintes encontram-se os objectivos operacionais classificados com os seguintes símbolos:

- √ - Objectivo totalmente atingido
- ± - Objectivo parcialmente atingido
- X - Objectivo ainda por atingir
- NA – Objectivo Não Avaliado

ÁREA COGNITIVA

Domínios	Objectivos Operacionais Terminais	
Memória	Reproduzir as instruções que foram dadas aquando a explicação de uma tarefa, mesmo quando esta é mais complexa	√
	Referir o que foi realizado em sessões anteriores, sem possuir ajuda externa	√
Funções Executivas	Repetir correctamente, pelo menos, 24 séries de palavras	X

ÁREA PSICOMOTORA

Domínios	Objectivos Operacionais Terminais	
Tonicidade	Revelar descontração muscular e ligeira insensibilidade no peso dos membros, podendo provocar pequenos movimentos voluntários de oscilação ou pendularidade	NA
	Revelar tensões ligeiras e resistências fracas em qualquer das manipulações nos membros	NA
	Realizar a tarefa, podendo apresentar sincinésias bucais e contralaterais marcadas e obvias	NA
Equilíbrio	Manter-se imóvel, pelo menos, entre 45 a 60 segundos, podendo revelar ligeiros movimentos faciais, gesticulações, sorrisos, oscilações, rigidez corporal, tiques, emotividade, porém com realização completa e controlada	NA
	Apresentar equilíbrio unipedal, podendo evidenciar frequentes quedas/ reajustamentos	NA
	Realizar a tarefa apoio rectilíneo, podendo evidenciar frequentes quedas/ reajustamentos	NA
	Apresentar equilíbrio na ponta dos pés, podendo evidenciar frequentes quedas/ reajustamentos	NA
	Realizar saltos coordenados com os pés juntos, podendo aterrar em desequilíbrio	NA
	Realizar saltos coordenados em apoio unipedal, podendo aterrar em desequilíbrio	NA
	Andar na linha, podendo não tocar com os calcanhares nas	NA

	pontas dos pés	
Noção do Corpo	Reconhecer todas as partes do corpo, incluindo o nome dos dedos das mãos	NA
	Realizar a tarefa imitação de gestos, podendo evidenciar ligeira distorção de forma, proporção e angularidade	NA
Lateralidade	Executar os movimentos seguindo uma ordem verbal, sem hesitações	√
Estruturação Espaço-Temporal	Realizar os 3 percursos da tarefa organização, podendo evidenciar ligeiro descontrolo final das passadas (alargamento ou encurtamento), mas mantendo correcta a contagem e o cálculo	NA
	Realizar a trajectória da prova estruturação dinâmica de forma perfeita e bem orientada	NA
	Realizar a trajectória da prova representação topográfica de forma perfeita e bem orientada	√
	Reproduzir exactamente todas as estruturas com estrutura rítmica e o numero de batimentos preciso, revelando uma perfeita integração auditivomotora	NA
Praxia Global	Realizar a tarefa da coordenação óculo-manual, podendo apresentar ligeiras dismetrias	NA
	Realizar a tarefa da coordenação óculo-pedal, podendo apresentar ligeiras dismetrias	NA
	Agarrar objectos médios ou grandes em movimento com as duas mãos	NA
	Realizar a tarefa dissociação com perfeito planeamento motor e preciso auto-controlo	NA
Praxia Fina	Desenhar com uma mão, podendo o desenho não ser perceptível, mas o traço intencional	NA
	Realizar apreensão em pinça incompleta	NA
	Realizar a tarefa tamborilar, podendo revelar fraco planeamento micromotor, hesitações na sequência, dismetrias, repetições frequentes nas oponibilidades e sincinésias óbvias	NA
	Transferir objectos médios de uma mão para a outra	NA

Data: Junho de 2010

RELATÓRIO ELABORADO POR:

A Técnica de Psicomotricidade:

Anexo 21 – Relatórios médicos e outros documentos

Anexo 22 – Autorização da Encarregada de Educação

Assunto: Pedido de Colaboração/Autorização

Exma. Encarregada de Educação,

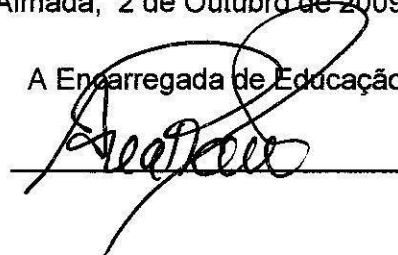
Serve a presente carta, como um pedido de colaboração para o desenvolvimento do projecto de investigação/intervenção, no âmbito, da integração e inclusão de alunos detentores de problemáticas motoras (Paralisia Cerebral).

Esta investigação surge no âmbito dos estudos em desenvolvimento na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa.

Venho assim, pedir a V/ autorização para a análise dos documentos de avaliação e intervenção educacional dirigido ao seu educando, **assegurando absoluta confidencialidade e anonimato.**

Almada, 2 de Outubro de 2009

A Encarregada de Educação

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line. The signature is stylized and appears to be 'A. Figueiredo'.

Anexo 23 – Autorização da Diretora do Agrupamento de Escolas

Maria Teresa de Jesus Pereira de Figueiredo
Professora de Educação Especial

Assunto: Pedido de Colaboração/Autorização

Exma. Encarregada de Educação,

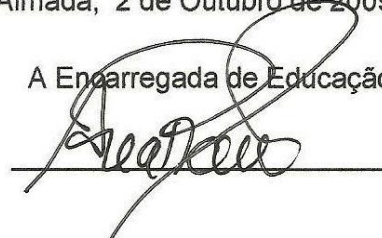
Serve a presente carta, como um pedido de colaboração para o desenvolvimento do projecto de investigação/intervenção, no âmbito, da integração e inclusão de alunos detentores de problemáticas motoras (Paralisia Cerebral).

Esta investigação surge no âmbito dos estudos em desenvolvimento na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa.

Venho assim, pedir a V/ autorização para a análise dos documentos de avaliação e intervenção educacional dirigido ao seu educando, **assegurando absoluta confidencialidade e anonimato.**

Almada, 2 de Outubro de 2009

A Encarregada de Educação

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line. The signature is stylized and appears to be 'A. Pereira'.

Anexo 24 – Relatório da avaliação do João pela equipa do CANTIC



**CENTRO DE AVALIAÇÃO EM TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO**

A - Identificação

Nome -
Data de nascimento - 22 / 02 / 96
Escola -
Ano de escolaridade - Pré-escolar
Avaliação solicitada - de apoio e educadora do regular) e - HGO
Avaliação feita por -

B - Objectivos da avaliação

- Avaliar acessibilidade ao computador e adaptações necessárias

C - Síntese de dados – (História pessoal)-

- O é uma criança de 5 anos de idade, portador de uma Paralisia Cerebral – *Tetraparésia com atetose*, com forte dominância de movimentos involuntários.
- Não tem comunicação verbal, embora consiga verbalizar algumas palavras pouco perceptíveis mas que, juntamente com a boa expressão não verbal, permite que as pessoas que lhe estão próximas o entendam.
- Apresenta grandes dificuldades de realização por dominância dos movimentos involuntários. Não consegue desenhar nem escrever pelos meios tradicionais. Igualmente tem dificuldade de aceder a um livro com autonomia.
- É autónomo na deslocações. Nas restantes actividades da vida diária necessita de supervisão e de alguma ajuda.
- É uma criança com elevado potencial de aprendizagem, supondo-se que, desde que tenha as ajudas técnicas adequadas à sua problemática neuro-motora e o enquadramento pedagógico adequado, poderá seguir uma escolaridade sem condicionantes. Pratica natação e equitação.
- Tem sido acompanhada pela Equipa de Apoios Educativos de Almada, e pelo Hospital Garcia de Orta.

D – Funcionalidade e Acessibilidade ao computador

D.1- Funcionalidade membros superiores

- O [] tem um forte descoordenação motora com acentuada dominância de movimentos involuntários, por dificuldades de fixação proximal, dificuldades na manipulação de objectos e na realização de qualquer tipo de letra e ou desenho.
- Para desenhar, por exemplo, fã-lo de pé, a fim de estabilizar o membros superiores contra a mesa. É esquerdino, usando a mão direita para estabilizar o membro superior esquerdo.

D.2- Acessibilidade

Não tem acesso aos meios periféricos standard do computador;

Nesta avaliação foram usados um computador portátil, diferentes tipos de rato e um JoyStick Penny-Giles, assim como *softwares* lúdicos. Da avaliação há a registar um bom entendimento das propostas assim como uma óptima colaboração, persistência e capacidade de manutenção na tarefa por largos períodos de tempo. A nível da acessibilidade regista-se:

- Dificuldade de aceder ao teclado não só devido aos movimentos involuntários que lhe impedem a precisão no teclar como também por dificuldade de aceder aos diferentes quadrantes do mesmo por dificuldade de co-contracção proximal a nível da cintura escapular;
- O [] não tem acesso aos periféricos *standards*. Consegue algum desempenho, que ao longo da avaliação foi melhorando, na utilização do JoyStick, conseguindo seleccionar, arrastar e clicar;
- O nível de realização melhora se o [] estiver bem sentado com o tronco estabilizado de forma a inibir os movimentos involuntários a este nível.

E - Algumas propostas

E.1- Acesso ao computador

O nível de realização depende da forma como o [] está sentado e estabilizado, pelo que se propõe:

- Almofada de apoio dorso-lombar que apoie até ao nível das omoplatas e faixa elástica a nível do tronco, de forma a que este esteja bem posicionado e estabilizado
- Se necessário:
 - pequeno rolo subaxilar

. faixa a nível dos braços de ajuda à manutenção dos braços em extensão, com inibição dos movimentos involuntários; (testar ao longo da intervenção e verificar se há ganhos consistentes com este pequeno suporte);

- Pés apoiados (este elemento irá sendo adaptado conforme o for crescendo, de forma a manter os pés estejam em apoio no chão);-
- Computador e joystick colocados na linha média (de frente ao , estando o JoyStick sobre tapete aderente;

E.2- Equipamento informático:

O André necessita de computador para aceder à informação, à escrita ou a qualquer outro meio de expressão. Da avaliação realizada propõe-se:

- Um computador portátil PC com Multimédia;
- Impressora ;
- JoyStick *Penny-Giles*;
- Software educativo de reforço às aprendizagens curriculares;
- Software *Wivik*
- Programa de processamento de texto e de desenho
- SPC - BoardMaker

E.3- Outros aspectos:

- Considera-se importante que o tenha acesso a uma comunicação aumentativa nomeadamente nesta fase de aprendizagem e no período da sua escolaridade básica. Propõe-se o SPC como reforço e estimulação da comunicação. Consideramos ainda que deverá ser importante um reforço da estimulação da linguagem a ser considerado no seu PEI e continuado na fase da aprendizagem da leitura e escrita;
- Sugere-se ainda a adaptação de livros de histórias (folhas plastificadas e individualizadas por pequenas esponjas, clips, ou ... de forma a estimular o uso autónomo dos livros de histórias e outros.

Anexo 25 – Relatório da avaliação da UTAAC



Unidade de Técnicas Aumentativas e Alternativas de Comunicação

Relatório de Avaliação

Nome:

Morada:

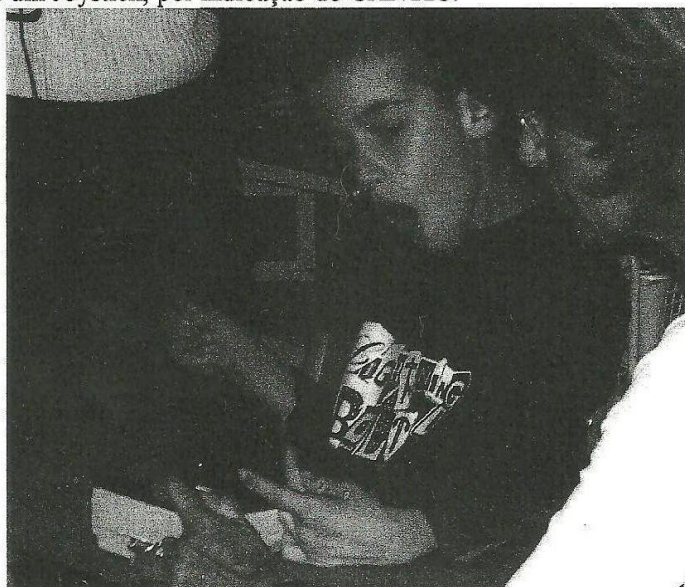
Pais:

Idade: 8 A

Telefone:

O foi avaliado na UTAAC, no dia 15 de Outubro, a pedido da Dr.^a do Hospital Garcia de Orta. Presentes na avaliação estiveram os pais do , a Prof. de Apoio, a Terapeuta Ocupacional Teresa e a Terapeuta da Fala que lhe dão apoio no Hospital.

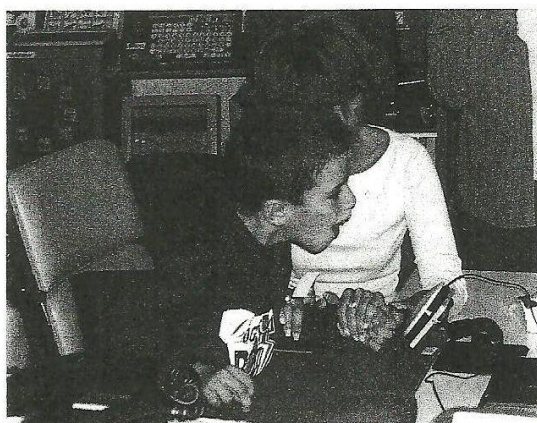
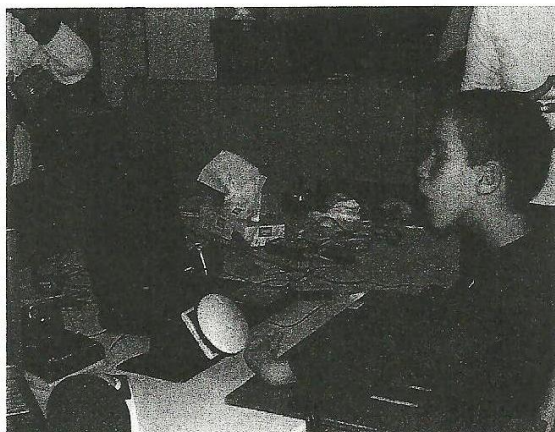
O objectivo da avaliação foi o estudo do acesso ao computador. O tem feito o acesso directo através de um Joystick, por indicação do CANTIC.



Para fazer este tipo de acesso ele utiliza o membro superior esquerdo, recorrendo a uma postura da mão muito incorrecta que pode originar contracturas e até subluxações como podemos observar na imagem acima indicada. Consideramos que esta não é a melhor forma de acesso ao computador para o , visto que esta postura pode ter consequências graves.

Experimentaram-se então outras formas de acesso, nomeadamente através do varrimento automático e recorrendo aos teclados do programa GRID. O compreendeu bastante bem a técnica de varrimento, seleccionando as letras de uma forma muito mais eficaz, ou seja sem erros e sobretudo com muito menor esforço.

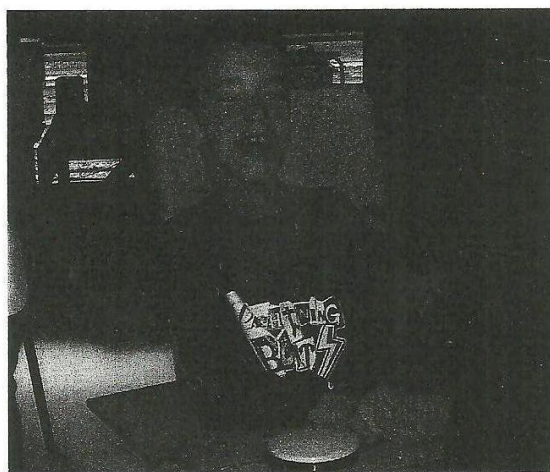
Foi estudado o segmento corporal que pudesse ser mais eficaz, assim como o tipo de interface de ligação e o posicionamento desta mesma interface em relação ao segmento corporal seleccionado.



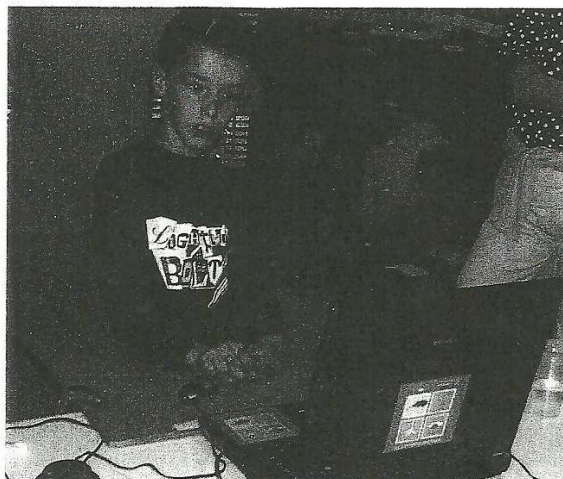
A mão esquerda foi a sua mão de opção e o manípulo foi colocado primeiro na horizontal, e depois com ligeira inclinação para facilitar o movimento. Notou-se mesmo assim que o recorria ao mesmo tipo de postura da mão que já está habituado e que poderia agravar ainda mais. Seguidamente tentou-se o cotovelo do membro superior esquerdo, o que nos pareceu bastante melhor e ajudando até o na sua auto estabilização como se observa na fotografia.



Decidiu-se ainda experimentar a mão esquerda, tendo sido inclusivamente referido pela Professora que muitas vezes o a utiliza espontaneamente. O aderiu com facilidade a esta proposta e por sua iniciativa juntou as duas mãos na linha média, encontrando desta forma uma auto estabilização que o ajudou a dominar o movimento para accionar o manípulo com maior eficácia e rapidez.



Finalmente foi ainda posta a hipótese de utilizar um manipulador muito mais pequeno diminuindo-lhe também a amplitude do movimento.



Conclusão:

O é um caso motor bastante complexo, com boas capacidades cognitivas e por conseguinte com boa capacidade de seguir um percurso educativo idêntico ao dos seus pares. No entanto, com as dificuldades motoras que apresenta, consideramos que a autonomia a nível da escrita é fundamental no seu percurso de desenvolvimento, assim como foi e é importante a autonomia a nível da mobilidade, conseguida de uma forma excepcional.

A forma de acesso ao computador deve ser considerada como elemento fundamental no seu percurso académico. Esta deve ser acima de tudo baseada em 3 factores: eficácia, rapidez e esforço. Considerando nesta avaliação estes 3 factores consideramos que o acesso por varrimento automático através do programa GRID é sem dúvida o mais adequado. O tipo de manipulador e a sua colocação, pois este deverá ser fixo após estar decidido em conjunto com a Terapeuta Ocupacional qual a melhor opção.

Tecnologias de Apoio:

- Programa GRID-PT Minha Voz
- “Inproman” Interface de ligação (porta USB)
- Manipulador Tash Big Buddy

Lisboa 20 de Outubro 2004

A Coordenadora da UTAAC

Anexo 26 – Relatório da avaliação do técnico de reabilitação

Relatório de avaliação

A pedido da Dra. [redacted] do Hospital Garcia da Orta, foi efectuada uma avaliação no dia 28 de Maio a [redacted] de 12 aos de idade, com o objectivo principal de lhe virem a ser eventualmente prescritas ajudas para a comunicação que possam complementar as que já possui e apoiar mais adequadamente o seu processo de inclusão no Ensino Regular. O [redacted] é portador de Paralisia Cerebral que lhe afecta a mobilidade, comunicação e manipulação. Anteriormente foi-lhe proporcionado um sistema de acesso à escrita por computador através do varrimento, por recurso ao software GRID, acedido por um manípulo externo suportado num braço articulado. No entanto o [redacted] tem recusado o sistema de acesso por varrimento, preferindo aceder ao computador por meio de selecção “directa” teclando no teclado do computador com o nariz e executando desta maneira as tarefas de escrita e acesso a programas de um modo que se pode considerar minimamente “funcional”. No entanto obviamente que não se poderá considerar este acesso como o mais adequado, pelo que se experimentou um sistema de acesso directo através do olhar (sistema de “eye tracking” MyTobii). Após um período de treino com o sistema de “eye tracking” , o [redacted] conseguiu executar todas as tarefas propostas com rapidez e mantendo uma postura correcta. Como conclusão, e da avaliação efectuada é nossa opinião que o [redacted] poderia beneficiar de:

- *Sistema por Controlo de Olhar “Eye Tracking” MyTobii*

Deve referir-se que este equipamento é “multimodal” ou seja permite não só um acesso directo através do olhar (ou do tacto), como permite também o acesso por varrimento por utilização do software (GRID) e do hardware (interface INPROMAN, manípulo e braço articulado) que o [redacted] já possui, pelo em qualquer momento o [redacted] poderia optar pelo método de acesso que mais funcional considerasse para a tarefa que estivesse a executar.

Lisboa, 2 de Junho de 2008

O Técnico,

Anexo 27 – Um dos pedidos de ajuda para a aquisição do equipamento

Assunto: Pedido de ajuda financeira para a aquisição de equipamento informático para um aluno com paralisia cerebral.

Exma. Sr. Director:

Na sequência dos contactos já desenvolvidos com a vossa empresa, no sentido de uma possível ajuda monetária da vossa parte, ao abrigo da Lei do Mecenato, para a aquisição de um equipamento informático para um aluno com paralisia cerebral que frequenta a nossa escola, e, porque estamos no momento a encetar contactos com outras Instituições para outros possíveis donativos, vimos por este meio expor a situação do nosso aluno, agradecendo desde já todo o vosso apoio. Recordamos, com todo o agradecimento que nos é possível, que já em Dezembro de 2004 fomos agraciados por vós com o donativo de vários equipamentos para uma cozinha pedagógica, que hoje faz parte das nossas Oficinas e se destina ao desenvolvimento de actividades com alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente. A vossa ajuda muito contribuiu para a concretização do Projecto, na altura em fase de implementação. Este projecto, considerado hoje uma mais-valia para a escola, coloca-nos numa posição cimeira pela oferta educativa que apresenta a alunos com necessidades educativas especiais, relativamente a outras escolas do meio. Mais uma vez, um bem hajam pelo vosso apoio.

O [redacted], nascido em 22 de Fevereiro de 1996, morador na [redacted] Sobreda, com o telefone [redacted], tem paralisia cerebral com atetose, que lhe afecta a mobilidade, comunicação e manipulação, conforme relatório médico em anexo. O [redacted] frequenta o 7.º ano nesta escola, [redacted], integrado numa turma do ensino regular e tem feito o seu percurso escolar com bastante sucesso, apesar das suas graves limitações. Trata-se de um aluno com potencial cognitivo, com uma grande força de vontade em aprender e em ultrapassar as suas dificuldades.

Para o acesso à escrita, o [redacted] utiliza um computador com recurso ao software “GRID”, acesso por varrimento, que lhe permite escrever através da utilização de um manípulo externo. Contudo, este sistema torna-se um pouco moroso, pelo que o aluno recorre com frequência à selecção directa, teclando no computador com o nariz. Esta situação exige do aluno uma postura incorrecta que trará, num próximo futuro, consequências nefastas, ao nível da saúde, sobretudo, problemas graves ao nível da cervical.

Dada a situação do aluno, que se tem vindo a instalar progressivamente à medida que avança na escolaridade, foi solicitada, através do Hospital Garcia da Orta, uma reavaliação do caso no sentido de se averiguar a possibilidade de utilização de um outro sistema que permitisse ao aluno uma maior eficiência e rapidez sem pôr em risco a sua saúde, ou seja, a utilização de um outro sistema que lhe permita manter uma postura correcta. O relatório de avaliação elaborado pelo Engenheiro [redacted] (engenheiro de reabilitação), em anexo, aponta para um sistema de acesso directo através do olhar -“eye tracking” MyTobii, considerado como um dos mais adequados para o [redacted]. Este sistema, ao permitir o acesso através do olhar (ou do tacto), faz com que se torne mais rápido e eficiente, ao mesmo tempo que lhe permite manter uma postura correcta, para além de permitir continuar a utilizar, em situações específicas, o sistema que actualmente está montado no seu computador portátil.

O sistema por controlo do olhar “eye tracking” MyTobii é disponibilizado, no nosso país, pela [redacted] – Tecnologias de reabilitação, Lda. pelo valor de 22 746,00 €, conforme orçamento em anexo. Trata-se de um montante impossível de suportar para

a família do aluno, pelo que tomamos a iniciativa de desenvolver contactos no sentido de angariarmos fundos para a aquisição do equipamento.

Tendo em conta o perfil de aprendizagem do um bom aluno, voluntarioso, empenhado e interessado e o elevado custo do equipamento pretendido, vimos por este meio apelar à solidariedade e apoio da vossa empresa para este caso, através de uma ajuda financeira para a sua aquisição. A Escola vem, assim, solicitar uma comparticipação monetária traduzida num donativo à Escola, de modo a desenvolvermos o processo de aquisição do referido equipamento, o mais breve possível.

Esperando toda a vossa atenção para o caso deste aluno que, dadas as suas características e implicações no processo de ensino-aprendizagem, nos merece todo o nosso carinho e respeito, subscrevemo-nos com consideração.

A Presidente da C. Administrativa Provisória



A Professora de Educação Especial

Junto se enviam os seguintes documentos:

- Relatório Médico do Hospital Garcia da Orta
- Relatório de Avaliação do Engenheiro de Reabilitação
- Orçamento da Tecnologias de Reabilitação, Lda.
- Carta do aluno

Anexo 28 – Carta do João (aluno9)

Sobreda, 19 de Novembro de 2008

Olá! Chamo-me _____, tenho 12 anos, ando no 7º ano, na Escola _____

Tenho paralisia cerebral, uso o computador Portátil para escrever e o meu sistema é o “The Grid”. Acontece que este sistema é um pouco lento e para trabalhar ao mesmo tempo que os meus colegas da turma, escrevo com o nariz no teclado do computador. A minha médica já me proibiu porque mais tarde fico com problemas na coluna.

Há pouco tempo experimentei um novo sistema chamado “My Tobii” que é muito mais rápido porque escrevo com o olhar. Este sistema é muito caro e os meus pais não têm dinheiro para o pagar, o que eu tenho muita pena.

Escrevo esta carta para angariar fundos. Conto com a vossa ajuda o que agradecia muito.

Cumprimentos

